



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TEODÓRIO ROGÉRIO JÚNIOR

**O COTIDIANO DO GARIMPO DE DIAMANTES NO SUL DO PIAUÍ –
BRASIL (1940-1970):** migração, relações sociais de produção, política e gênero nos
municípios de Gilbués e Monte Alegre.

PORTO ALEGRE, 2022.

TEODÓRIO ROGÉRIO JÚNIOR

O COTIDIANO DO GARIMPO DE DIAMANTES NO SUL DO PIAUÍ - BRASIL (1940-1970): migração, relações sociais de produção, política e gênero nos municípios de Gilbués e Monte Alegre.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues

BANCA EXAMINADORA

Membros Internos.

Profa. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues (Presidente da Banca) – UFRGS.

Profa. Dra. Natália Pietra Méndez - UFRGS.

Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó – UFRGS.

Membros Externos.

Profa. Dra. Maria Dione de Carvalho Morais – UFPI

Prof. Dr. Adalberto Júnior Ferreira Paz - (UNIFAP)

PORTO ALEGRE, SETEMBRO DE 2021.

CIP - Catalogação na Publicação

Rogério Júnior, Teodório
O COTIDIANO DO GARIMPO DE DIAMANTES NO SUL DO PIAUÍ
- BRASIL (1940-1970): migração, relações sociais de
produção, política e gênero nos municípios de Gilbués
e Monte Alegre / Teodório Rogério Júnior. -- 2022.
281 f.
Orientadora: Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Migração. 2. Memória. 3. Garimpo de diamantes.
4. Política partidária. 5. Gênero. I. Rodrigues, Dra.
Mara Cristina de Matos, orient. II. Título.



ATA PARA ASSINATURA N° _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências HumanasPrograma de Pós-Graduação em História
HISTÓRIA - Doutorado
Ata de defesa de Tese

Aluno: Teodorio Rogerio Junior, com ingresso em 10/08/2017

Título: **O COTIDIANO DO GARIMPO DE DIAMANTES NO SUL DO PIAUÍ – BRASIL (1940-1970): migração, relações sociais de produção, política e gênero nos municípios de Gilbués e Monte Alegre**Orientador: Prof^a Dr^a Mara Cristina de Matos Rodrigues

Data: 14/10/2021

Horário: 14:00

Local: IFCH

Banca Examinadora	Origem
Natalia Pietra Mendez	UFRGS
Luiz Alberto Grijo	UFRGS
Adalberto Júnior Ferreira Paz	UNIFAP
Maria Dione Carvalho de Moraes	UFPI

Porto Alegre, 14 de outubro de 2021

Membros	Assinatura	Conceito
Natalia Pietra Mendez	<u>p/ video conferência</u> <i>Natalia</i>	A
Luiz Alberto Grijo	<u>p/ video conferência</u> <i>Luiz</i>	A
Adalberto Júnior Ferreira Paz	<u>p/ video conferência</u> <i>Paz</i>	A
Maria Dione Carvalho de Moraes	<u>p/ video conferência</u> <i>Moraes</i>	A

Conceito Geral da Banca: (A) Correções solicitadas: (X) Sim () Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

p/ video conferência *Teodorio*
Aluno

Mara
Orientador

Programa de Pós-Graduação em História
Av. Bento Gonçalves, 9500 Prédio 43322 - 205D - Bairro Agronomia - Telefone 33088220
Porto Alegre - RS

OBS NO VERSO →

A banca destaca a qualidade do trabalho e recomenda a sua publicação após a revisão de aspectos destacados (pebs) durante a defesa.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Programa de Pós-Graduação em História
HISTÓRIA - Doutorado
1º Semestre de 2021

Nome: Tarciso Augusto Jank, com registro em 12/03/2017

Título: O COTIDIANO DO GARRINHO DE BARRIO DO RIO DE JANEIRO - 1930 - 1970: um estudo sobre a produção de histórias e a presença dos narradores em espaços e tempos locais

Orientador: Prof. Dr. Paulo César de Souza

Data: 14/10/2021
Versão: 1.00
Local: ICH

Item	Descrição	Origem
1	Relatório de Defesa	14/10/2021
2	Relatório de Defesa	14/10/2021
3	Relatório de Defesa	14/10/2021
4	Relatório de Defesa	14/10/2021
5	Relatório de Defesa	14/10/2021

Data de Defesa: 14 de outubro de 2021

Item	Descrição	Assinatura	Assinatura
1	Relatório de Defesa	[Assinatura]	[Assinatura]
2	Relatório de Defesa	[Assinatura]	[Assinatura]
3	Relatório de Defesa	[Assinatura]	[Assinatura]
4	Relatório de Defesa	[Assinatura]	[Assinatura]
5	Relatório de Defesa	[Assinatura]	[Assinatura]

Relatório de Defesa em Defesa: 14/10/2021

Assinatura do(a) Orientador(a): [Assinatura]

[Assinatura]

[Assinatura]

Relatório de Defesa em Defesa: 14/10/2021

Com saudades, à memória de uma amante da educação que se foi: minha mãe Helena.
Com amor, às que chegaram: minhas filhas Milena e Vitória.

AGRADECIMENTOS

Por me fornecerem informações preciosas para a concretização deste trabalho, em primeiro lugar, agradeço aos principais personagens do garimpo de diamantes (ex-garimpeiros/as; faiscaidores; exportadores; tropeiros/as; mulheres de vida livre; bem como seus familiares e demais pessoas que participaram da vida social em torno da exploração do diamante e me permitiram participar de suas vidas). Não seria possível este trabalho sem a participação destas pessoas de Gilbués e Monte Alegre, bem como dos demais municípios onde realizei a pesquisa de campo, tais como Bom Jesus, Corrente, Curimatá, Júlio Borges e Parnaguá.

Agradeço a outras pessoas destes municípios que colaboraram com informações acerca da pesquisa, seja com documentos ou nos pondo em contato com os garimpos e garimpeiros. Dentre elas, estão o amigo de longa data, William Tavares, e sua esposa Neide; Edezio Vilarindo Júnior; Fabriciano Corado Neto; Pedro Paulo Tavares; Maria de Fátima Lustosa Barreira de Oliveira e Jênerson Gonçalves (Gilbués); Márcio Folha; padre Raylon Siqueira; Suelen Nogueira de Sousa Ribeiro (Monte Alegre); Osmar José da Silva - Mazinho (Curimatá/Parnaguá); prof. Ademir de Oliveira e “Zé de Nalva” (Bom Jesus); Laécio Barros (Corrente), etc.

Ao Programa de Pós-graduação de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Piauí, especialmente à Reitoria e ao ex-Reitor Paulo Henrique Gomes de Lima; à Pró-Reitoria de Pesquisas e Inovação e ao Pró-Reitor José Luís de Oliveira e Silva por contribuírem imensamente para a realização deste curso DINTER em História: IFPI-UFRGS;

Ao *Campus* IFPI-Corrente, especialmente a Direção Geral (Laécio Barros Dias) e de Ensino (Cleonice Moreira Lino), pela sensibilidade e colaboração na conciliação de meus estudos com o trabalho docente;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro para o custeio de viagens referentes à realização desta pesquisa;

À Coordenação local do Programa de Doutorado Interinstitucional em História do IFPI (DINTER), inicialmente sob a gestão do prof. Jaison Castro e, posteriormente, da profa. Francisca Raquel;

À professora Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues, que me orientou nesta pesquisa, com todo zelo e paciência, com quem muito aprendi;

Aos professores/as Luiz Alberto Grijó; Jaison Castro; Eduardo Neumann; Regina Weber; Natália Méndez, pelas críticas e colaborações feitas a esta pesquisa.

Aos colegas do curso de doutorado: Aelson Barros Dias; Ariane dos Santos Lima; Ariany Maria Farias de Souza; Elton Larry Valério; Laécio Barros Dias; Marconis Fernandes Lima; Marcos Fernandes Lima; Marluce Lima de Moraes; Nalva Rodrigues; Raimundo Nonato Bitencourt; Rodrigo Gerolineto Fonseca; Shamália Gayl de Sousa Soares; Thiago Oliveira da

Silva Brito e Vinícius Leão Araújo pelo incentivo, pela partilha de angústias/dúvidas e sugestões em nossas pesquisas;

Ao amigo Lizandro Abreu e Rafael Marques, pelo apoio na configuração de mapas da pesquisa.

À amiga Cátia Conrado, pela gentileza na elaboração do *Resumen*.

À minha esposa Maria José Castro Diógenes, pelo companheirismo e apoio amorosos durante o curso;

À minha mãe Helena Soares Vogado e ao meu pai Teodorio Rogério Figueiredo Vogado (in *memorian*), a meus irmãos/ãs, pelo incondicional apoio na minha trajetória estudantil.

Aos meus cunhado/as; sobrinho/as; afilhado/as, compadres e comadres; amigo/as pelo carinho e incentivo aos estudos;

A estes/as e a outros/as, OBRIGADO!

A contribuição aqui dada a esse quadro será brevemente sumariada de um ponto de vista específico, o de nossos próprios dias. Isso porque o perfil das passadas mudanças no tecido social se torna mais visível quando visto contra os eventos de nossa própria época. Neste caso, também, como tão frequentemente acontece, o presente ilumina o passado e a imersão neste ilumina o presente. **Norbert Elias.**

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo. **Walter Benjamin.**

RESUMO

O COTIDIANO DO GARIMPO DE DIAMANTES NO SUL DO PIAUÍ - BRASIL (1940-1970): migração, relações sociais de produção, política e gênero nos municípios de Gilbués e Monte Alegre.

Autor: Teodório Rogério Júnior

Orientadora: Mara Cristina de Matos Rodrigues

Esta pesquisa, tendo como fontes principais documentos escritos e orais, estes produzidos a partir de entrevistas com idosos, aborda a migração e trabalho na exploração artesanal de diamantes nos municípios de Gilbués e Monte Alegre, sul do Piauí-Brasil, entre as décadas de 1940 e 1970. Milhares de pessoas, como comerciantes, tropeiros, garimpeiros, faisqueiros/fornecedores e exportadores de diamantes vieram de diversos municípios do Piauí e de outros estados, como Ceará, Bahia, Goiás e Maranhão para desenvolver essa atividade de garimpo. Em Gilbués, os imigrantes teriam sido proibidos de residir na sede municipal e estereotipados como “bundas-vermelhas” e portadores de “muquirana”, por nativos do município, espacialmente de famílias tradicionais fazendeiras de gado *vacum* e proprietárias da terra, onde se encontrava, muitas vezes, o diamante. Por isso, os imigrantes ter-se-iam deslocado para a zona rural de Gilbués, onde fundaram diversos povoados, como Boqueirão do Garimpo; Compra-Fiado; Vai-Que-Tem; Reservado; Monte Alegre; etc. Dentre eles, Monte Alegre emancipou-se politicamente de Gilbués ainda em 1955, especialmente com a participação dos imigrantes baianos. Além dos homens, neste processo de migração e exploração do diamante, também, foi marcante a presença de mulheres, não somente em atividades domésticas; nos cabarés e nas feiras dos garimpos, mas em outras atividades predominantemente masculinas, como a própria garimpagem de diamantes e a política partidária local.

Palavras-chave: Migração; memória; garimpo de diamantes; política partidária e gênero.

ABSTRACT

THE DAILY LIFE OF DIAMOND MINING IN SOUTH OF PIAUÍ - BRAZIL (1940-1970): migration, social relations of production, politics and gender in the municipalities of Gilbués and Monte Alegre.

Author: Teodório Rogério Júnior

Advisor: Mara Cristina de Matos Rodrigues

This work addresses migration and work in the artisanal diamond exploration in the municipalities of Gilbués and Monte Alegre, southern PiauÍ-Brazil, between the 1940s and 1970s, using written and oral documents as main sources, produced from interviews with the elderly. Thousands of people, such as traders, drovers, miners, suppliers and diamond exporters came from various municipalities in PiauÍ and other states such as Ceará, Bahia, Goiás and Maranhão to develop this mining activity. In Gilbués, immigrants would have been prohibited from residing in the municipality and were stereotyped as "red butts" and carriers of "trash", by natives of the municipality, especially from traditional cattle ranching families and owners of the land, where the diamonds were often found. For this reason, the immigrants would have moved to the rural area of Gilbués, where they founded several villages, such as Boqueirão do Garimpo; Compra-Fiado; Vai-Que-Tem; Reservado; Monte Alegre; etc. Among them, Monte Alegre politically emancipated itself from Gilbués in 1955, especially with the participation of immigrants from Bahia. In addition to men, in this process of immigration and diamond exploration, the presence of women was also remarkable, not only in domestic activities, in cabarets and mine fairs, but also in other predominantly male activities, such as diamond mining itself and local party politics.

Keywords: Migration; memory; diamond mining; party politics and gender

RESUMEN

EL COTIDIANO DE MINAS DE DIAMANTES EN EL SUR DE PIAUÍ- BRASIL (1940-1970): migración, relaciones sociales de producción, polític en los pueblos de Gilbués y Monte Alegre.

Autor: Teodório Rogério Júnior

Orientadora: Mara Cristina de Matos Rodrigues

Esta pesquisa tiene como fuentes principales a documentos escritos y orales, los cuales fueron producto de entrevistas con adultos mayores. En ellas se aborda la migración y el trabajo artesanal en la explotación de diamantes de los pueblos Gilbués y Monte Alegre, al Sur del Estado de Piauí, Brasil, entre las décadas de 1940 y 1970. Miles de personas, como mercaderos, boyeros, mineros, buscadores de pepitas/suministradores y exportadores de diamantes, llegaron de diversos pueblos de Piauí y de otros Estados, como Ceará, Bahia, Goiás y Maranhão, para desarrollar la actividad minera. En Gilbués a los inmigrantes se les prohibió asentarse en la sede del Municipio, además de ser estereotipados como “nalga-rojas” y portadores de “avaricia” por los oriundos del pueblo, especialmente por las familias tradicionales de hacendados dedicadas a la ganadería y quienes eran propietarios de las tierras donde se encontraban, muchas de las veces, los diamantes. Por eso, los inmigrantes se fueron para el área rural de Gilbués, donde fundaron diversas rancherías como Boqueirão do Garimpo, Compra-Fiado, Vai-Quer-Tem, Reservado, Monte Alegre, etc. De entre ellas, destaca Monte Alegre que se emancipó políticamente de Gilbués en 1955, especialmente con la participación de los inmigrantes baianos. Además de los hombres, en este proceso de inmigración y explotación de diamantes, también fue marcante la presencia de mujeres, no sólo en las actividades domésticas, prostíbulos y ferias de las minas, sino también en actividades predominantemente masculinas, como en el propio trabajo en las minas de diamantes y en la política partidaria local.

Palabras-clave: Memoria, migración, minas de diamante, política partidaria y género.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bandeiras dos Municípios de Gilbués e Monte Alegre-PI.....	70
Figura 2: Brasão de Monte Alegre-PI.....	230

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. Área em Processo de Desertificação em Gilbués-PI.....	27
Fotografias 2 e 3. Alavanca e Enxada de Garimpo em Gilbués-PI.....	144
Fotografias 4 e 5. Saliro em Cisterna e Bogó de Couro de Boi em Gilbués/Monte Alegre-PI.....	145
Fotografias 6 e 7. Ralo I e Ralo III de Garimpo em Gilbués-PI.....	146
Fotografia 8. Terno de Peneiras (Suruca; média e apuradeira) em Gilbués-PI.....	146
Fotografias 9 e 10. Guarda-Balança de Diamante e Balança Usada nos Garimpos de Gilbués-PI.....	147
Fotografias 11 e 12. Anéis de diamante de Gilbués-PI.....	148
Fotografias 13 e 14. Garimpagem de Rapa em Gilbués-PI.....	149
Fotografias 15 e 16. Gruta (Escorredeira) em Gilbués-PI.....	150
Fotografias 17 e 18. Cisternas de Garimpo de Diamantes Gilbués-PI.....	151
Fotografias 19 e 20. Catre de Garimpo em Gilbués-PI.....	152
Fotografias 21 e 22. Cemitério de Garimpeiro em Cisterna de Diamantes. Monte Alegre-PI.....	156

MAPAS

Mapa 1: Mapa político do Piauí, destacando Gilbués e Monte Alegre-PI.....	31
MAPA 2: Mapa das principais vias de acesso ao sul do Piauí na primeira metade do Século XX.....	75
Mapa 3: Mapa político do Piauí, destacando a migração de piauienses para o garimpo de Gilbués e Monte Alegre-PI.....	91
Mapa 4: Mapa político do Brasil de 1945, destacando a migração de outros estados para os garimpos de diamantes no Piauí.....	92

QUADROS

Quadro 1: Prefeitos, Vice-Prefeitos e Vereadores de Gilbués (1945-1976).....183

Quadro 2: Prefeitos, Vice-Prefeitos e Vereadores de Monte Alegre (1955-1988).....207

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População de municípios do sul do Piauí de 1940 a 1950.....	85
Tabela 2: Características gerais da população de municípios do sul do Piauí em 1940.....	86
Tabela 3: Características gerais da população de municípios do sul do Piauí em 1950.....	86
Tabela 4: Migrações populacionais em municípios do sul do Piauí em 1940.....	87
Tabela 5: Migrações populacionais em municípios do sul do Piauí em 1950.....	88
Tabela 6: Emigrações do município de Santo Inácio-BA entre os anos de 1940 e 1950.....	93
Tabela 7: A cor da população, em 1940, de alguns estados e municípios do sul do Piauí envolvidos nos garimpo de Gilbués.....	107
Tabela 8: A cor da população, em 1950, de alguns estados e municípios do sul do Piauí envolvidos nos garimpo de Gilbués.....	108
Tabela 9: Relação de bovinos e pessoas no Piauí e em municípios do sul do estado, nos anos de 1940 a 1950.....	166

LISTA DE SIGLAS

ADP- Aliança Democrática Progressista

AI – Ato Institucional.

ARENA- Aliança Renovadora Nacional

CEPRO - Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do estado do Piauí

DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFPI - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do estado do Piauí.

LO- Licença de Operação.

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

NUPERADE - Núcleo de Pesquisa de Recuperação de Áreas Degradadas e Combate à Desertificação.

ONU - Organização das Nações Unidas.

PDC - Partido Democrata Cristão

PL - Partido Libertador

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

PR - Partido Republicano

PRP - Partido de Representação Popular

PSD - Partido Social Democrático

PSP - Partido Social Progressista

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

SEMAR-PI – Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do estado do Piauí.

SNI - Serviço Nacional de Informações

TRE –PI- Tribunal Regional Eleitoral do estado do Piauí

UDN – União Democrática Nacional

UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

TRAÇOS DO DESENHO	21
CAPÍTULO 1	
MIGRANDO NAS TRILHAS DOS DIAMANTES NO ESTADO DO PIAUÍ: aspectos metodológicos e estratégias de pesquisa	25
1.1 Desertificação em Gilbués, no Piauí, e o ressurgimento discursivo da garimpagem	25
1.2 Garimpando memórias no mundo da pesquisa	41
1.3 Nascimento de Gilbués/Monte Alegre “nos caminhos do gado” e “dos indígenas”	66
CAPÍTULO 2	
“PRA AQUI VEIO GENTE DE VÁRIOS CANTOS”: os imigrantes do garimpo de diamante no sul piauiense	71
2.1 Migrações no Sul Piauiense antes do Garimpo de Diamantes	72
2.2 Migrações para o Garimpo de Diamantes em Gilbués/Monte Alegre-PI	85
2.2.1 O Acesso à “Terra do Diamante”: o <i>Far West</i> do Piauí	95
2.2.2 A Chegada ao Sul do Piauí: imigrantes e nativos	100
2.2.2.1 Imigrantes e Nativos: estereótipos e conflitos na “terra do diamante”	101
CAPÍTULO 3	
GARIMPAGEM ARTESANAL DE DIAMANTES NO SUL PIAUIENSE: atores e relações sociais de produção, caracterizações técnicas e cotidiano dos garimpos	116
3.1 Políticas Nacionais dos Recursos Naturais do Brasil no Século XX: o Piauí no mapa dos minérios	117
3.2. Relações Sociais de Produção do Diamante: personagens principais	124
3.2.1 O Garimpeiro “na Terra Rica de Diamante”	125
3.2.1.1 Mistérios do Diamante: “é um minério vivo”	127
3.2.2 Faisqueiros e Fornecedores em Gilbués/Monte Alegre: pactos e relações de poder	130
3.2.3 Exportadores de Diamantes	135
3.3 Comercialização, fiscalização, contrabando e roubo de diamantes: “era fácil de esconder”	138
3.4 Caracterizações Técnicas e Exploração de Diamantes no Sul do Piauí	142
3.4.1 Tipos de Garimpagens	148
3.4.2 “O Perigo Doido” dentro das Manchas: trabalho insalubre nos garimpos	153
3.4.3 Para Além dos Rompimentos: “o perigo doido” fora das manchas	158
3.5 “A Riqueza de Gilbués”: aspectos econômicos do diamante no sul do Piauí	166
3.6 “Não Sei Como o Lugar se Acaba Como Aqui”: a decadência do garimpo	110
3.6.1 “O Garimpo de Brasília” e outros garimpos	171
CAPÍTULO 4	
IMIGRANTES E A POLÍTICA PARTIDÁRIA NOS GARIMPOS DE GILBUÉS/MONTE ALEGRE: “baiano só votava em baiano”	178
4.1 Fim do Estado Novo: novas perspectivas políticas no Brasil	179
4.2 Política Partidária nos Garimpos do Sul do Piauí	181

4.2.1 Emancipação de Monte Alegre: disputas políticas entre baianos e piauienses.....	201
4.2.2 Ditadura Militar de 1964 no Brasil: uma nova estrutura política partidária.....	220

CAPÍTULO 5

MULHERES NOS GARIMPOS DE GILBUÉS E MONTE ALEGRE: de domésticas a “feras do diabo”.....	229
---	-----

5. 1 Mulheres Diversas nos Garimpos de Gilbués/Monte Alegre	231
--	-----

5.1.1 Mulheres de “Vida Livre” nos Cabarés e nas “Manchas”	236
---	-----

5.1.2 Mulheres Garimpeiras: as “feras do diabo” nas cisternas de diamantes.....	241
--	-----

5.1.3 Mulher e Política no Garimpo: uma face de Maria dos Humildes Aguiar e Silva.....	249
---	-----

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	258
---------------------------------------	-----

REFERÊNCIAS	262
--------------------------	-----

APÊNDICES	278
------------------------	-----

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	278
--	-----

APÊNDICE B: Tópicos-guia da Entrevista Semi-Estruturada.....	279
---	-----

TRAÇOS DO DESENHO

Difícilmente alguém do sul do Piauí que tenha a curiosidade de conversar/investigar sobre a biografia de seus ancestrais, pais ou avós, não dê de frente com o tema da exploração do diamante em Gilbués. Certamente, um parente de qualquer um de nós dessa região tem algo a contar sobre os garimpos desse município. Se este tema nos parecer distante, é um sintoma de que pouco conhecemos sobre o passado de nosso Piauí e, conseqüentemente, de nossos parentes idosos. Quer dizer, no fundo, essa viagem aos garimpos interessa a todos nós piauienses, pois é uma visita que fazemos ao passado de alguns familiares nossos.

Eu mesmo tenho¹ uma história relacionada a esse garimpo de diamante. Como poucos, pelo viés intelectual; como muitos, de forma afetiva, pois trago na memória infantil narrativas de parentes sobre o trabalho no garimpo. Embora sem bamburros de diamantes, eles se aventuraram nestes garimpos. Alguns como tropeiros; outros, como garimpeiros, de fato. Da localidade rural de Curimatá (antes Parnaguá), denominada Tanquinho, onde nasci e recebi os primeiros ensinamentos familiares e escolares, partiram muitos para os garimpos de Gilbués/Monte Alegre.

Helena Soares Vogado, minha mãe, não garimpou diamante e nem seus irmãos e irmãs, mas muito ela me ensinou sobre esse tema. O pai dela, José Farias Vogado, embora sem ser garimpeiro também, sempre acolheu em sua residência, no Brejo de Zé Vogado, outra localidade rural de Curimatá, muitas pessoas que migravam para os garimpos. Assim, nascida seis anos antes do início da exploração deste minério, viajando em pensamento, vejo aquela criança, “minha futura mãe”, assustada com os desconhecidos, e curiosa, ouvindo as conversas de “gente grande” sobre os garimpos.

Minha mãe foi crescendo, assim como o garimpo. Certo dia, à tardinha, ela aos 22 anos, vê um rapaz chegando à casa de seu pai, Zé Vogado, montado a cavalo, sozinho e sem animal de carga, fugindo, e muito, do padrão dos outros viajantes, como tropeiros e garimpeiros. Esses detalhes logo chamaram sua atenção e, certamente, outros que ela optou por não me contar. “Quem é aquele rapaz”? Indagou ela. “É um garimpeiro a caminho de Gilbués”, foi a resposta que ouvira. E como sempre, as conversas “de homens” entre o anfitrião e o “viajante” fluíram até certas horas daquela noite.

¹Durante a escrita da tese, há mudança da pessoa do discurso: ora na primeira pessoa do singular e ora, na primeira do plural. Longe de se configurar como desatenção às regras de nossa gramática normativa da língua portuguesa, mas uma opção consciente de organização do discurso. Para detalhes, ver Colombo (2005).

Da residência mesmo de Zé Vogado, na manhã do dia seguinte, o suposto garimpeiro e futuro meu pai, retornou ao Tanquinho. “Por que ele desistiu da viagem do garimpo?” Ficaram com minha futura mãe essa dúvida e um par de brincos, como símbolo do compromisso de noivado firmado naquelas “conversas de homens”. Assim ela soube que as conversas entre Zé Vogado e “aquele rapaz” na noite passada não versavam sobre os garimpos de Gilbués, mas sobre “um diamante” particular, que meu pai fora garimpar. Foram os garimpeiros em descanso no Brejo de Zé Vogado que a viram e a meu pai descreveram aquela “linda moça”, “morena”, de cabelos longos e pretos, descendente de índios, já “no tempo de casar”. E que meu pai, às pressas, como um diamante visto à flor da terra, foi garimpar.

Sem chance de escolher seu esposo, como muitas de seu tempo, e sem tantas outras liberdades, em uma realidade na qual os homens decidiam seus destinos e os delas, apesar de resistências, muitas delas silenciosas. Mesmo sem garimpar, sua história se assemelha, e muito, a outras mulheres com as quais conversei sobre garimpo e suas vidas durante esta pesquisa. Criada “para casar” e ter filhos, e muitos. Somos “apenas” nove, mas poderíamos ser muito mais. Assim como vários entrevistados na pesquisa, sua trajetória encerrou-se, justamente, quando investigava mais sobre seu tempo e suas contemporâneas e, conseqüentemente, passava a lhe conhecer melhor. Valeu à pena seu incentivo à pesquisa. Suas marcas ficaram nesse trabalho, especialmente, por ter sido fonte de inspiração.

E foi a partir dessas lembranças da infância que busquei mais personagens e histórias em outros municípios do sul do Piauí sobre esse garimpo. Desta forma, em 2014, aproximei-me de outros ex-garimpeiros, tropeiros e idosos para compreender melhor cientificamente sobre a garimpagem de diamantes no sul piauiense, desenvolvendo uma pesquisa, de caráter exploratório, junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, no Programa de Iniciação Científica (PIBIC/IFPI)².

Constatamos que essa exploração de diamantes, além de diversos municípios do Piauí, envolveu na mesma época outros estados brasileiros, como Maranhão, Bahia, Goiás, Ceará e Pernambuco. Além disso, identificamos que as narrativas dos idosos que participaram do garimpo nessa região são olvidadas das análises sociológicas e historiográficas realizadas pela academia. Em alguns casos, quando mencionados, essas pessoas são relacionadas como causa da desertificação no município de Gilbués/Monte Alegre, especialmente em estudos ambientais. Desta maneira, investigar o cotidiano desse garimpo e dos atores envolvidos nesse

² No projeto participaram como bolsistas as alunas Maria de Maria Amorim Lustosa, do Curso Técnico em Agronegócios Integrado ao Ensino Médio, e Virginia Deusdará das Neves, de Tecnologia em Gestão Ambiental, no IFPI, *Campus* Corrente.

processo, certamente, contribuirá para a melhor compreensão dessa atividade no sul do Piauí e para a produção historiográfica local.

Na década de 1940 inicia-se o processo artesanal de garimpagem de diamante em Gilbués³, sul do Piauí, para onde migraram inúmeras pessoas que se envolveram na garimpagem, provocando diversas mudanças neste cenário, inclusive emancipando-se de Gilbués um novo município na década de 1950: Monte Alegre, também *lócus* de garimpo e de intensas relações políticas entre imigrantes baianos e piauienses. Assim, esta tese, dividida em cinco capítulos, está com o seguinte título: “*O Cotidiano do Garimpo de Diamantes no Sul do Piauí (1940-1970): migração, relações sociais de produção, política e gênero nos municípios de Gilbués e Monte Alegre*”.

No primeiro, tratarei dos discursos: midiático, científico e ecológico e sua relação com o garimpo de diamantes em Gilbués, município que a partir da década de 1970 passou a ser diagnosticado como grande área a tornar-se deserto no sul do Piauí⁴; trataremos ainda do percurso metodológico da pesquisa, destacando a forma de acesso a documentos e aos entrevistados, ou seja, uma reflexão sobre como a pesquisa foi realizada. Além disso, apresentarei uma discussão teórica sobre pesquisa de campo e documental, bem como sobre memória/oralidade e documento.

No capítulo segundo, contextualizo Gilbués no Brasil, no que diz respeito a produção de diamantes, um minério historicamente explorado no país. Essa região de garimpo no Piauí, desde o período colonial, era criadora de gado *vacum* e a relação entre os proprietários de gado e de terra com os garimpeiros foi conflituosa, pois a mesma região do gado era a do diamante. Assim, a relação social entre os sujeitos imigrantes e os nativos foi estereotipada, sendo os garimpeiros definidos como “bundas- vermelhas”⁵, dentre outras formas de desqualificação social e de relações de poder, criando espaços de sociabilidades divididos em “Rua Baiana” e “Rua Piauí” em Monte Alegre⁶, por exemplo.

No capítulo terceiro, abordarei as relações sociais de produção do diamante em Gilbués e Monte Alegre, esclarecendo a participação dos sujeitos significativos do processo,

³O município de Gilbués está localizado no sul do Piauí a 766 km de distância de Teresina, a capital do estado, tendo uma população estimada em 10.522 habitantes, segundo o IBGE (2017).

⁴ Gilbués e Monte Alegre localizam-se no sudoeste do Piauí. Porém, estes municípios e seus vizinhos, no período de 1940 a 1970, aparecem em jornais e outras fontes pesquisadas como sendo “sul do Piauí”. Portanto, em diálogo com o material pesquisado, neste estudo, refiro-me à região do garimpo também como sul do Piauí.

⁵ No trabalho nas cisternas de diamantes, os garimpeiros ficavam com a roupa suja de barro vermelho. Daí, o nome de bunda-vermelha, que passou a ser empregado, como estereótipo a estes sujeitos.

⁶O município de Monte Alegre, emancipado de Gilbués em 1955, devido ao surgimento/desenvolvimento do garimpo de diamantes, está localizado no sul do Piauí, a 755 km de distância de Teresina, a capital do estado, tendo uma população em torno de 10.349, de acordo com o IBGE (2010).

bem como os significados dos diamantes e do trabalho de garimpo, especialmente o desenvolvido no interior das cisternas. Além disso, trataremos de aspectos relevantes da garimpagem de diamantes para o sul do Piauí e decadência dessa atividade, passando essa região a ser origem de emigração para outros garimpos, especialmente de Goiás, e para a construção de Brasília, a nova capital federal, embora muitos imigrantes do garimpo tenham permanecido em Gilbués/Monte Alegre, dedicando à agricultura e criação de alguns animais, geralmente para consumo próprio, em pequenas propriedades, algumas delas adquiridas com recursos do diamante.

No capítulo quarto, discutirei as relações políticas entre os imigrantes e autóctones ou entre estabelecidos e *outsiders* na região de exploração do diamante. Iniciada esta imigração, principalmente de baianos, os *outsiders*, embora sendo discriminados socialmente, tornaram-se uma força política nos municípios de Gilbués e Monte Alegre, ocupando cargos eletivos de Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador. Com a influência destes *outsiders* criou-se o município de Monte Alegre, onde dominaram politicamente por muitos anos. “Baiano só votava em baiano⁷”.

No quinto e último capítulo, destaca-se a participação feminina na região do garimpo. Além de sua presença no espaço privado das residências, desenvolvendo os papéis de esposa e mãe; outras, denominadas de “mulheres de vida livre”, nos cabarés dos garimpos; outras eram garimpeiras; tropeiras; professoras e políticas. Muitas destas mulheres, assim como os homens, eram imigrantes de outros municípios do Piauí ou de outros estados. Enfim, a mulher neste espaço social desenvolvia uma pluralidade de funções, contribuindo de diversas maneiras para a exploração de diamantes no sul do Piauí.

⁷ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex- vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

CAPÍTULO 1

MIGRANDO NAS TRILHAS DOS DIAMANTES NO ESTADO DO PIAUÍ: aspectos metodológicos e estratégias de pesquisa.

Não sei completo, mas sei. As coisas que passaram quando eu era novo, foi gravada muito bem gravada; eu sei de quase tudo. Agora, as que estão passando agora é mais difícil de saber. E tem muita coisa que eu esqueço o nome das pessoas. De umas eu lembro; de outras, não. Vou contar o caso e esqueço (Informação Verbal)⁸.

Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares (Guimarães Rosa).

Quando entra em decadência a garimpagem de diamantes em Gilbués/Monte Alegre, ela reaparece em estudos ambientalistas e em meios de comunicação relacionada à desertificação no sul do Piauí. Assim, neste capítulo abordaremos os discursos: midiático, científico e ecológico e sua relação com o referido garimpo de diamantes em Gilbués, município que a partir da década de 1970 passou a ser diagnosticado como grande área a tornar-se deserto no sul do Piauí; trataremos, ainda, do percurso metodológico da pesquisa, destacando a forma de acesso a documentos e aos entrevistados/as idosos/as no sul do Piauí, que “nasceu nos caminhos do gado” e dos indígenas, ou seja, uma reflexão sobre o percurso realizado na pesquisa, orientado pela pesquisa de campo e memória/oralidade.

1.1 Desertificação em Gilbués, no Piauí, e o ressurgimento discursivo da garimpagem.

No plano do discurso científico e midiático, a exploração de diamantes em Gilbués/Monte Alegre, geralmente, apresenta-se ligada à questão ecológica. Essa problemática, no final do século XX, de modo especial a partir da década de 1970, para Leff (2002, p.7), “irrompe no cenário político, científico e educativo como um dos problemas mais importantes”. Assim, “iniciou-se um amplo processo mundial orientado a formar uma nova consciência sobre o valor da natureza e a reorientar a produção do conhecimento guiado pelos

⁸ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

métodos da interdisciplinaridade e os princípios da complexidade”. Esta nova consciência ambiental, no plano discursivo, passa a debater novas alternativas de produção e de consumo, já que a capacidade regenerativa do planeta terra é finita.

De fato, em 1972, em Estocolmo, na Suécia, a Organização das Nações Unidas promove a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente. E, no ano de 1977, em Tbilisi, na antiga União Soviética, foi realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e pelo Programa de Meio Ambiente da (PNUMA) da ONU, a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental do Planeta. Ainda em 1977, no Quênia, ocorreu a Conferência das Nações Unidas de Combate à Desertificação⁹, onde se discutiram medidas para enfrentar a desertificação em termos mundiais, “suscitando, assim, um Plano de Ação Mundial de Combate à Desertificação” (ARAÚJO; SOUZA, 2017, p. 124). São fatos que marcaram uma nova fase no reconhecimento da problemática ambiental e na construção de estratégias para minimizar os danos das ações antrópicas sobre o planeta terra.

A partir de então, a ONU passou a organizar periodicamente diversos eventos internacionais sobre a problemática ambiental em vários países, inclusive no Brasil, quando ocorreu em 1992 a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92). Além disso, a partir da década de 1970, surgem inúmeros movimentos sociais de caráter ambiental, sejam nacionais ou internacionais, bem como pesquisas científicas, demonstrando os efeitos predatórios da ação humana sobre o planeta terra. Aquecimento global; extinção de flora, fauna e rios; poluição do solo e desertificação, dentre outras temáticas, tornaram-se constantes nos debates públicos. Nestas discussões ambientais, o município de Gilbués, no sul do Piauí, inseriu-se na temática da desertificação.

Assim, o Piauí tornou-se “conhecido mundialmente como possuidor de uma das maiores áreas de desertificação do Brasil, que é a do Núcleo de Desertificação de Gilbués” (SEMAR, 2005, p.2). Ainda na década de 1970, o ecólogo pernambucano João Vasconcelos

⁹ Segundo a ONU (1994, p.4), por ‘desertificación’ se entiende la degradación de las tierras de zonas áridas, semiáridas y subhúmedas secas resultante de diversos factores, tales como las variaciones climáticas y las actividades humanas”. Por “desertificação” se entende a degradação das terras de zonas áridas, semiáridas e sub-úmidas secas resultante de diversos fatores, tais como as variações climáticas e as atividades humanas. Maria Antunes Suertegaray (2018), contesta a tese de desertificação no sul do Piauí. Segundo ela, “atualmente, considera-se que desertificação é um processo de erosão do solo, decorrentes da atividade humana restritos a determinados ambientes climáticos”. Ainda diz a autora: “se entende que lá não é tão seco como se imagina [e] não seria seco ao ponto de se englobar nesse conceito de desertificação”. Assim, a precipitação média anual da região de Gilbués é de 1.200 mm, muito além das regiões de deserto. Cf. em SUERTEGARAY, Maria Antunes. Entrevista à TV Cidade Verde. Teresina-PI, 02/03/2018. Pesquisadora contesta desertificação na região Sul do Piauí. Disponível em <https://cidadeverde.com/noticias/267087/pesquisadora-contesta-desertificacao-na-regiao-sul-do-piaui>. Acesso em 18/02/2019.

Sobrinho começou a fazer pesquisas no município de Gilbués, abordando o tema da desertificação e, dentro desta mesma problemática, em 1977, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Piauí, dentre eles Valdemar Rodrigues; Antônio João Dumbra e Luiz Gonzaga Carneiro, começaram a investigar a desertificação no Piauí e identificaram na época que o processo de degradação ambiental no município já era bastante acelerado, inclusive com a presença de diversas voçorocas (Veja fotografias abaixo). Os pesquisadores, inclusive, constataram que a BR-135, no sentido Gilbués/Corrente-PI, encontrava-se “quase interdita por causa do desmoronamento do aterro na altura de um bueiro que teve várias manilhas carregadas pela enxurrada” (SEMAR, 2005, p.10).

Fotografias 1. Área em Processo de Desertificação em Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2018).

No Brasil foram catalogados vários núcleos de desertificação, sendo todos no Nordeste. São eles: Gilbués-Piauí; Irauçuba-Ceará; Seridó-Rio Grande do Norte e Cabrobó-Pernambuco (LOPES et. al, 2011; SEMAR, 2005). Na tentativa de reverter ou amenizar o processo de desertificação em Gilbués, neste município foi criado em 2003 o primeiro Núcleo de Pesquisa de Recuperação de Áreas Degradadas e Combate à Desertificação (Nuperade), inaugurado pela então Ministra de Meio Ambiente, Marina Silva, e pelo governador do Estado do Piauí, Wellington Dias (BARBOSA, 2006).

O Nuperade faz parte das ações do Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAN-Brasil). O Núcleo fica num terreno de 53 hectares¹⁰, que abriga, além da sede, pequenas barragens de terra para contenção do escoamento superficial e experimentos de pesquisa agrossilvopastoril.

¹⁰ Cada hectare corresponde a 10.000 m².

A iniciativa representa uma estratégia para mostrar que é possível barrar o processo de erosão e tornar a terra produtiva por meio do uso de técnicas adequadas (BARBOSA, 2006, p.2).

Assim, inúmeras pesquisas foram realizadas em Gilbués abordando a desertificação, havendo, também, produção de documentos oficiais estaduais e nacionais sobre essa temática. Gilbués tornou-se, também, um fenômeno midiático nacional em matéria de desertificação¹¹.

Em 15 de março de 1998 o jornal *Meio Norte*¹², em Teresina, publica uma reportagem relatando a origem do processo de garimpagem em Gilbués. Como testemunha, entrevista o ex-garimpeiro e ex-vereador de Gilbués, Antônio Tavares de Oliveira, o “Cavouqueiro”, sendo esta alcunha adquirida no garimpo. A reportagem destaca o passado e presente de Gilbués com relação ao diamante: “Gilbués foi invadida por aventureiros depois da descoberta de diamantes, em 1946, pelo carreiro Tertuliano Lustosa Mascarenhas”. E “diamantes alimentam esperança de riqueza” em Gilbués, devido ao fato de esporadicamente ainda garimpeiros encontrarem diamantes. Por fim, o jornal destaca a então forte presença de baianos, sendo maioria em Monte Alegre e em povoados de Gilbués, como Pau-de-Óleo e Cagaiteira.

O jornal *Folha de São Paulo*, em 12 de dezembro de 2004, destaca a desertificação no Brasil e afirma que a “região de Gilbués é um dos quatro núcleos de desertificação no país, onde a degradação ambiental e os resultados socioeconômicos do fenômeno são considerados mais graves pelo Ministério do Meio Ambiente”. Nesta reportagem, o referido jornal pinta um quadro dramático sobre a realidade cotidiana de Gilbués, especialmente a sede do município, destacando que as crateras ameaçavam a igreja central; trechos da BR-135 e moradores, tendo, inclusive, já derrubado uma residência no bairro Santo Antônio. Além do mais, a erosão prejudica o plantio de subsistência em Gilbués¹³.

No dia 11 de junho de 2007, o jornal *Desenvolvimento Nordestino* apresenta uma reportagem intitulada de “Desertos Vermelhos”, definindo Gilbués como “uma cidade condenada a desaparecer”, devido ao processo de desertificação. Muro de hospital; cemitério; rios e o brejo, “pulmão da cidade”, já sofrem as consequências da desertificação. Além disso, a temperatura local poderá aumentar em três graus; pássaros já desapareceram e, certamente,

¹¹ A desertificação, no Piauí, além de Gilbués, atinge a outros municípios piauienses, tais como Corrente, Barreiras do Piauí, Monte Alegre, Riacho Frio, Santa Filomena e São Gonçalo.

¹²Cf. Jornal *Meio Norte*. Domingo, 11/03/1998. Teresina-PI. Disponível na Casa da Cultura “Anísio Brito”. Acesso em 01 de outubro de 2018.

¹³ Jornal *Folha de São Paulo*, 12/12/2004. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1212200414.htm>. Acesso em 20/02/2017.

o próprio município “será engolido pelas grandes voçorocas/crateras”, sendo esse o “maior temor” dos moradores.

O município de Gilbués, no extremo sul do Piauí, trava uma luta silenciosa contra o tempo. Nos últimos anos, a erosão que transformou a paisagem dos arredores da cidade tem avançado em direção à parte urbana, ameaçando botar abaixo o muro do hospital, do cemitério, além de várias casas. A sensação de que o chão está desaparecendo é um prenúncio do maior temor que hoje ronda a cidade: o de ser engolida pelas grandes voçorocas (crateras) que se espalham na região. ‘Gilbués é uma cidade condenada. Se nada for feito, isso aqui vai se transformar num grande buraco’, lamenta o prefeito do município, Felipe Ribeiro (PMDB). [...] A desertificação em Gilbués traz outra ameaça grave aos moradores da cidade. A erosão dos solos provoca o assoreamento dos rios, num estágio que compromete os principais leitos e açudes do município. O Brejão, considerado o “pulmão” da cidade, está sendo coberto pelas terras e um terço do volume de suas águas já diminuiu nos últimos dez anos. Como consequência, muitas espécies de pássaros também desapareceram, como o canário e a asa branca. Se o córrego secar, estima-se que a temperatura da região aumente em cerca de três graus¹⁴.

O *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, em reportagem de 15 de dezembro de 2008, abordou este mesmo problema da desertificação no sul do Piauí, de forma dramática: “um imenso deserto vermelho numa área que corresponde a 21% da região sul do Piauí. A terra perdeu a consistência por causa dos desmatamentos e das queimadas. Na cidade de Gilbués, as plantas estão desaparecendo”. Essa reportagem mostra pessoas assustadas com uma erosão comum na região sul do Piauí, a voçoroca, sobre a qual um agricultor entrevistado afirma: "Tenho muito medo. Fica muito pertinho da gente. Não sei o que vai acontecer”.

Por fim, a reportagem mostra, embasando-se em falas de pesquisadores, que as erosões ameaçam o rio Parnaíba¹⁵, principal rio piauiense e segundo maior do Nordeste brasileiro. Nascentes de outros rios menores e riachos, também, seriam comprometidos. “O solo está sumindo”, explica o engenheiro agrônomo, Fabriciano Corado Neto, na matéria jornalística. Com relação à hidrelétrica de Boa Esperança construída neste rio, no município piauiense de Guadalupe¹⁶, as erosões do solo, carregadas pelas águas da chuva, já teriam “jogado aproximadamente 300 mil metros cúbicos de material dentro da barragem, reduzindo a capacidade de produção de energia”¹⁷.

¹⁴ *Jornal Desenvolvimento Nordestino*, 11/07/2007. Disponível em <https://desenvolvimentonordestino.wordpress.com/2007/07/11/gilbues-uma-cidade-condenada-a-desaparecer/>. Acesso em 20/05/2017.

¹⁵ Com extensão de 1716 km, o rio Parnaíba é segundo maior rio nordestino, separando os estados do Piauí e Maranhão.

¹⁶ Município localizado a 337 km de Teresina, capital do Piauí.

¹⁷ *Jornal Nacional*, 15 de dezembro de 2008. Disponível em <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL923956-10406.00-INPE+PESQUISA+EROSAO+COMUM+NO+PIAUI.html>. Acesso em 21/05/2017.

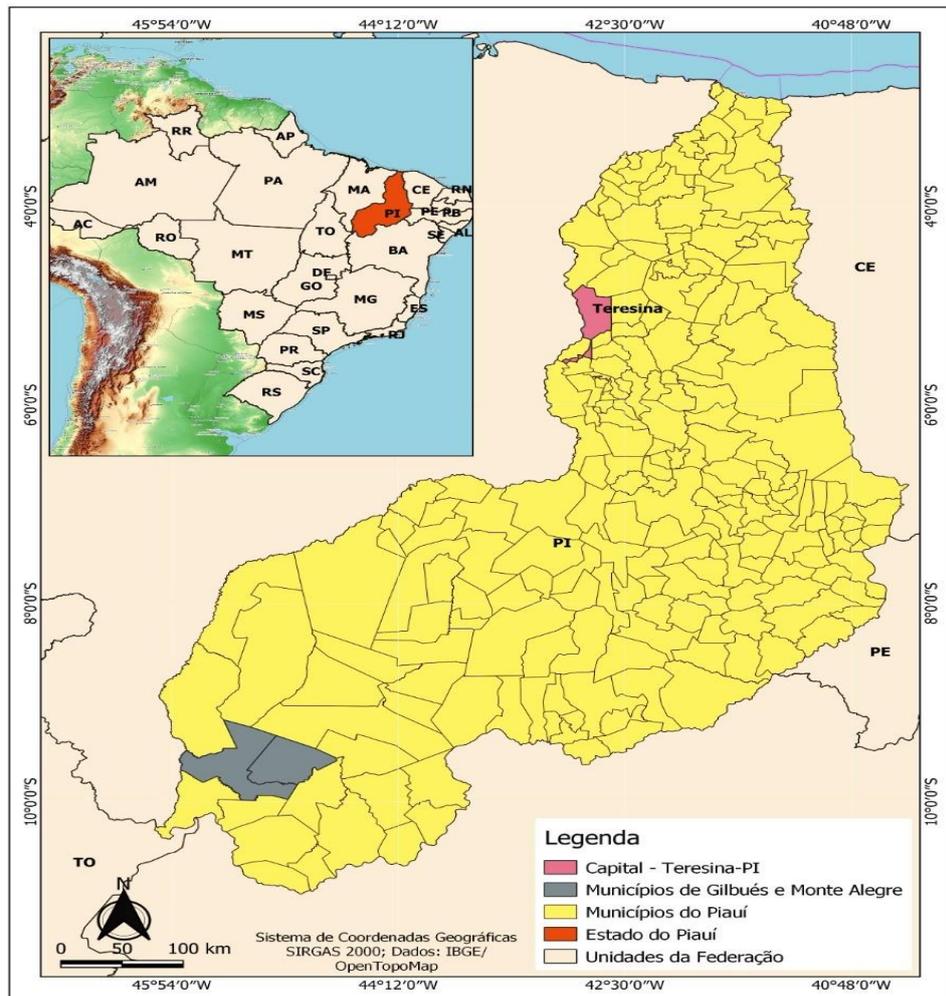
Dentre todas as reportagens, esta do *Jornal Nacional* foi a que teve maior repercussão, sendo noticiada, inclusive, pelo *Portal o Dia*, de Teresina, Piauí, em 16/12/2008¹⁸. Este jornal *online* usou a seguinte manchete: “Jornal Nacional mostra o drama da desertificação em Gilbués, sul do Piauí”. Outros jornais impressos e *online* e canais de televisão piauienses, seguindo essa mídia nacional/internacional, também abordaram/abordam com frequência a problemática da desertificação na região de Gilbués.

Entre jornalistas, para Bourdieu (1997, p.30 e 32), há certa “circulação circular da informação”. Entre eles, “a leitura dos jornais é uma atividade indispensável e o *chipping* um instrumento de trabalho: para saber o que se vai dizer é preciso saber o que os outros disseram. Esse é um dos mecanismos pelos quais se gera a homogeneidade dos produtos propostos”. O tema da desertificação na região de Gilbués, de certa forma, tornou-se homogêneo na mídia, tanto estadual como nacional, provavelmente devido ao fato “dos jornalistas lerem-se, ouvirem-se e olharem-se muito entre si” (CHAMPAGNE, 1998, p.64).

A abordagem da desertificação na região de Gilbués, de modo geral, no plano discursivo está relacionada com a garimpagem artesanal de diamantes que houve a partir da década de 1940 nesse município e, posteriormente, em Monte Alegre. Sobre as causas da desertificação, diversas pesquisas científicas (SALES, 2003; SALVIANO, 2006; etc.) apontam a forte erosividade das chuvas locais e da erodibilidade de seus solos; a pecuária e agricultura extensivas historicamente praticadas na região, bem como a garimpagem artesanal de diamantes.

¹⁸<https://www.portalodia.com/noticias/geral/jornal-nacional-mostra-o-drama-da-desertificacao-em-gilbues-sul-do-piaui-video-5329.html>. Acesso em 21/05/2017.

Mapa 1: Mapa Político do Piauí, Destacando Gilbués e Monte Alegre-PI.



Fonte: (IBGE, 2000), adaptado por Rogério Jr. e Marques (2021).

Assim, seguindo a perspectiva de vários outros estudos dentro da temática da degradação ambiental da região de Gilbués, Lopes et al. afirma (2011, p. 04) que, além da “fragilidade natural do solo”, outras causas menos significativas, como, “o manejo incorreto na agricultura, desmatamento, pecuária extensiva, uso descontrolado do fogo, estradas mal planejadas e garimpo de diamantes”.

As reportagens dos jornais supracitados, também, abordam a garimpagem como uma das causas da desertificação em Gilbués. Assim, recorrem, superficialmente, a entrevistas com ex-garimpeiros para referendarem suas convicções. Por exemplo, a referida reportagem do jornal *Folha de São Paulo* relativiza o fato de que o garimpo de diamantes não foi a única causa de degradação ambiental em Gilbués, pois argumenta o noticiário que uma área considerável em desertificação “nunca houve extração de mineral”. Entretanto, afirma que “a

riqueza do diamante na cidade, que teve seu auge entre as décadas de 40 e 50, deixou suas marcas que até hoje têm suas consequências” para o meio ambiente¹⁹.

Quanto às causas da desertificação nesta região do Piauí, o jornal *Desenvolvimento Nordeste* é mais enfático, pois afirma que a garimpagem de diamantes “foi a maior responsável pela situação em que se encontra hoje a cidade” de Gilbués pelo processo de degradação ambiental. Diz o jornal que “os solos foram agredidos durante anos, sem que nada fosse feito para compensar os danos causados pelo garimpo”. Nesse sentido, embora atualmente poucos garimpeiros insistam na mineração, “os verdadeiros formigueiros construídos na região de garimpo deixaram suas marcas”, pois “o aspecto do solo chega a lembrar das imensas crateras que caracterizam a superfície lunar”²⁰.

Para Bourdieu (1981), o discurso humano, além de descrever, também, prescreve, ou seja, constrói a realidade social. E, por exemplo, os discursos político e midiático são construtores de fatos/realidades (BOURDIEU, 1981; 1997; CHAMPAGNE, 1998), bem como o discurso científico, pois “o poder estruturante das palavras [tem a] capacidade de prescrever sob a aparência de descrever, ou de denunciar sob a aparência de anunciar” (BOURDIEU, 1981, p.1). Assim, estes discursos científicos e midiáticos, de certa forma, homogêneos, construíram uma versão de que o garimpo de diamante era uma das causas, em certas versões a principal delas, do processo de desertificação de Gilbués.

Esta versão da realidade decantou, sendo comum pessoas nativas da região usarem este mesmo discurso como interpretação da degradação ambiental de Gilbués, afirmando ser o garimpo de diamantes uma das causas da desertificação. O jornalista local, Pedro Paulo Tavares de Oliveira (2009), ao escrever a biografia de seu pai, Antônio Tavares de Oliveira, que trabalhou nos garimpos de diamantes, relata que a exploração artesanal trouxe “consequências previsíveis para o meio ambiente”. Sobre essa questão, conclui o referido autor: “pesquisadores e ambientalistas são unânimes em afirmar que o avançado processo de desertificação de Gilbués originou-se na extensa atividade garimpeira da região” (OLIVEIRA, 2009, p.68).

Porém, hoje, há pesquisadores que dão menos relevância à exploração de diamantes como uma das causas da desertificação, embora sem desconsiderar sua parcela de contribuição na degradação ambiental. Fabriciano Corado Neto, nativo de Gilbués,

¹⁹ Jornal *Folha de São Paulo*, 12/12/2004. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1212200414.htm>. Acesso em 20/02/2017.

²⁰ Jornal *Desenvolvimento Nordeste*, 11/07/2007. Disponível em <https://desenvolvimentonordestino.wordpress.com/2007/07/11/gilbues-uma-cidade-condenada-a-desaparecer/>. Acesso em 20/05/2017.

engenheiro agrônomo e ativista ambiental pesquisou o solo do município e concluiu que o garimpo “é um dos fatores que fazem com que ocorra erosão do solo”, mas há outros segundo o entrevistado, como “a própria formação do solo é o fator principal; a ação do homem com o superpastoreio, queimadas, desmatamento, tendo como principal a própria formação do solo, a topografia e o índice pluviométrico. O garimpo é um fator só, dentre vários outros (Informação Verbal)²¹, nas áreas garimpadas.

Mesmo assim, parte dos meios de comunicação ainda afirma que a desertificação de Gilbués é, em grande medida, causada pelo garimpo. Por exemplo, em 29 de agosto de 2021, o programa dominical *Clube Rural*, do Canal de Televisão Clube, de Teresina, e filiado à Rede Globo de Televisão, exibiu uma reportagem sobre Gilbués, destacando que “a terra, vermelha e árida avança” no município, onde “a desertificação avança a olhos vistos e o garimpo só acelerou o processo de degradação do solo”. Na reportagem, as voçorocas são exploradas pelos repórteres, mas, como as demais reportagens, não são mostradas as áreas de garimpos, muitas delas já com a flora recuperada²².

As imagens narrativas de Gilbués como um “deserto vermelho”, “cidade condenada a desaparecer em 10 anos”, de maneira geral, não agradam a muitas pessoas locais. Em 1998, a primeira vez que estive em Gilbués, nenhum visitante poderia dizer que este município viraria deserto em poucos anos, como veiculava nos meios de comunicação. Seria um agravo e desrespeito à grande maioria das pessoas nativas. Tanto o é que, segundo Fabriciano Corado Neto, jornalistas e pesquisadores que se dirigiam a Gilbués para tratar da temática da desertificação, costumeiramente, eram hostilizados por moradores locais.

Por exemplo, quando jornalistas da Rede Globo de Televisão estiveram em Gilbués fazendo a reportagem sobre desertificação para o programa, *Jornal Nacional*, segundo Fabriciano Corado Neto, que “estava na hora”, tinha morador “que puxava o microfone da mão deles” e dizia: “vai embora. O que vocês estão fazendo aqui? Vocês só ficam mostrando o que não presta. Tem que mostrar cachoeira, pôr do sol. Não sei o quê. Fui obrigado a intervir: “gente, quieta” (Informação Verbal)²³. O próprio entrevistado, por ser ambientalista, e um dos fundadores da organização não governamental *S.O.S Gilbués* (Órgão Ambiental de Controle da desertificação de Gilbués), alega ter sido, também, rejeitado e hostilizado por seus conterrâneos, sendo “muito mal falado” por abordar a desertificação em Gilbués. Assim, diz ele: “Tinha vez de eu não poder sair na rua; não poder participar de uma rodada que a

²¹ CORADO NETO, Fabriciano. 51 anos. Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués. Entrevista. (21/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²² Para assistir à reportagem completa, acesse <https://www.youtube.com/watch?v=kmldze9Yzjs>.

²³ *Idem*.

gente era criticado. E pra gente não brigar, a gente não participava” (Informação Verbal)²⁴. Parte da população local não reconhecia Gilbués como problema ambiental, segundo ele:

Era muito difícil; muito ruim. Porque, pô, falar de uma coisa dessa de uma cidade. A gente via que o problema existia. A gente estava participando disso daí, como profissional a gente sabia que esse problema estava existindo, mas era um problema que podia trazer justificativa pra programas, projetos. Entendeu? A população não conhece isso, não sabia disso e reagiu mal (Informação Verbal)²⁵.

A desertificação de Gilbués “podia trazer justificativa pra programas, projetos” para o município. E “a população não conhece isso, não sabia disso e reagiu mal”. Há indícios de que se tentou, politicamente, usar essa problemática como uma “justificativa” para angariar recursos para o município, especialmente do Governo Federal. Provavelmente, os gestores públicos municipais esperavam transformar essa problemática em uma “indústria do deserto”, tendo como referência a denominada “indústria da seca” no Nordeste brasileiro. Nesta mesma direção, a fala do então prefeito, Felipe Ribeiro (PMDB), é esclarecedora: “Gilbués é uma cidade condenada. Se nada for feito, isso aqui vai se transformar num grande buraco”²⁶. Gilbués ganhou, de certa forma, visibilidade política/ambiental no âmbito estadual, nacional e internacional. Afinal, tinha “justificativa pra programas, projetos”.

Assim, Gilbués recebeu o Nuprade, construído com recursos do Ministério do Meio Ambiente (cerca de R\$ 100.000), com o objetivo de apoiar estudos sobre o fenômeno da desertificação, além de testar tecnologias para o controle do processo de degradação de terras e de recuperação de áreas degradadas (BARBOSA, 2006). Certamente, muitos outros investimentos, sejam federais ou estaduais, eram esperados em Gilbués por seus gestores, especialmente pela grande exposição da desertificação que ocorreu nos meios de comunicação.

Porém, o tema da desertificação e, conseqüentemente, o desaparecimento de Gilbués, como dito, não era consensual entre os moradores e muitos deles, de fato, acreditavam que a desertificação do município “nunca vai acontecer”. De acordo um entrevistado, este problema teria sido criado por pessoas interessadas em conseguir recursos públicos para si, gerando prejuízos para o município de Gilbués, pois “os que vinham de fora” teriam ficado com medo: “esses gaúchos que vieram à procura destas terras aqui do cerrado” no sul do

²⁴ *Idem.*

²⁵ *Idem.*

²⁶ *Jornal Desenvolvimento Nordeste*, 11/07/2007. Disponível em <https://desenvolvimentonordestino.wordpress.com/2007/07/11/gilbues-uma-cidade-condenada-a-desaparecer/>. Acesso em 20/05/2017.

Piauí, “muitos foram residir em Bom Jesus” em vez de Gilbués, “com essa notícia” do município tornar-se deserto (Informação Verbal)²⁷.

Se a exposição negativa do município como “cidade deserto, condenada a desaparecer” fora ou não um dos motivos dos exploradores dos cerrados piauienses não residirem em Gilbués, o fato é que eles, maciçamente, escolherem o município de Bom Jesus do Gurgueia como residência. Segundo Maria Angélica Piauilino da Cruz (2013, p.32) os sulistas, denominados de “gaúchos”, começaram chegar a Bom Jesus nos anos de 1980. Porém, foi só no final dos anos de 1990 que esse fluxo migratório se intensificou, provocando “grande mudança na lógica da organização do espaço, na interação cultural, no gosto pela construção [civil] mais sofisticada, na construção de novos caminhos econômicos”.

Sobre possíveis recursos recebidos pela ONG S. O. S. Gilbués, Fabriciano Corado Neto, um de seus membros fundadores, nega enfaticamente. Ela “nunca recebeu um centavo e o pouco que a gente faz é voluntário. Eu acho que a única coisa que a ONG recebeu foi conhecimento, porque trabalhou com pesquisadores extremamente capazes e renomados” (Informação Verbal)²⁸. São discursos opostos que demonstram tensões e conflitos gerados pela temática da desertificação em Gilbués, não ficando eles apenas veiculados nos meios de comunicação e revistas/eventos/livros científicos, mas, também, entre vizinhos e moradores do município, demonstrando que seu cotidiano, com suas relações sociais, foi afetado.

A ONG S.O.S Gilbués, segundo Fabriciano Corado Neto, participou de diversos eventos ambientalistas no Brasil, como um encontro de núcleos de desertificação no Brasil, em Salgueiro-PE, a convite da Associação Pernambucana em Defesa da Natureza (ASPAN)²⁹, quando a ONG levou 10 agricultores de Gilbués para participarem do evento. Além disso, essa entidade também participou da formação do Plano Nacional de Mitigação dos Efeitos da Seca e Desertificação (PAMBRASIL).

“A gente participou da criação estadual do Plano Estadual de Combate à Desertificação; nós participamos do Conselho Municipal de Meio Ambiente, em Gilbués, e a nível nacional vem participando de reunião”³⁰. Além destes eventos, a ONG S.O.S Gilbués participou, em Havana, Cuba, no período de 25 de agosto a 5 de setembro de 2003, da

²⁷NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁸CORADO NETO, Fabriciano. 51 anos. Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués. Entrevista. (21/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁹Entidade ambientalista criada em 5 de junho de 1979, incentivada pelo ecólogo pernambucano Vasconcelos Sobrinho.

³⁰CORADO NETO, Fabriciano. 51 anos. Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués. Entrevista. (21/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Conferência das Partes (COP)³¹, que é o órgão supremo da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), que reúne anualmente diversos países em conferências mundiais. Nestes eventos são debatidas as questões de meio ambiente e desertificação no mundo.

Juntamente com essa problemática da desertificação da região de Gilbués veiculada nos meios de comunicação e em eventos/revistas/livros científicos, a partir de 1970, divulga-se, também, a garimpagem artesanal de diamantes neste município, porém como uma das causas da desertificação. Quer dizer, os ex-garimpeiros e demais sujeitos³² envolvidos nesta atividade surgem nos discursos sobre desertificação, em grande medida, como vilões: “os verdadeiros formigueiros construídos na região de garimpo deixaram suas marcas”³³, que agora se voltam contra os moradores da região de Gilbués.

Marina Silva, então Ministra do Meio Ambiente, na ocasião da inauguração do NUPERADE, em Gilbués, disse que "A natureza não sabe se defender, mas ela sabe se vingar. Nós estamos trabalhando para evitar essa vingança". Assim, tendo os garimpeiros como um dos culpados, o “deserto vermelho” avança derrubando suas próprias residências, o hospital do município, destruindo o “pulmão da cidade” (o brejo) e causando outros danos, como relatados anteriormente.

Ex-garimpeiros percebem que sua atividade de garimpagem de diamantes provocou danos ao solo, porém, muitos deles não percebem relação direta entre garimpo e desertificação, como nos relatou um entrevistado:

Olha! Você tocou num assunto que tá em discussão e eu nunca tive a oportunidade de falar sobre isso. Mas a desertificação não está onde foi garimpado. Eles falam isso, mas não está onde foi garimpado. A área da desertificação é uma área própria, o terreno. Ali não foi garimpado. (Grifos nossos). (Informação Verbal)³⁴.

Percebendo que a garimpagem feita por eles provocou danos ao solo no sul piauiense, os garimpeiros não creditam a desertificação aos garimpos, como geralmente se faz. Ex-garimpeiros observam que em muitas áreas que estão passando pelo processo de desertificação em Gilbués e Monte Alegre e outros municípios não eram áreas de

³¹ Para mais detalhes, ver <http://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/conferencia-das-partes.html>. Acesso em 18/02/2019.

³² Em diversos momentos do texto os ex-garimpeiros serão denominados de sujeitos. Primeiro, eles foram personagens históricos ativos na exploração do diamante; em segundo lugar, os entrevistados, também, foram ativos na construção do conhecimento, na medida em que o resultado das entrevistas é a construção interativa entre os interlocutores: entrevistador e entrevistado.

³³ Jornal *Desenvolvimento Nordeste*, 11/07/2007. Disponível em <https://desenvolvimentonordestino.wordpress.com/2007/07/11/gilbues-uma-cidade-condenada-a-desaparecer/>. Acesso em 20/05/2017.

³⁴ CANTEIRO, Marcos Nonato. Ex-garimpeiro de diamantes de Monte Alegre-PI. Entrevista. (18/09/2014). Entrevistadora: Virginia Deusdará das Neves. Monte Alegre, 2014. Arquivo MP4. In: ROGÉRIO JR. et al. Garimpagem de diamantes no Sul do Piauí. Relatório Final de PIBIC/IFPI, Campus Corrente, 2015. 13p.

garimpagem. E esse fato de atribuírem ao garimpo a desertificação parece que os incomoda, pois ao tratarem desse problema eles ficam de fora dos debates: “já tiveram reuniões eu nunca tive a oportunidade, eu queria ter a oportunidade de opinar a respeito” (Informação Verbal)³⁵.

Sem a participação nos debates oficiais sobre desertificação e garimpo, estes sujeitos sentem-se excluídos historicamente. Assim, a história oral, de acordo com Pollak (1992), costuma privilegiar os excluídos, marginalizados, minorias, ressaltando “a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, opõem-se à ‘memória oficial’” (POLLAK, 1989, p.2). Desta forma, a inclusão de ex-garimpeiros e demais moradores como sujeitos justifica-se nesta pesquisa, para que sejam ditas outras versões sobre o passado e presente do sul piauiense.

Essas memórias dos garimpos, embora confinadas ao silêncio oficial, manifestam-se e circulam através da oralidade de geração em geração e entre amigos e companheiros ex-garimpeiros. Esses sujeitos estão aguardando “a oportunidade de opinar”, de contar suas histórias e firmarem suas memórias na sociedade onde vivem. Como diz Pollak (1992, p.3):

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.

Talvez, a não valorização e enquadramento das memórias desses/as ex-garimpeiros/as na historiografia oficial esteja relacionado à tese de Martins (1995, p.26), quando afirma que “a história brasileira, mesmo aquela cultivada por alguns setores de esquerda, é uma história urbana, uma história dos que mandam e, principalmente, dos que participam do pacto político”. No caso da garimpagem de diamantes no sul piauiense, precisa-se ir além do que se tem dito até o momento sobre ela: uma das causas da desertificação nessa região.

As pesquisas acadêmicas nas Ciências Sociais ao abordarem o sul do Piauí têm se concentrado, historicamente, nas temáticas da pecuária e colonização (ABREU, 1982; D’ALMEIDA, 1962; MACHADO, 2002; NUNES, 2001, etc.), questão indígena (BARROS, 2007; MACHADO, 2002, etc.), campesinato e agronegócio nos cerrados (ARAÚJO; ARAÚJO, 2007; MORAES, 2000, etc.), deixando de lado a problemática social do garimpo e sua relevância histórica, especialmente para o sul piauiense.

Apesar do silêncio historiográfico, há inúmeras pessoas, de diversos municípios piauienses e até de outros estados, com suas vidas marcadas pela garimpagem de diamantes que houve em Gilbués/Monte Alegre, ficando, assim, à margem da historiografia idosos/as

³⁵ *Idem.*

garimpeiros/as; feirantes, tropeiros/as e outros/as, bem como suas histórias sobre o “tempo do garimpo”³⁶, como ficou marcado na memória social local. Até o presente, estes personagens têm sido abordados apenas na poesia e/ou prosa local (SILVA, 2010; OLIVEIRA, 2009; SOBRINHO, 2007; GUERRA, 1977), bem como nos Símbolos Oficiais dos municípios de Gilbués e Monte Alegre, onde são encontradas referências ao “tempo do garimpo”, como período relevante em suas histórias.

Assim, na historiografia piauiense, o “tempo do garimpo” de diamante no sul do estado, com sua intensa imigração de garimpeiros e de outros personagens, pode ser definido como um tempo historiográfico mudo. E “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação” (POLLAK, 1989, p.11). Se é mudo para a historiografia, não o é para os sujeitos que viveram ativamente este período.

Desta forma, buscando compreender os personagens e a atividade garimpeira, nos municípios de Gilbués e Monte Alegre, e inserir essa temática na comunidade acadêmica, com base em fontes escritas e narrativas de ex-garimpeiros/feirantes e idosos que vivenciaram o “tempo do garimpo” no sul do Piauí, no período de 1940 a 1970, formulamos algumas questões norteadoras desta pesquisa: como se deu a migração para os garimpos de diamantes e quais as condições sociais de trabalho/exploração desse minério no sul do Piauí, realizado por homens e mulheres? Qual foi a participação dos imigrantes do garimpo, homens e mulheres, na disputa política local por cargos eletivos de vereador, vice-prefeito e prefeito de Gilbués e Monte Alegre? Nossa hipótese de trabalho é que, de fato, a imigração para Gilbués e Monte Alegre foi intensa, envolvendo homens e mulheres de outros municípios do Piauí e de outros estados, que exploraram artesanalmente os diamantes em precárias condições de vida e trabalho. Além disso, os imigrantes articularam-se e formaram um grupo político nos municípios do diamante, sendo muitos deles eleitos a diversos cargos, como vereador, vice-prefeito e prefeito dos referidos municípios.

Essa pesquisa pode trazer, teórica e empiricamente, novos elementos para a compreensão histórica e social do Piauí, tornando essa problemática visível e inclusa no debate público, bem como esclarecer melhor a participação do garimpo de diamantes na formação social/histórica nessa região do estado. Ademais, essa pesquisa poderá contribuir com o entendimento do processo de construção e reconstrução de um período histórico vivido

³⁶ “Tempo do garimpo” é uma expressão citada por ex-garimpeiros, feirantes e outros idosos que vivenciaram a exploração de diamantes nos municípios de Gilbués e Monte Alegre no período de 1940-1970, auge da garimpagem.

por sujeitos subalternos no jogo de enquadramento da história e memória oficiais, construindo elementos para uma nova narrativa histórica do sul do estado do Piauí. Deste modo, este estudo se vinculou à linha de pesquisa “Cultura e Representações”, do Programa de Pós-Graduação em História, doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para responder às questões propostas nesta pesquisa, o recorde temporal foi o de 1940 a 1970. A garimpagem de diamantes em Gilbués iniciou-se no final da década de 1940, para onde imigraram inúmeras pessoas de diversos estados brasileiros, como dito, onde se elegeu o primeiro “prefeito do garimpo” para o mandato de 1951-1954. Em 1955 o município de Monte Alegre é emancipado politicamente de Gilbués, sob influência dos imigrantes baianos. Em 1972 é eleito o último prefeito baiano de Gilbués, um imigrante do diamante. Em Monte Alegre, a partir desse período os políticos baianos sofrem a primeira derrota nas urnas, quando em 1976 é eleito para prefeito um candidato de oposição aos políticos baianos.

Assim, o enfraquecimento político dos baianos em Gilbués e Monte Alegre é um sinal que sua base política está diminuindo, pois a exploração de diamantes já não é mais intensa como antes e, conseqüentemente, a população imigrante não era a mesma. De fato, entrevistados confirmam que, a partir do final de década de 1950, a construção de Brasília e o surgimento de outros garimpos, especialmente no Goiás, surgiram como concorrentes ao garimpo de diamantes no sul piauiense. Além disso, as técnicas e processos artesanais já não eram suficientes para garimpar o diamante, cada vez mais distante “da flor da terra”, como antes.

Da década de 1970 até os dias atuais o garimpo de diamantes continuou em Gilbués e Monte Alegre. Nas décadas de 1980/1990 surgiram os garimpos “Riacho dos Cavalos” e “Bom Jardim”, em Monte Alegre, embora não havendo imigração de outros estados para esta região como antes. Para lá se dirigiram muitos garimpeiros locais na esperança de um retorno do passado, do “tempo do garimpo”.

Em 1982 houve a visita a Gilbués e Monte Alegre do Ministro de Minas e Energia e de membros do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), constatando a riqueza de diamantes nessa região, quando houve a certificação e autorização de alguns trabalhadores a exercerem a garimpagem do diamante.

O Garimpo de GILBUÉS, ainda bastante primário, está controlado pelo DNPM, o qual oferece ao garimpeiro orientação técnica na cata do mineral e nas medidas de segurança [...]. Existe na região uma perfeita harmonia entre as três mineradoras e os milhares de garimpeiros que atuam no local. As mineradoras pesquisam ou buscam a rocha primária, mas já demonstram pouca esperança de encontrá-la. [...]. A Construtora Andrade Gutierrez uma das mineradoras, está autorizada a comprar a produção de diamantes; mas mesmo com a melhoria do preço, cerca de 80% da produção é adquirida por compradores clandestinos. O DNPM é muito bem aceito

no garimpo seja pela orientação técnica como pela realização do trabalho de sondagem³⁷.

Neste documento, destacam-se algumas questões relevantes. Primeiro, embora o garimpo “ainda bastante primário” já se constata na década de 1980 a existência de mineradoras no sul piauiense, trabalhando juntamente com “os milhares de garimpeiros”; segundo, as mineradoras estão “com pouca esperança de encontrar” a rocha primária, ou seja, torna-se mais dispendioso encontrar o diamante; terceiro, a maior parte da produção de diamantes, 80%, naquela época ainda circulava clandestinamente, mesmo com a presença do DNPM.

A caça artesanal aos diamantes de Gilbués e Monte Alegre ainda existe nos dias atuais, pois as narrativas de bamburros persistem fortemente na memória local da região, servindo de parâmetros a garimpeiros que se deslocam até os velhos garimpos à procura do referido mineral. Através da experiência, estão seguros de que nesta região “o diamante não acabou”. De fato, a DM Mineração Ltda., empresa de extração de minérios, após estudos ambientais e autorização do Governo do Piauí, desde 2008 está presente no sul piauiense em busca de diamantes, trazendo, certamente novos impactos sociais à região.

O *Diário Oficial do Estado do Piauí*, de 22 de Abril de 2008, tornou público que a DM Mineração Ltda., CNPJ N° 07.245.542/0001-73, recebeu da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMAR, a Licença de Operação (LO), para Pesquisa e Exploração Mineral de Diamantes na zona rural do município de Gilbués – PI³⁸. E, no ano de 2018, em de 31 de Agosto, a mesma mineradora recebeu da SEMAR, uma nova Licença de Operação (LO) – N°D000458/18, com vencimento em 28 de agosto de 2022, destinada à atividade de lavra exploração de diamante em Gilbués³⁹. Neste período de 2008 a 2018, várias outras LOs foram concedidas a esta empresa para pesquisar e explorar o diamante em Gilbués e Monte Alegre.

Assim, na garimpagem de diamante em Gilbués e Monte Alegre, a partir da década de 1980, mineradoras estiveram presentes, embora timidamente. Porém, a exploração desde

³⁷Cf. MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA. Garimpos de Gilbués/PI e Santa Terezinha/GO. IN: ___Divisão de Segurança e Informações. Informação N°9 31/053/82-DSI/MME. Data: 13/05/1982. Disponível em http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1848172&v_a_ba=1. Acesso em 18/02/2019.

³⁸Cf. Estado do Piauí. Diário Oficial. 31 de agosto de 2018, p.22. Disponível em <http://www.diariooficial.pi.gov.br/diario.php?dia=20180831>. Acesso em 20/02/2019.

³⁹Cf. Estado do Piauí. Diário Oficial. 31 de agosto de 2018, p.22. Disponível em <http://www.diariooficial.pi.gov.br/diario.php?dia=20180831>. Acesso em 20/02/2019. http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1848172&v_a_ba=1. Acesso em 18/02/2019.

então não apresentou mais novidade no fluxo populacional da região e nem foi um fator político relevante como antes. Por isso, o recorte temporal, da década de 1940 a 1970, é o bastante para os objetivos desta pesquisa, não dizendo com isso que os impactos econômicos, sociais e ambientais desta nova fase de exploração mecanizada do diamante nesta região não devam ser investigados.

1.2 Garimpando memórias no mundo da pesquisa

Para Ferreira e Amado (2006, p. XXII), até nos anos de 1960 e 1970 os estudos com base em relatos orais eram condenados por sua subjetividade, pois apresentavam visões distorcidas e não confiáveis da realidade. Além disso, “os depoimentos pessoais não podiam ser considerados representativos de uma época ou de um grupo. A experiência pessoal produzia uma visão particular e não permitia generalizações”. Nesse contexto, com as fontes orais não se poderia chegar, nas ciências sociais, à suposta objetividade e à generalização dos resultados, tais como nas ciências da natureza.

Quem trabalha com oralidade na pesquisa, geralmente, lida com pessoas e estuda o tempo presente⁴⁰. Esse foi outro obstáculo à utilização das fontes orais na pesquisa social no século XX, tendo como pano de fundo a mesma justificativa positivista: a dificuldade de alcançar a objetividade. Do mesmo modo, o paradigma estruturalista, que dominou os estudos em história nas décadas de 1960 e 1970, defendia “a necessidade do distanciamento temporal do pesquisador frente ao seu objeto” (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XXIII) para não comprometer a objetividade da pesquisa. Sendo assim, na visão positivista, desde o século XIX, nos estudos históricos recusava-se a oralidade por ser subjetiva e defendia o documento como objetivo, como o “fundamento do fato histórico” e como ‘prova histórica’, embora o documento escrito, também, “resulte da escolha, de uma decisão do historiador” (LE GOFF, 2013, p.486)⁴¹.

No entanto, na virada da década de 1970 para a de 1980 a oralidade ganha reconhecimento e legitimidade na pesquisa histórica, sendo reconhecida a importância da abordagem qualitativa e das experiências individuais [...]. “Argumentou-se, em defesa da

⁴⁰ Em alguns países em que as pesquisas na área da oralidade estão bem desenvolvidas, já existem arquivos sonoros feitos por especialistas que servirão de base para pesquisadores no futuro. Estas pesquisas serão sobre o tempo passado e os pesquisadores não terão contato diretamente com as pessoas entrevistadas. Porém, na atualidade as pesquisas sobre oralidade se concentram, em sua grande maioria, sobre o tempo presente e são os próprios pesquisadores que realizam suas entrevistas (FERREIRA; AMADO, 2006).

⁴¹ Para aprofundamento desta problemática, ver Le Goff, J. Documento/Monumento. In: __ História e Memória. UNICAM: São Paulo, 2013. 7ª ed. P.485-499.

abordagem biográfica, que o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo” (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XXIII). Desta forma, diminuíram os preconceitos com relação ao uso da oralidade nas pesquisas históricas, aumentando sua credibilidade científica.

De acordo com Meihy (2000), no caso do Brasil e dos demais países da América Latina, principalmente os que passaram por regimes autoritários na segunda metade do século XX, “a aceitação da história oral esteve diretamente ligada ao processo de redemocratização” (MEIHY, 2000, p. 86) na década de 1980, embora desde a década de 1970 já se tinha a preocupação em desenvolver a história oral no Brasil. Ainda segundo Meihy (2000, p.91), “sobre a sombra da ditadura a palavra ‘depoimento’ era confundida com vigilância e muita gente tinha medo de deixar as próprias histórias gravadas. Foi necessário tempo para que se superasse isto”.

Assim, pesquisadores encontravam grandes resistências para gravar entrevistas com os sujeitos da pesquisa, indo as dificuldades muito além daquelas comuns ao processo investigativo. Embora os historiadores tenham resistido em grande escala o uso das fontes orais em suas pesquisas até a década de 1980 (MATOS; SENNA, 2011), não aconteceu desta forma com outras ciências sociais, tais como a Antropologia e a Sociologia, disciplinas pioneiras no uso/construção destas fontes.

No tocante às fontes de pesquisa neste trabalho, as entrevistas semiestruturadas e realizadas individualmente foram essenciais, como uma fonte oral, sendo esta “o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações humana” (MEIHY; HOLANDA, 2018, p.13, 14 e17). Ainda segundo esses autores, “a história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”. Assim, “a história oral é a entrevista em sentido estrito”, desde que condicionada a determinados fatores: “projetos provocados, feitos no tempo presente, com auxílio da eletrônica, resultando um produto elaborado por colaboradores vivos”.

Desta forma, constata-se que a entrevista é fundamental nesta pesquisa, mesmo tendo consciência que a narrativa oral é seletiva (POLLAK, 1992); é uma construção do passado, sendo parte imaginação (BOSI, 2012), ou seja, não são objetivas como desejavam certos pesquisadores em um passado recente. Não significa dizer, com isso, que o documento escrito, pelo fato de ser escrito, é mais objetivo que as narrativas. Nenhuma fonte de pesquisa está livre da subjetividade. Para Le Goff (2013, p.496),

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

Assim, a fonte oral pode trazer novas perspectivas à pesquisa histórica. Porém, muitas vezes a pesquisa social em questão necessita de fontes variadas, lembrando que a escrita e as narrativas orais não são excludentes entre si (MATOS; SENNA, 2011). Desta forma, utilizamos como fontes documentos orais, escritos e fotográficos, nesta perspectiva da história oral temática/híbrida, quando as entrevistas são utilizadas “como forma dialógica de promover discussões em torno de um assunto específico” (MEIHY; HOLANDA, 2018, p.38), onde se usam diferentes fontes de pesquisa. Porém, somente as entrevistas, dentro da perspectiva da história oral, constituem material suficiente para determinadas pesquisas sociais, quando são exploradas todas suas potencialidades.

Para levantamento de informações e construção de dados para a pesquisa, entrevistamos idosos ex-garimpeiros e moradores de Gilbués e Monte Alegre, entre os meses de fevereiro de 2018 a janeiro de 2019, em pesquisa de campo. Em Gilbués, além da sede do município, fomos à zona rural, nas localidades de Boqueirão do Garimpo e Pau D'Óleo, locais de forte extração de diamantes no passado; em Monte Alegre, contactamos os sujeitos na sede do município e na localidade rural São Dimas, locais de intensa imigração de pessoas, que vieram com intenção de se bamburrarem no garimpo ou vender, nas feiras do garimpo, produtos alimentícios, medicamentos, vestuário, instrumentos de trabalho de garimpo ou animais: gado *vacum*, asininos, equinos, etc.

Além disso, a pesquisa de campo se estendeu a outros municípios do Piauí, tais como Corrente, Parnaguá, Júlio Borges, Curimatá, Redenção do Gurgueia⁴² e Bom Jesus, sendo estes próximos à área de exploração de diamantes. Nestes municípios encontramos pessoas que participaram das vivências do garimpo em questão, tais como garimpeiros, tropeiros, feirantes/comerciantes, lembrando que os municípios que participaram efetivamente deste garimpo são muito além dos escolhidos como *locus* da pesquisa.

Na pesquisa de campo realizamos 30 entrevistas, gravadas e posteriormente transcritas, sendo a grande maioria com pessoas idosas⁴³, homens e mulheres, com idades no

⁴² Quando se iniciou a exploração de diamantes em Gilbués, Curimatá e Júlio Borges, hoje municípios, faziam parte de Parnaguá; e o município de Redenção, pertencente a Bom Jesus e Monte Alegre.

⁴³ Algumas pessoas entrevistadas possuem idade na casa dos 40 e 50 anos. Elas vivenciaram o garimpo “por tabela”, na concepção de Pollak (1992, p.2).

intervalo de 57 a 103 anos⁴⁴. São aposentados/as como trabalhadores/as rurais, que inclui o produtor; o parceiro, o meeiro e o arrendatário rurais e o pescador artesanal, nos termos da Lei nº 8.212/1991, sendo segurados especiais do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Homens se aposentam aos 60 anos e as mulheres aos 55 anos de idade, sendo o valor do benefício mensal correspondente a um salário mínimo nacional⁴⁵.

Sobre a velhice, embora não sendo objeto deste estudo, é mister destacar que, como mostra Beauvoir (2018, p.8), “o momento em que começa a velhice é mal definido, variando de acordo com as épocas e lugares”, tendo outras variantes como classes, gêneros e etnias. Essa mesma arbitrariedade das divisões entre as idades (infância, jovem, adulto; etc.) é defendida por Bourdieu (1983, p.2): “Somos sempre o velho ou o jovem de alguém”. Assim, segundo esse autor, a juventude e a velhice são construídas socialmente na luta entre elas, sendo “objeto de disputas em todas as sociedades”, destacando que “as relações entre a idade social e a idade biológica são complexas”.

Assim, a idade é um fato biológico e, ao mesmo tempo, cultural (BEAUVOIR, 2018, p.17). Analisando dados da etnologia, em seu livro *A Velhice*, Simone de Beauvoir, apresenta várias maneiras de se viver a velhice, sendo, desta forma, relativo o modo como cada sociedade pensa/age com relação ao indivíduo considerado velho. Diz a autora:

As soluções práticas adotadas pelos primitivos com relação aos problemas que os velhos colocam são muito diversas: pode-se matá-los, deixar que morram, conceder-lhes um mínimo vital, assegurar-lhes um fim confortável, ou mesmo honrá-los e cumulá-los de atenções. Os povos ditos civilizados lhe aplicam os mesmos tratamentos: apenas o assassinato é proibido, quando não é disfarçado (BEAUVOIR, 2018, p.92).

No Brasil, atualmente, há inúmeros estudos que concebem a velhice como múltipla. Por exemplo, Limoeiro (2016), estudando a velhice no Rio de Janeiro, constata que mulheres e homens percebem e classificam a velhice de diferentes modos, sendo essa mesma diferença observada entre as gerações de mulheres bem como entre as gerações de homens. Quer dizer, não somente em termos de sociedade, classe social, etnia e gênero evidencia-se a pluralidade da velhice, mas dentro da mesma categoria, quando levam-se em consideração as diferentes gerações. Além disso, essas mesmas diferenças no modo de pensar e viver a velhice são encontradas na zona rural, em comparação à zona urbana no Brasil (HECK; LANGDON,

⁴⁴ Na escrita da tese optamos por substituir os nomes verdadeiros dos/as entrevistados/as por fictícios, para evitar possíveis constrangimentos públicos a eles/as, exceto a ex-vereadora e vice-prefeita de Monte Alegre, Maria dos Humildes Aguiar e Silva, quando abordamos sua participação na política partidária local e Fabriciano Corado Neto, como Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués-PI.

⁴⁵ O valor do salário mínimo em 2018 foi de R\$ 954,00; em 2019, R\$ 998,00; em 2020, R\$ 1.045,00 e em 2021, R\$ 1.100,00.

2011). E mesmo dentro de um universo específico como o desta pesquisa, a velhice apresenta-se como diversa.

Alguns dos idosos ex-garimpeiros/tropeiros entrevistados na pesquisa moram na zona rural e outros, na zona urbana de seus respectivos municípios. Porém, todos eles relatam experiências de trabalhos na roça/roçado, inclusive muitos dos produtos de seu cultivo eram comercializados na feira dos garimpos para atender às necessidades básicas de sua família. Além disso, a garimpagem de diamantes era impulsionada no período do verão⁴⁶, quando se terminava a colheita da lavoura e alguns camponeses iam se aventurar nos garimpos de diamantes. Quer dizer, para alguns, o inverno era de trabalho na roça e, no verão, no garimpo. Porém, como veremos, há relatos de garimpeiros que se dedicavam exclusivamente o ano inteiro à procura de diamantes.

Assim, embora obtendo experiências nas atividades relacionadas ao garimpo, os sujeitos entrevistados nesta pesquisa podem ser referidos conceitualmente como camponeses, pois suas experiências no trabalho da roça/roçado antes, durante (em alguns casos) e depois da garimpagem, foram intensas. Para Martins (1995), a palavra camponês é importada da Europa para o Brasil pelas esquerdas a partir da segunda metade do século XX, referindo-se a habitantes do campo⁴⁷ que se dedicam à produção agrícola, visando o auto-abastecimento e a comercialização, quando existe, do excedente (ANDRADE, 1986).

No Brasil, geralmente, as populações rurais⁴⁸ são divididas em duas categorias, de acordo com Andrade (1986). Uma refere-se aos sujeitos completamente expropriados da terra e de suas ferramentas de trabalho, vivendo apenas da venda da sua força de trabalho como assalariados ou trabalhadores rurais. A outra refere-se aos sujeitos que ainda possuem o controle de pequenas porções de terra e/ou ferramentas de trabalho, tais como pequenos proprietários, meeiros ou arrendatários, que produzem visando o auto-abastecimento e a comercialização de excedentes, sendo esta categoria, para Andrade (1986), a que corresponde a camponês em sentido mais específico.

É bom lembrar que trabalho familiar na agricultura se apresenta, também, como elemento central na definição estrita de camponês, segundo Shanin (1980). Nesta mesma direção, Woortmann (1990) afirma que em cada cultura há categorias nucleares específicas e

⁴⁶ No universo da pesquisa, inverno e verão relacionam-se com as chuvas. Inverno é o período chuvoso, geralmente entre novembro e março. A ausência de chuvas, geralmente de abril a outubro, corresponde ao verão ou “seca”.

⁴⁷ Além de camponês, habitantes da zona rural brasileira são referidos e auto-referidos por outros nomes: caboclo, peão, vaqueiro, lavrador, pequeno produtor, agricultor familiar, etc. Para detalhes, ver Martins (1995).

⁴⁸ Na sociedade agrária, é bom lembrar, há segmentos populacionais que não dependem diretamente do trabalho na agricultura para sobreviver (VICENT, 1987).

que, no que tange às sociedades camponesas, estas são: terra, família e trabalho, todas elas compreendidas na relação entre si, não podendo tomar essas categorias separadamente.

Assim, o garimpo, para muitos, foi uma estratégia temporária de sobrevivência destes sujeitos, pois não deixaram definitivamente o trabalho agrícola em sua propriedade e/ou de terceiros. Nesse contexto, o próprio Estado reconhece esses sujeitos como da zona rural, na medida em que concede a eles aposentadoria rural e não como garimpeiro, até porque a garimpagem era artesanal/informal. Muitos dos experientes na garimpagem eram também nas atividades de roça.

Para Pierre Clastres (1988), o Estado é a instituição mais importante da história, na medida em que concentra o uso da força física legítima. Assim, para Minayo e Coimbra Jr. (2011, p.18), o Estado, nas sociedades contemporâneas e ocidentais, tornou-se o grande regulador da vida das pessoas, do nascimento à morte, concedendo direitos e deveres segundo a idade. A aposentadoria, por exemplo, um dos elementos de definição social da velhice, é regulada pelo Estado, na medida em que reconhece legalmente a inaptidão do indivíduo velho para o trabalho e o reconhece como sujeito específico, com suas próprias necessidades, e formula políticas públicas para atendê-lo. Desta forma, o Estado é um gestor da velhice.

Por isso, ao conferir o direito à aposentadoria aos idosos da zona rural, mesmo sem contribuírem diretamente para a Previdência Social no Brasil, o Estado também influencia na forma deles viverem a velhice. A aposentadoria rural, na concepção de Heck e Langdon (2011), trouxe uma melhor qualidade de vida aos homens e mulheres idosos da zona rural brasileira, sendo, em muitos casos, como no universo desta pesquisa, a única fonte de renda, favorecendo aos idosos meios de comprar alimentos, medicamentos e outras despesas. Referindo-se a visitas de filhos/as, um idoso entrevistado revelou:

Meus filhos não trazem nada aqui pra casa, graças a Deus que não falta. Eles não trazem rapadura; não traz café; não traz farinha; arroz. Não trazem nada; só se for uma fruta. Aqui eles não sabem quanto custa o café; gordura; carne; feijão; arroz. Tudo eu tenho, graças a Deus. E é pra meus filhos. É pra eles. (Informação Verbal)⁴⁹.

Assim, “graças a Deus que não falta” e à aposentadoria rural. Esta contribui imensamente com a autonomia financeira destes sujeitos. Dada ao limite de recursos financeiros de sua classe social, os filhos dos idosos devem custear, prioritariamente, as despesas de suas famílias. E o idoso entrevistado percebe essa situação como normal dentro de seu contexto social, pondo, inclusive, sua trajetória de vida como exemplo: “Eu não dei pra

⁴⁹SOUZA, Isaías Fernando. 88 anos; ex-tropeiro do garimpo. Entrevista. (18/12/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Júlio Borges-PI, 2018. Arquivo MP4.

meu pai. [Risos]. É porque não pode ser, principalmente hoje” (Informação Verbal)⁵⁰. Além disso, o presente é diferente do passado, apresentando outras demandas sociais ainda mais dispendiosas financeiramente aos/às provedores/as familiares.

Os idosos com os quais obtivemos contato na pesquisa sempre estavam acompanhados por familiares, seja em sua própria residência ou de uma filha/filho, de modo especial os que precisavam de uma atenção maior, por portarem doenças graves ou mesmo por limitações físicas/psicológicas próprias da idade avançada. Há certa rede de proteção social, baseada na solidariedade de parentes e vizinhos que contribuem com o bem-estar dos indivíduos idosos no contexto da pesquisa. “Tudo eu recebo em minhas mãos. Meus filhos, nora e netos é quem me dá” (Informação Verbal)⁵¹. A aposentadoria rural, mesmo sendo fundamental nesse universo, por si só, não seria suficiente, em muitos casos, para custear todas as despesas do idoso, na medida em que seu valor é um salário mínimo nacional. Em contextos rurais essa solidariedade é comum em momentos de crise, como demonstrou Rogério Jr. (2016), com camponeses adoecidos no trabalho de corte de cana-de-açúcar.

Diversos autores (GOLDEMBERG, 2016; CARADEC, 2016; BEAUVOIR, 2018; etc.) relatam que, constantemente, o imaginário social associa a velhice e o processo de envelhecimento ao declínio e, por isso, o velho não raro é representado como doente, dependente e como um peso aos familiares e à sociedade. Porém, se na década de 1970, quando escrevia o livro *A Velhice*, Simone de Beauvoir (2018, p.7) ainda tinha como objetivo “quebrar a conspiração do silêncio” a respeito da questão dos idosos, nesse mesmo período, na França e em outros países europeus, segundo Caradec (2016), começa-se “a conquista da velhice, ou seja, a invenção de maneiras novas e positivas de viver esse período da existência”, denominado de “terceira idade”, expressão surgida na França no referido período, que se espalhou para diversos países, inclusive o Brasil.

A invenção da terceira idade, referindo-se aos idosos recentemente aposentados, e sua positivação foi um processo lento e decorrente de diversos fatores. Assim, ao tempo que se conquistava a terceira idade, os primeiros anos da aposentadoria tornaram-se “dissociados da velhice” (CARADEC, 2016, p.19), surgindo uma nova classificação de idoso, a “idade avançada”, definida negativamente, como inicialmente se representava a terceira idade antes de sua relativa positivação. Embora reconhecendo os limites fisiológicos dessa fase avançada da vida, Caradec (2016) afirma que muitos deles estão relacionados às trajetórias dos

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

indivíduos, pois os idosos de classe mais abastarda chegariam a essa nova fase da existência com uma maior expectativa e qualidade de vida.

Desta forma, para Caradec (2016, p.34), hoje ainda está em curso a conquista/reconhecimento dessa idade avançada. Porém, essas conquistas, tanto da terceira idade como da idade avançada não são universais, pois tais processos dependem do contexto social onde se vive e produz/representa socialmente a velhice. Para Beauvoir (2018, p.14), “qualquer afirmação que pretenda referir-se à velhice em geral deve ser rejeitada porque tende a mascarar esse hiato”. Pensando a velhice relativa ao seu contexto social, os entrevistados desta pesquisa, que vivenciaram as experiências do garimpo de diamante no sul piauiense e outras, dentre elas as relacionadas à agricultura, vivem sua velhice e a representam, também, de maneira idiossincrática, tendo o mundo rural como um parâmetro significativo.

Em certas situações, também, a condição de idoso migrante é um aspecto relevante de contextualização para melhor compreensão destes sujeitos. Alguns deles, por causa da migração para o trabalho no garimpo de diamantes, separaram definitivamente de seus lugares de origens e familiares, como pais e irmãos. Assim, o presente deles apresenta-se com esse aspecto de saudade do passado e o desejo de revê-lo, naquilo que ainda é possível: o lugar de infância/juventude e alguns parentes.

Minha mãe não voltou mais não! E eu também não voltei nunca mais [à Bahia]. Tenho um desejo ainda de ir na minha terra natal. Um dia feliz, antes de eu morrer, eu vou lá. Ei, mais eu tenho vontade. Antes de eu morrer eu quero ir na minha terra natal pra mim ver, conhecer, porque eu não conheço meus parentes não. Eu saí de lá uma criança (Informação Verbal)⁵².

A entrevistada, que veio ainda criança para o garimpo, relata a saudade de sua região de origem. “Saudade, palavra triste, quando se perde um grande amor”, que pode ser uma pessoa ou um lugar, como é o caso da entrevistada, que é retratada nas músicas *Meu Primeiro Amor*⁵³, de 1952, e *Saudade de Minha Terra*⁵⁴, de 1966. Estas “cantigas”, como dizem os entrevistados, eram cantaroladas nos garimpos, especialmente a primeira juntamente com outras. Assim, além de espaço de alegria e trabalho, o garimpo era igualmente espaço de saudade de “minha terra natal” e de “meus parentes”, sendo que este sentimento ainda persiste entre muitos dos imigrantes que vivem em Gilbués/Monte Alegre.

⁵²PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵³Música de Hermínio Gimenez e versão de José Fortuna e Pinheirinho Jr, gravada pela dupla Cascatinha e Inhana.

⁵⁴ Música de Belmonte e Goiá, gravada pela dupla Belmonte e Amaraí.

Desta forma, a separação dos parentes, por causa da migração para o garimpo de diamantes no sul do Piauí, é um empecilho para a construção e vivência de memórias comuns entre membros da mesma família. Outro entrevistado diz que “não tem contato com os parentes que ficaram em Barra”, município da Bahia. Lá “deixei primos, tias; essas coisas”. O tempo, em muitas situações, vai apagando essas memórias e enfraquecendo os laços familiares. O próprio ex-garimpeiro relata esse sentimento: “E o tempo foi passando e a gente foi ficando distante, né? Eles lá e eu aqui. E o contato hoje é muito pequeno (Informação Verbal)⁵⁵”.

Se alguns migrantes do garimpo não conseguiram retornar mais aos seus lugares de origens e visitar seus parentes, outros o fizeram e ainda há quem, “antes de morrer, quer ir à terra natal pra ver, conhecer, porque não conhece os parentes” que ficaram. Assim, para estes migrantes, seus lugares de origens podem ser definidos como “espaços de saudade”, sendo esta um sentimento pessoal ou coletivo, como abordado por Albuquerque Jr. (2011, p.78), sobre a construção social do nordeste brasileiro. Com relação aos descendentes dos migrantes do garimpo, percebemos que muitos deles possuem o desejo, também, de conhecer os lugares de origens de seus pais e parentes. Outros membros dessa nova geração já fizeram esse percurso de visita às origens de seus ancestrais.

Para Bosi (2012, p.60), as pessoas ativas ocupam menos da atividade de lembrar, estando mais ligadas ao presente, ao passo que as “afastadas das atividades prementes do cotidiano”, independentemente da idade, estariam mais ligadas ao passado, ou seja, à atividade da memória. Em pesquisas com idosos, especialmente com octogenários e nonagenários, como muitos deles o são em nosso estudo, Caradec (2016, p.25) apresenta quatro questões do envelhecimento da terceira idade: 1/ conservação dos contatos com o mundo; 2/ manutenção da capacidade de decidir por si mesmo; 3/ preservação do sentimento do valor próprio; 4/ manutenção de espaços de familiaridade com o mundo.

Com relação à conservação dos contatos com o mundo, Caradec (2016) destaca que há três modalidades: adaptação, abandono e recomeço. Assim, pessoas com níveis de instrução mais elevados possuem mais facilidades para recomeçarem ou se adaptarem a novas atividades na idade avançada. Os entrevistados nessa pesquisa são analfabetos ou semianalfabetos e, além das atividades de garimpo, desenvolveram outras essencialmente manuais e atualmente, por limitações fisiológicas, são incapazes de desenvolver as mesmas

⁵⁵MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

atividades do passado, que exigiam força física e não aprenderam novas profissões que pudessem permanecê-los como produtivos socialmente.

Sobre a questão da preservação da autonomia, Caradec (2016, p.29) afirma que “os indivíduos contemporâneos são convidados a ser atores e responsáveis por sua vida e a decidir por si mesmos quanto a sua existência”, sendo comum, inclusive, um hábito de preparação antecipada do próprio funeral. Porém, é bom lembrar das particularidades dos contextos sociais dos idosos e de suas trajetórias individuais, como nos casos dos sujeitos em foco, pois questões como renda, nível de instrução, limitações físicas e psicológicas, dentre outras, terminam influenciando na forma dos idosos viverem suas vidas.

A preservação do próprio valor social, como terceira questão relacionada à idade avançada, Caradec (2016, p.30) destaca que uma das grandes tensões relaciona-se ao fato do idoso “ser e ter sido”. Porém, o idoso busca diversas estratégias no presente para manter sua autoestima: uma delas é a estratégia do “contraste descendente, quando ele se compara com outras pessoas da mesma idade, que estão em pior situação; outra estratégia de salvaguardar o sentimento do valor próprio é a volta ao passado, onde o idoso demonstra uma maior identificação com aquela sociedade, em detrimento da atual na qual ele vive. Além disso, o referido autor afirma ser comum o idoso valorizar-se indiretamente por intermédio do sucesso de seus filhos e netos.

De fato, os idosos entrevistados, com frequência fizeram comparação do “seu tempo” com o “tempo de hoje”. Dependendo dos elementos usados na comparação, o passado é representado positiva ou negativamente em relação ao presente. Pelo aspecto moral, considera-se que há no presente decadência de certos costumes. Um idoso relata que, recentemente, viu dois homens “se beijando. Aí eu disse assim: esses aí são sem vergonhas, cabras safados” (Informação Verbal)⁵⁶. Mesmo o relacionamento heterossexual costuma ser analisado por esses idosos através do prisma da “sem-vergonhice”. Para outro idoso ex-tropeiro,

a civilidade pegou na ponta da corda e correu na frente e a sem-vergonhice pegou e correu atrás pra alcançar. E hoje é o que a gente vê é o cara chegar com a namorada e dormir na cama dos pais. É um negócio meio complicado [Risos]. Naquelas épocas, um camarada namorava uma moça, ele só tinha direito de ver ela e nem pegar na mão pra dizer adeus. Era o que mais acontecia: nem na mão pegava pra dar adeus. Falava e ela entrava pra dentro de casa. E hoje? O negócio mudou. Não é brincadeira não (Informação Verbal)⁵⁷!

⁵⁶MATIAS, Paulo José. 96 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (10/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁷PARENTE, Marcos Antônio. 92 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

O vigor físico dos entrevistados é outro aspecto de comparação entre passado e presente, pois antes eram jovens e hoje, idosos. “A vida da mocidade, que quando a gente é gente, dos 18 anos pra cá, até os 70 ou 75 é vida boa”. Entretanto, diz o entrevistado, “quando chega à idade de 80, de 80 e tantos anos acima, a pessoa aí vai caindo, vai caindo como eu hoje, com 92 anos. Eu não sei nem pra que está vivendo [Risos]. Chega certo ponto que tudo é nada (Informação Verbal)⁵⁸. No sentido do vigor físico, o passado é representado como melhor, e que a idade avançada, no presente, faz com que “ninguém fique sem problema. Chegou à idade que eu estou, com 93 anos, não tem jeito não. Ou que seja rico, ou que seja ladino, ou sábio. De qualquer jeito é difícil passar sem fraquejar” (Informação Verbal)⁵⁹.

Em alguns aspectos, o passado também é representado pelos entrevistados idosos como “época difícil” e inferior ao presente, especialmente no tocante aos meios de transportes e melhores estradas, bem como uma maior disponibilidade de serviços, produtos alimentícios e tecnológicos à disposição de idosos. Como já relatado, a aposentadoria rural surge como um meio deles terem o acesso, mesmo que limitado, a este presente “melhor”.

Eu me lembro de um velho que me disse: “Olha, meu filho. Vai chegar o tempo dos novos desejarem ser velhos e os velhos desejarem ser novos. E você sabe que está acontecendo. Quantos caras não quer ser velho pra aposentar? Os velhos quer ser novo pra ir para as fofocas; porque tem o dinheiro e quer ir pra fofoca, mas está velho e não aguenta. E os novos querendo ser velho pra aposentar. (Informação Verbal)⁶⁰

O queixar-se da idade e de dores corporais é uma constante nos sujeitos desta pesquisa, mas o retorno ao seu passado, relatando as atividades desenvolvidas, bem como elogios aos descendentes, são formas de reconstrução positiva de suas trajetórias de vida. Assim, comparar a vida ativa dos filhos, que fazem atualmente diversas atividades, com sua vida atual “só pra comer” causa tristeza no sujeito, sentindo-se “de nada”. Porém, recorda que no passado, além de garimpar, fazia de tudo: “prensa de parafuso; engenho, carro de boi. Tudo eu fiz. Trabalhava de carpinteiro: fazia banco, porta, janela”. Se hoje, pelo prisma do trabalho, é “de nada”, no passado foi alguém que de “tudo fez”. A volta ao passado, via memória, é uma forma de elevar sua autoestima, pois revela que, hoje, o “ser de nada” é uma fase, justificada pela idade e pelas dores: “É a coluna; as vistas. Não aguento mais fazer serviço não” (Informação Verbal)⁶¹.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁶⁰ PARENTE, Marcos Antônio. 92 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁶¹ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

A quarta questão da idade avançada, segundo Caradec (2016), trata-se da preservação de espaços de familiaridade com o mundo. É comum o idoso se sentir sem um lugar na sociedade de hoje, pois já se encontra aposentado e afastado de suas atividades que deram sentido à sua vida ao longo do tempo; em certos casos os netos já se afastaram por diversos motivos; morte de muitos de seus conterrâneos, etc. Diante disso, o idoso, geralmente, usa duas estratégias: a primeira é a luta contra esse estranhamento; a segunda estratégia é a busca de um espaço que se “oponha à estranheza e à insegurança do mundo. Esse espaço é o espaço da casa” (CARADEC, 2016, p.33), já que o ambiente doméstico lhe traz a sensação de estabilidade e segurança.

Para Halbwachs (2006, p.157), Augusto Comte percebeu que o equilíbrio mental em boa parte depende do fato de que os “objetos materiais com os quais estamos em contato diário não mudam ou mudam pouco e nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade”. Por outro lado, a transformação do espaço habitual, dependendo da intensidade, provoca também instabilidade mental no sujeito. Como diz Halbwachs (2006, p.163), “É inevitável que as transformações de uma cidade e a simples demolição de uma casa incomodem, perturbem e desconcertem alguns indivíduos e seus hábitos”. Assim, tanto a casa como seus móveis, ainda mais quando dispostos nas mesmas posições, transmitem, especialmente, aos idosos, essa estabilidade mental e familiaridade com o passado, a sociedade na qual eles estavam mais integrados.

E, no universo da pesquisa, constatou-se que uma das formas destes sujeitos viverem a velhice é a reclusão na residência, sendo esse aspecto comum em outros contextos sociais. Por limitação nos sentidos e, conseqüentemente, nos movimentos corporais, o lar se torna um ambiente mais seguro para os idosos, na companhia de familiares e/ou pessoas outras responsáveis pelos cuidados deles. Porém, mesmo em seu lar, essa situação traz certo desconforto ao velho⁶². Entre eles é comum se atribuir à casa o sentido de “prisão” ou “cadeia”, representação esta que se relaciona ao contexto social em que vivem.

Minha irmã tem 102 anos. Minha família é muito adurativa. Mas não é bom não. Eu estou no hospital ou aqui em casa numa cadeira. Aqui em Gilbués tinha uma velha por nome Chiquinha. Eu não esqueço disso. Ela disse: “seu menino, a casa, no fim da vida, é uma cadeia pro morador morar”. Não esqueço disso. Olha aí, olha! Eu estou aqui: daqui pro hospital. Não estou certo? (Informação Verbal)⁶³.

⁶² No texto, quando me refiro aos sujeitos como “velhos”, é uma maneira de realçar uma categoria êmica ao universo da pesquisa. São os próprios entrevistados que referem a si mesmos como “velhos” e não como idosos.

⁶³ JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Anteriormente à velhice a casa era o espaço predominantemente feminino, ao passo que, por exemplo, o garimpo e a lavoura eram espaços, pelo menos na representação, como essencialmente masculinos. Desta forma, estar em casa como idoso, por vezes provoca nessas pessoas um sentimento de inutilidade, especialmente quando se compara a integrantes da geração mais produtiva, como os filhos: “Eu é que não sou de nada; só pra comer” (Informação Verbal)⁶⁴.

A incapacidade para o trabalho e a reclusão em casa, também, gera aflição em jovens habituados ao espaço da roça, mas que por circunstâncias de doença vivem no espaço doméstico, considerado como feminino. No Piauí, como constatou Rogério Jr. (2016), camponeses jovens adoecidos no trabalho de corte manual de cana de açúcar no interior paulista, os ex-cortadores de cana, muitos deles inválidos por causa das doenças laborais, queixavam-se da sua inutilidade e vivência na residência, especialmente de segunda a sexta-feira, dias úteis de trabalho para eles.

Depois da doença, rapaz, o que mudou pra mim, assim, é porque a única diferença que eu tive é porque a preocupação aumentou mais e eu fico muito pensativo porque eu não posso trabalhar, né? E, aí, vejo todo mundo saindo... Olha, você está aqui, não acha um homem em casa. É difícil você achar um dono de casa, dia de quarta-feira [às 15 horas, horário da entrevista], um pai de família em casa. E eu? Pode chegar qualquer dia, aqui. Se eu não tiver resolvendo algum papel dentro da cidade, fazendo alguma viagem pra algum local, é em casa. E, aí, quando eu aguentava trabalhar, não. Eu corria pra um canto, eu corria pra outro. Era aquela coisa. Eu tinha alegria, né? (ROGÉRIO JR, 2016, p. 224).

Estes jovens trabalhadores doentes e prematuramente inseridos no trabalho da memória, além de recordar o passado, ocupam-se da “preocupação” com seu futuro e o da família, especialmente com as crianças. As narrativas, com frequência, são tensas e emotivas. Já os idosos entrevistados, apesar de certos lamentos, se compararmos com jovens camponeses inválidos, possuem mais recursos no passado para acionar, via memória, e elevar sua autoestima no presente, tais como a prole criada e uma vida ativa no passado: “Eu fiz de tudo”. Além disso, o saber narrar sobre o passado lhe traz prazer, como diz um entrevistado que “louva a Deus que ainda sabe de um bocado de coisa” para contar, embora reconhecendo o trabalho seletivo que a memória desempenha, dentro de uma relação passado/presente.

Não sei completo, mas sei. As coisas que passaram quando eu era novo, foi gravada muito bem gravada; eu sei de quase tudo. Agora, as que estão passando agora é mais difícil de saber. E tem muita coisa que eu esqueço o nome das pessoas. De umas eu lembro; de outras, não. Vou contar o caso e esqueço (Informação Verbal)⁶⁵.

⁶⁴CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁶⁵ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

Embora estes fatos do passado apareçam articulados nas narrativas dos entrevistados, para Walter Benjamin (2012, p. 243), “o passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de um perigo” e, ao mesmo tempo, “articular historicamente o passado, não significa conhecê-lo tal como ele de fato foi”. Assim, nesta atividade de recordar, a memória, também, cria e recria os fatos, pois, segundo Halbwachs (2006), a memória social é uma construção coletiva sobre o passado feita a partir das condições sociais que o grupo vivencia no presente. Passado e presente, portanto, interagem no trabalho de recordação.

Ao mesmo tempo, ainda conforme Halbwachs (2006), a lembrança do passado informa o grupo sobre o seu presente, de forma que passado e presente se constroem mutuamente, sendo socialmente percebidos por meio de informações que um projeta sobre o outro. No contexto investigado, cada sujeito falava de si, bem como de outras pessoas, no passado e no presente, sejam jovens ou idosos como eles, não somente para descrever os outros ou o passado, mas como uma forma de se definirem no presente. Nesse processo, é interessante destacar, junto aos entrevistados, o papel do pesquisador/entrevistador na construção desse passado.

Para Regina Weber (1996), as diferenças de classe e suas clivagens entre pesquisador e pesquisados de classes sociais subalternas, em certas situações, tornam-se obstáculos ao desenvolvimento da pesquisa. Ao mesmo tempo, as diferenças geracionais entre pesquisador e pesquisados podem funcionar, em certas temáticas investigadas, como algo que favoreça o diálogo. Durante a pesquisa de campo, idosos entrevistados se sentiram autorizados a aconselhar o pesquisador sobre aspectos cotidianos da vida. É como se a sua experiência/conhecimento servisse aos mais jovens.

A diferença geracional entre o pesquisador e os idosos deixava-nos, na pesquisa, em situação confortável para narrar, especialmente sobre um passado vivido por eles, quando o pesquisador ainda nem era nascido, e fazer uma avaliação de sua própria trajetória de vida: “Eu sofri muito pra viver, pra chegar até aqui. Mas depois teve tempos que eu deixei de sofrer”, porque viveu seu presente e planejou seu futuro, sendo “muita vantagem o sujeito ganhar com os dentes pra comer com a gengiva”, pois é “importante a pessoa trabalhar sempre pensando no amanhã”. Nessa situação de pesquisa, é comum os idosos se sentiram como guardiões da sabedoria e, conseqüentemente, úteis na função de aconselhar os mais jovens, a partir de suas experiências: “meu amigo, você nunca deve deixar de pensar no dia

de amanhã, não. Se você está aqui hoje com saúde, bem. Amanhã você não sabe como você está”. (Informação Verbal)⁶⁶.

“Sempre quem se encosta em Deus não cai”, diz o mesmo entrevistado. Expressões da religiosidade popular dos sujeitos surgem como um mecanismo de conforto e prescrição, onde cada pessoa deve cumprir sua sorte enquanto estiver vida. Desta forma, Deus surge como um ser todo poderoso e “maior que os problemas da gente”, que concede uma “sorte a cada um” (Informação Verbal)⁶⁷. Assim, a situação da velhice, em muitas dimensões, para os entrevistados, foge ao seu planejamento, abrindo espaço para a sorte e para a ação de Deus:

Se Deus tem que dar, não manda. Ele dá mesmo, não é? Eu pensava algum dia que eu ia ficar paralisado de uma perna, numa cadeira de roda? Eu não pensava não. Já que Deus permitiu, vou cumprir, não é? Estou cumprindo. Não sei o que ele vai me dar daqui pra frente nesses 4 anos pra fazer 100 anos (Informação Verbal)⁶⁸.

Para recordar o passado do garimpo de diamantes e suas trajetórias de vida, sempre os idosos estiveram dispostos. Antes mesmo do pesquisador agradecer a eles pela participação na pesquisa, ainda no meio da entrevista, alguns já agradeciam a oportunidade de narrarem suas memórias a alguém interessado em ouvi-las. “Você me encheu de prazer, de bater um papo [...] A gente só bate papo aqui com gente besta [Risos]” (Informação Verbal)⁶⁹.

Embora comumente rodeados de filhos, netos e demais parentes, os idosos se sentem, em grande medida, carentes de “bater um papo” com alguém que escute suas narrativas sobre um tempo em que eles eram ativos e produtivos, quando a vida era mais intensa e fora do espaço doméstico. A velhice, como diz um dos idosos, seria muito melhor “se eu achasse uma pessoa como você pra bater papo, até que ia”. Os temas de muitas conversas não são compreendidos: “o povo diz uma coisa e eu não sei o que é. Eu estou sem entender as coisas”, especialmente as que são e foram distantes de sua realidade: “estou conversando aqui, mas quando vou saber das coisas, já passou”. Além do mais, conversar com idoso exige certo cuidado: “se falar baixinho, eu não escuto. Se falar alto, estoura e fica pior” (Informação Verbal)⁷⁰.

⁶⁶ MATIAS, Paulo José. 96 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (10/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁶⁷ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁶⁸ MATIAS, Paulo José. 96 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (10/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁶⁹ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁷⁰ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

Ao fim das entrevistas o pesquisador agradecia aos entrevistados e eles replicavam os agradecimentos e, em muitos casos, revelavam aspectos da vivência de sua velhice, como a solidão em suas residências, interrompida com a presença e disponibilidade do pesquisador em escutá-los. “Eu muito agradeço, porque só não converso muito porque não acho mais quem conversar. Minha vida é aqui, só calado, quase” (Informação Verbal)⁷¹. Outro entrevistado descreve, também, aspectos de sua atual experiência de vida idosa: “Pra mim, a solidão é que me acaba” (Informação Verbal)⁷². De calados aos risos, em poucos instantes os idosos percorriam esse caminho, com a presença do pesquisador e o “papo” sobre o garimpo de diamantes. E se dispunham a participar outras vezes, caso fosse preciso, da pesquisa.

Os momentos de maior solidão dos idosos contactados nesta pesquisa correspondem exatamente aos dias de segunda a sexta-feira, que coincidem com os horários em que seus familiares estão trabalhando, inclusive alguns fora da residência. Assim, fui aprendendo no campo qual o horário melhor para encontrar os entrevistados mais disponíveis. Logo após o café da manhã, das 09 horas da manhã às 12 horas (meio dia), percebi que era o horário mais adequado para entrevistar os idosos, pois era menor a quantidade de pessoas em suas residências. As entrevistas que ocasionalmente se estendiam além do meio dia, geralmente eram interrompidas por filhos/as chegando do trabalho ou netos/as, da escola.

Embora alguns idosos reclamem da solidão em certos momentos e vejam a residência como uma prisão, como supracitado, percebi que há estratégias criadas por eles para contornar essa situação, tais como as visitas que fazem aos idosos vizinhos; viúvos que buscam novos casamentos ou namoradas, com uso, inclusive, de estimulantes sexuais; e uso de violão e “cantigas” do passado. Na pesquisa de campo, além do diálogo sobre a garimpagem de diamantes, sorrimos, tocamos violão e cantamos várias “cantigas”, muitas delas aprendi na infância com minha mãe. Assim, embora cansativa, foi muito prazerosa a pesquisa de campo.

As pessoas entrevistadas viveram o período em estudo, de 1940 a 1970, participando direta ou indiretamente da atividade de exploração do diamante. Garantem que estão falando a verdade e, por isso, não mentem. “Com certeza. Não é mentira não. É verdade” (Informação Verbal)⁷³. E há entre eles alguns que, além de não mentirem, não vacilam, ou seja, garantem não se esquecerem dos fatos que são narrados. Mas, de repente, alguns detalhes não se

⁷¹CANELA, Ananias. 103 anos; ex-garimpeiro e tropeiro. Entrevista. (24/03/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Parnaguá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁷²MARTINS, João Ferreira. 95 anos, ex-tropeiro e recenseador do IBGE. Entrevista. (27/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁷³ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

lembram. As pausas nas narrativas aparecem, a memória falha e o auto reconhecimento é sincero: “Eu disse que não vacilo, mas vacilo [esqueço]” (Informação Verbal)⁷⁴. Vacilando, às vezes, mesmo assim contaram detalhes riquíssimos de um período de vivências intensas de pessoas e de recursos financeiros envoltos do diamante.

No dizer de Guimarães Rosa (1994, p.132), em *Grande Sertão: Veredas*, “Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância”. Assim, as repetições; as pausas; as omissões; as entonações de voz; os gestos corporais; as lágrimas e os risos, dentre outros, constituem elementos essenciais da narrativa dos entrevistados. Se o processo de escuta e análise da narrativa é dispendioso ao pesquisador, o narrador também possui seus desafios. “Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares” (ROSA, 1994, p.253).

Os “vacilos”, as inversões de datas e lapsos de memória são mais comuns em narradores que não possuem a experiência de narrar suas trajetórias de vida, de modo especial em circunstâncias como esta da pesquisa, na qual se grava a voz do entrevistado e o narrar/representar a si mesmo é uma novidade. Nestes casos, a narrativa é ainda menos linear do que as narrativas dos “mestres da representação de si mesmo”, como diria Bourdieu (1988, p.1), referindo-se a políticos e artistas acostumados a se representar, com narrativas repetidas e ensaiadas, quando não orientadas/produzidas por especialistas.

No campo de pesquisa, quando se encerrava a entrevista, não significava que os narradores não possuíam mais nada a narrar. Pelo contrário, muitos “papos” seriam suficientes para narrarem suas trajetórias, mas o pesquisador percebia uma saturação das informações, referentes aos objetivos da pesquisa. Em alguns casos, mesmo depois da gravação da entrevista encerrada, o “papo” continuou, por vezes, com um café ou mesmo um copo de vinho. Assim, recomeçava a gravação, pois algo novo e interessante para a pesquisa estava sendo lembrado. A memória tinha sido atçada e começara a trabalhar, não repousando quando desligávamos o gravador. Outra opção para o registro desses detalhes foi o registro no diário de campo, onde fiz anotações de falas relevantes, que, às vezes, somente surgem em momentos distraídos dos entrevistados, menos formais.

Por isso, antropólogos atribuem uma grande importância ao diário de campo na pesquisa social, registrando falas e comportamentos, os “imponderáveis da vida real”, no dizer de Malinowski (1976, p.33). Além destas anotações sistemáticas, no diário de campo

⁷⁴MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

realizei algumas reflexões sobre o objeto de estudo, ainda no campo de pesquisa (MEIHY; HOLANDA, 2018; BRANDÃO, 1982). Além do gravador; do diário de campo; dos tópicos-guia impressos da entrevista, eu portava uma máquina fotográfica para fazer o registro de elementos do contexto da pesquisa, como as áreas onde os diamantes foram garimpados. Por vezes, usei a máquina fotográfica para reproduzir textos de jornais ou mesmo fotografias relacionadas ao tema da pesquisa.

As imagens, de certa forma, não têm sido exploradas em toda sua extensão enquanto fontes para produção do conhecimento histórico. Elas oferecem muitas possibilidades. Como diz Meneses (2003), a disciplina “história” está incipiente na produção do conhecimento a partir da imagem, atrás, inclusive, da sociologia, da antropologia e da história da arte. Assim, em muitos casos o papel da imagem é “de mera confirmação muda de conhecimento produzido a partir de outras fontes ou, o que é pior, de simples indução estética em reforço ao texto, ambientando afetivamente aquilo que de fato contaria” (MENESES, 2003, p.21).

Para Didi-Huberman (2012, p. 52 e 107), “frequentemente pedimos muito ou muito pouco” às imagens, na medida em que elas não são toda a ‘verdade’, mas também não são nada, ou seja, “nem são a ilusão pura, nem toda a verdade, mas o abatimento dialético que agita em conjunto o véu e o seu dilaceramento”. Quer dizer, no exercício de montagem, surge uma terceira imagem a partir “de duas imagens já montadas uma com a outra. Mas esse processo não absorve as diferenças, pelo contrário, acusa-as: ele não tem, portanto, nada a ver com uma síntese ou com uma ‘fusão’ das imagens” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p.176). Desta forma, através da montagem, produz-se um novo olhar e uma nova contextualização, portanto, um novo conhecimento, porque a aproximação de imagens resignifica-as.

Assim, as imagens apresentam várias possibilidades metodológicas de apreensão do real, sendo uma ferramenta fecunda no trabalho historiográfico. Consciente de suas possibilidades, mas, também, de seus limites, nesta abordagem, as imagens são usadas como documentos históricos, assim como entrevistas de pessoas que trabalharam nos garimpos de diamantes em Gilbués e Monte Alegre. Desta forma, usamos diversas técnicas para a produção e/ou interpretação de documentos para a compreensão do objeto em estudo. Como diz Meneses (2003, p. 133), “é sempre temerário, quando não totalmente comprometedor, trabalhar com um único documento, pois o alcance do conhecimento produzido não poderia ser avaliado”, sendo indispensável qualquer tipo de fonte para que a observação seja eficaz.

Pesquisa como esta exige do pesquisador mais proximidade, confiança e certa dose de cumplicidade entre pesquisador e entrevistado. É certo que nosso encontro foi mediado pelo interesse, especialmente do pesquisador, pois dificilmente teria conhecido muitos destes

personagens se não fosse por meio da pesquisa e “doado” meu tempo à escuta, que, na verdade, foi um investimento na pesquisa. Mesmo assim, por vezes, fiquei com eles um pouco mais, para além da formalidade, pois os “papos” com os idosos também me “encheram de prazer” e não poderia deixar de retribuir oralmente a gentileza e sinceridade de um entrevistado que me disse: “você me encheu de prazer”.

A relação entre pesquisador e sujeitos na pesquisa é uma relação científica e, ao mesmo tempo, uma relação social, onde há possibilidades de reprodução de hierarquias sociais entre entrevistador e entrevistado, na qual, geralmente, o pesquisador pergunta e o sujeito responde. E, para Bourdieu (1998, p.694), “a relação social exerce efeitos, variáveis segundo os parâmetros que a podem afetar, sobre os resultados obtidos” na pesquisa social, que muitas vezes é uma imposição da problemática, não percebida e nem problematizada pelo pesquisador.

A margem de imposição da problemática pode ser maior ou menor, dependendo do tipo de abordagem utilizada na pesquisa e das técnicas de coleta de informação utilizadas. Isto aponta para a necessidade de vigilância epistemológica por parte do pesquisador, para, segundo Bourdieu (1998, p. 695), “reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer através” desse procedimento investigativo, procurando “instaurar uma relação de escuta ativa e metódica”. Se tal vigilância não elimina esses efeitos sociais, contribui para controlá-los.

Após a identificação do pesquisador e antes da realização de cada entrevista a ser gravada, explicamos, em linguagem adequada, aos sujeitos e familiares os objetivos da pesquisa, bem como sua finalidade. As entrevistas foram pautadas em princípios éticos, respeitando a dignidade, a privacidade e a autodeterminação dos sujeitos da pesquisa (MEIHY; HOLANDA, 2018; COOK, 1987; MAY, 2004). As pessoas abordadas tiveram preservado o direito de participar ou não da pesquisa, bem como optar pelo horário, local e duração da entrevista, sem nenhuma penalização ou prejuízo a elas. Cabe ressaltar, que os sujeitos foram imensamente solícitos em participar da pesquisa, “batendo um papo” sobre o tempo do garimpo.

A seleção dos sujeitos significativos da pesquisa para entrevista se deu de forma intencional (GASKELL, 2003), não sendo, portanto, baseada em amostragem estatisticamente conduzida. Nesta pesquisa, a escolha dos sujeitos entrevistados, bem como a quantidade de entrevistas realizadas, foi decidida com base na sensibilidade do pesquisador no campo de pesquisa (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004). Para me aproximar destes sujeitos, foi de fundamental importância a participação de pessoas amigas que eu já conhecia

anteriormente e que moram nos municípios da pesquisa de campo e, dentre elas, algumas estudantes do IFPI, *Campus Corrente*, onde trabalho.

Além disso, o Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais de Gilbués me indicou alguns ex-garimpeiros. Recorri, também, neste processo, à técnica “bola de neve” pela qual um sujeito contactado remete a outros sujeitos significativos para a pesquisa, pois, em muitos casos, eles se conhecem desde o trabalho no garimpo e continuam tendo contato uns com os outros, sendo a garimpagem de diamantes um tema de conversa constante entre eles, recordando e reconstruindo juntos esse passado através da memória. A técnica “bola de neve”, bem como a colaboração de entidades nesse processo de localização de informantes tem sido utilizadas, com sucesso, por diversos pesquisadores, mas nem sempre os sujeitos indicados preenchem os requisitos da pesquisa (WEBER, R. 1996, p.167).

Nesta pesquisa, não fiz entrevista às pressas, pois meu tempo era o dos idosos, como deve ser em qualquer pesquisa, com quaisquer sujeitos. Geralmente, cada encontro durou mais ou menos duas horas, quase sempre pela manhã. Dificilmente eu fiz uma nova entrevista antes de transcrever a realizada anteriormente, utilizando desta estratégia fui aperfeiçoando o roteiro de entrevista e aprofundando as questões centrais da pesquisa nas próximas entrevistas, sendo que algumas delas não foram gravadas, mas registradas no diário de campo as informações relevantes. Em todas as entrevistas gravadas, fizemos a escuta minuciosa e paciente de tudo que o entrevistado disse ou quis dizer, inclusive através das pausas e silêncios, “tentando me colocar em seu lugar em pensamento” (BOURDIEU, 1998, p. 699).

As pausas, os silêncios e maior rigor na seleção das palavras ficaram mais evidentes nas entrevistas com mulheres, quando relatavam suas vivências e experiências nos cabarés, pois quem entrevistava era um homem. Assim, uma delas nos questionou durante a entrevista: “posso falar meretriz?” (Informação Verbal)⁷⁵. Já outras mulheres apontadas por outros/as como “de vida livre” se justificavam ao pesquisador que teriam sido fiéis aos seus amantes, não se assumindo claramente como tais, pois conversas sobre sexualidade ainda são tabus no contexto da pesquisa, ainda mais na relação entre idosos/as entrevistados/as e o pesquisador mais jovem.

Uma dessas mulheres, com “dois filhos”, tornou-se “mãe solteira com 33 anos”. Quer dizer, a categoria “mulher de vida livre” é negativa e, por isso, é evitada pelas mulheres quando falam de sua própria situação, sendo substituída por “mãe solteira”. Além disso, a

⁷⁵ LOPES, Joaquina da Silva. 57 anos; ex-garimpeira e mulher de vida livre no garimpo de diamantes e imigrante de Bom Jesus-PI. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

culpa é dos homens por tal situação e não delas, como disse a mesma entrevistada: “um irresponsável acolá me arrebanhou pro mundo, que eu dei confiança pra ele e tive dois filhos dele”. Além disso, ser “mulher de vida livre” ou “mãe solteira”, como se referem a si mesmas, não significa que estão sempre disponíveis sexualmente e a qualquer parceiro. Elas exigem respeito: “tem essa dona⁷⁶ aí que me conhece. Ninguém aqui anda tirando trecho⁷⁷ comigo pra aqui e pra acolá não. Eu sou alegre com todo mundo, recebo todo mundo alegre e satisfeita, mas o respeito é o que mais importa. E todo mundo me respeita (Informação Verbal)⁷⁸”.

Mesmo entre os homens idosos entrevistados, a vivência nos cabarés não era bem detalhada nas entrevistas, pois a temática sexual, como já dito, é tabu no universo da pesquisa e, por isso, surge nas entrevistas de forma generalista. Por exemplo, um entrevistado idoso disse que “as festas eram nos cabarés, onde só juntava mulher da vida. As mulheres de famílias eram separadas. Mulher de vida livre ia pros manchões, cantava e as pessoas faziam lá a maior esculhambação”. Entretanto, o entrevistado põe limites na narração para o pesquisador: “Não conto tudo porque não posso contar (Informação Verbal)⁷⁹”. Na verdade, sempre o entrevistado põe limites à narração para o pesquisador, mas nem sempre eles são explícitos e surgem por diversos motivos ou diferenças entre os construtores do diálogo: classe, sexo, geração, etc. Em outros casos, é o nível de confiança no pesquisador ainda não suficiente para o entrevistado lhe confiar certas narrativas, principalmente, as que revelam sua intimidade.

Além disso, quando se trata de temas traumatizantes e tabus, os entrevistados costumam silenciar ou usar outras estratégias narrativas para fugir do tema que os incomoda. Por exemplo, Pollak (1989, p.3), ao abordar a questão de narrativas com pessoas sobre lembranças traumatizantes, as “vítimas, que compartilhavam a mesma lembrança ‘comprometedora’, preferiam guardar silêncio”. No caso em questão do garimpo em Gilbués/Monte Alegre percebe-se o silêncio ou narrativa superficial quanto à sexualidade e “roubos de diamantes”, considerados temas tabus entre os entrevistados.

Na abordagem qualitativa, com frequência, surge um debate em torno da transcrição da entrevista (MEIHY; HOLANDA, 2018; BOURDIEU, 1998; WITHAKER, 2002; etc.). Além de escolher o tipo de entrevista adequado à pesquisa, devido à sua diversidade tipológica (GASKEL, 2003), a escolha e quantidade de entrevistados (ALVES-MAZZOTTI;

⁷⁶ Uma amiga e parceira de garimpagem, presente no momento da entrevista.

⁷⁷ Tirar trecho, no universo da pesquisa de campo, significa fazer relações sexuais.

⁷⁸ FERNANDES, Marta de Souza. 59 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁷⁹ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

GEWANDSZNAJDER, 2004), a transcrição da entrevista é um processo fundamental na pesquisa, embora se perceba, na prática, em muitas pesquisas, como “um serviço terceirizado”, sem o devido acompanhamento pelo pesquisador responsável pela pesquisa.

A análise de conteúdo das entrevistas exige tempo, atenção, dedicação e rigor (SPINK; LIMA, 2000). E a análise do material inicia-se com a transcrição das entrevistas, sendo este o motivo pelo qual transcrevi, pessoalmente, todas as entrevistas da pesquisa. Para alguns pesquisadores é serviço braçal e, por isso, qualquer pessoa poderá fazê-lo, ficando no seu entender, o pesquisador apenas com a incumbência de interpretar o material, fazer a análise, portanto, o trabalho intelectual. Assim, separa, equivocadamente, a transcrição das entrevistas da análise de seu conteúdo.

Segundo Bourdieu (1998), a transcrição das entrevistas já é uma verdadeira tradução ou mesmo uma interpretação do que foi dito. Nesta mesma direção, diz Tourtier-Bonazzi (2006, p. 239), “toda transcrição, mesmo bem feita, é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta fidelidade; de certa maneira, é uma traição à palavra”. Portanto, a transcrição já é uma análise do conteúdo da pesquisa que, sendo terceirizado “esse serviço manual”, pode trazer prejuízos à pesquisa.

Como sugere Whitaker (2002), não aplicamos, rigidamente, as normas gramaticais às palavras específicas do universo linguístico dos sujeitos pesquisados e à concordância verbal tal e qual falada por eles. Na passagem do oral para o escrito é necessário que quem transcreve cometa algumas infidelidades, que são a base da verdadeira fidelidade do que foi dito (BOURDIEU, 1998), pois na vivência cotidiana da língua, mesmo quem possui conhecimento das normas da chamada língua culta, nem sempre fala de acordo com tais normas.

Ainda, segundo Bourdieu (1998), mesmo a transcrição muito literal das entrevistas já é uma verdadeira tradução ou mesmo uma interpretação do que foi dito. Pode até o pesquisador-entrevistador delegar a transcrição das entrevistas que ele mesmo realizou a outra pessoa, terceirizando o serviço. Porém, ele deve revisar as transcrições, ouvindo as entrevistas detalhadamente. As pausas na fala; as entonações; as ênfases; repetições; os risos; os choros, etc. Enfim, tudo isso deve se levar em conta na transcrição/interpretação das entrevistas.

Na pesquisa de campo obtivemos o auxílio de várias pessoas que nos conduziram aos narradores do garimpo. Geralmente, em pesquisas dessa natureza, estes “nativos” são relevantes colaboradores, como mostra Malinowski (1976), um dos pioneiros da Antropologia e outros cientistas sociais, como Foote-Whyte (1990). Por outro lado, precisa-se de muita cautela para que a colaboração deles/as não vá além de facilitar a imersão do pesquisador nas

relações sociais dos pesquisados, pois não basta a eles/as conhecerem os possíveis entrevistados e o ambiente de pesquisa. É preciso, em primeiro lugar, o pesquisador ter certas referências sobre seus informantes para evitar efeitos colaterais e incontroláveis na pesquisa.

Como nesta pesquisa trato, em alguns momentos, sobre a política local de Gilbués e Monte Alegre, andar com alguém ou me hospedar em sua residência, por exemplo, correria o risco de o pesquisador ser identificado com um grupo político e visto por desconfiança por sujeitos de outros grupos, podendo até estes se recusarem a participar da pesquisa. Assim, na pesquisa de campo não é qualquer nativo que serve para fazer a ponte entre o pesquisador e os entrevistados, sendo este um dos primeiros cuidados a se tomar antes de se aproximar dos sujeitos a serem entrevistados e ganhar sua confiança.

Além da escolha do informante, uma forma de ganhar a confiança está imbricada com a maneira de apresentação do pesquisador. Assim, além do nome, costumava me apresentar como professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, *Campus* de Corrente (IFPI). Esta Instituição, embora estando nesta região há poucos anos, desde 2010, atende alunos de Gilbués, Monte Alegre e demais municípios do sul do Piauí, inclusive parentes de garimpeiros. Embora explicando os objetivos da pesquisa e sua finalidade, nossa apresentação, como professor do IFPI, foi essencial.

Outros elementos contribuíram na aproximação com os entrevistados. As referências rurais do pesquisador, tanto vivenciadas como advindas da pesquisa do mestrado, foram de grande valia no processo de investigação e aproximação/negociação com os idosos. E o próprio tema “garimpo de diamantes”, na região da pesquisa, tinha uma atração própria para os sujeitos narradores, já que não é um tema de conflito aberto e intenso entre eles.

Para além das entrevistas, nesta pesquisa foram de grande relevância os arquivos escritos relacionados à exploração de diamantes no sul piauiense e seu contexto histórico. Entre os dias de 1º e 5 de outubro e de 10 a 13 de dezembro de 2018 estive em Teresina, capital do Piauí, garimpando documentos em diversas instituições: Arquivo Público, “Casa Anísio Brito”; Arquivo da Assembleia Legislativa do estado do Piauí; Departamento de Estrada e Rodagem do Piauí e Secretaria de Planejamento do Estado do Piauí. Nestas instituições, pesquisamos em Jornais; Revistas; Mensagens Governamentais; Leis e Decretos, sempre tendo como referência o período em estudo, ou seja, da década de 1940 a 1970.

Em Gilbués e Monte Alegre, ao longo do ano de 2018, fui às prefeituras municipais e às Câmaras de Vereadores a procura, também, de documentos que contribuíssem com a elucidação das questões propostas nesta pesquisa. Porém, poucos foram os documentos relevantes para a pesquisa encontrados nestes municípios, ficando evidente o desprezo que há

com relação à gestão oficial da memória local. Mesmo assim, em Gilbués obtive o acesso a algumas Atas da Câmara Municipal, de 1958 a 1970, integrando, assim, o *corpus* documental desta pesquisa.

Em Monte Alegre, um filho de ex-exportador de diamantes afirmou possuir em sua residência documentos que tratam da exportação de diamantes. Porém, ele não sabia onde encontrá-los e, mesmo com várias e insistentes solicitações, o pesquisador não teve acesso a tais documentos. Pesquisa dessa natureza, como dito, necessita imensamente da colaboração de terceiros, ainda mais em municípios que não possuem espaços disponíveis para arquivar documentos públicos referentes a sua história, como é o caso de Gilbués e Monte Alegre.

Segundo Pierre Nora (1993, p.15-16), nenhuma sociedade produz mais arquivos como a moderna, tanto pelo volume, como pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe e, de modo especial, pela superstição e pelo respeito ao vestígio. “Assim, a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, descentralizou-se, democratizou-se”. Porém, “se a produção de arquivo é um imperativo da época” atual, como diz o referido autor, em certas sociedades como a que estudamos, essa produção arquivista ainda não é intensa.

Produzir e conservar documentos públicos em contextos não democráticos ou democraticamente frágeis pode-se configurar como uma ameaça ao gestor público. “Só encontramos o prédio e um armário sem nenhum documento”⁸⁰. Ao fim da gestão municipal, os documentos produzidos nela e por ela, geralmente, são extintos, especialmente os documentos ameaçadores. Sendo assim, encontrar documentos sobre o contexto e recorte histórico da pesquisa, nos próprios municípios, é uma procura “por agulha no palheiro”. Por isso, a oralidade dos idosos torna-se o melhor recurso para se analisar o passado neste contexto.

Desta forma, passado e presente se relacionam. E para se compreender melhor o presente do sul piauiense, especialmente os municípios de Gilbués e Monte Alegre, deve se passar pela compreensão do tempo do garimpo artesanal de diamantes. Como diz Norbert Elias (1994, p.263): “como tão frequentemente acontece, o presente ilumina o passado e a imersão neste ilumina o presente”. E a imersão no passado, em muitos casos, se dá pela memória coletiva ou individual. No caso em análise, foram essenciais as narrativas de trajetórias de vida (BOURDIEU, 2001) de pessoas que vivenciaram o período do garimpo de diamante no sul piauiense.

⁸⁰JUAZEIRO, Marcos Venâncio. Servidor da prefeitura de Monte Alegre. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Como fonte historiográfica nesta pesquisa, também, recorreremos a textos de aurores nativos, como Silva (2010); Oliveira (2009) e Sobrinho (2007). Além deles, foi utilizado o romance *Do Calcinado Agreste ao Inferno Verde*, de Cândido Carvalho Guerra (1977). Pelo fato do autor ter sido garimpeiro em Gilbués, sua narrativa literária e as orais de outros se complementam. Motter e Aragão (2015, p.1), em contexto similar, também se utilizaram, como fonte histórica, o romance “Pium, nos garimpos de Goiás”, de autoria de Eli Brasiliense, publicado em 1949, como fonte de produção de conhecimento histórico, para “dar visibilidade histórica a aspectos do ciclo de extração de cristal de rocha”, ocorrido no norte de Goiás, nas décadas de 1940 e 1950.

Para Grijó (2008), estes autores locais memorialistas, geralmente autointitulados historiadores, apesar de suas limitações na produção do conhecimento historiográfico, devido a certa notoriedade paroquial, possuem acesso a determinadas fontes e dados que facilitam o trabalho do pesquisador acadêmico. “Nestas ‘janelas’, portanto, o pesquisador pode encontrar os caminhos de entrada para a obtenção dos dados empíricos pertinentes a um estudo propriamente de história” (GRIJÓ, 2008, p.88).

De fato, o historiador de ofício não inicia seu trabalho do nada, pois, geralmente, parte de fontes não criadas por ele. E, mesmo em fontes orais, criadas com sua participação ativa, o pesquisador necessita das versões/interpretações dos sujeitos nativos entrevistados. Neste sentido, o texto historiográfico se assemelha ao antropológico, no sentido de Geertz (1989, p.11):

Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" — o sentido original de *factio* — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento.

Nesta mesma direção, Bourdieu (1998, p.713) afirma que “o sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista”. Entretanto, embora não sendo de primeira mão ou um ponto de vista sobre um ponto de vista, a interpretação do cientista social, por ser um olhar distanciado das relações nativas, é fundamental no processo de entendimento dos sujeitos e de sua história.

Por fim, diversos *sites* na *internet* tornaram, também, relevantes fontes para esta pesquisa, especialmente *sites* oficiais, pois hospedam informações relevantes sobre os municípios em estudo, especialmente sobre a história política deles. Na história do tempo presente, a *internet* pode ser uma valiosa fonte para diversas pesquisas, inclusive,

historiográficas, facilitando ao pesquisador o acesso a documentos relevantes, sendo “ela própria um arquivo” (GRIJÓ, 2014, p.285).

Nesta pesquisa, diversas fontes de pesquisas complementares entre si foram utilizadas, tendo como referência a “triangulação metodológica”, no dizer de Goldemberg (2001). Para Malinowski (1976, p.30), a coleta/produção de dados referentes a um grande número de fatos é uma das principais fases da pesquisa de campo. Como pesquisador, a “responsabilidade não deve se limitar à enumeração de alguns exemplos apenas; mas sim, obrigatoriamente, ao levantamento, na medida do possível exaustivo, de todos os fatos ao nosso alcance”.

Destas fontes, algumas o próprio pesquisador colaborou na sua produção, como as fontes orais e fotográficas, sendo que todas elas possuem suas possibilidades e limitações. E apresentá-las ao leitor, juntamente com as condições sociais de produção do conhecimento historiográfico, é uma forma de fornecer a ele subsídios para uma melhor análise dos resultados da pesquisa. No dizer de Malinowski (1976, p.22), “nas ciências históricas ninguém pode ser visto com seriedade se fizer mistério de suas fontes e falar do passado como se o conhecesse por adivinhação”.

1.3 Nascimento de Gilbués/Monte Alegre “nos caminhos do gado” e “dos indígenas”.

No processo de colonização dos sertões nordestinos, a partir do litoral, Gilbués e Monte Alegre, também, nasceram “nos caminhos do gado”, para usar uma expressão de Capistrano de Abreu (1982), referente às origens do Piauí. No Nordeste, segundo Prado Jr. (1987, p. 45-46), as fazendas eram administradas por vaqueiros, pois geralmente os proprietários moravam nas cidades e possuíam várias fazendas, sendo que para instalação de uma delas eram suficientes entre dez e doze pessoas, comumente recrutadas entre índios e mestiços, bem como criminosos foragidos do litoral.

Porém, era comum a resistência dos nativos defendendo seu *habitat*. Descrevendo sobre as invasões “aos estabelecimentos pecuários da população civilizada” às margens do rio São Francisco no território baiano, Paranaguá (2019, p.77) destaca que “os selvagens Acorozes e Mocoazes faziam constantemente”. Ressalta-se o fato de que muitos dos nativos em conflitos com os fazendeiros nos sertões já haviam fugidos de confrontos com os colonizadores no litoral.

E nesse processo de instalação das fazendas na região, onde se localiza o município de Gilbués, expulsaram/dizimaram as populações nativas de seu território a partir da metade do século XIX. Barros (2007) destaca o tenente-coronel Tibúrcio José de Borges e o próprio

Zeferino Vieira como personagens que lutaram contra os indígenas, promovendo a “limpeza” dos gentios em Gilbués. Paranaguá (2019, p.96-97), também, destaca a atuação do tenente-coronel Felisberto Francisco Nogueira, “o bandeirante, que por ordem do governo, repeliu os índios Pimenteiras, Xerentes e outros do sudoeste do Piauí, conseguindo, com sua gente, penetrar pela primeira vez no sul do Maranhão e nordeste do Goiás”.

Embora os povos indígenas tenham sido os primeiros moradores do local, que fora, também, território de negros escravizados, as narrativas locais, orais ou escritas, não atribuem a fundação do município a estes povos indígenas ou ex-escravizados, mas a descendentes europeus. Em torno disso, há, inclusive, uma disputa de memórias em torno dos “fundadores de Gilbués”. Joaquim Nogueira Paranaguá, em 1892, descrevendo sobre este município, afirma que

Benemérito capitão Antônio Nogueira Paranaguá, de volta do Paraguai, onde derramou seu sangue em defesa da pátria, fez doação de meia légua de terreno, para patrimônio da capela, em torno da qual devia surgir o povoado que foi outrora fazenda dos jesuítas e é a vila atual. O capitão Zeferino Vieira, espírito altamente religioso, auxiliou-o neste elevado intuito (PARANAGUÁ, 2019, p.124).

Em vez de “auxiliar” na fundação de Gilbués, Zeferino Vieira Soares teria sido seu fundador principal, pois, segundo Barros (2007, p.81), em sua fazenda Santo Antônio, ele teria doado um terreno à “padroeira Divina Pastora, em 4 de dezembro de 1856, para a construção de uma capela, conforme registro nº 902 (fl.104-v do Registro Geral de Terras de Gilbués, de 1898)”. Além da fazenda Santo Antônio, origem da atual Gilbués, Zeferino Vieira Soares, oriundo do Ceará, teria outras fazendas na região então denominada de Ribeira do Gelboé, entre elas: Saco dos Matões; Saltões; Arraial; Cachoeira; Deserto; Sítio e São Félix. Além de fazendeiro, como dito, ele teria colaborado na expulsão/dizimação de indígenas em suas fazendas.

Outros personagens são citados na disputa pela fundação de Gilbués, dentre eles está o coronel Fausto Ferreira Lustosa. Este nasceu em 27/01/1865, na Vila de Santa Fé, no Ceará, origem de sua mãe, Diolinda Oliveira Cabral, sendo seu pai, Tertuliano Ferreira Lustosa, descendente do Piauí, para onde Fausto Ferreira Lustosa e seus pais migraram, primeiro para Bom Jesus e, posteriormente, para Gilbués (SOBRINHO LUSTOSA, 1997).

Fausto Ferreira Lustosa é considerado por familiares “como o verdadeiro FUNDADOR de Gilbués” ou “grande FUNDADOR da cidade” (LUSTOSA, A., 1997, p.2). Assim, os demais “fundadores” de Gilbués seriam menores ou não verdadeiros. Dentre estes, uma das entrevistadas nesta pesquisa, Maria dos Humildes Aguiar, afirmou que, também, seu avô, “lembro até o nome dele, Manoel Lucas de Aguiar, foi um dos fundadores daqui. E o

irmão dele, Sebastião Aguiar, também, foi fundador daí”. Pertencer à família dos fundadores do município é importante na disputa local por poder.

Em Gilbués, de fato, Fausto Ferreira Lustosa foi uma figura muito influente politicamente no município. Conforme Sobrinho Lustosa (1997, p.1-2), em 1894 foi nomeado juiz em Gilbués pelo governador do Piauí, Coriolano de Carvalho e Silva, ficando no cargo até 1909; de 1920 a 1928 ocupou o cargo de Intendente Municipal de Gilbués; em 1901 foi nomeado pelo presidente da República, Campos Sales, Coronel Comandante da 20ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional; em 1936 retorna à direção do município de Gilbués.

Na memória local dos garimpeiros, ao que parece, há espaço para vários fundadores de Gilbués, inclusive os indígenas, não necessariamente havendo competição entre eles, um como o “verdadeiro fundador” e os outros como falsos. Assim relata um entrevistado:

Dizem que Gilbués foi criado por um senhor de Zifirino Vieira, foi o, vamos dizer assim, o desbravador da região. Mas depois veio o coronel Fausto Lustosa, que eu não conheci. Quando eu cheguei aqui, esse homem já tinha morrido, que era o coronel Fausto, que era a figura que representava aqui, a palavra dele era que valia. Era do Ceará. E ficou como prefeito, um interventor do município durante muito tempo. Mas o Zeferino Vieira, que dizem que foi também criador de Gilbués, era também do Ceará. Foi antes do coronel Fausto, que aqui era local de índio, isso daqui (Informação Verbal)⁸¹.

O poder da palavra do coronel Fausto Lustosa, também, era percebido pelos garimpeiros e ainda continua em suas memórias, como disse o entrevistado: “a palavra dele era que valia”, inclusive a escrita: “Um bilhete do coronel Fausto pra um governador lá era tudo. ‘Olha, estou precisando disso. Está acontecendo isso. Manda polícia; faz isso; faz aquilo’. Então, esses Lustosas eram uma família de tradição aqui. E quando eu cheguei já havia essa família, né?” (Informação Verbal)⁸². Assim, a palavra do Coronel Fausto Lustosa era construtora de fatos/realidades, tendo, portanto, no dizer de Bourdieu (1981), o poder estruturante e prescritivo da realidade social.

Para Sobrinho Lustosa (1997, p.1-2), o coronel Fausto Lustosa, falecido em 1942, teve “o domínio do município por mais de 50 anos”. Sua “palavra todos prestavam acatamento, sendo em verdade para os seus conterrâneos, o que fora o oráculo Delfos para os gregos”. Mesmo em período que não ocupava cargo político em Gilbués, como no período de 1920 a 1928, era determinante sua palavra na escolha dos gestores municipais, monopolizando quase

⁸¹MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁸²*Idem*.

todos os cargos políticos, indicando para estes, com frequência, seus parentes. Aliás, até em 1942, quiçá até os dias atuais, Fausto Lustosa fora a principal figura política de Gilbués.

Nesse período era comum a concentração da força social em algumas pessoas, os coronéis. Se em Gilbués havia o coronel Fausto Lustosa, outros municípios piauienses possuíam, também, seus “oráculos”. Por exemplo, em Bertolândia, sul do Piauí, também, existia o coronel Manoel Emídio Pereira da Rocha. Segundo o jornal *O Piauí*⁸³, de 11 de março de 1947, ele era “o senhor absoluto do lugar. Tudo ali é dele: casas, terras, árvores e viventes humanos e irracionais. Se alguém tenta reagir contra sua tirânica autoridade, vai esmagado ou deserta”. Cada município, em maior ou menor proporção, possuía ou era possuído por um Manoel Emídio, em Bertolândia, ou Fausto Lustosa, em Gilbués.

O município de Gilbués, que fora desmembrado de Corrente, por meio do decreto de nº68, de 14 de maio de 1891, foi inaugurado em 14 de julho de 1892 (PARANAGUÁ, 2019), com o nome de Santo Antônio de Gilbués, passando a partir de 1910 a denominar-se simplesmente “Gilbués”. Pelo decreto estadual nº 1279, de 26 de junho de 1931, Gilbués é reanexado ao município de Corrente, sendo restaurada sua autonomia pelo decreto estadual nº 1478, de 4 de setembro de 1933⁸⁴.

Em termos de divisão político-geográfica, quando se iniciou a garimpagem de diamantes, Gilbués estava localizado, juntamente com Corrente e Parnaíba, na Zona Fisiográfica Piauiense do Planalto, segundo a Resolução nº 143, de 13 de julho de 1945, da Assembleia-Geral do Conselho Nacional de Geografia, que estabeleceu uma divisão regional brasileira. Assim, como mostra o IBGE (1950), os 49 municípios piauienses foram divididos em sete Zonas Fisiográficas: Litoral; Agreste; Sertão; Baixo Parnaíba; Médio Parnaíba; Alto Parnaíba e Planalto. Já os municípios de Bom Jesus e Santa Filomena faziam parte da Zona Alto Parnaíba⁸⁵, sendo esta formada por sete municípios, dentre eles, Bom Jesus, o mais populoso no Censo de 1940.

Ainda na primeira metade do século XX, especialmente antes do garimpo de diamantes, Gilbués era “essencialmente criador” (LUSTOSA, 1929, p.2), ligado às fazendas de gado *vacum*, quando, entre os municípios vizinhos, possuía o maior rebanho de bois em termos absolutos. Com relação ao Piauí, além de relevantes criatórios de ovinos e caprinos,

⁸³ Jornal fundado em 1889, mas ligado aos interesses da UDN, inclusive se autointitulava como “Órgão da União Democrática Nacional”.

⁸⁴ Corrente, Bom Jesus, Gilbués, bem como Santa Filomena, originam-se de Paranaguá/Parnaíba, a vila “mais antiga do sul do Piauí” (PARANAGUÁ, 2019, p.105).

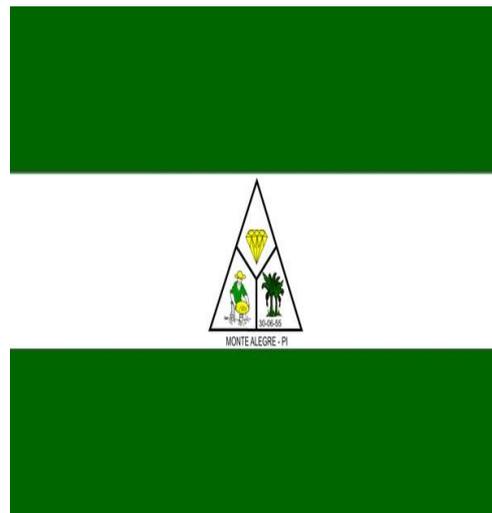
⁸⁵ Além de Santa Filomena e Bom Jesus, os demais municípios de Alto Parnaíba eram: Bertolândia (denominado de Aparecida no IBGE de 1940), Guadalupe (denominado de Porto Seguro no IBGE de 1940); Jerumenha; Ribeiro Gonçalves e Uruçuí, sendo que estes municípios já existiam no Censo de 1940.

Gilbués possuía o maior rebanho de bovino *per capita* do estado (IBGE, 1940). Essa riqueza faz parte da história e memória do município, sendo representada nos Símbolos Oficiais. Veja as figuras abaixo:

Figura 1: Bandeiras dos Municípios de Gilbués e Monte Alegre-PI



Fonte: LEI N° 116/2013 (2014)



Fonte: MBI (2021)

Ao mesmo tempo, a economia do garimpo, a partir de 1946, passa a ser destaque em Gilbués, passando a ser referido em jornais, na época, como “terra rica do diamante”. Por isso, nestas bandeiras de Gilbués e Monte Alegre, o diamante passou a disputar espaço com o gado *vacum*. Pela forte participação do diamante e baianos na emancipação de Monte Alegre em 1955, em sua bandeira privilegia-se o diamante e o garimpeiro. Embora não estando presente neste símbolo, o gado bovino fora relevante, de fato, na formação do município, já que era território de Gilbués, sendo referenciado no hino de Monte Alegre, assim como o diamante e João Nere, considerado o primeiro garimpeiro do município.

CAPÍTULO 2

“PRA AQUI VEIO GENTE DE VÁRIOS CANTOS”: os imigrantes do garimpo de diamante no sul piauiense.

Da Bahia, do Ceará, da Paraíba, do Goiás, do Maranhão tudo tinha gente aqui. Mas a maior parte mesmo veio da Bahia. Aqui em Monte Alegre tem até aquela rua lá do outro lado que chama Rua Baiana e aqui, Rua Piauí (Informação Verbal)⁸⁶.

Para além de diversas imigrações no Brasil, como de europeus, africanos, asiáticos (RIBEIRO, 2006) e, mais recentemente, de países latinos, e emigrações de brasileiros para diversas regiões do globo, como Ásia, Europa e Estados Unidos, ou mesmo dentro do próprio território brasileiro, historicamente, houve inúmeros deslocamentos populacionais, ocasionados por diversos fatores de atração e repulsão. Devido a essas constantes e intensas migrações é que José de Sousa Martins (1995, p.130) afirma ser o Brasil “um país de migrantes, um país de retirantes”.

Entre os deslocamentos internos, podemos citar as migrações do litoral para o interior nordestino a partir do século XVII e em busca do ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás no século XVIII (PRADO JR., 1973); de nordestinos para a região amazônica no final do século XIX e início do XX (SECRETO, 2007; FURTADO, 1989); para São Paulo a partir da segunda metade do século XX para o trabalho na construção civil e final do século XX (DUARTE, 2002); para a construção de Brasília nos anos de 1950 (REIS JR, 2008), etc. Lembre-se que muitos destes movimentos migratórios são inter-regionais. Assim, no Brasil, cada região possui seus próprios fluxos migratórios, para além dos supracitados.

E, no mapa destas migrações inter-regionais do Brasil, o estado do Piauí sempre esteve inserido, antes e depois da imigração para a exploração do diamante. Por ocasião da expansão de fronteiras agrícolas nos cerrados nordestinos, o Piauí tornou-se destino de pessoas vindas do Sul do Brasil, a partir da década de 1970 (CRUZ, 2013; MORAES, 2000). Por outro lado, no final do século XX e início do XXI, milhares de piauienses migravam⁸⁷ para o corte manual da cana de açúcar em outras regiões do Brasil, especialmente São Pulo (ROGÉRIO JR, 2016; MORAES, FRAZÃO, ROGÉRIO JR, 2007).

⁸⁶ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁸⁷ Trabalhadores de outros estados nordestinos, como os maranhenses, também seguiam esse mesmo itinerário de piauienses. Para detalhes, ver Carneiro; Sousa; Marinho (2007).

Para o IBGE (2000), somente os deslocamentos que ultrapassam o período de um ano são considerados migrações, independentemente do objetivo de quem migra. Além disso, não leva em consideração nem as migrações que ocorrem no mesmo município, mesmo que atendam a esse requisito temporal, e nem as que ocorrem entre regiões, estados ou municípios brasileiros em um período menor que um ano (ROGÉRIO, JR. 2016). Porém, esses deslocamentos são considerados como migrações temporárias por diversas instituições, como Pastoral do Migrante, Pastoral da Terra, e pesquisadores/as, como Alves e Novaes (2007); Carneiro; Sousa; Marinho (2007); Martins (2003), Menezes (2002), Moraes; Frazão; Rogério Jr. (2007); Silva (1999), etc.

Desta forma, como analisaremos neste capítulo, a imigração de pessoas no Piauí, de pessoas vindas de outros estados vizinhos, por ocasião da exploração de diamantes, apesar de sua especificidade, segue, de certa forma, uma lógica histórica de diversos deslocamentos de habitantes do Piauí, Maranhão, Bahia e Goiás. As fronteiras destes estados não possuíam obstáculos naturais ou políticos que impedissem as migrações entre eles. Para o sul do Piauí, por causa do garimpo de diamantes, muitas pessoas migraram temporariamente, enquanto outras, em definitivo.

2.1 Migrações no Sul Piauiense antes do Garimpo de Diamantes

Antes mesmo do início da exploração de diamantes em Gilbués, para onde migraram personagens do garimpo, outras migrações ocorreram entre o sul piauiense e os estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Maranhão e Goiás (atual território do Tocantins). Por vezes, esta região do Piauí foi destino de migrantes; outras vezes, origem. As migrações eram intensas, sendo elas permanentes ou temporárias, quase sempre tendo como pano de fundo a luta pela sobrevivência dos envolvidos. Por vezes, até conflitos armados iam além das fronteiras destes estados⁸⁸. Assim, quando surgem os garimpos de diamantes, os caminhos já eram conhecidos por muitos garimpeiros, que anteriormente desenvolveram outras atividades e que, por vezes, ultrapassaram as fronteiras de seu estado.

Dentre as atividades propulsoras de deslocamentos de pessoas entre o sul piauiense e os estados vizinhos (Bahia, Ceará, Pernambuco, Maranhão e Goiás), algumas delas merecem destaque, tais como a pecuária de gado *vacum*, na sua produção e comercialização; a

⁸⁸ Às vezes, as perseguições aos nativos ultrapassavam fronteiras, como mostra Paranaguá (2019). Outros conflitos posteriores, também, envolveram o sul do Piauí com outros estados vizinhos, como a Balaiada (BARROS, 2007) ou mesmo conflitos políticos/familiares, como mostram Cândido (1999) e Barros (2015).

exploração/comercialização de peles/animais silvestres, tendo o rio São Francisco como facilitador, por meio das cidades ribeirinhas da Bahia e Pernambuco; a exploração da borracha de maniçoba [*manihot caerulescens*] e mangabeira [*hancornia speciosa*]; a exploração da carnaúba [*copernicia prunifera*]; do babaçu [*orbignya speciosa*], etc. No desenvolver destas atividades e outras, piauienses e moradores de estados vizinhos extrapolavam suas fronteiras.

Enquanto o litoral nordestino povoava-se e desenvolvia-se economicamente através das culturas de exportação, tendo a cana-de-açúcar como a principal, o interior/sertão do Nordeste permanecia sob domínio dos nativos. A criação de gado *vacum*, neste contexto, é implantada no Brasil como tração e alimento aos moradores/trabalhadores do litoral, sendo subsidiária, portanto, à produção de exportação. Porém, grande quantidade de animais não poderia ser criada no litoral, pois as terras mais férteis eram ocupadas com a cana-de-açúcar [*saccharum officinarum*] (FURTADO,1989; PRADO JR., 1987). Os animais já invadiam o interior nordestino, quando em 1701 a Coroa Portuguesa determinou que o gado não deveria ser criado menos de dez léguas da costa.

Desta forma, a partir do século XVII, a partir da Casa da Torre, baianos instalaram fazendas de gado nas terras piauienses. Segundo Prado Júnior (1987, p.66), as condições naturais de pastagens, com cursos de águas permanentes, farão dessa região um espaço mais adequado para a criação extensiva do rebanho bovino. Por isso, “as fazendas do Piauí tornaram-se logo as mais importantes de todo o Nordeste e a maior parte do gado consumido na Bahia provinha delas, embora tivesse de percorrer para alcançar seu mercado cerca de mil e mais quilômetros de caminho”. Para Boaventura (2007, p.134), as boiadas piauienses, além das provenientes da Província de Pernambuco e do rio São Francisco, expandiram-se, também, para o Goiás.

A partir da segunda metade do século XVIII, a pecuária no Piauí começa a entrar em decadência, tendo causas internas e externas. Dentre as primeiras, as grandes estiagens e a permanência das mesmas formas rudimentares de criação. Entre as causas externas, está a redução dos consumidores dos engenhos na Zona da Mata, com o enfraquecimento da cultura da cana-de-açúcar e, especialmente, a forte concorrência do gado do sul do país, que embora em nível técnico rudimentar semelhante ao Nordeste, apresentava melhores condições naturais de produção bovina (FURTADO,1989; PRADO JR., 1987). Porém, segundo Alves (2003, p.75), “mesmo em crise, a pecuária piauiense continuou como principal atividade econômica do Piauí até meados do século XIX”.

O atual território do Piauí localiza-se a oeste do rio São Francisco, região então denominada de “Sertão de Dentro” ou “Sertão de Rodelas”. Neste território, viviam inúmeras tribos: “os Acaroás ou Acoroás, Rodeleiros, Xerentes, Pimenteiras, Gurgueias, etc. Mais tarde surgiram os Tapacuás e Tapacuás-Mirim” (BARROS, 2007, p.21). Assim, o povoamento do sul piauiense, onde hoje localizam Gilbués e Monte Alegre, pouco se diferenciou de outras regiões do interior nordestino, tendo as fazendas de gado *vacum* como elementos fundamentais nesse processo colonizador. Às margens dos rios Paraim⁸⁹, Gurgueia e Parnaíba, bem como da lagoa de Parnaguá⁹⁰, viviam inúmeros povos nativos, distribuídos em várias tribos.

Por serem as terras férteis piauienses preferidas dos fazendeiros, estes expulsaram/dizimaram as populações nativas. Nesta empreitada, a historiografia piauiense destaca Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense, o “Sertão”, como os principais responsáveis pela “limpeza étnica” no território piauiense, sendo a atuação de “Sertão” mais localizada ao sul do Piauí. Oliveira e Assis (2009, p.2) destacam, por exemplo, que “Mafrense recebeu sesmarias nas margens do rio Parnaíba, em Parnaguá (1681), no Gurgueia e Paraim (1684) e, novamente, às margens do Parnaíba (1686). Tendo início a expansão das fazendas de gado na região”.

Antes da descoberta do diamante, a economia do município de Gilbués, bem como dos demais do sul do Piauí, tinha como fonte principal o gado *vacum*. Por causa dessa atividade, era comum e intenso o trânsito de pessoas nessa região do Piauí, indo além de suas fronteiras, chegando aos estados do Maranhão, Goiás e, especialmente, Bahia. Ao mesmo tempo, pessoas destes estados, também, frequentavam o sul do Piauí com muita frequência. O comércio de animais, alimentos e outros itens entre estes estados era comum, sendo fundamental a figura do tropeiro⁹¹. Assim, como dito, quando surge o diamante em Gilbués, para muitos dos garimpeiros, mesmo de outros estados, o caminho já não lhes era estranho.

Joaquim Nogueira Paranaguá, em viagem “Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país”, em 1892, relata que a Cidade da Barra, na Bahia, às margens do rio São Francisco, “era passagem obrigatória de reses que, dos estados de Goiás, Maranhão e Piauí, se dirigiam aos mercados da Bahia, Minas e outros Estados” (PARANAGUÁ, 2019, p.81). Além de Barra

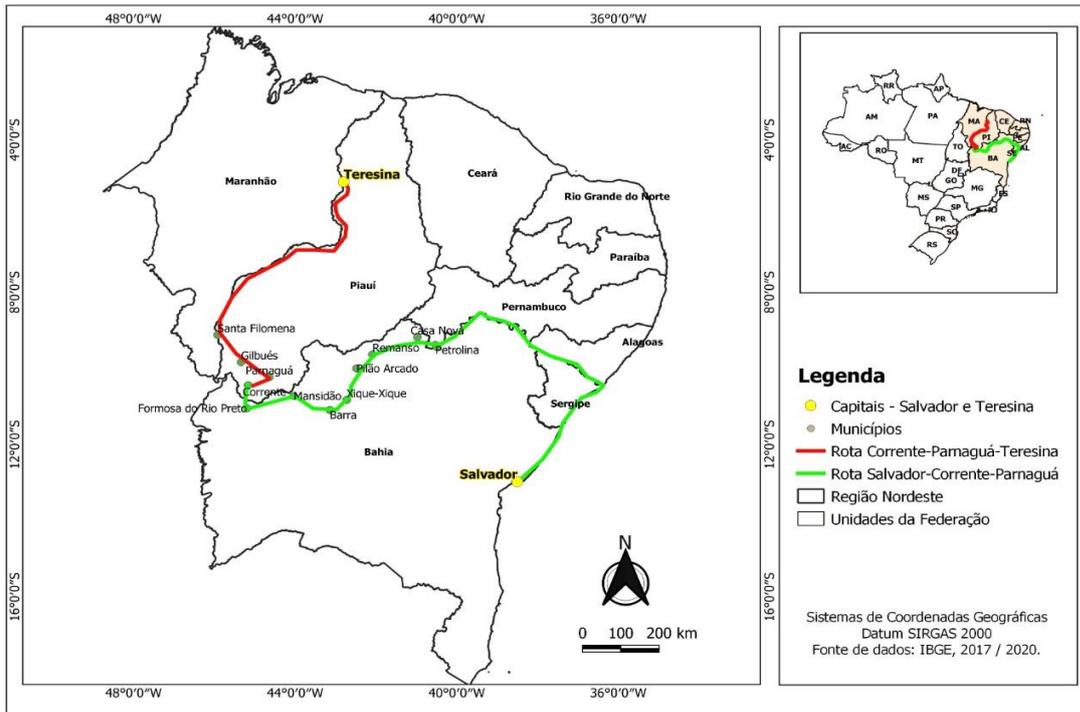
⁸⁹ Afluente do rio Gurgueia, o Paraim nasce no município de Corrente, que é origem de outro rio, o Corrente, afluente do Paraim. Todos estes rios fazem parte da bacia do rio Parnaíba. Para se ter acesso a Gilbués por terra, no período do garimpo, muitos imigrantes teriam que atravessar um destes rios.

⁹⁰ Considerado o maior lago natural do Brasil. No passado, no período chuvoso, ocupava uma área de 72km².

⁹¹ Pessoas que transportavam mercadorias em tropas ou comitivas de muares, equinos e asininos entre regiões de produção e centros consumidores no Brasil a partir do século XVII.

(1873), Pilão Arcado (1890) e Remanso (1900), outros municípios baianos ribeirinhos emancipados mais recentemente, como Formosa do Rio Preto⁹² e Santa Rita do Rio Preto⁹³, faziam parte desta integração com o Piauí. Veja o mapa abaixo.

MAPA 2: Mapa das principais vias de acesso ao sul do Piauí na primeira metade do século XX.



Fonte: Dias (2017).

Assim, o rio São Francisco era um canal de comunicação do sul do Piauí, de parte do Maranhão e de Goiás, com o Nordeste e parte do Sul do Brasil (NEVES, 2009). Ao mesmo tempo, as importações de muitos produtos ao sul do Piauí davam-se, também, via rio São Francisco. Segundo Paranaguá (2019, p.85), “os habitantes de nordeste do Goiás, sul do Maranhão e Piauí procuravam, de preferência este mercado para se abastecerem dos gêneros de importação de que necessitavam”. Dos poucos produtos industrializados, inclusive o sal de cozinha, que a população dessa região usava, eram importados, em grande medida, especialmente via rio São Francisco e os tropeiros.

⁹²Formosa era distrito do município de Santa Rita do Rio Preto, sendo, em 1961, elevada à categoria de município com a denominação de Formosa do Rio Preto. Veja detalhes em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/formosa-do-rio-preto/historico>. Acesso em 26/03/2020. Rio Preto é um rio que deságua no Rio Grande, na Bahia, sendo os dois parte da bacia do São Francisco.

⁹³Santa Rita do Rio Preto, em 1931, passa a ser denominado de Rio Preto; em 1943 passa de Rio Preto para Ibipetuba e, por fim, em 1972, a Santa Rita de Cássia. Veja detalhes em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santa-rita-de-cassia/historico>. Acesso em 26/03/2020.

Assim, além da comercialização do gado, outros produtos eram comercializados nessa região (Bahia, Piauí, Goiás, etc.) pela navegação do “Velho Chico”. Como este rio não banhava o Piauí, carros de bois e tropas de animais de carga eram os responsáveis pelas conexões entre as populações não ribeirinhas, muitas delas do Piauí, e o rio São Francisco, que “propiciou a integração regional e inter-regional” (NEVES, 2009, p.51).

Santa Filomena, um dos municípios vizinhos a Gilbués e localizado à beira do Parnaíba, considerado este o maior rio exclusivamente nordestino e a divisa de Piauí e Maranhão, fora utilizado para navegação, especialmente de Floriano à foz, cidade de Parnaíba, Piauí. Para Gandara (2010), que pesquisou a navegação no Rio Parnaíba de 1850 a 1950, de Santa Filomena à cidade de Uruçuí esse rio era navegável, embora com ressalvas, pois a existência de corredeiras e estiagens eram obstáculos para a navegação neste trecho. Assim, o calado das embarcações deveria ser de, no máximo, 0,70m. Ainda segundo essa autora, “Desde muito cedo e mesmo após a navegação a vapor utilizou-se nesse trecho predominantemente as embarcações tradicionais como as balsas e, mais tarde, foi navegado por rebocadores construídos para este fim, portanto de baixo calado” (GANDARA, 2010, p.67).

Sobre o comércio no sul do Piauí, Gandara (2010, p.129) relata o percurso de um viajante, que, na década de 1930, saiu de Santa Filomena, navegando em balsa pelo rio Parnaíba em direção a Floriano e Teresina e, ainda, o transporte de alguns passageiros, couros de boi vindos do Goiás e peles de gato maracajá [*leopardus wiedii*], originários de Gilbués. A partir de Floriano, especialmente, o rio Parnaíba serviu como meio de transporte de animais, como o gado; peles de animais, cera de carnaúba, babaçu, etc., contribuindo imensamente para o desenvolvimento do comércio no Piauí e na cidade de Floriano e outras cidades ribeirinhas, como Amarante, Teresina e Parnaíba (GANDARA, 2010).

Porém, no sul do Piauí, nos municípios vizinhos a Gilbués, inclusive Santa Filomena, que é/era cidade ribeirinha, o rio Parnaíba não fora fator de desenvolvimento local, certamente pelas dificuldades navegáveis do rio nesta região. Por exemplo, em 1892, Joaquim Paranaguá, através de balsas, viaja pelo rio Parnaíba, de Santa Filomena, sul do Piauí, ao norte do estado e relata as dificuldades navegáveis do Alto Parnaíba, destacando que a navegação nessa região era “de tão urgente e palpitante necessidade para o engrandecimento dos dois estados, que semelhante serviço se impõe aos poderes públicos” (PARANAGUÁ, 2019, p.135).

Assim, caso tenha sido o rio Parnaíba um meio de exportação/importação de mercadorias e pessoas de grande relevância para o sul do Piauí, certamente não o fora a partir da primeira metade do século XX, de modo especial quando se inicia a garimpagem de

diamantes em Gilbués. Nessa direção, Queiroz (2006, p.174), quando analisa a importância da borracha de maníçoba na economia do Piauí nas duas primeiras décadas do século XX, afirma que, em 1913, o estado do Piauí, através da lei nº 765, de 15 de julho, foi autorizado a “contratar a construção e arrendamento de uma estrada de ferro ligando Floriano a Vila de Corrente, passando por Jerumenha, Bom Jesus e Parnaguá, com ramais para São João do Piauí e para Santa Filomena”.

Embora essa estratégia do Piauí de melhorar a infraestrutura, no sul do estado, de exportação da borracha de maníçoba não tenha saído do papel, revela indiretamente que o rio Parnaíba, a partir de Floriano não atendia às necessidades comerciais da época, pois o trajeto da estrada de ferro citada, com algumas ressalvas, seguia o percurso do rio em direção a Santa Filomena, sul do Piauí. Além disso, a partir das entrevistas, para esta pesquisa, com idosos que nasceram na primeira metade do século XX, Santa Filomena não aparece na memória coletiva, como um local de exportação/importação de mercadorias e/ou pessoas via rio Parnaíba. Nesse sentido é que em maio de 1946, o diretor geral do Departamento de Agricultura do Piauí, Fernando Pires Leal, desloca-se de Teresina a Floriano, pela via fluvial, e desta cidade para Gilbués, através de animais.

Com exceção de Bom Jesus, que através de tropas de animais comercializava com Floriano, cidade piauiense ribeirinha do Parnaíba, os demais municípios no sul piauiense como Corrente, Gilbués, Parnaguá e Santa Filomena tinham como referência comercial outros estados. Quer dizer, para estes municípios, de modo geral, o rio São Francisco fora mais importante comercialmente que o rio Parnaíba. Como dito anteriormente, as cidades ribeirinhas do São Francisco, na Bahia, eram por onde os moradores do sul do Piauí, e parte do Goiás, tinham acesso a certos produtos industrializados e exportavam suas mercadorias locais. Assim, o trânsito/migração dessas pessoas entre as fronteiras desses estados era algo comum.

Entrevistados nesta pesquisa destacam a ligação do sul do Piauí com a Bahia, Maranhão e Goiás, especialmente o território atual do Tocantins. Um dos entrevistados, por exemplo, fora cinco vezes ao município da Barra, Bahia, com tropa, “vendendo toucinho; vendendo farinha. E comprava lá a camisa, a roupa. Barra era uma cidade boa. Tinha o rio São Francisco que passava lá; tinha aquele caisão”⁹⁴ (Informação Verbal). Comerciantes também buscavam mercadorias na Barra para revendê-las no sudoeste do Piauí, como destaca o mesmo entrevistado:

⁹⁴ SOUZA, Isaías Fernando. 88 anos; ex-tropeiro do garimpo. Entrevista. (18/12/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Júlio Borges-PI, 2018. Arquivo MP4.

Júlio Rocha, que morava aí [Geti, hoje município de Curimatá e então povoado de Parnaguá] e Júlio Borges apanhavam mercadoria lá pra vender em Curimatá. Eles tinham loja aí, mas pegava mercadoria na Barra. Era tecido; café; sal. Tudo era de lá; querosene; vinha tudo da Barra. Lá tinha aqueles depósitos grandes (Informação Verbal)⁹⁵.

Na primeira metade do século XX o gado bovino já não era a principal fonte de receita do Piauí, especialmente em relação à exportação, quando predominam a borracha de maniçoba; a cera/pó de carnaúba; derivados do babaçu e o algodão (QUEIROZ, 2006). Entretanto, o gado *vacum*, nesse período, ainda era a atividade econômica predominante no sul piauiense, ficando isso evidente em entrevistas com idosos e outros documentos, com o IBGE (1940). Embora com uma zona de atuação geográfica menor, a comercialização de bovinos continuou envolvendo o sul do Piauí e os estados vizinhos, especialmente a Bahia, Goiás e Maranhão.

Mesmo o gado bovino perdendo força na geração de receita pública para o estado do Piauí, no cotidiano ele era imbatível e insubstituível, pois além de mercadoria, era alimento (carne, leite e derivados); animal de tração e matéria prima na produção de diversos utensílios de couro, como cadeiras, camas, roupas de vaqueiros, celas, cangalhas, chicotes, cordas, etc. A descrição de João Capistrano de Abreu sobre o Nordeste do Brasil, que viveu uma “época do couro”, serve para o sul do Piauí, ainda na primeira metade do século XX:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz (ABREU, 1982, p.133).

Nessa região, até a primeira metade do século XX, especialmente em Bom Jesus, Corrente, Gilbués, Parnaguá e Santa Filomena, o gado bovino era a principal fonte de receita pública e de proteínas para sua gente⁹⁶. A relevância do gado bovino na alimentação de pessoas no sul do Piauí é constatada por diversos autores, como Neiva e Penna (1912); Paranaguá (2019), entre outros. Este último, no sul do Piauí, em 1892, disse que “o piauiense, em geral, tem tanto amor à indústria pastoril, mesmo primitiva, como ainda se acha, que se

⁹⁵ *Idem.*

⁹⁶ Alguns municípios, como São Raimundo Nonato, no auge da exploração da borracha de maniçoba, o gado bovino perde em receita pública para aquela cultura, ficando em segundo lugar (NEIVA; PENNA, 1912, p.191). Porém, na alimentação humana, o gado bovino e seus derivados continuam como soberanos.

lhe ouve repetir sempre: ‘quem gado não cria, não tem alegria’ (PARANAGUÁ, 2019, p.101-102). Assim, além de mercadoria⁹⁷ e alimento, o gado bovino era fonte de *status* social.

Um dos entrevistados destaca, como mercadoria, o gado *vacum*, que era exportado do sul do Piauí: “Saía gado também. Vendia. Uns iam pra Jacobina, na Bahia. Atravessava o rio São Francisco e ainda ia pra Jacobina. Mas, o mais era aí mesmo na Barra, que tinha os boiadeiros”. Outras vezes vinha “muita gente comprar gado aqui [no sul do Piauí]” (Informação Verbal)⁹⁸. A atividade de tropeiro, de transeunte entre o sul do Piauí e os estados vizinhos, em muitos casos, era passada de geração em geração. “Meu pai caminhou muito também. Meu pai foi boiadeiro. Ele saía daqui e ia comprar gado no Goiás, lá no Tocantins. Saía em setembro e só voltava em novembro. Antes de minha mãe morrer, ele ia comprar gado lá e soltava aqui. No mês de maio pegava e ia vender em Jacobina”⁹⁹ (Informação Verbal).

Comparando com seus vizinhos, o Piauí na primeira metade do século XX ainda possuía um rebanho relativamente grande de bovinos, com 993.987 cabeças, tendo uma proporção de 1,21 bovinos por pessoa, superando Pernambuco (0,22), Ceará (0,47), Maranhão (0,65) e Bahia (0,69). Entre estes, o Goiás nesse período possuía o maior rebanho (IBGE, 1940), com 2.975.305 bovinos, com uma proporção de 3,60 gados por pessoa. Portanto, a média de gado por pessoa destes estados era de 0,64, o que correspondia a 17,77% da média de bovinos por pessoa no Goiás.

Assim, a compra de gado no Goiás tornou-se prática comum entre boiadeiros do sul piauiense, uma forma que muitos deles encontraram, certamente, para continuarem na atividade pecuária, devido à redução de bovinos no território piauiense, e para atender à demanda nos outros estados. Alguns entrevistados nesta pesquisa fizeram parte de comitivas de boiadeiros, que compravam bovinos no Goiás, recriavam-nos e engordavam-nos no Piauí, para revendê-los em outros estados ou mesmo no próprio Piauí.

Eu era o guia¹⁰⁰. Eu trabalhava mais era de guia, na frente, né? Eu tocava muito bem berrante. Eu toquei gado do Goiás, pro Ceará. De Arapirina pro Ceará também. Fui uma viagem buscar boi lá no Goiás pra levar pra Pernambuco. Vender no Ceará, no

⁹⁷Perante a escassez monetária, o gado bovino era usado como se fosse moeda no sul do Piauí. Dentre outros autores, ver Barros (2015).

⁹⁸ SOUZA, Isaías Fernando. 88 anos; ex-tropeiro do garimpo. Entrevista. (18/12/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Júlio Borges-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁹⁹ *Idem*.

¹⁰⁰ Além do guia, outros personagens eram importantes na condução da boiada: o boiadeiro/fazendeiro ou alguém de sua confiança, que administrava a boiada e as pessoas envolvidas no transporte dos animais; o areeiro, que era o responsável pelo transporte, em animais, e preparo do alimento das pessoas; e os tangerinos/vaqueiros, que conduziam o gado, muitas vezes a pé.

Pernambuco. Era o trafego deles [fazendeiros] desse tempo. Levava daqui pra vender lá (Informação Verbal)¹⁰¹.

Diferentemente dos outros municípios onde pesquisei, como Corrente, Gilbués e Parnaíba, onde o comércio (exportação/importação) era mais intenso com os estados vizinhos do Piauí, Bom Jesus priorizava o comércio com Floriano, pois, como dito, a partir desta cidade o rio Parnaíba apresentava melhores condições de navegabilidade para importação e exportação de mercadorias para/do Piauí. O próprio gado *vacum* era uma dessas mercadorias. O mesmo “guia” citado viajou “umas poucas de vez com tropa de animal, daqui de Bom Jesus pra Floriano”, de onde trazia diversas mercadorias, porque “nesse tempo o povo comia as coisas de mais necessidade era de lá. Buscava sal, porque nesse tempo comia sal era de lá essa região aqui toda” de Bom Jesus e era “trazido em costa de animal” (Informação Verbal)¹⁰².

O uso de tropa era recorrente no transporte de mercadorias no sul do Piauí ainda na primeira metade do século XX. Para além do gado, existiam outras mercadorias em trânsito, embora em menor quantidade, como a exportação de peles de animais. Gilbués, bem como os municípios vizinhos se inseriam nesse mercado. Em *Relatório* apresentado em 1930 ao Ministro da Agricultura, o Intendente Municipal de Gilbués, coronel Fausto Ferreira Lustosa, destaca que “O município de Gilbués é como os demais do sul do Piauí, essencialmente criador [...] A exportação consta de gado *vacum* para feiras da Bahia e Ceará, couros, peles e algumas borrachas de mangabeira” (LUSTOSA, 1929, p.2).

Entrevistados relatam que, de fato, o couro de boi, de ovinos e caprinos, bem como a pele de animais silvestres, como “gato do mato” ou maracajá e onças [*panthera onca*], eram artigos de exportação, especialmente para a Bahia, que de lá seguiam pelo rio São Francisco. “Tudo era vendido naquele tempo: pele de animal silvestre, que era pele de gato, pele de porco queixada [*tayassu pecari*], que dava dinheiro; era pele de teiú [*tupinambis merianae*], cobra; cobra jiboia [*boa constrictor*] tinha muita” (Informação Verbal)¹⁰³. Ao que parece, estas eram as principais fontes de renda, além da agricultura de sequeiro, do gado bovino e pequenos animais, das pessoas que viviam no sul do Piauí antes do garimpo. Paranaguá (2019), também, no final do século XIX constatou a diversidade e abundância de animais no sul piauiense, usada como alimento e mercadoria de exportação.

¹⁰¹ CANHOTO, Matias. 88 anos e ex-tropeiro. Entrevista. (16/12/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Bom Jesus-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁰² *Idem*.

¹⁰³ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

No final do século XIX e início do XX, pelo menos por quinze anos, a borracha de maniçoba foi o mais importante componente de formação da receita pública do Piauí, inclusive, pelo viés econômico, inseriu o Piauí na economia mundial, na medida em que nesse período foi o principal item de exportação, principalmente para Europa e Estados Unidos, para atender às demandas das indústrias automobilísticas e elétricas (FURTADO, 1989; QUEIROZ, 2006). Em 1913, considerava-se a maniçoba como a “fonte principal de riqueza pública piauiense” (MENSAGEM, 1914, p.42).

Além do Piauí, Ceará e Bahia eram os principais produtores de borracha de maniçoba, pois eram imensos seus maniçobais nativos¹⁰⁴. Por ter elevado preço no exterior e ser exclusivo do Brasil, estes estados e outros do Nordeste, Sul e Sudeste passaram a cultivar maniçobais. Porém, o surgimento da borracha asiática, cultivada com baixo custo de produção e de melhor qualidade, a partir de 1911, levou à ruína a produção e comércio da borracha nordestina¹⁰⁵ e amazônica¹⁰⁶.

Apesar de predominante, a maniçoba não era a única fonte de borracha no Piauí. Segundo Queiroz (2006, p.30-31), eram contabilizadas como borracha de maniçoba no Piauí a borracha de mangabeira e de “caucho [*castilloa ulei*], esta de origem goiana, em alguns anos escoada pelo Piauí”. Além disso, segundo um entrevistado nesta pesquisa, outra árvore se passava como maniçoba: “até leite de cansaço [*cnidosculus pubescens*] eles compravam” (Informação Verbal)¹⁰⁷. Somavam-se à borracha outras impurezas postas, de propósito, pelos maniçobeiros e trabalhadores para aumentar o peso da mercadoria, tais como fragmentos de quaisquer árvores e terra, sendo, com frequência, a maniçoba chamada, negativamente, de *maniterra*. Essa mercadoria extrativista, de baixa qualidade, como dito, não teve condições de competir com a borracha asiática (QUEIROZ, 2006).

¹⁰⁴ Veja a tipologia de maniçobais nativos, segundo Queiroz (2006): *manihot glaziovii* (ocorria no Ceará; norte do Piauí; Rio Grande do Norte e Paraíba); *manihot dichotoma* (ocorria no centro-sul da Bahia); *manihot heptaphylla* (ocorria ao norte da Bahia); *manihot piauihyensis* (ocorria no Sudeste do Piauí).

¹⁰⁵ O segundo período de exploração da borracha de maniçoba deu-se de 1940 a 1960, quando os japoneses dominaram os mercados asiáticos. Assim, os norte-americanos incentivaram e compraram a produção de borracha de maniçoba brasileira (OLIVEIRA, 2014). Porém, esta segunda fase foi menos intensa economicamente bem como do ponto de vista da imigração. Entre a primeira fase e a segunda, a exploração continuou. Porém, em números insignificantes para a economia piauiense.

¹⁰⁶ A região amazônica ainda no final da primeira metade do século XIX passou a produzir borracha para exportação, intensificando na segunda metade, quando atraiu trabalhadores do nordeste brasileiro. Segundo Furtado (1989, p.131), entre as últimas décadas do século XIX e a primeira do século XX emigraram não menos de meio milhão de pessoas para a região amazônica brasileira. A principal árvore amazônica de onde se extraía o látex era a seringueira [*hevea brasiliensis*].

¹⁰⁷ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

A exploração da borracha de maniçoba deu-se de norte a sul do Piauí. Porém, Floriano, São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Picos, Oeiras e outros municípios estavam entre os principais produtores. Assim, para a exploração da maniçoba no Piauí, imigraram trabalhadores de outros estados como Ceará, Bahia e, especialmente, de Pernambuco. Por causa disso, além de ter contribuído para a diminuição da emigração de piauienses para a Amazônia, a borracha colaborou com o surgimento/transformação de alguns povoados em municípios no Piauí (GODOI, 1999; QUEIROZ, 2006; OLIVEIRA, 2014). Além dos trabalhadores, comerciantes da borracha e de alimentos transitavam frequentemente as fronteiras do Piauí com os demais estados por causa dessa atividade econômica.

No sul do Piauí eram extensos os maniçobais nativos (QUEIROZ, 2006, p.73), mas a exploração econômica era tímida nos municípios de Corrente, Gilbués e Santa Filomena. Por outro lado, no sul piauiense Parnaguá e, principalmente, Bom Jesus eram quem mais se destacavam entre eles, sendo que este último ficou durante alguns anos entre os 10 principais municípios exploradores de maniçoba (QUEIROZ, 2006). Para o sul do Piauí, também, houve imigração de pessoas de outros estados para o trabalho na maniçoba (GUERRA, 1999; NEIVA; PENNA, 1912). No início do século XX, “Vinha um pessoal, geralmente, do Pernambuco. Chegaram a Curimatá. Eu sei de alguns casos. Esse pessoal vinha procurar um ganha pão” (Informação Verbal)¹⁰⁸. Outro entrevistado revela mais detalhes:

Então, no Morro Cabeça no Tempo [então município de Parnaguá], na região de São Raimundo, na caatinga toda, tinha muita maniçoba. E o Morro, Guaipaba, era fonte; a Caraíba. Nesse tempo dizem que veio 400 homens da Paraíba e fizeram um barracão pra furar maniçoba¹⁰⁹. Não conheci porque isso foi em 1914 e eu sou de 1930. Mas conheci alguns nomes; deixaram alguns parentes, casaram aí. Vieram da Paraíba. Um senhor por nome de Manoel Faustino trouxe 405 seringueiros (Informação Verbal)¹¹⁰.

Embora não fosse tão lucrativa para o Brasil, numa escala internacional, ou até mesmo para o estado, tudo indica que, no cotidiano, a produção de borracha do sul piauiense foi relevante, por atrair imigrantes de outros estados e permanecer, ainda hoje, na memória de idosos dessa região. Animais, como jumentos e burros, eram os meios de transportes para

¹⁰⁸MARTINS, João Ferreira. 95 anos, ex-tropeiro e recenseador do IBGE. Entrevista. (27/10/2018).

Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁰⁹O barraquista, proprietário ou arrendatário do maniçobal, constrói uma barraca próxima ao maniçobal e contrata os maniçobeiros, onde permanecem, no mínimo, uma semana distantes de seus familiares. O barraquista fornece alimentos e outros itens de primeira necessidade aos trabalhadores e seus familiares, contraindo dívida com aquele, antes mesmo de iniciarem a produção da borracha. Por outro lado, o barraquista se endividava com o comerciante, que fornecia os alimentos ao barracão. Todos os débitos, geralmente, eram pagos com borracha. Para mais detalhes sobre a relação entre barraquistas e maniçobeiros; condições e técnicas de trabalho nos maniçobais; contrabando de borracha, ver Neiva e Penna (1912); Queiroz (2006) e Oliveira (2014).

¹¹⁰ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

escoar a produção para as margens do rio São Francisco, na Bahia, no Pernambuco e no Ceará (LUSTOSA, 1929). Ao mesmo tempo, Queiroz (2006) enfatiza que o Piauí não tinha o controle de suas fronteiras nesse período de exploração da borracha de maniçoba/mangabeira. Assim, a produção desses municípios do sul do Piauí, certamente, foi muito além do que registravam as estatísticas oficiais do IBGE como produção piauiense, pois em muitos casos o produto era contrabandeado e contabilizado como originário da Bahia ou do Maranhão.

Em 1912 os médicos Arthur Neiva e Belisário Penna participaram de uma expedição científica do Instituto Oswaldo Cruz, passando por Pernambuco, Bahia, Piauí e Goiás. Em Parnaguá, sul do Piauí, eles constataram “vários barracões de maniçobeiros, cujos operários viviam, em sua maioria, escravizados aos barraquistas”. Dentre eles, crianças de 12 a 16 anos¹¹¹ eram aliciadas para o trabalho na produção de borracha, nos barracões, e tornavam escravizadas¹¹² por endividamento (de roupas, alimentos, etc.), podendo suas dívidas serem pagas por terceiros, mas o liberto do barracão tornar-se-ia escravizado de quem lhe pagara a dívida. Em caso de fuga, eram capturados, sendo que “as autoridades pactuavam sempre com essas traficâncias” (NEIVA; PENNA, 1912, p.199). De fato, segundo Queiroz (2006), às vezes, a manutenção da força de trabalho nos maniçobais era mantida através da utilização da força.

Após o primeiro ciclo da produção de borracha de maniçoba, a partir de 1914 a cera/pó de carnaúba [*copernicia prunifera*] assume o posto de principal produto piauiense de exportação, de grande relevância para as finanças do Piauí (QUEIROZ, 2006). Embora haja mudança da produção e comercialização de produtos do Piauí, cabe registrar que as conexões com outros estados permanecem. Quer dizer, a produção econômica da carnaúba continuou como um dos mecanismos de integração entre municípios do sul piauiense e os estados vizinhos, por meio do comércio.

A carnaúba é natural do Nordeste brasileiro, em estados como Ceará, Maranhão, Rio Grande do Norte e, principalmente, Piauí. Embora com preços variáveis no mercado externo, tendo uma considerável desvalorização após a Segunda Guerra Mundial (ARAÚJO, 2008), a cera/pó de carnaúba fora historicamente uma fonte de renda para o Piauí,¹¹³ configurando-se

¹¹¹ A mão-de-obra da maniçoba era composta por homens, mulheres e crianças (Queiroz, 2006, p.105).

¹¹² Em vez da categoria “escravo/a”, utilizaremos a “escravizado/a” na escrita deste trabalho. Como dizem Dorneles e Pereira (2020, p.4), “escravo/a” é a produção de uma identidade, enquanto “escravizado/a” é uma contingência histórica e cruel da vida de uma pessoa.

¹¹³ Por exemplo, em 2018, os cinco principais produtos de exportação do Piauí foram: grãos de soja (US\$ 630.115.541), ceras vegetais (US\$ 37.383.251), mel (US\$ 13.621.502), algodão (US\$ 3.862.279) e Couros e Peles (US\$ 1.283.079). Em 2019, foram: grãos de soja (US\$ 443.205.225), ceras vegetais (US\$ 40.417.704),

como um dos principais produtos de exportação do estado, sendo a base industrial de produtos diversos, como cosméticos, medicamentos, chips de computador, etc. Além disso, essa palmeira é matéria prima essencial na produção de objetos artesanais de utilidade cotidiana para moradores do Piauí (SANTOS, 2010). No dizer de Araújo (2008, p.199), “da carnaubeira, nada se perde. Tudo é aproveitado”.

Além da cera/pó de carnaúba, Queiroz (2006, p.145) destaca outros produtos piauienses relevantes para exportação, embora de menor expressão que a borracha, como o algodão, a partir de 1907, e o babaçu, (*orbignya speciosa*) a partir de 1917. Com relação ao babaçu, no sul do Piauí, especialmente nos municípios de Bom Jesus, Corrente, Gilbués, Parnaguá e Santa Filomena, o IBGE, de 1940, não registra nenhuma produção. Porém, nestes municípios há esta palmeira, embora em menor quantidade que em outras regiões do Piauí. Com relação ao algodão em caroço e a cera de carnaúba, respectivamente, o IBGE, de 1940, apresenta a produção dos referidos municípios, embora insignificante em relação à produção total do Piauí. Bom Jesus (191 t, / 5,76%... 5 t, / 0,20%), Corrente (24 t / 0,72%...0 t / 0,00%), Gilbués (30 t / 0,90%... 0 t / 0,00%), Parnaguá (3 t / 0,090%... 2 t / 0,08%) e Santa Filomena (2 t / 0,60%... 0 t / 0,00%).

Como no caso da maniçoba, certamente os números oficiais destes produtos apresentados pelo IBGE (1940) estão muito distantes da realidade piauiense, especialmente com relação a estes municípios de fronteira, com relações sociais e econômicas mais intensas historicamente com outros estados, como anteriormente discutido. Idosos entrevistados nesta pesquisa relatam a existência em seu cotidiano destas culturas (cera de carnaúba, babaçu, algodão) e seus derivados, bem como a exportação de parte de sua produção, especialmente para outros estados, como se fazia com a cera da maniçoba/mangabeira, peles de animais, gado *vacum* e seus derivados, etc.

Um dos entrevistados relata essa relação entre em Geti, então povoado de Parnaguá, hoje município de Curimatá, e o município da Barra, na Bahia.

Porque no começo aqui de Curimatá, que chegou o finado Abdias, Júlio Borges, esse povo, uma outra coisa que teve aqui de fartura, que corria dinheiro, foi a maniçoba e a cera de carnaúba. Foram as duas coisas que produziram aqui. Eles pegavam esse produto aqui e iam vender na Barra, também em costa de jumento. Abdias Albuquerque tinha tropa; Júlio Borges tinha tropa; Nonatão tinha a tropa dele; tinha os arrieiros¹¹⁴; os encarregados de ir com aquela tropa. Aí chegava lá, vendia aquela mercadoria, cera de carnaúba, maniçoba, coro de gato, coro de boi, pele de bode;

milho (US\$ 25.126.939), algodão (US\$ 11.274.968) e mel (US\$ 8.978.740). Para detalhes, ver CEPRO (2019, p.20 e 2020, p.17).

¹¹⁴ Nas grandes tropas, uma ou duas pessoas eram as responsáveis por arrear e desarrear os animais, pondo e tirando as cargas em lugares de descanso. Tais pessoas eram denominadas de arreeiros ou arrieiros.

eles exportavam pra lá. Aí de lá eles traziam o tecido; traziam o sal; trazia o café; trazia as ferramentas pra chegar aqui e vender, que justamente foi a riqueza que enricaram esses daí (Informação Verbal)¹¹⁵.

Assim como o gado bovino, no sul do Piauí, os produtos agrícolas/extrativistas, também, possuíam importância no provisão familiar, além da econômica. Neste último aspecto, destaca-se a figura do tropeiro, responsável pela comercialização de diversos produtos, onde não havia ferrovia, hidrovia e rodovia.

2.2 Migrações para o Garimpo de Diamantes em Gilbués/Monte Alegre-PI.

A população de Gilbués, como mostra o IBGE em 1940, era de 8.798 habitantes, sendo inferior à população de Bom Jesus, que era de 14.792. Já no Censo, de 1950, após o início da atividade de exploração de diamantes em Gilbués, este município registra um quantitativo populacional de 15.553, superando Bom Jesus, município mais populoso dessa região até então. Ao analisarmos a tabela abaixo, percebemos que Gilbués, os municípios vizinhos, bem como o estado do Piauí, obtiveram um aumento absoluto em sua população entre os Censos de 1940 e 1950. Porém, Gilbués se destaca em termos absolutos e relativos, pois sua população aumentou 76,77%, quantitativo superior, inclusive, ao do estado do Piauí, como referido abaixo na tabela 1.

Tabela 1: População de municípios do sul do Piauí de 1940 a 1950.

Município	1940	1950	Aumento Absoluto	Aumento Relativo (%)
Bom Jesus	14.792	15.241	449	3,03
Corrente	8.006	9.018	1012	12,64
Gilbués	8.798	15.553	6.755	76,77
Parnaguá	8.480	11.821	3.341	39,39
Santa Filomena	4.103	4.506	403	9,82
Piauí	817.601	1.045.696	228.095	27,89

Fonte: IBGE (1940; 1950)

Quanto à população feminina de Gilbués em 1940, segundo o Censo do IBGE, ela era superior à masculina. Dos 8.798 habitantes, 4.192 (47,6%) eram homens e 4.606 (52,4%), mulheres, levando em consideração à “população de fato”, à “de direito” e “de moradores presentes”¹¹⁶. Essa superioridade feminina estava presente, também, nos demais municípios

¹¹⁵PARENTE, Marcos Antônio. 92 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹¹⁶ Para o IBGE (1940), a “população de fato” é constituída pelos nativos presentes e os imigrantes. E a “população de direito” é constituída pelos nativos presentes ou não, ou seja, os emigrantes estão incluídos neste

vizinhos a Gilbués, no próprio Piauí e nos demais estados origens de imigrantes do garimpo, como Maranhão, Ceará, Bahia¹¹⁷. Aliás, a população feminina no Brasil era superior à masculina, como mostra a tabela 2.

Tabela 2. Características gerais da população de municípios do sul do Piauí em 1940.

Municípios	População Presente				
	Total	♂		♀	
		nº	%	nº	%
Bom Jesus	14.792	7.281	49,2	7.511	50,8
Corrente	8.006	3.877	48,4	4.129	51,6
Gilbués	8.798	4.192	47,6	4.606	52,4
Parnaguá	8.480	4.187	49,4	4.293	50,6
Sta. Filomena	4.103	2.000	48,7	2.103	51,3
Piauí	817.601	404.989	49,5	412.612	50,5

Fonte: IBGE (1940)

Porém, o Censo, de 1950, apresenta uma mudança significativa na divisão entre homens e mulheres, especialmente no município de Gilbués. Enquanto o Piauí e os municípios do sul do estado, no aspecto “população presente”, continuam com o número de mulheres superior ao dos homens, como no Censo de 1940, em Gilbués essa equação muda em 1950, após o início da exploração de diamantes, quando os homens tornam-se maioria no município. Veja a tabela 3 abaixo:

Tabela 3. Características gerais da população de municípios do sul do Piauí em 1950.

Municípios	População Presente				
	Total	♂		♀	
		nº	%	nº	%
Bom Jesus	15.241	7.441	48,8	7.800	51,2
Corrente	9018	4.311	47,8	4.707	52,2
Gilbués	15.553	8.028	51,6	7.525	48,4
Parnaguá	11.821	5.684	48,1	6.137	51,9
Sta. Filomena	4.506	2.207	49,0	2.299	51,0
Piauí	1.045.696	517.185	49,4	528.511	50,6

Fonte: IBGE (1950).

grupo. Já os “moradores presentes” são os nativos não migrantes. Porém, no IBGE de 1950 esses termos são substituídos pelos seguintes: “População Presente”, “Não Moradores Presentes” e “Moradores Ausentes”. De acordo com o Censo Demográfico, com data de referência em 1º de julho de 1950, “a pessoa podia ser contada no lugar de presença, na data do Censo, embora aí não residisse habitualmente, ou no lugar de residência habitual, quando dele afastada temporariamente” (IBGE, 1950, p. XIII).

¹¹⁷ Entre os estados originários de garimpeiros que trabalhavam no Piauí, apenas o Goiás apresentava uma estatística masculina superior em 1940. Eram 826.414 habitantes, sendo 418.707 homens e 407.707 mulheres (IBGE, 1940).

É importante destacar, também, o quantitativo da população nestes municípios com relação à migração, nos Censos do IBGE de 1940 e 1950. Ao relacionarmos os moradores presentes na data do Censo de 1940, com a população de fato, teremos a quantidade de imigrantes, emigrantes e, conseqüentemente, o saldo populacional dos municípios em destaque, bem como do estado do Piauí. Bom Jesus, no Censo de 1940, é o município que possui o maior deslocamento populacional, seja de emigrantes ou imigrantes.

Tabela 4: Migrações populacionais em municípios do sul do Piauí em 1940.

Municípios	Moradores Emigrantes			Moradores Imigrantes			Saldo Migratório		
	Total	♂	♀	Total	♂	♀	Total	♂	♀
Bom Jesus	83	70	13	151	105	46	68	35	33
Corrente	24	21	03	99	53	46	75	32	43
Gilbués	75	59	16	30	14	16	-45	-45	00
Parnaguá	60	36	24	74	48	26	14	12	02
Santa Filomena	35	33	02	97	65	32	62	32	30
Piauí	5.129	3.452	1.677	5.932	3.325	2.607	803	-127	930

Fonte: IBGE (1940)

Porém, o município de Corrente apresenta o maior saldo migratório em 1940. Neste município, em 1920, instalou-se o Colégio Industrial Batista¹¹⁸, instituição de ensino coordenada por evangélicos Batistas norte-americanos. Assim, o município de Corrente tornou-se uma referência em estudos para seus vizinhos do Piauí, Maranhão e Bahia, colaborando, certamente, com o saldo migratório positivo de Corrente em 1950, inclusive superior ao de 1940. Os próprios idosos entrevistados reconhecem a relevância do Instituto Batista Industrial para o sul do Piauí, embora nem todos tivessem acesso, como alunos:

Foi uma dádiva de Deus, que eu considero hoje Corrente uma terra de doutores, porque isto se deve àquele povo que veio fundar aquele colégio ali, que beneficiou muito; trouxe educação. Trouxe nem só a religião, como trouxe também a educação. Eu mesmo tive tanta vontade de estudar naquele colégio e não tinha condições. A vontade que eu tinha de estudar, era absurda, que na Bahia eu só aprendi assinar meu nome apenas. E tão perto, mas me faltava condições. Eu considerava aquilo um grande colégio, que, na verdade, deu vida a Corrente (Informação Verbal)¹¹⁹.

Mesmo assim, neste Censo de 1940 não aparece nenhum destes municípios, em destaque, no sul do Piauí como grande polo atrativo de pessoas e nem como lugar de emigração, tendo um saldo migratório praticamente estável, a mesma realidade do estado. Neste cenário, como mostrou a tabela 4, apenas o município de Gilbués surgia como exceção,

¹¹⁸Atualmente denomina-se Instituto Batista Correntino (IBC). Sobre a relevância do IBC, em termos educacionais, para o sul do Piauí, veja, dentre outros, Nogueira e Ferro (2015).

¹¹⁹MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

diferenciando-se da média estadual e seus vizinhos, apresentando um saldo migratório negativo. Quer dizer, emigravam mais pessoas do que imigravam.

Porém, o Censo do IBGE, de 1950, apresenta uma nova realidade com relação ao saldo populacional. O estado do Piauí, ao contrário de 1940, surge com um saldo migratório negativo, bem como alguns municípios vizinhos a Gilbués, tais como Santa Filomena, Bom Jesus e Parnaguá. Se no Censo de 1940, Gilbués fora o único destes municípios em análise que possuía um saldo migratório negativo, obteve, no Censo de 1950, o maior saldo migratório positivo dessa região, indo na contramão do movimento migratório do Piauí. Certamente, a exploração de diamantes foi o diferencial nesse município, tornando-se o principal polo de atração de pessoas de outros estados e de municípios piauienses, especialmente seus vizinhos. Veja a tabela 5 abaixo.

Tabela 5: Migrações populacionais em municípios do sul do Piauí em 1950.

Municípios	Moradores Emigrantes			Moradores Imigrantes			Saldo Migratório		
	Total	♂	♀	Total	♂	♀	Total	♂	♀
Bom Jesus	433	289	144	249	169	80	-184	-120	-64
Corrente	158	89	69	173	82	91	15	-7	22
Gilbués	442	324	118	614	414	200	172	90	82
Parnaguá	614	424	190	282	173	109	-330	-251	-81
Santa Filomena	207	136	71	138	89	49	-69	-47	-22
Piauí	19.657	12.625	7.032	18.161	10.581	7.580	-1.496	-2.044	548

Fonte: IBGE (1950)

Estes dados do IBGE, de 1940 e 1950, permitem inferir o quantitativo de mulheres e homens envolvidos na migração no Piauí, bem como no município de Gilbués e vizinhos. Os dois Censos registram que migraram mulheres e homens, sendo estes em maior número. No Censo de 1940, o estado do Piauí obteve um saldo migratório negativo com relação aos homens, mas positivo em relação às mulheres. O município de Gilbués, seguindo a mesma lógica, obteve também um saldo migratório negativo de homens, mas estável no caso das mulheres. Já os outros municípios vizinhos a Gilbués obtiveram saldos positivos migratórios nas categorias “homens” e “mulheres”.

No Censo de 1950 o número de homens imigrantes em Gilbués foi maior que das mulheres, já que eles eram os que mais se envolviam nesta migração no período. Ao que tudo indica, esta estatística relaciona-se com a atividade garimpeira, por ser esta predominantemente masculina. Porém, mulheres migraram para o município de Gilbués, causando, inclusive, um saldo positivo na migração em seu segmento. Já os demais

municípios vizinhos, com exceção de Corrente, também, constataram saldo negativo migratório com relação às mulheres.

Embora sejam representativos os números populacionais apresentados pelo IBGE, certamente eles não deem conta de toda a dinâmica migratória que ocorria no Piauí e, conseqüentemente, nos municípios do sul do estado, como Gilbués. Por exemplo, em 1950, provavelmente a quantidade de pessoas no cotidiano no município nesta época tenha sido superior a 15.553 pessoas, devido à atividade do garimpo de diamantes, se levamos em consideração entrevistas com ex-garimpeiros e outros documentos.

Para Fernando Pires Leal (1947, p.322)¹²⁰, diretor geral do Departamento de Agricultura do Piauí, em 1946, “em menos de dois meses já haviam afluído mais de 2.000 pessoas para Gilbués, continuando a chegar diariamente grandes levas”. Pessoas idosas ouvidas nesta pesquisa e que trabalharam nos garimpos de Monte Alegre e Gilbués e/ou vivenciaram pessoalmente ou “por tabela” esse período relataram que “num dia pra uma noite tinha mais de 15 mil pessoas” nos garimpos. “Descobriu uma mancha acolá; nem que mentisse. Quando chegava lá, no outro dia estava assim¹²¹ de gente” (Informação Verbal)¹²².

Outro entrevistado, ex-garimpeiro, afirma que, apenas em um dos povoados de Gilbués fundados com a exploração do diamante, como Boqueirão do Garimpo, “teve uns 20 mil habitantes” (Informação Verbal)¹²³. Por fim, outro narrador relatou que no auge do garimpo havia “morando 50 mil pessoas entre Gilbués, Boqueirão e Monte Alegre” (Informação Verbal)¹²⁴, os principais núcleos populacionais de então. Dificilmente pode-se calcular com exatidão a população do garimpo, pois ela era dinâmica, variando conforme o dia da semana, com a chegada dos feirantes, ou períodos do ano. Além disso, inúmeros garimpeiros residiam temporariamente em barracões nos manchões de diamantes, dificultado, inclusive, o trabalho do IBGE no registro populacional de Gilbués.

Determinados gestos com as mãos e expressões verbais são comuns entre os entrevistados idosos para se referirem à grande quantidade de pessoas que migraram para Gilbués por causa do diamante. Por exemplo, referindo-se às pessoas nesta região por causa

¹²⁰ Este Relatório foi fotografado/reproduzido, na íntegra, por Pedro Paulo Tavares de Oliveira. Para mais detalhes, veja In__ Cavouqueiro. Edição do autor, Brasília – DF, 2009. P.70.

¹²¹ O entrevistado gesticula com as mãos, indicando um grande quantitativo de pessoas nos garimpos.

¹²² PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹²³ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹²⁴ CORADO NETO, Fabriciano. 51 anos. Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués. Entrevista. (21/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

do garimpo, um entrevistado usou imagens de “guerra” e “revolução”, como expressões quantitativas: “o garimpo, isso foi um movimento maior do mundo. Foi uma revolução. É como uma guerra, quando levanta aquela revolução, é como um garimpo quando explode assim” (Informação Verbal)¹²⁵.

Outra metáfora usada para destacar a grande quantidade de pessoas no garimpo foi a de “formigueiro”. “Era mais gente que formiga” (Informação Verbal)¹²⁶, disse um entrevistado sobre os garimpeiros trabalhando em Gilbués. Essa mesma imagem, com frequência, é utilizada na descrição de outros garimpos. Por exemplo, em 1949, Brasiliense (1985, p.30) afirma que nos garimpos de Pium, em Goiás, “Havia gente como formiga”. Abordando a exploração de diamante na Chapada diamantina, Martins (2013, p.77) destaca que a descoberta do minério “transformou aquele local em verdadeiro formigueiro humano”. Além desses, o garimpo de Serra Pelada, na década de 1980, era referido pela imprensa ou parte dela, segundo Lavarda (2017, p.1), como “formigueiro humano”. Difícil precisar quando ou onde surgiu essa metáfora do garimpo formigueiro em Gilbués, mas ela pode ter imigrado no período da garimpagem como ocorreu com outros termos, como fornecedor e faisqueiro, ou pode ter sido incorporado posteriormente às novas narrativas sobre o passado garimpeiro de Gilbués, fenômeno comum em narrativas, quando o passado é reinterpretado/reconstruído.

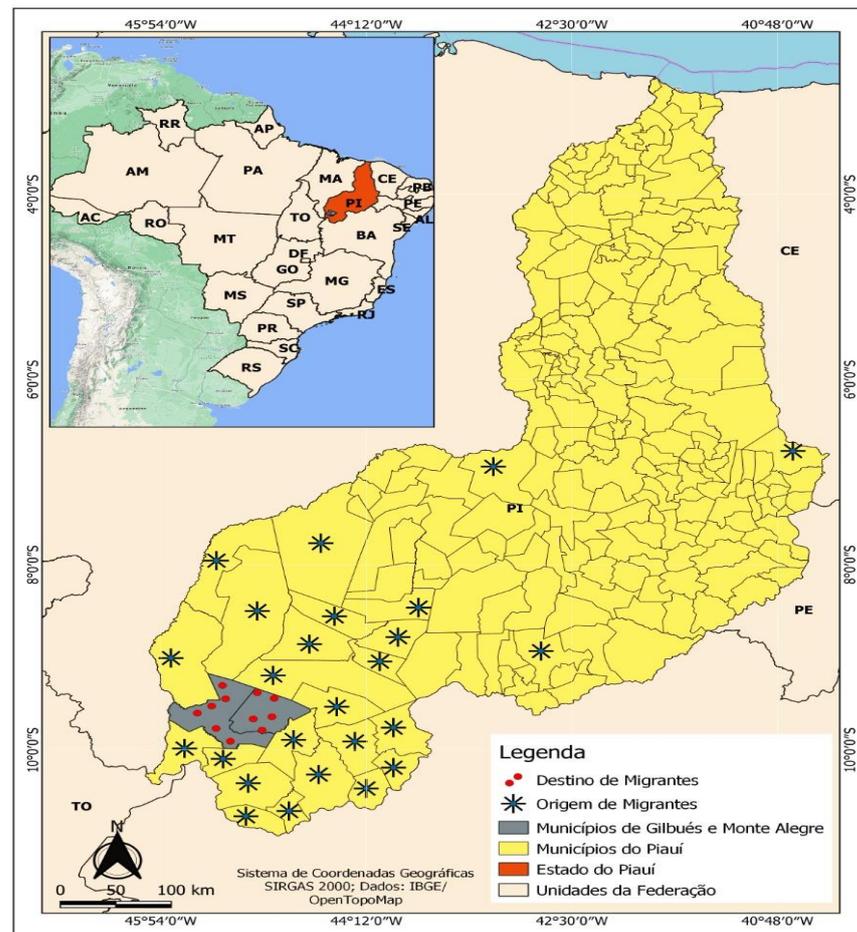
Com relação aos lugares de origem das pessoas que emigraram para os garimpos de Gilbués/Monte Alegre, entrevistados na pesquisa citaram os municípios piauienses: Canto do Buriti, Floriano, Jerumenha, Pio IX, São Raimundo Nonato e Uruçuí, além dos municípios vizinhos de Gilbués, como Bom Jesus, Corrente, Santa Filomena e Parnaguá. Destes, diversos povoados, origens de emigrantes do garimpo, emanciparam-se politicamente nas décadas de 1950 e 1960, surgindo novas municipalidades, tais como Avelino Lopes, Barreiras do Piauí, Cristalândia, Cristino Castro, Curimatá e Redenção do Gurgueia e Monte Alegre, dentre outros¹²⁷. Veja o mapa 3.

¹²⁵ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹²⁶ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹²⁷ Avelino Lopes, desmembrado de Curimatá em 1961; Barreiras do Piauí, desmembrado de Gilbués em 1962; Cristalândia, desmembrado de Corrente em 1962; Cristino Castro, desmembrado de Bom Jesus em 1953; Curimatá, desmembrado de Parnaguá em 1953 e Redenção do Gurgueia, desmembrado de Bom Jesus e Monte Alegre em 1962. Mais recentemente outros municípios se emanciparam de Gilbués e seus vizinhos, como São Gonçalo do Gurgueia (1995), Riacho Frio (1994) e Sebastião Barros (1994).

Mapa 3: Mapa político do Piauí, destacando a migração de piauienses para o garimpo de Gilbués e Monte Alegre-PI.



Fonte: (IBGE, 2000), adaptado por Rogério Jr. e Marques (2021).

Os garimpos de Gilbués, “rica terra do diamante”¹²⁸, atraíram também pessoas de outros estados. Fernando Pires Leal, em 1946, constatou, *in loco*, que, para Gilbués, “vieram garimpeiros experimentados de quase todos os cantos do Brasil” (OLIVEIRA, 2009, p.70). E perguntado sobre as origens de imigrantes do garimpo, um entrevistado afirmou que “vinha de todo lugar; aqui tinha garimpeiro do Maranhão; do Goiás; do Pernambuco; da Paraíba; de todo canto” (Informação Verbal)¹²⁹. Outros entrevistados citaram ainda os estados do Ceará e Sergipe.

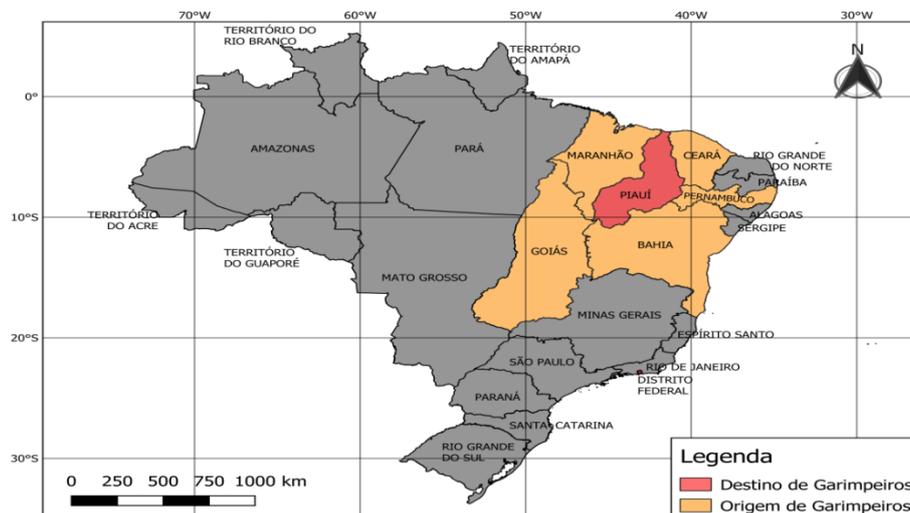
¹²⁸ Assim se referia a Gilbués o Jornal *O Piauí*, em 1947.

¹²⁹ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Também vieram estrangeiros para a “terra do diamante”. Entrevistados narram sobre sua presença no comércio local: “E de Floriano veio seis carcamanos¹³⁰, tudo rico pra botar loja aqui de tecido” (Informação Verbal)¹³¹. Já outro entrevistado apresentou outro ramo de atuação dos estrangeiros: “naquele tempo, no começo do garimpo, tinha pessoas que vinham da Rússia. Exportadores que vinham dos Estados Unidos” (Informação Verbal)¹³². Nessa direção, o Jornal *O Dia*, em 23 de setembro de 1953, em reportagem intitulada *A Riqueza de Gilbués*, afirmou que neste município “muitos forasteiros têm feito fortuna ali. Estrangeiros de vários continentes procuram os garimpeiros para aquisição de pedras valiosas”. Porém, em termos quantitativos, ao que tudo indica, não fora relevante a participação de estrangeiros na exploração do diamante em Gilbués.

Sobre as origens dos imigrantes do garimpo de Gilbués/Monte Alegre, uma entrevistada é enfática: “Aqui tudo era baiano, rapaz! Garimpeiro era ba-ia-no” (Informação Verbal)¹³³. Porém, vieram imigrantes para o garimpo de outros estados que faziam fronteira com o Piauí. Veja abaixo o mapa 4:

Mapa 4: Mapa político do Brasil de 1945, destacando a migração de outros estados para os garimpos de diamantes no Piauí.



Fonte: (IBGE, 1945), adaptado por Rogério Jr. e Abreu (2021).

¹³⁰ Carcamano, no Brasil, refere a povos de diversas nacionalidades, como italianos, árabes, turcos, sírios, etc. No universo da pesquisa, carcamano era usado para nomear qualquer estrangeiro.

¹³¹ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹³² MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹³³ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

As pessoas entrevistadas destacaram diversos municípios destes estados. Barra, Buritirama, Formosa do Rio Preto, Irecê, Itabuna, Pilão Arcado, Remanso, Santa Rita, Santo Inácio e Xique-Xique (Bahia); Crato e Pedra Branca (Ceará); Pium e Tupirama (Goiás)¹³⁴, hoje, pertencentes ao Tocantins; Alto Parnaíba, Carolina e São João dos Patos (Maranhão). Porém, nenhum outro município foi mais citado como origem de migrantes para o garimpo que Santo Inácio, na Bahia: “Com a vinda do garimpeiro, dos cabeça da coisa, que vieram pra aqui, aí a cidade lá, podemos dizer que entrou em decadência, né” ? (Informação Verbal)¹³⁵.

Para esse entrevistado baiano, Santo Inácio era lugar de exploração de minérios, como diamante, cristal e ouro. De fato, em 1836 foram descobertas as primeiras minas de pedras preciosas nesse município, para onde migraram pessoas para explorar os minérios, formando povoados que fazem referência a essa atividade econômica, como Caldeirão do Ouro e Gentio do Ouro, que se tornaram, posteriormente, origens de garimpeiros que migraram para Gilbués/Monte Alegre.

Em 1940, no Censo do IBGE, Santo Inácio possuía uma população de 15.880 habitantes, sendo a maioria masculina (51,3%), o oposto do estado da Bahia, que possuía 1.913.868 homens (48,8%) e 2.004.244 mulheres (51,2%) (Veja a tabela abaixo). Como este município era de exploração de minérios, certamente havia um contingente populacional masculino imigrante, trabalhando nessa atividade.

Tabela 6: Emigrações do município de Santo Inácio-BA entre os Anos de 1940 e 1950.

Ano	Cidade origem	População Total	♂		♀	
			nº	%	nº	%
1940	Santo Inácio-BA	15.880	8.147	51,3	7.733	48,7
	Bahia	3.918.112	1.913.868	48,8	2.004.244	51,2
1950	Santo Inácio-BA	15.440	7.712	49,9	7.728	50,1
	Bahia	4.834.575	2.352.821	48,7	2.481.754	51,3
Redução	Santo Inácio-BA	440	435	98,9	5	1,1

Fonte: IBGE (1940 e 1950).

Já no Censo, de 1950, Santo Inácio reduz seu contingente populacional para 15.440, ao contrário da tendência da Bahia, quando houve aumento populacional no estado. Em Santo

¹³⁴ Pium, hoje, pertence ao Estado do Tocantins. Sua origem está relacionada à extração de cristal. Foi emancipado politicamente de Porto Nacional em 1953, ambos os municípios pertenciam ao Goiás.

¹³⁵NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Inácio, ao contrário de 1940¹³⁶, as mulheres tornaram-se maioria em 1950, passando de 48,7%, para 50,1%. Quer dizer, deste município na década em questão emigram mais homens que mulheres, deixando de ser um *locus* de atração para tornar-se de expulsão populacional, pois do quantitativo reduzido, 98,9% foi de homens e 1,1%, de mulheres.

Essa redução populacional de Santo Inácio está relacionada com a exploração de diamantes em Gilbués, segundo ex-garimpeiros que de lá migraram. Para um deles, ouvido na pesquisa, Gentio do Ouro era distrito do município de Santo Inácio. “Com a influência do garimpo, aí vieram os garimpeiros ao Piauí e diminuiu a população”. Por isso, “mudou a sede de Santo Inácio para Gentio do Ouro”, novo nome do município, e Santo Inácio tornou-se distrito de Gentio do Ouro, assim como Gameleira e Caldeirão, outros povoados de origem de muitos garimpeiros que migraram para Gilbués (Informação Verbal)¹³⁷.

Embora outras causas possam ser arroladas para a transferência da sede municipal, a redução populacional de Santo Inácio, certamente, colaborou com essa decisão política, pois, de fato, através da *Lei Estadual nº 628, de 30 de Dezembro de 1953*, a sede administrativa do município passa de Santo Inácio para Gentio do Ouro, ficando Santo Inácio fica como distrito do município Gentio¹³⁸ do Ouro¹³⁹.

Gentio do Ouro localiza-se no centro norte baiano, a 589 km de Salvador, capital da Bahia. E de Gentio do Ouro/Santo Inácio a Gilbués a distância em linha reta é de 359 quilômetros. Caso se use atualmente a rodovia, na época inexistente, a distância aumenta para 746 km¹⁴⁰. Assim, os garimpeiros a pé ou montados em animais trafegavam por outros caminhos e a distância entre origem e destino, certamente, não era essa, como nos relata um garimpeiro vindo de Gentio do Ouro, passando por Barra do Rio Grande, Santa Rita, Corrente e, por fim, Gilbués. “Nós mesmos chegamos aqui trazendo um jumento com uma carga e chegamos aqui, como diz o povo, na marra. Essa viagem nós fizemos em aproximadamente 17 ou 18 dias” (Informação Verbal)¹⁴¹.

¹³⁶ Segundo o IBGE, em 1940, o estado da Bahia possuía 150 municípios, permanecendo esse mesmo número no Censo de 1950. Assim, a redução da população de Santo Inácio se deu pela emigração e não por emancipação política de algum povoado.

¹³⁷ NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹³⁸ “Gentio” é relativo à grande quantidade de gente (os gentios) envolvida na garimpagem do ouro, cristal e diamantes neste território baiano.

¹³⁹ Para mais detalhes, veja: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Gentio do Ouro. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/gentiodoouro.pdf>. Acesso em 07/012010.

¹⁴⁰ Distâncias calculadas no site <https://www.distanciaentreasidades.com.br/distancia-de-gilbues-piaui-brazil-ate-gentio-do-ouro-ba-brazil>. Acesso em 07/01/2020.

¹⁴¹ NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Muitos dos que migraram para Gilbués já possuíam experiência na atividade de garimpo. Além de Santo Inácio/Gentio do Ouro na Bahia, diversos outros municípios baianos, goianos e maranhenses, por exemplo, tinham tradição na exploração de algum minério. E mesmo garimpeiros do Piauí, onde não havia garimpagem até então, muitos deles antes de migrarem para Gilbués já tinham trabalhado em garimpos da Bahia e de Goiás, especialmente no cristal de rocha. O ambiente de garimpo e a forma de trabalho já lhes eram familiares em muitos casos. Assim, com a descoberta do diamante em Gilbués, muitos garimpeiros retornaram para o Piauí.

Voltou muita gente do Pium [então Goiás], dos garimpos do rio Vermelho¹⁴², no Goiás. Vieram tudo pra aqui pra Gilbués. Antes deste daqui, já tinha descoberto o da Bahia, de cristal, na serra do Rumo¹⁴³, muitos deles foram pra lá. Mas voltaram com o garimpo de diamante aqui; eles voltaram e ficaram por aqui uns tempos. Foram um bocado; a rapaziada daquele tempo foram tudo os que já estavam adulto (Informação Verbal)¹⁴⁴.

O garimpeiro do sul do Piauí que retornava ao garimpo de diamantes em Gilbués, provavelmente, buscava não somente melhores condições econômicas, mas um trabalho mais próximo de sua família em seu lugar de origem.

2.2.1 O Acesso à “Terra do Diamante”: o *Far West* do Piauí

O acesso aos garimpos de Gilbués, no início da exploração do diamante dava-se, principalmente, por meio de montaria em animais ou a pé. *O Relatório, de 1947, do Departamento de Agricultura do Piauí*, constata, por exemplo, que se encontrava “interrompido o tráfego da estrada carroçável, que liga a cidade de Gilbués à de Bom Jesus, por falta de conservação”. Os funcionários do governo que saíram de Teresina chegaram a Floriano por via fluvial e desta cidade a Gilbués foram a cavalo. “Partindo de Teresina em 1º de maio de 1946, atingimos Gilbués a 14 do mesmo mês, e chegamos a Teresina, de regresso, a 1º de junho” (LEAL, 1947, p.332)¹⁴⁵.

Assim, pela distância e precariedade das estradas, a comunicação entre o sul do Piauí e a capital, Teresina, era mínima até os anos de 1970, indo pouco além da cobrança de impostos pelo governo estadual. Ao que tudo indica o acesso ao sul do Piauí, por via terrestre,

¹⁴² O Rio Vermelho, do estado do Goiás, é citado por entrevistados como destino de garimpeiros piauienses, antes de Gilbués. Este rio é afluente do Rio Araguaia, que deságua no Rio Tocantins.

¹⁴³ Garimpo de cristal de rocha, no município de Xiquexique, Bahia.

¹⁴⁴ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁴⁵ Para detalhes, ver Oliveira, *op.cit.*

continuava precário no período de exploração do diamante assim como no início do século XX, como relatam alguns cronistas. No dizer de Neiva e Penna (1912, p.191), referindo-se ao sul do Piauí e estados vizinhos, por onde andaram no começo do século XX:

Raro o indivíduo que sabe o que é o Brasil. Piauí é uma terra, Ceará outra terra, Pernambuco outra e assim os demais estados. O governo é para esses párias um homem que manda na gente, e a existência desse governo conhecem-na porque esse homem manda todos os anos cobrar-lhes os dízimos (impostos). Perguntados se essas terras (Piauí, Ceará, Pernambuco, etc.) não estão ligadas entre si, constituindo uma nação, um país, dizem que não entendem disso. Nós éramos para eles gringos, *lordaços* (estrangeiros fidalgos). A única bandeira que conhecem é a do Divino.

A dificuldade de acesso ao sul do Piauí no século XX é relatada por outras fontes. Em 1929, em *Relatório* sobre o município de Gilbués, Fausto Lustosa escrevia que “O progresso do município é lento, principalmente por falta de meios de transportes, sendo os que possuímos arcaicos e deficientíssimos” e “a construção de estradas de rodagem ligando os municípios do sul deste estado é uma necessidade urgente e que se impõe”. (LUSTOSA, 1929, p.02-03). O Jornal *O Piauí*, em 5 de agosto de 1951, denuncia, também, que pessoas do “longínquo” e “abandonado” sul do Piauí “vegetam abandonadas sem os mais primários cuidados” por parte do poder público. Sobre o acesso a essa região, diz o referido jornal: “Nenhuma estrada de rodagem serve a essas populações, que só são chamadas à comunhão piauiense às vésperas de eleições ou em épocas de cobranças de impostos”.

As estradas do norte do Piauí, também, não estavam em boas condições de trafegabilidade nesse período, segundo o jornal *O Dia*¹⁴⁶, de 5 de novembro de 1959, em reportagem intitulada *Estradas da Morte*¹⁴⁷, que denunciava as péssimas condições das estradas piauienses comparadas com as de outros estados: “Até parece que o Piauí é o fim do mundo, o *Far West* do Brasil”. Nesta lógica, dentro do Piauí, o sul do estado seria “o fim do mundo”, pois até a década de 1960 os jornais da capital denunciavam/lamentavam que “a

¹⁴⁶Jornal fundado por Raimundo Leão Monteiro, tendo a primeira edição circulada em 1º de fevereiro de 1951, autointitulando-se como “Órgão Independente, Noticioso e Político”. A independência financeira, segundo o jornal, geraria condições de produção de um jornalismo mais objetivo e moderno, com certa “independência” dos partidos políticos no Piauí, o que não era comum, pois os jornais na época eram extremamente ligados a agremiações políticas, como *O Piauí* e *O Jornal do Piauí*, ligados, respectivamente, à UDN ao PSD. Entretanto, pelo fato de o fundador do jornal *O Dia* ser amigo do governador Pedro Freitas, do PSD, e a primeira edição ter circulado no primeiro dia de mandato do governador, dentre outros fatos, nem sempre esse jornal era considerado como “independente”, sendo, por diversas vezes, definido como “órgão oficioso de governo” e “pessedista”, principalmente no primeiro ano de sua existência, sendo necessário *O Dia*, com frequência, justificar sua “independência” em seus editoriais. Entre maio e outubro de 1962, *O Dia* foi arrendado ao PTB, coroando um processo de aproximação de anos anteriores com a política partidária, como mostra Lima (2014).

¹⁴⁷A BR 135, que passa no sul do Piauí, inclusive em Gilbués e Monte Alegre, ainda hoje é denominada de “Rodovia da Morte”, devido à grande quantidade de acidentes nesta rodovia, muitos deles causados pelas condições inadequadas de trafegabilidade.

região está ainda abandonada, pela distância que se encontra dos centros maiores e falta de comunicações”¹⁴⁸.

Os imigrantes do garimpo entrevistados na pesquisa também relataram as dificuldades de acesso a Gilbués, local caracterizado como “isolado”, especialmente nos períodos das chuvas, quando se tornava difícil a passagem pela serra do Gurgueia ou do Papagaio, entre os municípios de Corrente e Gilbués. Este era um grande obstáculo para os transeuntes que tinham acesso aos garimpos pela parte sul de Gilbués.

A serra, essa serra [do Gurgueia] entre Corrente e Gilbués era quase uma incógnita. Pra se chegar a Gilbués era difícil. Em época de chuva, por exemplo, era mais ainda. Era difícil. Você imagina que aqui, no passado, não tinha meio de comunicação. Eu conheci aqui pessoa que ia levar carta a Santa Filomena às vezes até de pé. Levar correspondência e trazer. Pra ver a dificuldade. Gilbués era uma cidade; eu considero assim um isolamento, porque não tinha meio de comunicação, não tinha estrada (Informação Verbal)¹⁴⁹.

Assim, para terem acesso a Gilbués, os animais eram o principal meio de transporte dos imigrantes. De maneira geral, os garimpeiros usavam jumentos, com carga, transportando alguns pertences, como roupas e alimentos para serem consumidos no percurso entre seu local de origem e Gilbués: “Naquele tempo a viagem era feita mesmo; a maior parte mesmo do pessoal veio de pé. E na época, nós tínhamos um jumento. Esse jumento, para tanto, pra carga, né? E nós viemos de pé pra cá” (Informação Verbal)¹⁵⁰.

Porém, quem migrava de municípios piauienses, a pé e atrás de um jumento, geralmente, tinha uma melhor rede de apoio no caminho, ou seja, havia um parente ou um amigo para dar um suporte, o lugar de descanso. Até porque esse garimpeiro de municípios vizinhos a Gilbués com frequência retornava à sua residência e o caminho tornava-se conhecido, bem como seus moradores, como relata um entrevistado:

Nós saía lá do Morro [Cabeça no Tempo] e vinha dormir no Guaipaba, que era pra entrar cedinho na Serra Vermelha, que nesse trajeto só tinha água, mas não tinha morador. Aí da Serra Vermelha vinha para o Tanquinho; do Tanquinho nós vinha dormir ou descansar no Veloso, que era onde morava aquele povo de Abdenor. E de lá, cortava, pra vim dormir ou descansar de novo no Zé Vogado. Aí pegava a beira do Paraim. Aí vinha para o Angical, Fazenda Nova, Mocambinho. Aí o Calumbi, que era fazenda de um rapaz de Fortaleza, pra chegar no São Dimas ou no Regalo. Mas o ponto nosso era o Regalo, porque o Regalo era onde tinha um parente nosso,

¹⁴⁸ Trecho da denúncia de um padre espanhol que residia em Corrente, Efrém Puga de Martínez, publicada no jornal *O Dia*, em 17 de janeiro de 1960.

¹⁴⁹ MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁵⁰ *Idem*.

que era o Zé Folha. Aí nós ficava lá pra pedir informação, de como estava o garimpo e descansar uns dois dias da estrada pra enfrentar o garimpo (Informação Verbal)¹⁵¹.

Esse mesmo suporte no caminho, ao que tudo indica, foi mais difícil de ser encontrado por garimpeiros baianos e de outras regiões mais distantes de Gilbués, pois era raro ou inexistente um parente ou amigo na travessia para lhes ofertar água, alimento ou descanso. Um garimpeiro que veio do então município de Santo Inácio, na Bahia, fez uma análise de seu percurso até chegar a Gilbués:

A gente não conhecia. Descansava onde dava certo. A gente ficava onde tinha água, se ficava por ali, dormia e tal. Se agasalhava de qualquer forma. Não tinha um lugar certo pra se [descansar], porque não tinha. A gente não conhecia nada. Chegava seis, sete horas, da noite, ou quatro ou cinco horas da tarde, a hora de descansar. Onde vamos descansar? Debaixo de um pau, na beira de um brejo, de um regato; de qualquer coisa (Informação Verbal)¹⁵².

Mesmo para os animais de carga, o acesso a Gilbués era ruim. Nas passagens dos rios Gurgueia e Paraim ou de quaisquer riachos, especialmente no período chuvoso, o tropeiro retirava as cargas dos animais e as colocava em suas “costas”.

Quando tinha água que molhava [as cargas], atravessava nas costas e os jumentos nadando. A gente carregava nas costas [as cargas] e não dava de molhar. Era trabalho; não era brincadeira não. Era difícil (Informação Verbal)¹⁵³.

No percurso era comum os imigrantes, especialmente os “sem condições”, alimentarem-se da coleta de frutas ou de animais silvestres. Além disso, portavam alimentos para serem consumidos crus e outros assados ou cozidos. Portanto, levavam consigo os instrumentos básicos para preparar a alimentação, especialmente “os picadinhos, o Maria Isabel¹⁵⁴. Era coisa boa demais, menino!”¹⁵⁵. Não somente entre baianos e piauienses, essa alimentação era comum entre garimpeiros e tropeiros em Goiás, como relata Moreira Filho (2012, p.63). Uma entrevistada, que migrara ainda criança para Gilbués, diz:

A comida nós carregava na carga. Onde arranchava, fazia a comida. Trazia carne, farinha, arroz, o que era ligeiro pra fazer. Trazia panela, prato. E fazia a comida era onde desse certo. Era onde tinha água. Na beira do Rio Preto¹⁵⁶ tinha um bocado de

¹⁵¹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁵²MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁵³PARENTE, Marcos Antônio. 92 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁵⁴Arroz e carne de sol cozidos juntos no mesmo recipiente.

¹⁵⁵PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁵⁶Subfluente do Rio São Francisco.

menino lá. Aí arranchamos lá na beira de uma sabugueiro (*sambucus nigra L.*) (Informação Verbal)¹⁵⁷.

Além dos adultos, é comum o relato de migração de crianças. Estas sempre vinham na companhia de, pelo menos, um dos pais. “Aqui e acolá eu tirava uma gargatinha, montava ali no meio da cangalha ali. Era uma mala de um lado e outra de outro. E eu tinha o quê? Onze anos e aí eu aproveitava e [montava]. Jumentinho sofria que nem o diabo” (Informação Verbal)¹⁵⁸. Para algumas delas, a caminhada em direção ao garimpo, era uma diversão, como nos relatou uma migrante: “Era maravilha, não estou dizendo? Quando eu cheguei a Monte Alegre, fiquei com saudade da viagem [Risos]. Fiquei com saudade. Eu era garotinha, mas fiquei com saudade”. Porém, na viagem “mamãe inchou os pés que ficou aqueles pilões” (Informação Verbal)¹⁵⁹.

Já outros imigrantes, de melhor poder aquisitivo, usavam o avião como transporte para terem acesso à região do garimpo no sul do Piauí. Para além dos animais de carga, segundo imigrante, “o primeiro transporte que aqui apareceu, que era época do garimpo, foi o avião, o Teco-Teco” (Informação Verbal)¹⁶⁰. De modo especial, na década de 1950, Gilbués contava com voos regulares de aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) e do Consórcio Real Aerovias Nacional (BARROS, 2007). Outros entrevistados destacaram a presença desse meio de transporte no período de exploração do diamante: “Ali tinha movimento naquele aeroporto de Gilbués. Avião aqui era como urubu [*Coragyps atratus*]. Toda hora” (Informação Verbal)¹⁶¹, inclusive sendo perceptível essa realidade nos municípios vizinhos, como narra um entrevistado do município de Júlio Borges, então Parnaguá:

Aqui passava avião demais. Virgem! Seis aviões de vez. O primeiro avião que passou aqui, a gente admirava. O primeiro avião que passou aqui o povo quase morreu de medo. Ninguém sabia o que diabo era. [Risos]. Assombraram. O avião passava baixo aqui. Era toda hora. Um horror. Avião era demais. Todo dia passava avião (Informação Verbal)¹⁶².

¹⁵⁷JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁵⁸NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁵⁹PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁶⁰MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁶¹SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁶²SOUZA, Isaías Fernando. 88 anos; ex-tropeiro do garimpo. Entrevista. (18/12/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Júlio Borges-PI, 2018. Arquivo MP4.

Com a exploração de diamantes no sul do Piauí, mesmo quem não migrava para os garimpos percebia que havia mudanças na região, seja por meio de parentes e vizinhos que migravam ou por presenciar migrantes de outros lugares e aviões “que passavam todo dia” indo e vindo dos garimpos.

2.2.2 A Chegada ao Sul do Piauí: imigrantes e nativos

Como referido, a população de Gilbués entre os anos de 1940 e 1950 passou de 8.798 para 15.553, com aumento de 76,77%. Entretanto, os habitantes da sede do município aumentaram somente de 351 para 399. Quer dizer, os imigrantes do garimpo se concentraram na zona rural de Gilbués e, com eles, foram surgindo novos povoados ao lado das cisternas de diamantes, como relatou um entrevistado: “Boqueirão foi um povoado criado com o povo que chegou; o pessoal que veio trabalhar quando houve a descoberta do garimpo aqui, que trouxe essa baianada pra Gilbués e que fundaram a cidade de Monte Alegre” (Informação Verbal)¹⁶³, que era uma fazenda com poucos moradores antes do diamante. Além de Boqueirão do Garimpo e Monte Alegre, surgiram outros povoados: Compra-Fiado; Desidera; Vai-Que-Tem; Reservado, São Dimas, etc.

Os nomes de alguns povoados criados no processo de exploração do diamante estão relacionados à garimpagem, como Compra-Fiado, Vai Que Tem e Reservado. Um ex-garimpeiro relata: “Por que Compra Fiado? Então, quando descobriu o diamante no Compra Fiado, alguém chegava e dizia: ‘Fui ao garimpo lá. É bom mesmo, rapaz. Lá, você pode comprar fiado. Daí é que surgiu o nome de Compra Fiado”. Vai Que Tem. Neste garimpo, “ninguém voltava sem o diamante”. Já no Reservado, sabia-se que tinha o diamante, mas ele “ficava em um reservado” (Informação Verbal)¹⁶⁴ de terreno arenoso, de difícil acesso ao garimpeiro com suas ferramentas rudimentares. São povoados que indicam memórias do garimpo ou “lugares de memória”, para se usar os termos de Nora (1993).

De fato, a exploração de diamantes remodelou e intensificou o povoamento do sul piauiense, especialmente de Gilbués, quando surgem novos povoados, inclusive, alguns maiores que os antigos. Em 20 de maio de 1932, por exemplo, o Delegado Militar de Gilbués, Francisco das Chagas Batista, escreve ao Secretário Geral do estado do Piauí,

¹⁶³ MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁶⁴ MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

comunicando que dividiu o município em seis Distritos Policiais: Porto Novo, Meios, Araras, Enseada, Paus, Regalo e a própria vila Gilbués, sendo nomeado para cada Distrito um subdelegado de Polícia¹⁶⁵. Ao que parece, estes eram os principais núcleos populacionais do município antes da exploração de diamantes.

Os povoados de garimpo para onde o imigrante recente se direcionava tinham relação, em grande medida, com o lugar onde já se encontravam amigos ou parentes na exploração de diamantes: “primeiro fui ao Reservado, que tinha um filho de criação de meu pai” (Informação Verbal)¹⁶⁶. Assim, ao chegar a Gilbués primeiramente procurava-se um lugar de apoio, como nos relata outro entrevistado piauiense vindo de garimpos de Goiás:

Vou encontrar com algum parente meu aqui, que eu sei que vou encontrar. Eu não vou trabalhar esses dois dias, não. Aí, quando o dia amanheceu, eu arrumei minhas coisas e entreguei lá num barraco e saí num manchão. Aí de longe enxerguei um cara. Eu disse: é gente minha. Ei rapaz, era Pedro da velha Maria, irmã de Joaquina de meu tio Félix. Aí me abraçou. “Ei, rapaz. Nós estamos na casa de minha tia Joana. Tem eu, tem Ulisses, tem Jacinto, tem João Guerra mais Cândido Guerra¹⁶⁷. Tem um monte de gente de lá. Rumbora pra lá”. Aí ele deixou o serviço e nós fomos. Aí chegamos lá, encontrei com a turma; tudo conhecido. Ele disse: “Boaventura mais Zaqueu estão no Pau D’Óleo”. Aí, eu disse: “vou lá”. Aí fui e encontrei com Boaventura e Zaqueu. Aí deram notícia de meu povo. E eu fiquei muito satisfeito (Informação Verbal)¹⁶⁸.

Na verdade, no processo migratório, com frequência, familiares e amigos tornam-se uma rede de apoio ao imigrante recém-chegado. Por exemplo, Novaes e Alves (2007), bem como Rogério Jr. (2016), relatam a relevância de parentes e amigos na acolhida aos novos migrantes nordestinos no trabalho de corte manual da cana de açúcar no interior paulista. Ou seja, os veteranos auxiliam os iniciantes a se socializarem no novo território. Essa mesma rede de solidariedade é comum, também, em migrações internacionais, como mostra Assis (2004) em sua pesquisa sobre mulheres brasileiras que migraram para os Estados Unidos.

2.2.2.1 Imigrantes e Nativos: estereótipos e conflitos na “terra do diamante”

Weber (2018, p.13) afirma ser frequente a geração de preconceitos “quando migrantes aportam em lugares onde existem grupos sociais já instalados”. Por exemplo, em um estudo

¹⁶⁵Disponível no Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito, em Teresina, na caixa *Gilbués*, na pasta “Delegacia”. Acesso em 01 de outubro de 2018.

¹⁶⁶JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁶⁷ Garimpeiro e autor do livro antes referido: *Do Calcinado Agreste ao Inferno Verde*, de Cândido Carvalho Guerra, 1977.

¹⁶⁸PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

em Winston Paiva, comunidade periférica inglesa, ao analisarem as relações entre grupos já estabelecidos na localidade e grupos imigrantes, os *outsiders*, Elias e Scotson (2000, p. 24) mostram processos de inferiorização dos *outsiders* por meios de rótulos criados pelos estabelecidos, o grupo residente mais antigo na localidade: “afixar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social”.

No Brasil há vários exemplos de inferiorização de imigrantes. No que se refere a migrações internas, como de nordestinos a São Paulo, são constantes os preconceitos. Duarte (2002, p.110-111), quando analisa a formação do bairro Mooca, na cidade de São Paulo, constata que nordestinos, de diversas origens e trajetórias, chegaram ao bairro em grande quantidade a partir da década de 1950 e, em uma atribuição estereotipada, foram tomados como homogêneos e definidos como ignorantes, rudes, atrasados e violentos por moradores antigos do bairro, especialmente de origens espanholas, portuguesas, húngaras e italianas.

Em suas pesquisas sobre a exploração da maniçoba no Piauí, na primeira metade do século XX, Queiroz (2006) e Oliveira (2014), também, relatam que os imigrantes maniçobeiros, especialmente vindos do Pernambuco, Ceará e Bahia, sofreram com estereótipos. Eles eram “adjetivados como turbulentos e malfeitores. À sua influência era atribuída a situação de desordem e insegurança reinantes nas áreas produtoras” de maniçobas (QUEIROZ, 2006, p.104). Além disso, os maniçobeiros eram considerados “sujos e fedidos”, pois a “maniçoba exalava forte cheiro que ficava impregnado no trabalhador, que já passava vários dias sem tomar banho” (OLIVEIRA, 2014, p.113), pela dificuldade de acesso à água.

No caso dos imigrantes, especialmente os garimpeiros, eles relatam diversos conflitos com moradores de Gilbués, especialmente os estabelecidos. “A cidade tinha um grupo de fazendeiros tradicionais” (Informação Verbal)¹⁶⁹. Quer dizer, estas famílias (Aguiar, Alencar, Corado, Lustosa e Mascarenhas), possuíam gado *vacum* e terra (poder econômico). “O povo dessas famílias se formava mais era em direito e medicina. Estudava no Rio de Janeiro, no Recife” (Informação Verbal)¹⁷⁰. Além disso, tradicionalmente, também, monopolizavam os cargos políticos-administrativos locais: “Antes, quem tinha o poder econômico, tinha o poder político. E aqui em Gilbués isso era bem claro. Claríssimo”! (Informação Verbal)¹⁷¹

¹⁶⁹ ARAÚJO, Bertoldo Fonseca. 62 anos e filho de ex-garimpeiro. Entrevista. (14/03/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁷⁰ SIQUEIRA, Araci Martins. Professora aposentada. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁷¹ *Idem.*

As famílias tradicionais de Gilbués, em certos casos se dividiam na luta pelo poder político, como veremos no capítulo 4, mas eram permeadas por alianças matrimoniais. Perguntado a um entrevistado sobre as relações matrimoniais, por exemplo, entre Lustosas e Corados, ele disse que “está tudo misturado ali. Eles casam muito nas duas famílias”, inclusive no período da exploração de diamantes isso já era comum. E, em narrativas dos entrevistados imigrantes, essas famílias surgem como possuidoras dos mesmos sentimentos de desprezo com relação a garimpeiros, como diz um deles:

Agora, o povo daqui (bate a mão fechada na mesa), de dentro de Gilbués, é que não era muito chegado aos garimpeiros não. Os daqui, a família dos Corado, a família dos Lustosa. É que eles tinham uma impressão que o garimpeiro era um ninguém, né? Era um ninguém¹⁷². Que, naquele tempo, tinha essa família Corado. Aí dizia o povo, que eles não eram ... (Informação Verbal)¹⁷³.

Na sede do município, no período da exploração do diamante, havia um brejo, o Tabocão, tendo os garimpeiros o uso proibido ou limitado de suas águas, segundo suas narrativas. Seria este mais um motivo do deslocamento deles da sede do município para a zona rural.

Lá tinha um tal de Tabocão, que tinha uma água que era alva que só leite e disse que o garimpeiro não lavava a bunda lá dentro não, daquele brejo. Gilbués era metido a cangaço! Gilbués foi um lugar; era lá um negócio brabo. Lá não conversavam muito alto não que eles mandava apagar eles logo (Informação Verbal)¹⁷⁴.

Perguntado a um membro da família Corado-Lustosa se a rejeição dos garimpeiros na sede de Gilbués estava, na época, relacionada ao uso do brejo, o entrevistado foi enfático:

A retirada, vamos dizer assim, a puxada deles pra fora foi questão social mesmo. Não teve questão ambiental nenhuma. Zero de questão ambiental. Eles não aceitavam garimpeiros aqui. A fama de garimpeiro não era boa. Era de beberrão, brigão e tal. Então, eles não aceitavam perto da sede da cidade e botava lá. Aí foram pra lá [zona rural]. E você sabe como é que o garimpeiro chega, né? Chega, fica de qualquer jeito e faz aqueles acampamentos (Informação Verbal)¹⁷⁵.

De fato, a “questão foi mesmo social”. “Ficar de qualquer jeito e fazer aqueles acampamentos” descaracterizariam a cidade, na concepção dos nativos. O espaço se tornaria outro. Além disso, “beberrão”, “brigão” e outros estigmas eram agenciados na representação do garimpeiro, tal como “bunda-vermelha”. Para Goffman (2004, p.6), o termo estigma é uma

referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que

¹⁷²NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁷³*Idem.*

¹⁷⁴SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁷⁵CORADO NETO, Fabriciano. 51 anos. Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués. Entrevista. (21/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso.

Investigando a reterritorialização do migrante maranhense no sudeste do Pará, Silva (2010, p.136-137) destaca “dois mecanismos de desterritorialização. A negação do acesso a uma base física-material estável (terra, moradia digna...) e aos direitos de cidadania”. Processo semelhante ocorreu em Gilbués com migrantes garimpeiros, quando lhes negaram um espaço de moradia na sede municipal e o reconhecimento, pois a “fama de garimpeiro não era boa”.

Ainda segundo Silva (2010, p. 137), nesse processo de desterritorialização do migrante, há “uma dizibilidade – a leitura [de] que os Outros (no local) fazem desse personagem, predominando representações de rebaixamento – que o institui como uma alteridade a ser mantida deslocada das relações de reciprocidades”. Assim, o garimpeiro, na dizibilidade local, em Gilbués/Monte Alegre, passou a ser definido como “beberrão”, “brigão”, “ninguém”, “sujo”, “bunda-vermelha” ou “portador de muquirana [*Pediculus humanus*]”¹⁷⁶. “A muquirana é um piolho. Ele dá na roupa suja. Fica por aqui na virilha e fica na roupa. É um piolhão. O povo chama ovelha. Ele é grandão como piolho de porco” (Informação Verbal)¹⁷⁷. A desqualificação do imigrante era uma das barreiras que impediam sua integração no novo espaço territorial e social da cidade.

Dessa maneira, as famílias de grupos dominantes estabelecidas em Gilbués, à época, marcam a memória dos imigrantes do garimpo, que possuem uma representação negativa sobre tais famílias, tidas como autoritárias: “Ali em Gilbués é porque não deu. Os chefe, ali, eles, eram cismado, mandatário”¹⁷⁸, pois “os baianos queriam vim pra Gilbués. Aí os Lustosa, que eram rico, disseram assim, dê licença dessa palavra, ‘eu não quero bunda-vermelha aqui’, que era o garimpeiro, sabe?”. Além disso, o garimpeiro imigrante “tinha muquirana”, uma espécie de piolho relacionado a sujeiras corporais dos indivíduos.

Somando-se aos adjetivos pejorativos citados, outros elementos eram usados para marcar as diferenças entre quem era garimpeiro/imigrante e quem era do Piauí, sendo tais distintivos percebidos pelos piauienses e pelos “outros”, os “baianos”. Sem se esquecer das particularidades dos diferentes baianos que migraram para Gilbués, a representação é que

¹⁷⁶ Muquirana é uma espécie de piolho. No ambiente do garimpo, segundo entrevistados, ele está associado a sujeira, sendo os garimpeiros imigrantes seus portadores.

¹⁷⁷ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁷⁸ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

“Baiano não gostava de dormir em rede e nem em cama. Era só uma esteira”. Porém, durante o deslocamento aos garimpos, o baiano dormia em rede.

No processo de produção da alteridade, a própria forma de preparar a alimentação e os ingredientes, também, é referida como hábitos que diferenciavam *insiders e outsiders*: “O povo do Piauí não comia feijão de arranca. Do Piauí só queria feijão ligeiro e de corda” (Informação Verbal)¹⁷⁹. Outra entrevistada, originária de Gilbués, de família tradicional, demarca bem a diferença entre ela e os baianos: “As comidas velhas baianas, eu não gostava. Era um pirão danado! Costume eu tinha. Monte Alegre não tinha costume”, por ser de predominância baiana e povoado de garimpeiro (Informação Verbal)¹⁸⁰! Estes foram alguns dos elementos usados para comparação hierarquizada das diferenças entre “quem era de Gilbués” e “os garimpeiros” imigrantes.

Além de ter apontado a “a questão social mesmo” como motivo da exclusão dos garimpeiros da sede do município, o entrevistado da família Lustosa-Corado traz outras possibilidades de interpretação deste fato: “Mas o delegado, na época, não aceitou o porque era baiano”. Além disso, Gilbués “era puritana demais” (Informação Verbal)¹⁸¹. Embora havendo garimpeiros de outros estados, inclusive do Piauí, ao que parece, o garimpeiro genericamente era identificado como “baiano”, sendo este um dos motivos para não ser aceito na sede do município.

Gilbués “era puritana demais” e o garimpeiro “era baiano”. Talvez, a cor da pele seja mais uma chave, “não dita” diretamente pelos entrevistados, que colabora com a compreensão desta relação entre imigrantes “baianos” e os “puritanos” de Gilbués. Dentre os estados de origem de garimpeiros, como Ceará, Goiás e Maranhão, a Bahia era quem possuía o maior quantitativo de pessoas declaradas como “pretas e pardas”, 75,19%, e o menor denominado, “branca”, segundo o Censo de 1940, sendo praticamente o oposto da estatística nacional, quando 63,46% eram definidos como de população branca.

Nos Censos do IBGE, de 1940 e 1950, a população brasileira estava distribuída, segundo a cor, em quatro grandes grupos: brancos, pretos, amarelos e pardos. Nesta última categoria eram incluídos povos indígenas e pessoas mestiças, identificadas como mulatas, caboclas, cafuzas, morenas, etc. Nesse intervalo de tempo, o número de brancos cresceu,

¹⁷⁹ SOUZA, Isaías Fernando. 88 anos; ex-tropeiro do garimpo. Entrevista. (18/12/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Júlio Borges-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁸⁰ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁸¹ CORADO NETO, Fabriciano. 51 anos. Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués. Entrevista. (21/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

anualmente, nas estatísticas oficiais, 2,23% ao ano. Porém, o crescimento foi menor que no intervalo de 1890 a 1940, quando esse crescimento anual fora de 6,30%.

As imigrações europeias para o Brasil, no fim do século XIX e primeiras décadas do XX é uma das causas relacionadas ao aumento da população branca no Brasil nesse período. Os europeus substituiriam, em grande medida, a força de trabalho escravizada e promoveriam o branqueamento da população do Brasil, pois neste país e em grande parte da Europa, a miscigenação era vista como negativa, especialmente para os negros, que desapareceriam ao se reproduzirem com os brancos.

Analisando a imigração no Brasil de 1851 a 1960, Darcy Ribeiro (2006) constata que entre 1931 a 1945, foi o período em que se registrou o menor número de imigrantes. Desse modo, especialmente na vigência do Estado Novo (1937-1945), Getúlio Vargas restringe a entrada de imigrantes no Brasil, mesmo europeus brancos, promovendo a migração seletiva, por critérios morais e educacionais (KOIFMAN, 2017)¹⁸². Este, certamente, seria um dos motivos da redução do número de pessoas brancas refletida no IBGE de 1950.

Nesse período, de modo geral, a teoria do branqueamento como interpretação do Brasil cede lugar à democracia racial, com uma maior valorização social da cor intermediária entre o branco, o topo da pirâmide, e o preto, a base, pois no racismo à brasileira “o ponto chave é a admissão de gradações e nuances”, como defende DaMatta (1987, p.81). Os miscigenados, no IBGE, eram todos registrados como pardos, tendo esse grupo crescido anualmente, de 1940 a 1950, cerca de 7,76%, quando nas cinco décadas passadas teria aumentado 0,94% ao ano.

Como a cor da pele é um elemento essencial, no Brasil, para definição da “raça/etnia” e, por consequência, de valorização social, tendo o branco como superior, ser preto naquele momento era para quem não poderia, no mínimo, apresentar-se como pardo, mais próximo do ideal branco. Quer dizer, seria menos ruim ser pardo que preto, especialmente em um contexto de predomínio da teoria da “democracia racial”. Além disso, com a redução da imigração branca nesse período, como dito, a miscigenação aumentaria também pela via reprodutora. Certamente, esses fatos colaboraram com esse aumento dos pardos nas estatísticas de 1950, enquanto os pretos teriam um crescimento negativo nessa década de 0,36% ao ano, piorando um índice que já era baixo nos anos de 1890 a 1940, quando cresceram a uma taxa de 0,74% ao ano.

¹⁸²Para detalhes, ver “Imigrante Ideal” (KOIFMAN, 2012).

O município de Gilbués, assim como seus vizinhos, com exceção de Santa Filomena, no Censo do IBGE, de 1940, apresentava uma quantidade relativa de pessoas pretas e pardas acima da média estadual, que era de 54, 58%, sendo a nacional, de 35,83%. Neste quesito, os números de Gilbués se aproximam do estado da Bahia, enquanto os de Bom Jesus superam-no. Porém, quanto à cor “preta”, Gilbués possuía 37,95% de sua população nessa categoria, superando em termos relativos os municípios vizinhos, os estados do Piauí e da Bahia, bem como a média nacional. Veja a tabela 7.

Tabela 7: A cor da população, em 1940, de alguns estados e municípios do sul do Piauí envolvidos nos garimpos de Gilbués¹⁸³.

Municípios/ Estado	População de fato	Branco		Pretos		Pardos		Pretos e Pardos	
		N	%	N	%	n	%	n	%
Bom Jesus	14.792	3.100	20,95	4.806	32,49	6.784	45,86	11.590	78,35
Corrente	8.006	3.557	44,42	2.890	36,09	1.558	19,46	4.448	55,55
Gilbués	8.798	2.278	25,89	3.339	37,95	3.120	35,46	6.459	73,41
Parnaguá	8.480	2.984	35,18	1.994	23,51	3.496	41,22	5.490	64,73
Sta. Filomena	4.103	1.934	47,13	1.454	35,43	687	16,74	2.141	52,18
Sto. Inácio-BA	15.880	6.545	41,21	2.054	12,93	7.281	45,85	9.335	58,78
Piauí	817.601	369.764	45,22	261.137	31,93	185.155	22,64	446.292	54,58
Bahia	3.918.112	1.125.996	28,73	788.900	20,13	2.000.938	51,06	2.789.838	70,19
Ceará	2.091.032	1.100.920	52,64	487.407	23,30	498.449	23,83	985.856	47,13
Goiás	826.414	595.890	72,10	140.040	16,95	89.311	10,80	229.351	27,75
Maranhão	1.235.169	578.156	46,80	340.370	27,55	314.919	25,49	655.289	53,04
Brasil	41.236.315	26.171.778	63,46	6.035.869	14,63	8.744.365	21,20	14.780.234	35,83

Fonte: IBGE (1940).

Ao mesmo tempo, os brancos em Gilbués apresentam uma quantidade relativa abaixo da média nacional e do Piauí, bem como dos principais estados de origens de garimpeiros, inclusive a Bahia. Assim, Gilbués não era um município “puritano” quanto à cor da população. Porém, essa minoria branca, ao que tudo indica, monopolizava poder econômico, político e os cargos públicos, em um contexto de diferenças e distintivos sociais, alimentados por famílias locais ditas “de tradição”, com sobrenomes Alencar, Aguiar, Corado, Lustosa e Mascarenhas.

Assim, é razoável afirmar que a maior quantidade de garimpeiros baianos em Gilbués era de cor “preta e parda”, podendo ser o racismo um dos elementos usados pelos “puritanos” como mecanismos de desvalorização de imigrantes do garimpo, para não aceitá-los na sede do

¹⁸³No Censo de 1940 o Piauí ainda registrou 98 pessoas na categoria “Amarela” e 1448 de “Cor Não Identificada”, correspondendo a 0,011% e 0,17%, respectivamente, da população total. Nos municípios piauienses em destaque essas categorias em alguns municípios são inexistentes ou, quando existem, são em quantidade relativa à estadual. Por isso, não é relevante discutir quais categorias. Por exemplo, neste Censo Gilbués apresentou 56 pessoas “Amarelas”, 0,63%, e nenhuma de “Cor não Identificada”.

município, onde residiam as famílias tradicionais de Gilbués. Embora não se possa afirmar, cientificamente, a existência de raças humanas, a cor da pele, em especial, no Brasil, tem sido um dos principais elementos de criação e sustentação das “raças fictícias” ou “raças sociais” que, por sua vez, mantêm os racismos populares (MUNANGA, 2014). Assim, apesar de garimpeiros baianos entrevistados não relatarem e, algumas vezes, até negarem o preconceito de cor nas relações sociais em Gilbués/Monte Alegre, não quer dizer que o racismo não tenha existido nesse contexto de exploração do diamante, pois quase sempre, no Brasil, o racismo estrutural é sutil, dificultando sua percepção/identificação, e mascarado ao coadunar-se com outros preconceitos.

Para se diferenciarem de “pardos/pretos”, nativos de Gilbués evocam suas origens europeias, de cor branca. “A família Aguiar, de Gilbués, é descendente de portugueses” (Informação Verbal)¹⁸⁴. Da mesma forma, são “descendentes de estirpe portuguesa” os avós de Fausto Ferreira Lustosa (SOBRINHO LUSTOSA, 1997, p.1), considerado um dos fundadores do município, como vimos. Povos indígenas e pretos são desclassificados nestas narrativas genealógicas. Indígenas são denominados como “preguiçosos” e ex-escravizados como “distantes”: “sou descendente de escravo, mas muito tempo atrás”¹⁸⁵. Assim, as relações étnicas e raciais entre brancos locais e pretos/pardos imigrantes, certamente, contribuíram com o deslocamento de garimpeiros para a zona rural do município. Veja a tabela 8:

Tabela 8: A cor da população, em 1950, de alguns estados e municípios do sul do Piauí envolvidos nos garimpos de Gilbués.

Municípios/ Estado	População de fato	Branços		Pretos		Pardos		Pretos e Pardos	
		N	%	N	%	N	%	n	%
Bom Jesus	15.241	2.077	13,62	2.293	15,04	10.749	70,52	13.042	85,57
Corrente	9.018	1.645	18,24	2.494	27,65	4.578	50,57	7.072	78,42
Gilbués	15.553	2.142	13,77	3.236	20,80	10.154	65,28	13.390	86,09
Parnaguá	11.821	822	6,96	2.018	17,07	8.974	75,91	10.992	92,98
Sta. Filomena	4.506	1.124	24,94	540	11,98	2.840	63,02	3.380	75,01
Sto. Inácio-BA	15.440	6.023	39,00	1.956	12,66	7.391	47,86	9.347	60,53
Piauí	1.045.696	292.618	27,98	134.977	12,90	636.782	60,89	771.759	73,80
Bahia	4.834.575	1.428.685	29,55	926.075	19,15	2.467.108	51,03	3.393.183	70,18
Ceará	2.695.450	1.176.359	43,64	279.045	10,35	1.233.518	45,76	1.512.563	56,11
Goiás	1.214.921	703.375	57,89	123.298	10,14	384.046	31,61	507.344	41,75
Maranhão	1.583.248	533.969	33,72	249.762	15,77	795.707	50,25	1.045.469	66,02
Brasil	51.944.397	32.027.661	61,65	5.692.657	10,95	13.786.742	26,54	19.479.399	37,49

Fonte: IBGE (1950).

¹⁸⁴SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁸⁵*Idem.*

Já no Censo do IBGE de 1950, em termos nacionais, embora havendo aumento absoluto da população branca, esta diminuiu em termos relativos para 61,65%, enquanto pardos (26,54%) e pretos (10,95%) juntos subiram para 37,49%. Essa mesma diminuição dos brancos ocorre nos municípios e estados em tela, com exceção da Bahia, que, em relação à categoria “pretos”, superou o Piauí, mas perdeu para este a liderança de “pardos”. Assim, o aumento populacional do Piauí foi maior entre pretos e pardos. E a população “parda” de Gilbués saiu de 35,46%, em 1940, para 65,28%, e a “preta/parda”, de 73,41% para 86,09%, em 1950, superando a média do Piauí e da Bahia, bem como as dos demais estados em análise.

Nesse contexto brasileiro, comparando dados do IBGE de 1940 e 1950, período no qual se diminuía oficialmente o número de brancos e pretos, com aumento de pardos, dentre os municípios e estados em tela, na Bahia ocorreu o oposto, pois este estado apresentou um crescimento relativo da polarização “brancos *versus* pretos”, com redução de “pardos”. Ao mesmo tempo, nesta categoria “parda”, Gilbués teve um aumento de 35,46% da população local em 1940 para 65,28% em 1950. Em termos absolutos, o aumento em Gilbués de pardos foi de 7.034, o maior entre os municípios vizinhos. Certamente, grande maioria dos imigrantes do garimpo era de cor parda e proveniente da Bahia.

Assim, no caso dos garimpeiros que chegaram à sede municipal de Gilbués, sua desqualificação social foi motivo fundamental para o deslocamento deles para a zona rural do município e exclusão social. Por exemplo, eram remotas as possibilidades de acontecer relações de alianças, por meio do matrimônio, entre imigrantes e nativos. Assim disse uma entrevista da família Lustosa:

Meus pais não gostavam de falar de garimpeiro. E eles eram pessoas humildes. O garimpeiro vivia sujo. Quem tinha condições financeiras mandava estudar fora as filhas pra não criar vínculos com garimpeiro. Era grande o preconceito. Era. O povo aqui era muito preconceituoso (Informação Verbal. Grifo meu)¹⁸⁶.

Independentemente da existência dos garimpeiros, as elites de Gilbués enviavam seus filhos para estudar nas grandes capitais do Brasil. No caso das filhas, a possibilidade de “criar vínculos” com garimpeiros era um novo motivo para que elas deixassem o convívio familiar em busca de estudos. Porém, a entrevistada faz um alerta: “vai tendo aceitação o que vai ganhando dinheiro”. Quer dizer, por meio do garimpo, caso seja “bamburrado”, havia possibilidade de ascensão social e de integração às famílias ditas tradicionais, inclusive casando-se com membros delas. Um ex-garimpeiro, em sua narrativa, teve a mesma

¹⁸⁶SIQUEIRA, Araci Martins. Professora aposentada. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

compreensão com relação a casamentos, por exemplo, entre garimpeiros e as famílias tradicionais locais: “Casava. Teve o dinheiro, acaba o preconceito. [Risos]” (Informação Verbal)¹⁸⁷. Aqui, percebem-se, na prática, alguns aspectos do preconceito de classe social. De fato, quem era exportador de diamante possuía mais chances de ascensão e integração social em Gilbués, mesmo que fosse imigrante.

Estas relações sociais estereotipadas se sobrepuseram às relações individuais, criando espaços hierarquizados, como Gilbués, “a cidade puritana” e Monte Alegre, “cidade do garimpo” e lugar de “baianos”. Maria dos Humildes de Aguiar, embora descendente de uma família considerada tradicional de Gilbués, era professora e morava em Monte Alegre. É a mesma que disse: “costume eu tinha; Monte Alegre não tinha costume”, por ser um espaço predominantemente de garimpeiros. Certa vez, a professora levou suas alunas de Monte Alegre para uma apresentação cultural em Gilbués, quando lá elas foram denominadas de “moças velhas do garimpo”.

Outra professora, de Gilbués, quando perguntada sobre as relações entre moradores de Gilbués e Monte Alegre, traz um panorama mais detalhado:

Era uma relação boa, mas eu acho que aqui, em Gilbués, tem um ar de supremacia. Os de lá, de Monte Alegre, não gostam de vim pra aqui não. Eles [alguns] estudam aqui, mas a gente vê que eles são mais arrecatados; eles não vêm muito nos festejos. A gente vai muito lá. Dizem que o povo daqui é orgulhoso. Os de Monte Alegre, eles não gostam. Eu sinto isso. Eu trabalho com muita gente de Monte Alegre. Nem os jovens não gostam, imaginem os velhos. Pois é. Acho que aqui o povo é meio arrogante. Eles de lá também acham isso, os mais velhos, né? (Informação verbal. Grifos meus)¹⁸⁸.

Apesar de o conflito entre a “cidade puritana” e a “cidade do garimpo” ter-se concentrado no passado entre pessoas mais velhas, as gerações mais jovens dos dois municípios, no presente, em alguns aspectos, ainda são influenciadas por simbolizações do “tempo do garimpo”. Se a construção do passado é influenciada pelo presente, este também o é por aquele. Mesmo quem nasceu na década de 1970, fase de decadência do garimpo, percebe o quando essa construção social da diferença ainda permanece no imaginário, na relação entre Gilbués e Monte Alegre. Um morador deste município assim descreveu a convivência atual entre os dois:

Ouvi falar que tinha uma rivalidade. O pessoal de Gilbués sempre é mais metido. Nunca aceitaram assim, não querem aceitar que aqui em Monte Alegre tem uma coisa melhor que de lá. Se faz um estádio desse, que lá não tem, eles botam defeito. Antigamente, quando eu tinha uns dezoito ou vinte anos, que eu ia em festa lá, nós

¹⁸⁷PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁸⁸SIQUEIRA, Araci Martins. Professora aposentada. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

não podia namorar mulher de lá, que era aquela coisa. (E até hoje, diz um jovem, amigo do entrevistado). Eles têm esse preconceito com a gente. Preconceito não, aquela rivalidade velha besta. Mudou muito, mas ainda está muito (Informação Verbal)¹⁸⁹.

Para Maria dos Humildes Aguiar, “Monte Alegre foi a cidade que foi muito perseguida assim, de preconceito”¹⁹⁰. E conta que certa vez, na cidade de Bom Jesus, em uma situação de conflito, na tentativa de desqualificá-la, alguém a denominou “professorinha de garimpo”. Muito além da desqualificação e exclusão do indivíduo, segundo Goffman (2004), o estigma declara o ser como incompleto e reduz suas chances de vida.

A imagem que o próprio garimpeiro tinha de si e de seu grupo, em muitos aspectos, era negativa. Certamente, a auto-representação do garimpeiro fora forjada no contexto social de Gilbués e/ou de outros garimpos. Vendo-se como sujo e beberrão, essa imagem, também, deve ter contribuído com a compreensão de que seu lugar não seria mesmo no núcleo urbano, onde residiam as famílias de Gilbués, detentoras do poder político e econômico local. Assim, a resistência dos garimpeiros ficou muito limitada, pois seu estilo não se adequava ao das “gentes grandes”. Um ex-garimpeiro entrevistado relata essa situação:

Não queriam esse povo lá, que era muito à toa. Garimpeiro você sabe. Você conhece garimpo assim pra andar? Anda é assim de shortzinho; e é sem camisa; é rolando no chão por dentro das cisternas (Informação Verbal)¹⁹¹.

“Gilbués era uma cidade puritana demais” (Informação Verbal)¹⁹², sendo, portanto, os “estabelecidos” os puritanos, “os limpos”. Neste contexto, os *outsiders* definidos como “bundas-vermelhas” seriam “os sujos”, não sendo permitido aos “garimpeiros lavarem a bunda lá dentro do Tabocão, que tinha uma água que era alva que só leite”. O brejo, o lugar, e sua gente eram puritanos “que só leite” e, por isso, não deveriam conviver com impurezas, com bundas-vermelhas. Para Elias e Scotson (2000, p.23), “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”.

Esta relação estereotipada entre imigrantes do garimpo e pessoas de famílias dominantes de Gilbués, além de sua presença no discurso dos entrevistados, esta encontra-se, também, em outros documentos. O Jornal *O Dia*, em 23 de setembro de 1953, em reportagem

¹⁸⁹RIBEIRO, Breno Silva. 45 anos e residente em Monte Alegre. Entrevista. (31/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre, 2018. Arquivo MP4.

¹⁹⁰SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁹¹CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁹²CORADO NETO, Fabriciano. 51 anos. Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués. Entrevista. (21/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

intitulada *A Riqueza de Gilbués*, denominou migrantes de “forasteiros”. O mesmo Jornal, em 15/03/1998, destaca que “Gilbués foi invadida por aventureiros depois da descoberta do garimpo”. Quer dizer, o imigrante é um ser definido como diferente, como um “outro”, pois é “forasteiro”, “invasor” e “aventureiro”. Dentre os personagens imigrantes, outros adjetivos pejorativos, como vimos, eram direcionados mais a um grupo específico, que era o garimpeiro, o “bunda-vermelha”, que “tinha muquirana”, que “só vem emporcalhar o lugar” (Informação Verbal)¹⁹³.

Entretanto, em maio de 1946, um mês após o início da atividade de exploração do diamante, o diretor geral do Departamento de Agricultura do Piauí, Fernando Pires Leal, vindo de Teresina para Gilbués, referiu-se aos imigrantes como “pessoas”. Portanto, os imigrantes surgem como pessoas nesta narrativa, o documento escrito mais antigo a que tivemos acesso sobre os garimpos de diamantes no sul do Piauí. E alguns entrevistados baianos, também, através da memória, reagem contra a desqualificação social do imigrante sofrida em Gilbués e se afirmam, também, como pessoas: “tinham muitos garimpeiros que vieram pra aqui, *pessoas* cultas. Tinha elementos ruins, mas tinha muitos garimpeiros de costume. Eram *pessoas* estudadas (*grifos nossos*) (Informação Verbal)¹⁹⁴.

Embora a imigração para o trabalho nos garimpos de diamantes no sul do Piauí tenha sido permeada por relações estereotipadas, assim como inúmeras outras situações no Brasil, há casos em que os imigrantes atraem para si sentidos positivos, como as migrações calcadas na ideia de pioneiro (WEBER, 2018, p.13; MORAES, 2000). Nesta perspectiva, tentando dar outro sentido à imigração de garimpeiros, um entrevistado baiano, ao descrever as diferenças entre estes e os nativos, muda a ordem hierárquica de quem possuía ou não costumes:

Foram eles, os baianos, que amansaram eles aqui, porque era um povo brabo aí. Brabo porque não conhecia nada. Nunca tinha visto um avião; era um povo que se vestia daqueles *coton*, de algodão, entendeu? Não tinha assim aquela.... É que o garimpeiro ele já tinha, ele teve outra vivência lá fora. Conhecia as coisas. Aqui era isolado. Aqui eles não conheciam carro, não conheciam avião. Não conheciam, né? Aí quando o garimpeiro veio foi trazendo todas essas vantagens pra eles, né? (Informação Verbal)¹⁹⁵.

Neste caso, surgem outras representações sobre os garimpeiros, como “pessoas de costumes”; que “conheciam as coisas”, que possuíam outras “vivências lá fora”. Esta narrativa, atribuindo sentidos positivos a seu grupo, é comum em migração de indivíduos que

¹⁹³ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁹⁴ NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁹⁵ NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

se consideram os pioneiros, trazendo os costumes, a civilidade e o desenvolvimento. Continuando a narrativa, o mesmo entrevistado relata que os imigrantes “desprenderam lá de suas terras, deixando seus pais numa vida até boa e veio pra aqui aventurar e foi o contrário. Mas eram pessoas civilizadas. Às vezes na terra deles nem garimpava, mas chegou aqui aí teve de enfrentar aquela vida (Informação Verbal)¹⁹⁶. Quer dizer, para “trazer todas essas vantagens” ao sul do Piauí, os migrantes se desprenderam de si, de seus pais e “de uma vida até boa”, ou seja, sacrificam-se “para amansar esse povo brabo” de Gilbués.

Ao tempo em que exaltam os imigrantes como pioneiros, considerados fundadores ou re-fundadores de um território, geralmente considerado vazio, os nativos são eliminados ou reduzidos, de forma física ou simbólica, sendo isso comum em diversas narrativas de imigrantes “pioneiros” no norte do Brasil (SILVA, 2010; MOSER; ERNESTO, 2016). Nesta perspectiva, o nativo de Gilbués/Monte Alegre é ressignificado, negativamente via memória pelo imigrante, como “um povo brabo”, que “não conheciam carro, não conheciam avião” e vestiam-se de “*coton* de algodão”. Apesar de reconhecer que “tinham elementos ruins” entre os garimpeiros, “tinham muitas pessoas cultas e estudadas”. Assim, não seriam todos os imigrantes do garimpo considerados como os “domadores do povo bravo”, sendo estas especificidades, também, recorrentes em narrativas de pioneiros (SILVA, 2010).

Certamente, sem forças o suficiente para resistir física ou verbalmente às desqualificações sofridas no passado, momento da imigração, é comum que essas pessoas o façam posteriormente em suas narrativas, recriando os fatos e atribuindo novos sentidos a eles, restabelecendo suas trajetórias. Quer dizer, a resistência dá-se pela memória. de vários imigrantes entrevistados é a comparação da sede de Gilbués com os povoados surgidos com os garimpos, sendo estes tidos como superiores: “Aqui, Boqueirão, era [considerado] a cidade de Gilbués, meu amigo”¹⁹⁷.

A sede municipal, onde não se aceitou o garimpeiro, no trabalho de memória, de pessoas desse grupo, torna-se um espaço negativo: “[...] que o garimpeiro só procurava aquelas regiões onde produziam diamante. Porque aqui, na sede do município, não tinha comércio não. Aqui era isolado. Gilbués era uma cidadezinha ruim. Os moradores daqui iam fazer feira lá em Boqueirão, ali em Monte Alegre, pois aqui não produzia nada” (Informação Verbal. Grifos meus)¹⁹⁸.

¹⁹⁶ *Idem*.

¹⁹⁷ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

¹⁹⁸ NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Portanto, devido ao fato de famílias tradicionais não terem aceitado os imigrantes na sede municipal, especialmente o garimpeiro, Gilbués sofre as consequências disso ainda na atualidade, segundo entrevistados: “Se eles tivessem aceitado o garimpeiro, hoje Gilbués era uma grande cidade. Dali até Monte Alegre estava emendado de gente. Era uma cidade sozinha. Mas eles não quiseram. E aí ficou” (Informação Verbal)¹⁹⁹ sem se desenvolver. Ou seja, Gilbués é atrasado economicamente hoje como consequência da repulsão do garimpeiro no passado, segundo o ex-garimpeiro. Há outras consequências deste ato contra os garimpeiros imigrantes, na visão de pessoas deste grupo social:

Não queriam porque era de classe social baixa. Criticavam. Não deixaram. Não se hospedaram. Teve um castigo lá: o brejo secou. O brejo secou. Foi cas-ti-go [Ênfase]! Foi castigo, porque não deixaram os baianos morar lá, ficar por lá. Preconceito. Vinha muita gente civilizada (Informação Verbal. Grifos meus.)²⁰⁰.

Nesse sentido, o castigo se volta até contra até o brejo Tabocão, que tinha a água “branca como leite” e onde não se permitiam “garimpeiro lavar a bunda”, segundo os próprios garimpeiros. Este brejo surge na memória dos imigrantes como o principal símbolo da sede de Gilbués, tendo o acesso negado a quem não era nativo. Ao representar o desaparecimento do referido brejo como um “*cas-ti-go*”, pela memória, seria mais uma forma de vingança ou uma resistência. Em tais circunstâncias, o presente rega o passado, reinterpretando-o e reconstruindo-o.

Para Pollak (1989, p.11), quando narramos nossa vida, geralmente tentamos “estabelecer certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica”. Além disso, para esse autor, “através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”. Provavelmente seja esse um dos motivos pelos quais garimpeiros reinterpretam o passado, atribuindo a este novos sentidos e ao mesmo tempo, reconstróem suas trajetórias de vida, positivando-as à medida que narram, do seu ponto de vista, as consequências negativas sobre Gilbués, por não terem sido aceitos na sede municipal.

Quer dizer, para lidarem com um ressentimento do passado, os garimpeiros reconstróem alguns de seus aspectos a partir do presente. Porém, essas invenções/variações, via memória, serão sempre limitadas, seja “no caso de uma memória coletiva como de uma história de vida” (POLLAK, 1989, p.11). Desta forma, quando se diz que o passado é uma reconstrução do presente, é sempre em sentido relativo, pois os indivíduos, embora relatem

¹⁹⁹ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁰⁰ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

suas narrativas em seus contextos particulares, com suas próprias reticências, pausas e entonações de vozes, eles seguem “um núcleo resistente ou um fio condutor”, nos termos de Pollak (1989).

CAPÍTULO 3

GARIMPAGEM ARTESANAL DE DIAMANTES NO SUL PIAUIENSE: atores e relações sociais de produção, caracterizações técnicas e cotidiano dos garimpos.

O garimpo era aí no raso; era arrancando o capim aqui, olha, e pegando o diamante, moço. Era como milho. Nego²⁰¹ andava era com as cuias. Ali na Desidera nego ia era com um caquinho, com as cuias (Informação Verbal)²⁰².

Apesar deste capítulo não ter como objetivo descrever o diamante em si, mas os aspectos sociais e processo de garimpagem em Gilbués/Monte Alegre, no Piauí, convém destacar que o termo diamante, originário do latim *adamas*, significa incontestável ou indomável, sendo usado para designar a “mais preciosa das substâncias gemológicas” usada como adornos pessoais ou em engrenagens industriais²⁰³, como dizem Chaves e Chambel (2003, p.33). Além do diamante, a grafita e a lonsdaleíta são compostos de carbono em estado puro, mas o primeiro é o minério mais resistente de todos, necessitando de alta temperatura e pressão para se cristalizar. Desta forma, o valor comercial do diamante como adorno depende de diversos fatores, tais como critérios de classificação, cores, tamanhos, formas de lapidação, raridade, dentre outros²⁰⁴.

No Brasil, embora no final do século XVI se registrasse a exploração aurífera na Capitania de São Vicente, foi no final do XVII que os primeiros achados relevantes de ouro no país seriam noticiados, tornando Minas Gerais, a partir desse momento, o centro da exploração de minérios e pedras preciosos, especialmente o ouro e o diamante. Entretanto, nesse mesmo período, foi constatada, também, a existência de tais minérios em outros estados do Brasil Central, como Mato Grosso, Goiás e Bahia. Nas mesmas áreas auríferas, os primeiros achados de diamantes no Brasil datam de 1729, embora tenham relatos anteriores e imprecisos a respeito. Se até então as Índias eram a principal fonte de diamante, o Brasil

²⁰¹ Os entrevistados, com frequência, citam a palavra “nego/s” para se referirem a garimpeiros. Entretanto, eles não estão se referindo, especificamente, à cor da pele dos indivíduos, mas a garimpeiros de forma genérica.

²⁰² SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁰³ No final do século XIX, quando a mineração do diamante entra em crise na Bahia, descobre-se a grande utilidade do carbonato na indústria, dando um novo impulso econômico à Região Diamantina, a única no mundo a produzir o minério, somente decrescendo sua relevância com o desenvolvimento do carbonato sintético pela própria indústria.

²⁰⁴ Para maiores detalhes técnicos sobre as classificações do diamante, ver Chaves; Chambel (2003).

tornou-se o primeiro produtor moderno desse minério durante o século XVIII, embora, segundo Prado Jr. (1987), com sua importância econômica no país sendo menor relativamente à do ouro.

Diferentemente do século XVIII, no início do século XIX o preço do diamante no mercado internacional tornou-se novamente atrativo e surgiram novas descobertas significativas de diamantes no Brasil, especialmente na Bahia, na Chapada Diamantina, em 1844²⁰⁵, para onde migraram milhares de garimpeiros (diversos escravizados), de várias regiões do Brasil, inclusive de Minas Gerais, e do exterior, formando alguns povoamentos/cidades, entre elas Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras (GONÇALVES, 1984; MARTINS, 2013; SALES, 1955)²⁰⁶. Porém, a seca de 1859/60; as grandes descobertas de diamantes na África do Sul na década de 1880, aliadas às técnicas rudimentares de garimpagem, colaboraram imensamente com o colapso da exploração de diamantes na Bahia no final do século XIX (MARTINS, 2013). Embora enfraquecida, a garimpagem de diamante persistiu no Brasil, surgindo novos depósitos em outras regiões no século XX, inclusive, no Piauí.

3.1 Políticas Nacionais dos Recursos Naturais do Brasil no Século XX: o Piauí no mapa dos minérios.

Do período colonial ao imperial, no Brasil, como mostra Corrêa (2018), vigorou o regime dominical, quando a Coroa e, posteriormente, a Nação brasileira detinha a propriedade das jazidas minerais²⁰⁷. Porém, a Constituição de 1891 substituiu o regime dominical pelo direito de acessão ou fundiário, tornando juridicamente solo e o subsolo uma única “*res*” durante toda a Primeira República. Assim, muitos proprietários de terra passaram a dominar as riquezas minerais do subsolo, que antes eram da Nação, gerando muitos conflitos entre eles e os mineradores, dificultando a exploração desses recursos naturais e, conseqüentemente, o desenvolvimento industrial do país, na concepção do governo de Getúlio Vargas.

²⁰⁵ Diversos autores, como Chaves; Chambel (2003) e Abreu (1937) apontam outras datas anteriores a 1844 como marco inicial da descoberta de diamantes na Bahia. Porém, foram descobertas menos importantes. Ainda em 1732 descobriu-se diamante na Bahia, mas fora proibida a exploração pela Coroa (PRADO JR., 1987).

²⁰⁶ Segundo Abreu (1937, p.185), “calcula-se em 30.000 pessoas a onda humana que nos anos de 1844 a 1848, se espalhou nas cercanias do Mucugê, elevando a população local a 50.000 almas. Foi um *rush* em nada inferior aos da Califórnia e da Austrália, quando se espalharam ali as notícias da descoberta de ouro”.

²⁰⁷ Código de Minas (*Decreto nº 24.642, de 10 de julho de 1934*), no Art. 1º, define os termos jazida e mina. O primeiro é a “massa de substâncias minerais, ou fósseis, existentes no interior ou na superfície da terra e que sejam ou venham a ser valiosas para a indústria”; enquanto a mina é “a jazida na extensão concedida, o conjunto dos direitos constitutivos dessa propriedade, os efeitos da exploração e ainda o título e concessão que a representam”.

Por isso, ao assumir o Governo Federal em 1930, Vargas promoveu certas reformas institucionais, fortalecendo o papel do Estado em diversas áreas, dentre elas a social e a econômica. Tentando superar o modelo agroexportador brasileiro, no contexto da recessão mundial de 1929, a industrialização do país tornou-se um dos principais objetivos econômicos do novo governo, sendo imprescindível, na visão varguista, o controle estatal dos recursos naturais. Nesse sentido, diversos dispositivos legais e instituições foram criados durante as décadas de 1930 a 1950, como meios de fomento à infraestrutura industrial.

Uma das primeiras medidas de Getúlio Vargas foi o restabelecimento do direito de propriedade do subsolo e das riquezas minerais, passando ao controle do Estado em 1934, através do Código de Minas e da nova Constituição Federal, pondo fim ao regime de acessão. Além disso, nesse governo de Vargas houve a criação do Código de Águas e do Departamento Nacional de Produção Mineral em 1934; do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica em 1939; do Conselho Nacional do Petróleo em 1939; da Companhia Vale do Rio Doce em 1942; da Companhia Hidrelétrica do São Francisco em 1945; etc. Para Sousa (2013, p.40), o novo Código de Minas de 1940; a Carta Magna de 1937 e a de 1946, mesmo com o fim do Estado Novo, em termos gerais, mantiveram as condições anteriores de propriedade e exploração dos minérios no Brasil.

O debate sobre o controle dos recursos naturais persistiu no governo de Eurico Gaspar Dutra, que enviou, em 1948, ao Congresso Nacional o Estatuto do Petróleo, permitindo certa participação do capital estrangeiro no setor petrolífero, mas não fora aprovado, sobretudo, por causa das manifestações de diversos grupos sociais com o lema “o petróleo é nosso”. Assim, quando Getúlio Vargas volta ao governo “nos braços do povo²⁰⁸”, em 1951, retira do Congresso o Estatuto do Petróleo e envia outro projeto. Após intenso debate e algumas modificações, em 1953, a Petrobrás foi criada. Desse modo, “a lei nº2.004 instaurou o monopólio da exploração, extração, refino e transporte de óleo bruto” (MELO; OLIVEIRA; ARAÚJO, 1994, 233-234). No setor energético, Vargas, ainda no segundo governo, enviou ao Congresso brasileiro em 1954 o Plano Nacional de Eletrificação e o projeto de criação da Eletrobrás, sendo este aprovado somente em 1961, após intenso debate e diversas modificações.

Outras decisões políticas de Vargas, a partir de 1951, serviram para expandir a infraestrutura industrial no Brasil, como a criação do Banco do Nordeste do Brasil (1952); do Banco Nacional de desenvolvimento Econômico (1952) e do Fundo Rodoviário Nacional

²⁰⁸ Título de um artigo de D`Araújo (1999).

(1952). Diretamente relacionado ao setor agrícola, foi criada a Comissão Nacional de Política Agrária (1952); o Instituto Brasileiro do Café (1952) e a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (1953). Desse modo, apesar da oposição de certos setores da sociedade, como, por exemplo, a União Democrática Nacional (UDN), partido liberal-conservador que defendia a economia brasileira mais aberta ao capital internacional (D'ARAÚJO, 1999), o projeto intervencionista estatal de Vargas fora predominante.

Nesse sentido, Juscelino Kubitschek, considerado por opositores e correligionários como um dos herdeiros de Getúlio Vargas (BENEVIDES, 2002), deu prosseguimento, em seu governo (1956-1961), à ideia do Estado como um agente ativo no desenvolvimento econômico brasileiro, especialmente com a construção de Brasília, nova sede do governo federal, e o planejamento e execução do Programa de Metas, priorizando determinados setores considerados fundamentais no país: energia; transportes; alimentação; indústrias de base e educação (FARO; SILVA, 2002).

Essa intensificação da interferência do Estado brasileiro na economia a partir de 1930²⁰⁹, especialmente no desenvolvimento da infraestrutura industrial, com destaque nos setores energético e petrolífero, o próprio Estado como proprietário de diversas empresas tidas como estratégicas, como Petrobrás e Eletrobrás²¹⁰, era necessária, devido a alguns fatores, segundo Melo; Oliveira e Araújo (1994). Primeiro, para fazer a transição da matriz energética lenha/carvão para o petróleo, considerando-se que eletricidade demandava volumosos recursos; segundo, o capital privado nacional não dispunha de tais condições; terceiro, o capital privado internacional, com sua capacidade técnica e financeira, não teve interesse em investir no petróleo no Brasil, de imediato, uma bacia petrolífera de baixa potencialidade na época, preferindo concentrar-se nas grandes reservas no Oriente Médio; por último, só restava ao Estado desenvolver esse papel industrial, facilitado pela concentração do poder a partir de 1930 e forte nacionalismo econômico do período²¹¹.

Com relação aos minérios e às pedras preciosas, especialmente ouro e diamante, sendo, igualmente, bens da União novamente desde 1934, o Governo Federal atualizaria a legislação, com o *Decreto-lei, de nº 466, de 04 de junho de 1938*, que dispunha sobre garimpagem e comércio de pedras preciosas. Com relação ao diamante, além do seu uso em

²⁰⁹ Antes mesmo da Revolução de 1930, no início do século XX, 60% da malha ferroviária brasileira já era de propriedade estatal. Algo semelhante ocorria com a rede telegráfica, portos e navegação. Para detalhes, ver Silva (1999).

²¹⁰ Para detalhes sobre o contexto da criação da Petrobrás e Eletrobrás, ver Melo; Oliveira e Araújo (1994).

²¹¹ Para detalhes do embate político acerca da participação do capital privado nacional; do capital estrangeiro e do Estado no desenvolvimento econômico do Brasil, entre as décadas de 1930 e 1950, ver D'Araújo (1999); Abreu (1999); Silva (1999); Melo; Oliveira e Araújo (1994), etc.

joalheria como peças ornamentais, tradicionalmente, também, por causa de sua dureza e resistência, ele é usado, dependendo do tipo, em “aplicações na perfuração e corte em pesquisa e produção de petróleo, na indústria mineira, nas engenharias civil e mecânica” (CHAVES; CHAMBEL, 2003, p.49), dentre outras utilidades.

Desde as primeiras descobertas de diamantes no Brasil, a produção desse minério no país nunca cessou, embora sempre tenha oscilado, dependendo de fatores internos e externos, sendo o mais relevante a lei da oferta e demanda. A quantidade de diamantes produzida sempre foi imprecisa, devido ao intenso contrabando. Entretanto, para Chaves e Chambel (2003), nos primeiros 150 anos de mineração no Brasil foram produzidos quinze milhões de quilates de diamantes²¹², mais do que a Índia produzira em vinte séculos e a mesma quantidade que a África do Sul produziria em dez anos.

Se tradicionalmente, nos séculos XVIII e XIX, encontravam-se diamantes especialmente em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Paraná e Bahia, na primeira metade do século XX diversos depósitos de diamantes foram descobertos, também, em outras regiões do Brasil²¹³, fazendo desse país um “caso único em nível mundial onde quase todo o território de uma nação é salpicado de depósitos diamantíferos de várias montas” (CHAVES; CHAMBEL, 2003, p.126). Dentre as novas descobertas, no século XX, estão os diamantes em Gilbués/Monte Alegre, sendo iniciada sua exploração, em termos de mineração, em 1946, embora exista relato de que ainda em 1902 se tenha constatado a existência de diamantes e carbonados nessa região do Piauí (BARROS, 2007).

A garimpagem, segundo o *Decreto-lei, de nº 466, de 04 de junho de 1938*, artigo 2º, era “o trabalho rudimentar de pesquisa e extração de pedras preciosas nos álveos ou margens de cursos de água naturais e seus terraços, bem como nos depósitos secundários de chapadas, vertentes e altos de morros”. Embora algumas lavras mecanizadas tenham sido bem sucedidas em certos depósitos brasileiros (CHAVES; CHAMBEL, 2003), sendo eles primários ou secundários, a garimpagem sempre foi a forma predominante de extração desse minério no país.

No Brasil, os diamantes são encontrados predominantemente em depósitos secundários, ou seja, em aluviões, leitos e margens de rios. Os depósitos primários de diamante são as rochas kimberlíticas, encontradas no país somente no século XX, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, incluindo as do sul da bacia do rio Parnaíba, no Piauí. O início da exploração nesses depósitos brasileiros deu-se somente no século XXI,

²¹² Um quilate corresponde a 0,2 gramas. E 100 pontos equivalem a um quilate.

²¹³ Para detalhes, ver Chaves; Chambel (2003).

enquanto em outros países, como África do Sul, ainda no século XIX, a exploração de diamantes já era realidade nessas rochas kimberlíticas.

Em pesquisa geológica, Correia (1990) concluiu que os quatro kimberlitos no sul do Piauí: Redondão; Largo; Riachão e Cabeceiras²¹⁴ não se configuram como depósitos de diamantes e que, embora sendo de aluviões os diamantes de Gilbués, a origem primária deles não está relacionada a nenhum dos kimberlitos supracitados, mas a outro ainda não encontrado ou que tenha existido no passado. Correia (1990, p.6) constata, ainda, que os diamantes de Gilbués/Monte Alegre foram encontrados e explorados artesanalmente em três “níveis estratigráficos distintos: nas aluviões recentes e sub-recentes, em cascalhos de coberturas terciárias e em conglomerados cretácicos”. Como relatam entrevistados, nessa região do Piauí, o carbonato era encontrado, mas em pequena quantidade.

Apesar de relevante economicamente, quando se inicia a garimpagem de diamante no sul do Piauí e durante seu auge, na década de 1950, na tentativa de promover o desenvolvimento industrial do Brasil, o governo federal canalizou seus esforços predominantemente para o controle de outras reservas minerais nacionais, como o ferro, carvão vegetal²¹⁵, petróleo e águas, fundamentais para realização do “sonho nacional: petróleo e eletricidade²¹⁶”, não encaixando as pedras preciosas nessa perspectiva.

Além disso, no caso do diamante em Gilbués/Monte Alegre, o lugar de difícil acesso; a quantidade e a qualidade do minério, caso tenham sido avaliadas; a produção do diamante sintético, a partir da década de 1950 no exterior, em substituição ao natural, para uso industrial, dentre outros motivos, quiçá, não justificariam os esforços do Governo Federal requisitados na exploração, comercialização e combate ao contrabando do diamante piauiense.

Na realização do *VII Congresso Brasileiro de Geologia*, que ocorreu em Teresina, Piauí, entre os dias 1º e 8 de novembro de 1953, ficou evidente a obsessão por petróleo no Brasil e o desprezo pelo diamante no sul do Piauí. Como destacou a reportagem do jornal *O Dia*, de 22 de novembro do mesmo ano, o referido *Congresso*, realizado um mês após a

²¹⁴Destes kimberlitos, Redondão é o que fica mais próximo de Gilbués, a 80 km a noroeste do município, localizado nas nascentes do rio Taquaral, afluente do rio Parnaíba; o Largo localiza-se a cerca de 65 km da cidade de Bom Jesus, na margem esquerda do rio Gurgueia; o Riachão, a cerca de 6 km ao sul do diatrema Largo e o kimberlito Cabeceiras, a 3,5 km a sudeste do kimberlito Riachão (CORREIA,1990).

²¹⁵No Brasil, surgiram diversas leis e decretos protecionistas do carvão vegetal entre os anos de 1931 a 1953, bem como instituições de fomento a essa fonte de energia. Em 1931 estabeleceu-se que, no mínimo, 10% do carvão consumido pelas empresas deveriam ser de origem nacional, passando para 20% em 1937; inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional em 1946; criação do Plano do Carvão Nacional em 1953. Até na década de 1970, na “crise mundial do petróleo”, recorreu-se ao carvão vegetal nacional, com o II Plano Nacional de Desenvolvimento (CAROLA, 2002, p.15-22).

²¹⁶ Título de um artigo de Melo; Oliveira e Araújo (1994).

fundação da Petrobrás, “marcou época entre nós”, sendo o “maior e mais importante de quantos aqui se realizaram”, reunindo cientistas brasileiros e de diversos outros países, como Alemanha, China, Estados Unidos, Inglaterra, Japão, França e Suíça, tendo como “objetivo descobrir petróleo e evitar, entre nós, o flagelo da seca”.

Os cientistas “embrenharam-se no sertão” do Piauí, especialmente nos “municípios comumente mais atingidos pela calamidade do drama” do flagelo da seca, “que tanto castiga as populações nordestinas”. Estudando o solo e analisando diversos tipos de rocha em municípios piauienses, dentre eles Teresina e José de Freitas, em busca “dos minerais combustíveis”, os cientistas “entusiasmados” do *Congresso* afirmaram que havia “fortes indícios de fontes de minérios e lençóis petrolíferos em vários pontos do território em estudo”. A descoberta do petróleo era o sonho de qualquer estado ou município e, portanto, considerado um meio de resolver diversos problemas sociais, mediante a geração de receitas/dividendos ao ente federativo.

Desta forma, como o interesse principal do *Congresso* era encontrar “os minerais combustíveis”, ele não fez menção à então exploração de diamantes no sul do Piauí. Segundo o supracitado jornal, no discurso “murcho e seco” de abertura do *Congresso*, o então governador do Piauí, Pedro Freitas, “não se referiu às riquezas minerais do Piauí, especialmente à de Gilbués”, embora tenha visitado o município anteriormente, recebendo, inclusive, “de presente alguns diamantes, sendo que o mais valioso recebeu o seu nome”. Ao mesmo tempo, embora relevante em Gilbués, também, o Censo do IBGE de 1950, no auge da exploração de diamantes, não registrou essa atividade econômica, pois se tratava de uma atividade artesanal, ficando ela ausente, também, da própria contabilidade oficial do estado do Piauí e de debates na agenda pública.

A mesma reportagem do Jornal *O Dia* denunciava que não havia “licença do Governo Federal para exploração das minas de Gilbués, pois as riquezas do subsolo pertencem à Nação”, gerando poucos dividendos ao município e ao estado. “Garimpeiros não pagavam impostos” e “dezenas e dezenas de toneladas” saíam “para outros estados e países sem pagamentos de impostos”, pois era imenso o contrabando. Ainda segundo a referida reportagem, “num município em que corre tanto dinheiro como em Gilbués, as rendas municipais e estaduais poderiam e deveriam ser das maiores do Piauí”. Assim, as pessoas “que conhecem Gilbués e a quantidade de diamantes encontrados e vendidos ficam estarecidas diante da renda insignificante de exportação, dispensada em mais de noventa por cento para os exploradores daquela fonte de riqueza”.

Naquele ambiente de predomínio da atividade garimpeira, onde homens, mulheres e crianças se envolviam, até as galinhas “garimpavam” em Gilbués/Monte Alegre, devido ao fato de o diamante ser encontrável na “flor da terra” e em grande quantidade: “Eu peguei demais diamante aqui no papo de galinha, na moela. Toda vez que as mulheres matavam galinha aqui, rachavam a moela. Dificilmente não achava diamante dentro dela; galinha catando pedrinha” (Informação Verbal)²¹⁷. Inclusive, uma das manchas de diamantes em Gilbués era denominada Papo de Galinha (BARROS, 2007).

Na Antiguidade há casos em que se encontrava diamante em intestino de peixes. Além disso, no Alto Paranaíba, em Minas Gerais, ainda hoje se fala das “galinhas diamantíferas” que “garimpavam” de forma semelhante às de Gilbués/Monte Alegre e, também, em suas moelas eram encontrados diamantes. Entretanto, para Chaves e Chambel (2003, p.11) “casos como estes são bastante incomuns e de difícil (ou impossível) certificação de veracidade”. Mesmo assim, independentemente de in/verídicos, os idosos utilizam-se desses casos para justificarem a grande quantidade de diamantes em Gilbués/Monte Alegre.

Segundo relatos de ex-garimpeiros, em Gilbués/Monte Alegre, “o diamante era fácil. Era na flor da terra” (Informação Verbal)²¹⁸. Era “aí no raso; era como milho. Nego andava era com as cuias. Ali na Desidera nego ia era com um caquinho, com as cuias” (Informação Verbal)²¹⁹. Desta forma, por dispensar técnicas de garimpagens muito sofisticadas, qualquer pessoa, com o mínimo de conhecimento sobre diamante, poderia garimpá-lo. Assim, era comum crianças, homens e mulheres sem experiência em garimpo (*curaus*) encontrarem diamantes.

Entre as pessoas entrevistadas, outros relatos surgem recorrentemente sobre o quantitativo de diamantes no sul do Piauí: “Meus tios chegaram a juntar litros de diamantes. Era demais” (Informação Verbal)²²⁰. Não há estatísticas mostrando a quantidade de diamantes explorados em Gilbués/Monte Alegre. Mas o Jornal, *O Dia*²²¹, em 22 de novembro de 1953,

²¹⁷RAMOS, Sérgio. 54 anos, filho de ex-prefeito de Monte Alegre. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre -PI, 2018. Arquivo MP4.

²¹⁸PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²¹⁹SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²²⁰MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²²¹Segundo Lima (2014), o jornal *O Dia*, entre os anos de 1951 e 1954, passou por três momentos. No primeiro ano de fundação, 1951, na função de “auxiliar do governo”, o jornal se vinculou ao governador do Piauí, Pedro Freitas (PSD), criticando o governo passado da UDN, José da Rocha Furtado, sendo, por isso, definido pelos udenistas como “órgão pessedista” e “oficioso do governo”; o segundo momento, de “transição”, começa a partir do final de 1951 e parte de 1952, quando adverte sobre certos erros administrativos do governador; a partir de

notícia que os governantes de então, do Piauí, por interesses partidários, “deixam que saiam” de Gilbués “dezenas e dezenas de toneladas de diamantes para outros estados e países, sem pagamento de impostos”. Esses diamantes eram exportados, de avião, para os grandes centros urbanos do Brasil, especialmente o Rio de Janeiro, a então capital federal e um dos polos de lapidação do país.

Ainda na década de 1930 chegaram da Europa ao Brasil os primeiros lapidários de diamante, muitos deles israelenses, intensificando essa migração com refugiados da II Guerra Mundial. No Brasil, dois polos lapidários foram criados: em Petrópolis, Rio de Janeiro e o outro, em Mar de Espanha, Minas Gerais, chegando a ter “mais de 5.000 lapidários de diamantes, os quais impulsionaram vigorosamente a indústria joalheira nacional” (IBGM, 2005, p.14).

Embora com o fim da guerra muitos tenham regressado para o recém-criado Estado de Israel, onde ajudaram a construir algumas das maiores indústrias do mundo em termos de lapidação de diamantes e outras pedras preciosas, alguns deles permaneceram no Brasil desenvolvendo essa atividade. Porém, grande parte dos diamantes brasileiros passou a ser exportada para lapidação e comercialização na Europa, inclusive pelos lapidários que moraram no Brasil, especialmente em Minas Gerais e Rio de Janeiro (IBGM, 2005). Por isso, o diamante de Gilbués/Monte Alegre tinha como principal destino o Rio de Janeiro, para ser lapidado naquele estado ou de lá exportado para outros países.

3.2. Relações Sociais de Produção do Diamante: personagens principais.

Embora havendo entre os personagens do garimpo muitas semelhanças, quanto à origem e visão de mundo, por exemplo, não podemos olvidar as diferenças entre eles. Além dos tradicionais proprietários de terras de Gilbués/Monte Alegre que, por diversas vezes, cobravam o dízimo dos diamantes encontrados em suas terras, nas narrativas de idosos sobre a exploração de diamantes outros personagens são recorrentes: o garimpeiro, o faisqueiro/fornecedor e o exportador de diamantes. Apesar de certas particularidades no sul do Piauí, tais personagens desenvolviam papéis semelhantes aos que se desempenhavam em outros garimpos no Brasil, como nas Minas Gerais, em Goiás e na Bahia.

então, no terceiro momento, as críticas são severas contra o governador, acusando-o de incapaz para resolver os problemas socioeconômicos do Piauí.

3.2.1 O Garimpeiro “na Terra Rica de Diamante”

No estado de Minas Gerais, no século XVIII, quando o diamante era abundante e propriedade da Coroa Portuguesa, segundo Saint-Hilaire (1941, p.18), havia grupos de contrabandistas e aventureiros, que, por conta própria, exploravam esta pedra preciosa. Estes sujeitos receberam o nome de “grimpeiros, donde se formou, por corrupção, a palavra garimpeiro, que se manteve”. Assim, na exploração de diversos minérios, em todas as regiões geográficas do Brasil esse personagem esteve/está presente, inclusive, em Gilbués/Monte Alegre, sul do Piauí.

Nesta atividade rudimentar de exploração de diamantes, em Gilbués/Monte Alegre os garimpeiros eram o maior grupo envolvido e, geralmente, uniam-se em duplas para desenvolver o trabalho de garimpagem. Assim, o parceiro era denominado de “sócio”. Mesmo nessa categoria, com predominância do aspecto manual do trabalho, não se pode interpretar os garimpeiros como homogêneos. Entre eles, por exemplo, dependendo do nível de aprendizado/experiência na atividade de garimpo, havia uma hierarquia: o garimpeiro “profissional” e o “curau”.

Essa hierarquia, com base na experiência de trabalho, era comum em outros garimpos, como em Lençóis, Bahia (GONÇALVES, 1984), bem como em outras atividades predominantemente manuais. Por exemplo, Rogério Jr (2016), em pesquisa com camponeses cortadores manuais de cana de açúcar em agroindústrias do interior paulista, percebeu que trabalhadores inexperientes nesta atividade eram denominados, no âmbito das redes de migração, “carteiras brancas”, como forma de demarcar território entre experientes e inexperientes.

A demarcação é dinâmica, não podendo ser analisada apenas pelo viés da hierarquia entre os personagens, comparando-se entre eles o nível de conhecimento ou destreza na atividade específica. Assim, o experiente, dependendo do contexto, pode usufruir de certos privilégios ou reconhecimento social dentro do grupo em questão. Porém, deve-se ir além da hierarquia e concorrência entre experientes/inexperientes para se compreender melhor as relações entre estes personagens. Há, também, casos de solidariedade, de iniciação, com experientes auxiliando “curaus”, no caso do garimpo, ou os “carteiras brancas”, no corte de cana, na nova atividade ou na socialização do novo espaço, caso fossem imigrantes.

Em Gilbués/Monte Alegre, ser garimpeiro “profissional”, definido assim entre eles com base na experiência de trabalho, não significava ser um garimpeiro legalizado na atividade, mas um garimpeiro experiente, sabendo desenvolver todas as etapas da

garimpagem, sendo a principal delas a lavagem do diamante. “Se não sabe lavar o cascalho, não pode dizer que é garimpeiro. Ele depende dos outros pra lavar o cascalho. Ele faz, mas não sabe lavar. E é obrigado caçar outro quem sabe lavar na peneira” (Informação Verbal)²²². O mesmo entrevistado narra que um de seus irmãos “trabalhou pouquinho. De garimpo ele trabalhava, mas não sabia nem lavar. O chefe era eu” e os demais irmãos que lavavam o cascalho. Assim, em último caso, a “lavagem” do diamante concedia o atestado social de formação do garimpeiro, pois ele, antes disso, “não pode dizer que é garimpeiro”. Com esse aprendizado, o garimpeiro “profissional” torna-se “chefe” dos “coraus”, garimpeiros sem experiências na atividade.

Como o Piauí não possuía até então tradição na garimpagem de diamante ou de qualquer outro minério²²³, o garimpeiro “profissional”, mesmo sendo originário de Gilbués/Monte Alegre, ou de outros municípios piauienses, aprendeu o ofício em garimpos de outros estados, como Bahia e Goiás. Porém, segundo os entrevistados, da Bahia vieram os melhores garimpeiros, os “profissionais”, experientes nessa atividade: “O baiano era mais experiente no garimpo. Pegava mais, explorava mais (Informação Verbal)”²²⁴.

Nesse sentido, mostra-se, em um primeiro momento, que a inexperiência na garimpagem de diamante era muito intensa entre piauienses. “Do Piauí aqui mesmo tudo era, era como se diz, eram assim umas pessoas que não tinha costume [de garimpar]. Ia pegar o cascalho e [não sabia o manejo]” (Informação Verbal)²²⁵. Porém, havia “coraus”, também, entre os imigrantes oriundos, inclusive, da Bahia: “Tinha uns que já eram práticos e outros não tinham prática ainda” (Informação Verbal)²²⁶. Assim, a garimpagem torna-se, também, um lugar de aprendizagem, através da experiência.

No período do verão (maio a novembro)²²⁷ aumentava-se a quantidade de feirantes e garimpeiros em Gilbués/Monte Alegre, especialmente os “coraus”, que, durante o inverno trabalhavam em outras atividades, especialmente na roça, na agricultura, e, após a colheita,

²²²CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²²³A partir da década de 1950, no norte do Piauí, no município de Pedro II, surge o garimpo de opala (LIMA, 2008). Porém, não se percebeu, na pesquisa, se algum garimpeiro do diamante, de Gilbués/Monte Alegre, teria se deslocado para o garimpo de opala e vice-versa.

²²⁴PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²²⁵ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

²²⁶*Idem.*

²²⁷Para os entrevistados em questão, o ano é dividido apenas em duas estações: inverno e verão. O inverno é o período das chuvas, que inicia na região, geralmente, em novembro ou dezembro, estendendo-se mais ou menos até o mês de abril/maio, quando as chuvas cessam, iniciando, assim, o verão, período da ausência da chuva.

partiam em direção ao garimpo, para vender seus produtos na feira e, por alguns dias, garimparem, enquanto outros migravam exclusivamente à procura de diamante, durante todo o verão. Naquele contexto, o garimpo aparecia como atividade complementar à renda oriunda da agricultura, uma estratégia de sobrevivência comum a muitos outros campesinatos no Brasil, que desenvolvem outras atividades em períodos específicos do ano.

Porém, a garimpagem, para outros trabalhadores “era todo tempo, que o garimpeiro profissional, ele trabalhava direto” (Informação Verbal)²²⁸. Portanto, a renda familiar desse “profissional” era originada exclusivamente do garimpo. Quando ele passou a se dedicar simultaneamente ao garimpo e à agricultura, foi um dos primeiros sinais de decadência da “fatura” de diamantes.

Quase não tinha outra atividade não. O garimpeiro mesmo não se sujeitava a outra coisa não. Ele queria era só o garimpo. Só muito tempo depois que o garimpo começou a se esgotar, acabar e tal; alguém começou a fazer quinta; plantar; essa coisa. Mas [antes] ninguém cuidava dessa atividade de roça não (Informação Verbal)²²⁹.

Os garimpeiros “profissionais” que aprenderam a lavar o cascalho consideram a atividade como “fácil da gente aprender”, mas não negam o quanto era um trabalho desgastante fisicamente, inclusive para homens acostumados. Por isso, nem todos os imigrantes se adaptaram a esta atividade: “aqueles que não gostaram, voltaram” (Informação Verbal)²³⁰. “Não gostar” do garimpo pode ser compreendido de várias maneiras, sendo uma delas a falta de adaptação à garimpagem do diamante, apesar de muitos dos instrumentos de trabalho serem familiares. Estes eram familiares tanto a garimpeiros “profissionais” como, em grande medida, a “curaus” que já trabalhavam manualmente na agricultura, pois os instrumentos do garimpo, em grande medida, eram adaptados desse universo.

3.2.1.1 Mistérios do Diamante: “é um minério vivo”

Além do “clima do trabalho, também não fiz muita vantagem” no garimpo. Estas eram as principais justificativas dos garimpeiros que desistiam da caça aos diamantes, mesmo havendo relatos da “fatura de diamantes” em Gilbués/Monte Alegre e facilidades de capturá-

²²⁸CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²²⁹MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²³⁰ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

los. Porém, “o diamante não era pra todo mundo não. Uns pegavam; outros, não pegavam. Você trabalhando aqui, olha, enchendo o picuá²³¹ de diamante. E um colega seu trabalhando bem aqui e não pegava um” (Informação Verbal)²³². Para garimpeiros, em geral, “o diamante é um minério, mas ele é vivo. Você pode escrever com letra de ouro, que o minério é vivo. É vivo. Tem umas livuzia igualmente gente” (Informação Verbal)²³³. O diamante “dá pantaforma”, ou seja, provoca mistérios, transitando entre o reino mineral e o animal.

Em garimpos do Goiás, por exemplo, o diamante era visto como misterioso e para os garimpeiros os sucessos e fracassos na busca do minério estavam, também, relacionados aos sonhos (SILVA, 2011), ocorrendo o mesmo em garimpos da Bahia, ainda no século XIX (GONÇALVES, 1984). Na Chapada Diamantina, quando não encontrava diamante por certo tempo, o garimpeiro considerava-se “infusado”. Portanto, geralmente, no desejo de bamburros em diamantes, recorria aos negros nagôs curandeiros para ser “desinfusado”, através da prescrição de certos banhos e outras obrigações (MARTINS, 2013). Provavelmente, essa concepção de “diamante vivo” e encantado em Gilbués/Monte Alegre tenha sido importada por garimpeiros, especialmente da Bahia e do Goiás.

No sul do Piauí, além do manuseio dos instrumentos e técnicas específicas dessa atividade, o garimpeiro “profissional” compreendia bem os mistérios do diamante, ao contrário dos “curaus”. Durante toda a atividade de garimpagem havia “mistério” cercado o diamante. Portanto, entre os garimpeiros de Gilbués/Monte Alegre é comum afirmar-se que

O diamante tem encanto. Tem hora que a gente até incute. O diamante, se você pegou ele e jogou na boca, acabou o ímã. Assunta. Dizendo os garimpeiros velhos. Mas se ele escapulir de sua mão antes de você botar ele na boca, olhe lá. É capaz de você nem achar mais (Informação Verbal)²³⁴.

Porém, antes de apanhar o diamante, o garimpeiro já “tem a labuta. Eu mesmo tenho e muitos garimpeiros têm” (Informação Verbal)²³⁵, certamente os “profissionais”, que sabem ler seus sinais e interpretar os sonhos. O diamante “dá pantaforma. Você fica sonhando à noite; labuta com gado; vê qualquer criação, com gente mesmo. É como carbonato. A gente falta é

²³¹ Depósito construído de osso/chifre de boi/carneiro/bode, usado, geralmente, no bolso, pelo garimpeiro, para guardar diamantes.

²³²NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²³³JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²³⁴CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²³⁵ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

não dormir de noite quando está assim, né?” (Informação Verbal)²³⁶. Sonhar com porcos, cobras, ovelhas, gado bovino era um indicativo de uma garimpagem de sucesso.

Quando eu pegava a sonhar pegando uma ovelha ou laçando um gado, podia dizer comprar fiado, que eu ia lá e tinha o diamante no bolso. É assim. No dia que eu peguei esse diamante grande lá, eu sonhei com minha mãe chegando e disse: “-essas coisas aqui tudo é de você mais de Zé, meu irmão” (Informação Verbal)²³⁷.

No universo do garimpo há outros sinais positivos de diamantes. “Sonhar com verdura é bom”. Além disso, “se sonhar chupando uma melancia e se ela for ruim, pode ir pro garimpo”, como nos relatou uma ex-garimpeira, que nunca pegou “diamante sem sonhar” anteriormente (Informação Verbal)²³⁸.

Mesmo acordados e fora das “manchas”, por vezes, garimpeiros, em quaisquer espaços recebiam mensagens positivas indicando a existência de diamantes em determinados garimpos. Um entrevistado disse: “eu estava trabalhando e escutei uma pancada: pá. Eu disse: caiu um pedaço da serra. Aí eu fui lá: olhei, olhei e não tinha nada, nadinha. Estava tudo quieto. Aí fui trabalhar e peguei esse diamante”. Esse mesmo entrevistado relatou outro sinal: no garimpo “tem um ponto que de vez em quando a gente vê a tocha de fogo, lá. Eu já vi. Ele [diamante] faz livuzia” (Informação Verbal)²³⁹. Outro ex-garimpeiro detalha essas “livuzias” do diamante, que é “igualzinho gente”:

Nós baixamos a cisterna, que peguei esse diamantezinho velho primeiro. Eu fiquei lá um dia e quando eu estou ali puxando o cascalho, uma moita de trem sacudia. É pantaforma de garimpo, eu disse. Sacudia; eu com o caixão aqui e meu sócio dentro e eu botando pra fora aqui. Aí eu disse: “-sócio, aqui não tem nem vento e uma moita sacudi aqui, rapaz”. Ele disse assim: “-é sério?”. _É. Quando é um dia eu corro lá pra casa no Piripiri [na localidade rural]. Quando ele [seu sócio] chegou [do garimpo], ele disse: “-sócio, você estava pisando pra aí”. Eu disse: “-não”. “-Pois bem aí na cisterna tinha um pisando aí, *poc, poc*, e eu não enxerguei ninguém” (Informação Verbal)²⁴⁰.

Os sinais enviados aos garimpeiros nem sempre são de capturas ao diamante. Por vezes, são de tragédias: de rompimento de cisternas; sinais de acidentes e mortes, ou seja, de dias impróprios para o trabalho. Por exemplo, “se sonhar chupando uma melancia, se a melancia for boa, não vai não, que não pega um” diamante no garimpo (Informação

²³⁶*Idem.*

²³⁷*Idem.*

²³⁸FERNANDES, Marta de Souza. 59 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²³⁹JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁴⁰ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

Verbal)²⁴¹. Há outros sonhos apocalípticos: “se você sonhar com coisa caindo em cima de você; se por acaso andar num carro; andar num avião. Se por acaso sonhar com um carro ou com avião virando por cima de você, você não vai garimpar não. Se você for, você morre” (Informação Verbal)²⁴². A mesma entrevistada narra que seu irmão não obedeceu aos sonhos/avisos e sofreu as consequências no garimpo:

Ele morreu. Ele sonhou de noite. Ele tinha sonhado com um avião caindo por cima dele. Aí pai disse: “-olha, se tu me disser que vai trabalhar em cisterna velha”, porque ele era afoito; ele não tinha medo de nada; “-se tu me disser que vai trabalhar em cisterna velha pra tirar dama, você me diz que eu não vou em lugar nenhum. Eu vou te tirar a troco de cipó. Não é pra tu entrar. Do jeito que tu sonhou esse sonho aí, é um sonho que está avisando tua vida. Aí ele disse: “-oh, pai. E eu estou tão perto de morrer?”. Pai disse: “- o único apelo que tem é você não entrar. Você vai entrar em cisterna?”. - “Não”. Aí chegou outros chamando ele pra tirar faisqueira. Ele não lembrou do sonho que teve. Chegou lá, só foi o tempo dele entrar. Cortou seis sacas de cascalho e o barranco pegou ele. Quando pai chegou, que foi pra tirar ele, o povo dizia: “-não entra, não entra, que tem muita areia”. Não tiraram ele. Ficaram com medo, né? Aí ele ficou lá (Informação Verbal)²⁴³.

Desta forma, tornava-se perigosa a atividade de garimpagem para quem era “afoito e não tinha medo de nada”, pois não respeitava os sinais dos sonhos relacionados ao “minério vivo”, sendo, também, arriscado ao “curau”, por desconhecer o significado de tais sonhos/sinais no garimpo. Além de conhecer os mistérios acerca do diamante, algumas técnicas de garimpagem eram mais específicas dos garimpeiros “profissionais”, como a garimpagem em cisternas, além, como dito, da lavagem de diamantes, com peneiras.

3.2.2 Faisqueiros e Fornecedores em Gilbués/Monte Alegre: pactos e relações de poder.

Nos garimpos de Gilbués/Monte Alegre, a categoria “faisqueiro” representava o atravessador/intermediário²⁴⁴ que comprava diamantes dos garimpeiros e os revendia a exportadores, sendo comum essa mesma conotação de faisqueiro em certos garimpos de Goiás no século XX (GUERRA, 1974), mas diferente do significado da categoria fuscador presente em outras áreas de mineração do Brasil. Por exemplo, em Minas Gerais, ainda no século XVIII, por exemplo, fuscador era uma categoria legalizada de mineradores isolados e nômades, com poucos recursos financeiros para investirem na exploração de pedras preciosas, como ouro e diamante, sendo uns livres e outros, escravizados. No dizer de Prado Jr. (1973, p.179), quando o fuscador “avulta, portanto, é sinal de decadência da mineração”. Já nos

²⁴¹FERNANDES, Marta de Souza. 59 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁴²*Idem.*

²⁴³*Idem.*

²⁴⁴ Nos garimpos da Bahia, o atravessador, era denominado de capangueiro, que comprava diamantes dos garimpeiros e os revendia aos pedristas (MARTINS, 2013).

garimpos de diamantes da Chapada Diamantina, na Bahia, no século XIX, faisgador era uma figura ambígua. Ora tinha a mesma conotação de mineiro legalizado e, outras vezes, era definido como trabalhador sem licença ou inabilitado à garimpagem, associando-se à imagem de garimpeiro nas Minas Gerais.

Além do faisgador em Minas Gerais, outra forma de exploração das jazidas era a de lavras, empregada nas melhores jazidas. Para Prado Jr. (1973, p.178), diferentemente dos faisgadores, as lavras são “estabelecimentos fixos que dispõem de algum aparelhamento, e onde sob direção única e trabalhando em conjunto, reúnem-se vários trabalhadores, cujo número pode ir desde uns poucos até várias dezenas”. Tendo como principais critérios de diferenciação a organização e o maior uso de tecnologias, a exploração na forma de lavras, com o passar do tempo, no Brasil, associou-se à mineração, e a garimpagem a faisgadores/garimpeiros, como forma mais precária de explorar pedras preciosas.

Por diversas vezes, nos garimpos de Gilbués/Monte Alegre, o faisgador ou faisqueiro, também, exercia a função de fornecedor, ou seja, dava assistência a garimpeiros, especialmente imigrantes, desenvolvendo a relação de trabalho denominada “meia-praça”, pois em troca do fornecimento semanal de alimentos, denominado “saco”, a produção de diamantes era dividida em duas metades: uma para a dupla de “sócios” e a outra, para o fornecedor. A relação de “meia-praça” entre garimpeiros e “fornecedores” tornou-se central na exploração de diamantes no sul do Piauí, indo para além da assistência de alimentos e ferramentas de trabalho. Por exemplo, um faisqueiro/fornecedor, imigrante da Bahia, disse que era ele “quem comandava o garimpo. Teve ocasião de eu ter cinquenta garimpeiros. Então, lá, eu ficava lá no garimpo, comprava nas mãos dos garimpeiros e revendia pra meu pai, que ficava como arrecadador [exportador]” (Informação Verbal)²⁴⁵.

Vimos que imigrantes, geralmente, procuravam em Gilbués/Monte Alegre seus parentes já estabelecidos no garimpo em busca de um apoio, mesmo que temporário, em sua residência. Porém, quem não possuía esse apoio familiar arranchava debaixo das grandes árvores da região, tais como jatobá (*Hymenaea courbaril*), pau de óleo (*Copaiba trapezifolia*), tamboril (*Enterolobium contortisiliquum*) e outras. Elas tornaram-se os primeiros abrigos para muitos imigrantes: “foi assim logo chegamos, numa rancharia debaixo de uns paus” (Informação Verbal)²⁴⁶. Em outros casos, o fornecedor possuía barracos coletivos para garimpeiros, especialmente para aqueles que migraram sem suas esposas e crianças. Desta

²⁴⁵MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁴⁶PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

forma, a moradia já era o primeiro elemento fornecido ao garimpeiro, iniciando a relação de “meia-praça”.

Em outras situações, os garimpeiros construía seus próprios barracos, cobertos com palhas, e moravam ali com suas famílias. Dependendo dos resultados obtidos com o trabalho de garimpagem, o desejo de fixação de residência permanente na região do garimpo iria aumentando. Assim fizeram muitas famílias, pois ainda hoje vivem ex-garimpeiros, imigrantes de outros estados, no sul piauiense, especialmente nos municípios de Gilbués e Monte Alegre.

Mesmo nestes casos, os fornecedores assistiam o garimpeiro e sua família, fornecendo alimento semanalmente, o *saco*, bem como ferramentas necessárias para a garimpagem: enxada, picareta, peneiras, óleo de mamona (*Ricinus communis L.*), etc. Em troca, o fornecedor teria direito a 50% da produção dos garimpeiros fornecidos, após o desconto, quando havia, dos 10% do proprietário de terra, onde se localizava a “mancha”. “Aí, você fornecia ele com a boia [provisões semanais]; dava a boia, dava as ferramentas. Aí, ele pegava o diamante e vendia e tinha a metade” (Informação Verbal)²⁴⁷. O contrato era, apenas verbal, com duração de uma semana. Assim, toda semana dever-se-ia fazer um novo contrato com o mesmo fornecedor, com outro “saco”.

Apesar da grande parte dos diamantes não ficar nas mãos dos garimpeiros por trabalharem no sistema de “meia-praça”, ser garimpeiro independente, manter-se por “conta própria”, não era o mais comum, pois, o imigrante, para fazer barraca e comprar as ferramentas de garimpagem dispunha de um valor financeiro, que, quase sempre, o garimpeiro não possuía. Por isso, o normal era a garimpagem de “meia-praça”, com o fornecimento do “saco” em troca da metade da produção de diamantes. Às vezes, o “patrão” não obtinha esse retorno, porque se o garimpeiro não encontrasse diamante na semana, o fornecedor não teria retorno algum daquele investimento.

Em Gilbués/Monte Alegre, a relação entre “fornecedor/fisqueiro” e garimpeiro era complexa, indo além do fator econômico, ou político (voltarei ao tema no próximo capítulo), havendo, também, um pacto de segurança física entre as partes. Isso era tão importante, especialmente para o garimpeiro imigrante, que, até aquele que possuía condições financeiras para comprar seu “saco semanal”, procurava um “patrão” para lhe fornecer e defender, de possíveis querelas no garimpo, que surgiam com frequência. “Se o sujeito fizesse qualquer

²⁴⁷PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

coisa e empenhasse com ele, o patrão, ele tomava a paternidade (Informação Verbal)”²⁴⁸. Assim, ser um garimpeiro independente, também, significava ser vulnerável, sem ninguém que lhe defendesse. E ter “bom patrão”, significava ter segurança, pois ele era “patrão até debaixo d’água e tomava a paternidade” de seus garimpeiros. Quer dizer, o pacto celebrado verbalmente ia além do espaço de trabalho.

Nos garimpos, o uso de arma branca e de fogo era comum em um território no qual a presença do Estado era a menor possível, tendo uma débil concentração da força física legítima. Por exemplo, um padre espanhol que residia em Corrente, Efrém Puga de Martínez, em 1960, dizia que a região sul do Piauí estava “ainda abandonada” e “na região de garimpagem os homens viviam à solta”²⁴⁹.

As acusações e julgamentos de certas práticas e condutas eram executados segundo o código moral local, elaborado por quem mais tinha poder econômico ou prestígio social. Se para Riobaldo, de Guimaraes Rosa (1994, p.07) “viver é negócio muito perigoso”, neste contexto do garimpo o era muito mais, especialmente para o garimpeiro que, por acaso, aventurava-se a trabalhar por conta própria, como dito.

Conflitos entre garimpeiros nos “manchões” eram resolvidos ou estendidos a seus patrões. Era comum os chefes dos garimpeiros fazerem-se de polícia, substituindo, em muitos casos, o papel do Estado. Um dos ex-garimpeiros detalha essa relação entre eles e seus patrões.

Aí quando nós estava quebrando o cascalho, chegou o patrão de Silvestre, Sérgio Rodrigues, um valentão do Gilbués mesmo. Depois ele deu uns tiros lá. Ele disse: “seu Silvestre, qual é seu serviço?”. Ele montado num burro mais outro cara. O Silvestre disse: “é esse daqui”. Ele disse: “e esse outro aí?”. Silvestre disse: “é desse moço aí”. Ele disse: “Ei moço, eu não admito o serviço do senhor. O senhor tomou a frente do meu serviço. Olha, moço. Pode tomar suas providências, que o serviço aí não admito não”. Eu olhei de cá e enxerguei o cano do *parabellum* na cintura. Ele disse: “Não tem conversa não. Você pode caçar seus direitos. O serviço aí é que eu não admito”. Eu disse: não? Ele disse: “não”. Então, é o seguinte: eu não trabalho por minha conta. Eu tenho um patrão, o Moreira, que já tinha saído do Pau D’Óleo pra lá [Desidera] e no Boqueirão tinha dado seis tiros num sargento, estava com pouquinhos dias [risos]. Se ele comprar a minha parte e pelo preço que eu quiser vender, pra lhe dar a parte dele, tudo bem. Agora, no caso contrário, eu não cedo esse serviço aqui nem com dor. Ele disse: “e quem é seu patrão?”. Eu disse: “o meu patrão é o Moreira. Está lá Boqueirão, vai lá onde está ele”. Acredita como está vendo esse dia. Esse homem foi mesmo que botar água no fogo. Ele desceu: “meninos, vocês estão montados aí no ninho da égua, que isso daí vai dar muito diamante”. E aí mudou de conversa, montou e foi. E a sorte foi que quando estava com poucos minutos, o Moreira chegou. Aí quando o Moreira chegou, eu contei o caso, a história do homem. Ele disse: “oh, homem, porque não mandou esse filho de

²⁴⁸ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁴⁹ Cf. em jornal *O Dia*, de 17 de janeiro de 1960.

uma égua ir lá pra eu dar uma coça nele?”. Eu mandei. Ele que não foi (Informação Verbal)²⁵⁰.

Por causa disso, no dizer de uma entrevistada, “quem mais garimpeiro respeitava era o fornecedor” (Informação Verbal)²⁵¹. Porém, “ser chefe” não significava possuir poderes ilimitados sobre os garimpeiros, pois quando os excessos eram cometidos por alguns deles, percebia-se uma reação de garimpeiros, cuja ação não era sempre passiva com relação ao fornecedor/patrão, havendo espaço para resistência. Não estando o garimpeiro ou o patrão satisfeito com a relação de “meia-praça”, poderia haver o rompimento às claras da parceria, como revela um ex-garimpeiro: “Eu disse: -seu Raimundo, você viu que nós não damos certo. Você procura outro garimpeiro e coloca no meu lugar. Não vou trabalhar com o senhor não. Ele disse: ‘-e o que foi?’. Não dá certo, pra evitar amanhã ou depois a gente ter problema na administração” (Informação Verbal)²⁵².

Geralmente, garimpeiros e fornecedores eram intermediados por uma relação de confiança mútua. Por vezes, o trabalhador se ausentava do garimpo por um período, quando retornava para sua região de origem. De volta, dava continuidade ao trabalho de “meia-praça” com o mesmo fornecedor. Em outros casos, garimpeiros já migravam para Gilbués/Monte Alegre com seus fornecedores, dando continuidade à parceria iniciada em outros garimpos. Assim, o rompimento das parcerias, de forma conflituosa entre eles, poderia causar prejuízos enormes nas próximas parcerias, pois os bons antecedentes eram levados em consideração.

Por isso, muitas vezes, o conflito e o rompimento davam-se de maneira mais velada, após um período de fornecimento sem retorno na garimpagem: “nosso sangue não deu certo”. Assim, qualquer um dos dois, garimpeiro ou fornecedor, poderia ter a iniciativa, alegando não ter “sorte” na parceria e buscar novos parceiro, pois se tratava de uma relação instável. Por vezes, após um período de êxito na atividade, o garimpeiro se sentia seguro para garimpar por conta própria, financiando seu próprio “saco”, ou para se tornar fornecedor ou faisqueiro e, nestas circunstâncias, rompia com seu patrão.

Para além do garimpo, fornecedores e atravessadores são personagens comuns em outras atividades extrativistas no Brasil. No Piauí, por exemplo, a exploração da maniçoba no final do século XIX e primeira metade do XX deu-se através do sistema de barracão,

²⁵⁰PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁵¹SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex- vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁵²PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

construção temporária (ranchos ou galpões) dentro das matas para habitação dos extratores de maniçoba, como mostra Queiroz (2006).

Os maniçobeiros eram fornecidos de gêneros alimentícios e ferramentas de trabalho, como nos garimpos, durante a semana pelo proprietário do barracão, sendo, porém, os maniçobeiros, diferentemente dos garimpeiros, obrigados a venderem sua produção de borracha ao fornecedor, bem como a pagarem os custos da alimentação semanal, mesmo quando sua produção era ínfima. No Piauí, para Queiroz (2006, p.108), “o sistema de barracão e as formas de endividamento que lhe são características comunicaram-se posteriormente à extração da cera de carnaúba e do babaçu”²⁵³. Porém, nas narrativas sobre a exploração de diamantes em Gilbués/Monte Alegre não há referência ao endividamento de garimpeiros junto a seus fornecedores.

3.2.3 Exportadores de Diamantes

Na base da estrutura de exploração do diamante em Gilbués/Monte Alegre estavam os garimpeiros. Trabalhando de “meia-praça”, com o “sócio” e, dependendo do êxito na caça aos diamantes, poderia chegar a ser fornecedor e, aprendendo a arte de classificar o minério e adquirindo recursos para comprar diamantes, chegaria a faisqueiro, sujeito intermediário entre o garimpeiro e o exportador, ápice da estrutura de exploração do diamante. Porém, dificilmente, poderia o garimpeiro chegaria a exportador.

Um entrevistado relata sua trajetória no garimpo, afirmando que

Fui garimpeiro; depois fui fornecedor; depois fui comprador. Exportador, não. Exportar era a coisa mais difícil. Naquele tempo só exportava... o diamante saia clandestino, mas tinha os exportadores, que eles tinham, como é que chama? Eles eram inscritos na Receita Federal. Aí, todo mundo comprava, mas tinha que vender pra ele (Informação Verbal)²⁵⁴.

De fato, para tornar-se “exportador” “era a coisa mais difícil” e por isso, eram poucos os que conseguiam transportar o diamante de Gilbués/Monte Alegre para outras regiões do Brasil. Amando Gomes foi um dos raros casos de garimpeiros a se tornar exportador. Assim, os exportadores, em sua maioria, eram baianos, pois eram os mais experientes em garimpo, comparando-se com piauienses. No dizer de um ex-garimpeiro piauiense, “os de cá só vinha

²⁵³ Era comum o relato da existência do trabalho escravizado na exploração extensiva da maniçoba no Piauí, no sistema de barracão. Para detalhes, ver Neiva; Penna (1912); Queiroz (2006).

²⁵⁴ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

gente pra garimpar. E da Bahia veio os exportadores, que lá tinha garimpo em Santo Inácio, em Lençóis, tinha em Gentio do Ouro” (Informação Verbal)²⁵⁵.

Porém, do Piauí havia, segundo entrevistados, pelo menos, um exportador de nome Birajara, que era de Santa Filomena, município vizinho de Gilbués. “Ele foi um dos primeiros exportadores a chegar aqui, vindo de uma atividade de garimpo no Rio Machado [ou Jiparaná, no norte do Brasil]. Dizem que esse homem levava litros de diamantes pro Rio de Janeiro (Informação Verbal)²⁵⁶. Percebe-se que, com a descoberta de diamantes em Gilbués, além de garimpeiros, outros personagens do Piauí “experimentados” em garimpos alhures retornaram para a “terra do diamante”.

No geral, o percurso do diamante em Gilbués/Monte Alegre era o seguinte: das mãos de garimpeiros passava para as do faisqueiro, que o revendia para o exportador, que, por sua vez, o transportava para os grandes centros do país, revendendo-o mais uma vez. Em algumas situações, o exportador adiantava certa quantia em dinheiro ao faisqueiro, caso fosse de sua “confiança”, para ele comprar diamantes junto aos garimpeiros.

Porém, o garimpeiro independente poderia comercializar, diretamente, com exportadores, embora sendo menor essa transação, pois até “no serviço” passava faisqueiro, devido à sua imensa quantidade. Poderia acontecer, excepcionalmente, de o exportador ter, inclusive, seus garimpeiros, como Salu Santana: “ele tinha garimpeiro e ele era exportador de diamante. Comprava tanto nas mãos do garimpeiro, como nas mãos de faisqueiros” (Informação Verbal)²⁵⁷. Aliás, ele trouxe consigo seus garimpeiros da Bahia.

Os exportadores de diamantes, diferentemente dos demais imigrantes do garimpo, geralmente, chegavam a Gilbués de avião, o principal meio de transporte desta categoria, embora nem todos possuíssem, de fato, tal transporte. Um ex-fornecedor de garimpeiro, que chegou a Gilbués de avião com seu pai, exportador de diamantes, relatou que

O exportador, aquele que tinha o poder aquisitivo mesmo, só viajava de avião. O garimpeiro era a pé ou a burro, né? Mas os outros era de avião. Meu pai veio quando foi descoberto o garimpo aqui em Gilbués. Ele era exportador. Comprava aqui e vendia no Rio. Ele foi lá na Bahia e me trouxe de avião, Teco-Teco (Informação Verbal)²⁵⁸.

²⁵⁵ *Idem.*

²⁵⁶ MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁵⁷ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁵⁸ MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Os imigrantes, como dito, não constituíam um grupo homogêneo socialmente, sendo as diferenças percebidas localmente. Disse uma entrevistada originária de Gilbués, mas casada com um imigrante do garimpo: “Aqui só umas quatro pessoas que vieram da Bahia com condições. Tudo era com saco nas costas, tocando jumento” (Informação Verbal)²⁵⁹. As pessoas “com condições”, geralmente eram faisqueiros/fornecedores e exportadores. Os de “saco nas costas, tocando jumento”, em sua grande maioria, eram os “garimpeiros de campo”.

Assim, o meio de transporte era definidor da condição social do indivíduo na migração. Por exemplo, um faisqueiro/exportador de diamante, que “era baiano e não veio tocando jumento não, porque era de um pessoal mais ou menos que tinha lá. Ele chegou aqui a cavalo e trouxe dinheiro para comprar diamante. Ele nunca foi garimpeiro de campo, mas ele tinha de quarenta a cinquenta garimpeiros”, sob sua gerência (Informação Verbal)²⁶⁰.

Pessoas “com condições” eram aquelas que andavam a cavalo e/ou a burro. “Aqui, antigamente, você ia viajando na estrada. Quando você via um rastro do burro, você dizia: ‘aqui passou um rico, olha o rastro do burro’. Era. Porque só tinha burro, se fosse rico²⁶¹. Gente pobre não tinha (Informação Verbal)”²⁶². Estas pessoas “com condições” eram vistas como portadoras de um *status* social elevado e assim se representavam. Quem andava montado a cavalo ou a burro “tinha nome” e “era rico”, enquanto quem andava a pé, tocando carga, era “vagabundo”, portanto, “pobre”.

Desta forma, os cumprimentos dos que andavam montados limitavam-se aos de iguais condições sociais. Por isso, “o rico montado não dava a mão a ninguém que ia a pé. Aqueles que vinham montados só cumprimentavam quem ia montado”. Para “aqueles que iam tocando as cargas, nem aí; não dizia nada, não dava nem ‘bom dia’. Passava pra lá e pra cá” (Informação Verbal)²⁶³.

Já o “garimpeiro de campo”, por não ser pessoa “com condições”, migrava para Gilbués “com saco nas costas, tocando jumento”. “Era vagabundo” quem não possuía cavalo ou burro para andar. O meio de transporte utilizado na migração era um dos primeiros elementos visíveis de distinção social no ambiente do garimpo. Assim, a situação mais

²⁵⁹ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁶⁰ *Idem*.

²⁶¹ A música *Estrada de Canindé*, de 1951, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, também associava o burro a quem “era rico” financeiramente: “quem é rico anda em burrico, quem é pobre anda a pé”.

²⁶² JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁶³ SOUZA, Isaías Fernando. 88 anos; ex-tropeiro do garimpo. Entrevista. (18/12/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Júlio Borges-PI, 2018. Arquivo MP4.

degradante socialmente era o indivíduo chegar a pé ou montado a jumento. Cavalos e burros eram elementos de *status* social, usados por quem “tinha condições” financeiras.

Além de garimpeiros, faisqueiros/fornecedores e exportadores, outro grupo de imigrantes do garimpo foi o de comerciantes de outros estados, assim como de outros municípios piauienses. “Bom Jesus mudou quase tudo pra cá [Gilbués], os comerciantes. E de Floriano veio muita gente. Veio gente comerciante de Remanso [Bahia]. Comerciantes de Geti²⁶⁴, Júlio Borges e Júlio Rocha, ainda botaram loja aqui” (Informação Verbal)²⁶⁵. O meio de transporte comum eram os animais de carga, a “tropa”. Quem a conduzia era denominado tropeiro, sendo este um comerciante ambulante.

3.3 Comercialização, fiscalização, contrabando e roubo de diamantes: “era fácil de esconder”.

Segundo o *Decreto-lei, de nº 466, de 04 de junho de 1938*, que regia “a garimpagem e comércio de pedras preciosas” no Brasil, a instrução e fiscalização de sua exploração competia ao Ministério da Fazenda, por intermédio da Diretoria de Rendas Internas do Tesouro Nacional, com a colaboração do Departamento Nacional de Produção Mineral do Ministério da Agricultura. Em certos casos, tal serviço de fiscalização/recolhimento de impostos “era executado sob a orientação de agente fiscal do imposto de consumo, especialmente designado pela Diretoria das Rendas Internas”²⁶⁶, tendo diversos deveres, como, por exemplo, de expedir a “matrícula de garimpeiro”, pessoal e gratuita, e verificar se os garimpeiros eram habilitados para a exploração das pedras preciosas, exigindo-lhes o “certificado de matrícula”.

Embora não se tenha encontrado documentação, em arquivos públicos ou em poder dos entrevistados, sobre a fiscalização/recolhimento de impostos da exportação de diamantes de Gilbués/Monte Alegre, ex-garimpeiros relataram sua existência. Porém, é citado à exaustão apenas um único fiscal, de nome Jaconias, responsável por tal função, embora sem relatos mais precisos sobre ele, inclusive sobre seu sobrenome. Desta forma, tal estrutura não funcionava a contento na “terra do diamante”. Por exemplo, um entrevistado declarou que “tirou o diploma de garimpeiro. O sujeito tinha o direito com aquele diploma de garimpeiro.

²⁶⁴Povoado pertencente a Parnaguá, que se emanciparia politicamente com o nome de Curimatá.

²⁶⁵PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁶⁶Decreto-lei, de nº 466, de 04 de junho de 1938, art.37, &1º.

Tirava em Gilbués. Tirava na Coletoria o direito de garimpar” (Informação Verbal)²⁶⁷. Entretanto, nem todos “tiravam” tal “identificação” e, mesmo assim, garimpavam normalmente.

Com relação aos impostos do diamante, disse um entrevistado que “era quatro por cento [4%] que você pagava daquela produção, pra exportar. Era extraído igual você pagar uma coisa e dar o talão. Era a mesma coisa” (Informação Verbal)²⁶⁸. Entretanto, *o Decreto-lei, de nº 466, de 04 de junho de 1938, no artigo 34*, afirmava que “as operações de compra e venda de pedras preciosas em bruto estavam isentas de impostos federais, estaduais e municipais”. Desta forma, Gilbués e Monte Alegre, bem como o próprio estado do Piauí, por não terem o serviço de lapidação do minério, não usufruíam dos recursos advindos dos impostos do diamante, que era vendido *in natura* para outros estados.

“Jaconias era o Fiscal de Minas. Mas, de qualquer maneira, o diamante é tão pequeno que esses “exportadores”, sempre, não deixavam de levar, de fazer o contrabando. Isso aí era notório” (Informação Verbal)²⁶⁹. Em Gilbués/Monte Alegre havia exportação de diamantes clandestinos, como relataram diversas vezes ex-garimpeiros, sendo consensuais tais práticas. Um deles relata, em detalhes, como os fatos aconteciam:

Houve até uma época em que esse exportador, que eu estou falando, levando um lote de diamantes daqui pro Rio de Janeiro, ele foi pegado, acho em Brasília, com uma grande quantidade de diamante. Tomaram esse diamante dele, por intermédio desse Jaconias Fiscal, porque o diamante é o seguinte: eu sou exportador; aí vai uma senhora conhecida no mesmo avião... Às vezes, dizia que o exportador fazia o seguinte: pegava aquele lote e dizia: “-olha, coloque na sua bolsa aí”. E colocava na bolsa da mulher. E o cara chegava. Se tinha fiscalização na bagagem dele não ia encontrar, mas também não ia pensar que aquela passageira seria uma conhecida dele e que levava. Tinha essas coisas, né? O contrabando (Informação Verbal)²⁷⁰.

De fato, o contrabando de diamantes é sempre recorrente em minas de diversas regiões do globo, bem como são diversas as estratégias de tentar evitá-lo (CHAVES; CHAMBEL, 2003). No Brasil, desde o início da exploração em Minas Gerais foram constatadas tais práticas de contrabando, sendo em determinados momentos “incontroláveis” (PRADO JR., 1973, p.184).

Ademais, segundo os entrevistados, o roubo de diamantes também existia nos garimpos, sendo, inclusive, motivo para se findar a relação de “meia-praça” e procurar

²⁶⁷ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁶⁸ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁶⁹ MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁷⁰ *Idem*.

estabelecer outra, inclusive em outra “mancha”. Em Gilbués/Monte Alegre essa prática de desvio de diamantes era mais intensa quando o garimpeiro se sentia lesado na relação com seu “patrão”. Nesse contexto, podemos pensar o roubo de diamantes, por parte do garimpeiro, como uma afronta ou resistência sutil ao fornecedor e proprietário da terra, aproximando-se, tala conduta, do conceito de “resistência cotidiana”, de Scott (2011). Uma garimpeira, trabalhando de “meia-praça”, relata que foi aconselhada por outros garimpeiros a “esconder” o diamante de seu fornecedor:

Eu peguei uma pedra de dois quilates e meio²⁷¹. E o povo dando conselho: Eu peguei uma pedra de dois quilates e meio²⁷². E o povo dando conselho: “-esconde, esconde”. Eu disse: “- não. De jeito nenhum!” Aí, nesse dia nós pegamos mais duas pedras, esse dia. Uma de dois e outra de um quilate e meio. E aí ele [o patrão] soube que eu tinha pegado a pedra e foi baixar lá. “-E aí, como está?”. “-Está bom demais. O senhor quer ver?” Ele disse: “- quero. Quem tem consciência faz é assim” (Informação Verbal)²⁷³.

Porém, o roubo acontecia, também, entre os próprios “sócios”, quando o “ladroão apanhava e escondia o diamante” (Informação Verbal)²⁷⁴ roubado, que era vendido a um preço menor, necessitando da cumplicidade do faisqueiro. “Você comprava diamante. Era comprador. Eu como garimpeiro, quando chegava com diamante roubado, você conhecia logo. Eu como garimpeiro não queria que o patrão soubesse, vendia barato” (Informação Verbal)²⁷⁵. Quer dizer, havia um mercado paralelo do diamante.

Entretanto, além da sexualidade, outro tema tabu entre os garimpeiros é o roubo, seja de diamantes ou de quaisquer coisas. Nas entrevistas de pesquisa, o roubo, por ter uma conotação moralista negativa, surge como algo impessoal: “alguém”; “fulano”; “tinha gente” que roubava. Ou seja, a narrativa era sempre na terceira pessoa, negando ou omitindo sua participação direta: “O sujeito escondia no cascalho o diamante. Eu nunca fiz” (Informação Verbal)²⁷⁶. Situação semelhante foi relatada por Farias (2008), quando entrevistava mineiros nas minas de ouro de Jacobina, Bahia, quando o roubo era narrado de forma impessoal. Desta forma, a gestão da memória pelos indivíduos é uma constante nas narrativas.

Embora “esconder” o diamante do “sócio” ou do “patrão” fosse relativamente fácil, nem sempre o era na comercialização com o faisqueiro, devido à própria estrutura de organização do garimpo. Primeiro, a divisão entre os proprietários do diamante era feita em

²⁷¹ O maior diamante garimpado em Gilbués/Monte Alegre foi de 11 quilates, segundo os garimpeiros.

²⁷² O maior diamante garimpado em Gilbués/Monte Alegre foi de 11 quilates, segundo os garimpeiros.

²⁷³ SANTANA, Domingas de Souza; 81 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁷⁴ JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁷⁵ *Idem.*

²⁷⁶ *Idem.*

valores monetários, após a comercialização do minério, que, geralmente, era coletiva, acompanhada pelos donos do diamante: os “sócios”; os proprietários de terra e fornecedores ou seus “fiscais”. Segundo, em muitos casos, o próprio “patrão/fornecedor” era, ao mesmo tempo, também o comprador dos diamantes de “seus garimpeiros”.

Porém, alguns fornecedores/fisqueiros se recusavam a comprar os diamantes de “seus garimpeiros”, respeitando o código de ética existente nesta relação. Um entrevistado relatou que, após a garimpagem, foi ao encontro de seu patrão e disse:

Olha, seu Moreira, o resumo do serviço. Ele pegou. Ele comprava diamante. Olhou os diamantes, classificou e disse: “eu não compro diamante de garimpeiro meu. Pedra nenhuma”. E eu disse: e por quê? Ele disse: “pra livrar de confusão que, às vezes, o sujeito compra na mão do garimpeiro e alguém pode dizer que era porque era seu garimpeiro e aproveitou a oportunidade. Vamos vender os diamantes fora (Informação Verbal)²⁷⁷.

O mesmo garimpeiro, sem a presença do patrão, vendeu os diamantes para outro fisqueiro em uma “lavanderia”, que estava “do jeito se você perdesse um companheiro de vista, só ia ver no barracão. Aí tinha uns senhores de idade. Aí eu chamei: vocês sirvam de testemunha que eu vendi pra esse moço, não conheço ele, vinte e dois diamantes por um conto²⁷⁸ e duzentos e cinquenta” (Informação Verbal)²⁷⁹.

Quando o entrevistado idoso, atualmente, relembra o final da década de 1940 e início de 1950, quando esteve no garimpo, e confunde os nomes das moedas “Conto” e “Cruzeiro”, é importante fazer duas observações. Primeiro, no início da garimpagem, a linguagem “Conto de Réis” ou “Mil Réis” ainda estava fortemente presente na memória das pessoas, sendo, inclusive, essa linguagem confundida com a do “Cruzeiro”. Segundo, quanto maior o intervalo de tempo entre a narração e o fato ocorrido, maior é a chance de datas ou acontecimentos serem transferidos/projetados ou deslocados para outros períodos históricos, sendo isso comum em relatos orais, especialmente de testemunhas idosas, como mostra Pollak (1992) em suas pesquisas.

²⁷⁷PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁷⁸ Embora o entrevistado relate a transação dos diamantes em “um conto”, ou seja, mil réis e frações, ela ocorreu em “Cruzeiro”, pois o Decreto-Lei n. 4.791, de 5 de outubro de 1942, instituiu essa moeda como unidade monetária brasileira. Com a mudança, um “Cruzeiro” passou a valer mil-réis ou “um conto” (Cr\$ 1,00 = Rs 1\$000), sendo que, até então, dois mil e quinhentos réis (Rs 2\$500) equivaliam a uma oitava de ouro de vinte e dois quilates. Desta forma, de 1942 até o início de 1989, no Brasil, a moeda oficial foi o “Cruzeiro”, apesar de algumas alterações, especialmente quanto ao seu valor, como estratégia de combater inflação. Para detalhes, ver Decreto-Lei n° 4.791, de 5 de outubro de 1942; Lei n° 4.511, de 1° de dezembro de 1964; Decreto-Lei n°1, de 13 de novembro de 1965; Resolução do Banco Central n° 144, de 31 de março de 1970 e Lei n° 7.214, de 15 de agosto de 1984.

²⁷⁹PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

Assim, voltando às especificidades da comercialização de diamantes, por um garimpeiro “de fulano”, quando realizada individualmente com outro faisqueiro, caso seu fornecedor também o fosse, já se levantava suspeita, a não ser que o garimpeiro fosse independente, embora sendo essa categoria um grupo menor. Desta forma, roubar diamantes e vendê-los no mercado paralelo, a princípio, seria uma desobediência ao código de ética dos garimpeiros e seus patrões, sendo inicialmente vantajoso economicamente ao contraventor. Porém, a longo prazo, esse garimpeiro teria dificuldades para encontrar novos “sócio” e “patrão”, parcerias fundamentais para exploração do diamante em Gilbués/Monte Alegre.

3.4 Caracterizações técnicas e exploração de diamantes no sul do Piauí

De maneira geral, em termos de operações técnicas, no garimpo artesanal, o garimpeiro seguia diversas etapas até a captura do diamante. Primeiro, ele perfurava o solo e juntava o cascalho/seixo; segundo, retirava os seixos grandes e a areia, separando-os de um cascalho mais fino, denominado pelos garimpeiros de “resumo” ou “esmeril”,

E lá no garimpo eles peneiravam aquilo, depois ralavam pra não ir aquela areia porque pesava muito. Ia só o esmeril, que o resumo da coisa é o esmeril. Eles peneiravam. Primeiro, eles tiravam aquelas pedras grande; depois eles peneiravam; depois dali eles iam ralar. Tinha um ralo fino. Aí naquele ralo fino, a areia saía toda. Fica só o esmeril. Era naquele esmeril que ficava o diamante. Aí eles levavam lá pra região que tinha água, botava as peneiras e ali eles resumiam ali (Informação Verbal)²⁸⁰.

O último passo da garimpagem era a “lavação” do “esmeril/resumo”. Assim, utilizavam-se três peneiras neste processo, com orifícios diferentes. Elas eram postas uma sobre a outra, dependendo do tamanho do diamante, ele alojava em qualquer uma delas. Em outros garimpos de diamante da Bahia e Goiás, por exemplo, no mesmo período, era comum o uso de bateia, não o sendo em Gilbués/Monte Alegre. Assim, além da destreza, a lavagem do diamante era considerada a etapa mais “difícil” e “pesada”.

Por vezes, a “cisterna” ou “catre” em Gilbués/Monte Alegre, quando atingia certa profundidade, chegava-se ao lençol freático e, ali mesmo, lavava-se o esmeril e capturava-se o diamante.

A água era o seguinte. Primeiro, tinha as grotas, sem ser riacho permanente, né? Nos poços de água se fazia a lavadeira; abria assim um poço e carregava água e ali lavava. Depois, então, abria as cisternas, dava água e ali mesmo você fazia a

²⁸⁰NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

lavadeira. Abria um buraco e puxava água da cisterna e lavava o cascalho (Informação Verbal)²⁸¹.

Nem sempre o lugar de garimpagem era o mesmo de lavagem do diamante em Gilbués/Monte Alegre. Nestes casos, o “esmeril” era transportado para as “lavadeiras”, onde havia água disponível: qualquer córrego ou riacho próximo ao garimpo. O transporte do resumo era “nas costas” dos garimpeiros/as ou em jumentos. Diz um ex-garimpeiro: “Nós tirava cascalho por detrás daquele morro, pra vim lavar nessa grotta. Aí os mais ricos compravam jumento. E os outros eram nas costas. Eu mesmo, que era lascado, carregava nas costas” (Informação Verbal)²⁸². Quer dizer, se o garimpeiro fosse bem sucedido na caça aos diamantes, poderia, para transportar o “esmeril”, comprar um jumento, pois o animal “era mais caro que....; jumento aqui era ouro, meu irmão”. Quando o garimpeiro não o possuía, “jumento era ele mesmo” (Informação Verbal)²⁸³.

Além dos recursos financeiros para a compra, havia outros obstáculos para aquisição do jumento, segundo ex-garimpeiros. Possuir tal animal, também, exigia cuidados do garimpeiro, como o fornecimento de alimentação e água para o “jegue” e protegê-lo dos perigos das cisternas abertas. Assim, quando “você estava trabalhando, não podia levar o jumento pra lá, pra não morrer nas cisternas” (Informação Verbal)²⁸⁴. Além disso, “tinha a cisma. Quem carregava de jegue não dava diamante” (Informação Verbal)²⁸⁵. Quer dizer, apesar da utilidade do jumento, que “valia ouro”, ele não traria sorte ao garimpeiro. Essas são justificativas de garimpeiros para o fato de a grande maioria do “resumo” ter sido transportado em suas costas para as lavadeiras, sendo provavelmente, também, escusas para aqueles que não possuíam condições financeiras para adquirirem animais de carga.

Nas lavadeiras, também, fazia-se, em muitos casos, o comércio dos diamantes. Muitos “fisqueiros” aguardavam nelas os diamantes recém-garimpados, para comprar dos garimpeiros por preços mais baratos. Além deles, os fornecedores e proprietários de terra, de onde veio o “esmeril”, estavam ali ou seus representantes, os chamados “fiscais”, para receberem suas devidas porcentagens. Como diz um entrevistado, ele e seu “sócio”, “carregavam o cascalho pra lavar onde tinha água. E lá lavava. E lá o fiscal estava

²⁸¹MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, fisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁸²CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁸³*Idem.*

²⁸⁴*Idem.*

²⁸⁵JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

presenciando pra não deixar escapar. E então anotava; a gente vendia o diamante e já se tirava os dez por cento [10%] e entregava” (Informação Verbal)²⁸⁶ ao proprietário da terra. Desse subtotal, ainda retirava-se quarenta por cento [40%] para o fornecedor, restando apenas quarenta por cento [40%] para os “sócios”.

Na garimpagem de diamantes no sul do Piauí, os instrumentos de trabalho eram, quase sempre, readaptados de outras atividades, como da agricultura, desenvolvidas pelos garimpeiros antes ou em paralelo com o garimpo. Outros eram produzidos manualmente pelos próprios garimpeiros ou por terceiros, sendo comercializados, especialmente nas feiras ou nos comércios locais. Além disso, era comum o garimpeiro migrar para Gilbués/Monte Alegre, já com alguns desses instrumentos²⁸⁷.

A alavanca (Fotografia 2), enxadecos, picaretas e outros instrumentos pontiagudos, de ferro ou madeira, eram utilizados para perfurar o solo. Depois disso, “para juntar o cascalho”, usava-se, geralmente, a enxada com cabo de madeira, instrumento usado na agricultura, mas de grande utilidade nos garimpos. Se dentro das cisternas e catres, o cabo deveria ser curto, de aproximadamente sessenta centímetros (Fotografia III), a céu aberto, “na flor da terra”, o cabo poderia ser maior, em torno de um metro e meio.

Fotografias 2 e 3. Alavanca e Enxada de Garimpo em Gilbués-PI.



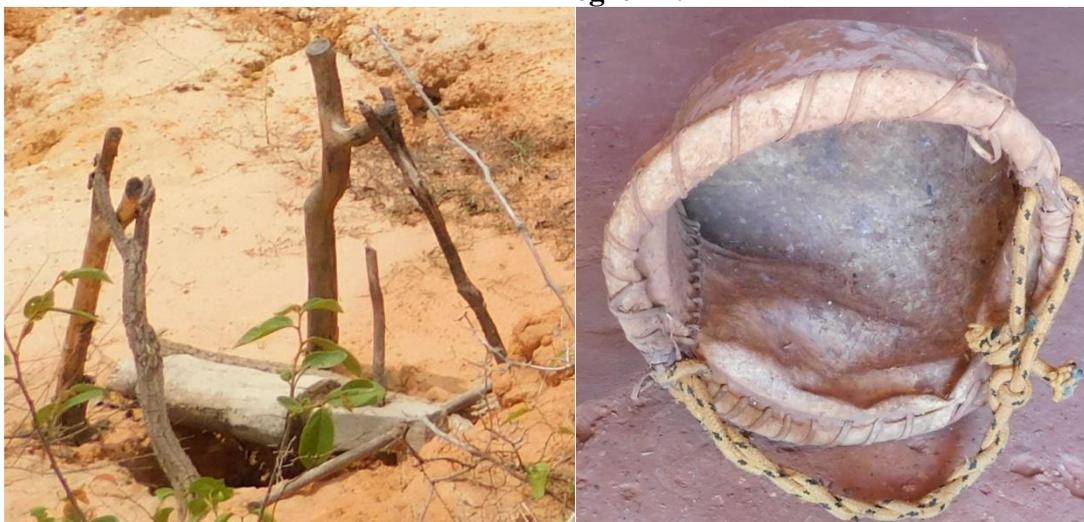
Rogério Jr. (2019).

²⁸⁶MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, fisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁸⁷ Em pesquisa de campo em Gilbués/Monte Alegre conseguimos fotografar a balança de pesar diamantes; anéis de diamantes de garimpos locais e, apenas, alguns instrumentos usados na garimpagem.

Para retirar o cascalho do fundo da “cisterna” ou “catre” profunda ao seu redor instalava-se uma manivela de madeira, o “saliro” (duas forquilha na vertical e outra tora de madeira na horizontal), no qual se amarrava uma corda de fibra de caroá (*Neoglasiovia variegata*) ou de outras árvores. Na outra extremidade da corda, amarrava-se o “bogó”, depósito de couro de boi ou bode, mas poderia “fazer um caixote de madeira ou balde de plástico” (Informação Verbal)²⁸⁸, usado para transportar manualmente o cascalho do fundo da “cisterna”/“catre” ao solo, bem como o garimpeiro, no início e fim do turno de trabalho no fundo da cisterna.

Fotografias 4 e 5. Saliro em Cisterna e Bogó de Couro de Boi em Gilbués/Monte Alegre-PI.



Rogério Jr. (2019).

Estando o cascalho reunido, outras ferramentas no processo de garimpagem eram os ralos e as peneiras, para separar os diamantes dos cascalhos. Primeiro, usavam-se os ralos (Fotografias 6 e 7), geralmente três, com orifícios diferentes, para retirar os cascalhos maiores e a areia fina. Em seguida, para lavar o “resumo”²⁸⁹ era usado o terno de peneiras, a de orifícios maiores (peneira grossa ou suruca); peneira média e peneira fina (apuradeira) (Fotografia 8). As “peneiras” e “ralos”, alguns “nós comprava, que já vinham feitas”. Porém, os “ralos” e a as “peneiras” maiores “eram feitas aqui de primeiro. Eles faziam de lata de

²⁸⁸ ARAGÃO, Raimundo. Garimpeiro e filho de garimpeiro imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués, 2018. Arquivo MP4.

²⁸⁹ Cascalhos menores ainda misturados aos diamantes. Esse material era transportado pelo garimpeiro para lavar e garimpar o diamante.

querosene grande. Eles furavam ali, faziam a peneira, faziam o ralo” (Informação Verbal)²⁹⁰; outras vezes, as peneiras eram confeccionadas de palha de buriti (*mauritia flexuosa*), uma palmeira presente no sul do Piauí.

Fotografias 6 e 7. Ralo 1 e Ralo 3²⁹¹ de Garimpo em Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2019).

Fotografia 8. Terno de Peneiras (Suruca; média e apuradeira) em Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2019).

²⁹⁰CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁹¹ O ralo II, o intermediário, usado na garimpagem de diamantes não fora encontrado para fotografá-lo.

Após a captura do diamante, ele era colocado no “picuá”. Às vezes, o bolso onde se colocava o “picuá” era costurado na parte interna da camisa, para evitar roubo, como disse um ex-garimpeiro: “Eu tinha uma camisa, que eu tinha mandado casear e no canto da camisa, eu botava o picuá pra não perder, pra ninguém pegar, que no bolso era sujeito” (Informação Verbal)²⁹². Do “picuá”, o diamante iria para a balança, instrumento essencial na lida do faisqueiro.

Fotografias 9 e 10. Guarda-Balança de Diamante e Balança Usada nos Garimpos de Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2019).

Das mãos do faisqueiro, o diamante era repassado ao exportador, que transportava o minério, geralmente, para o Rio de Janeiro, onde era revendido e lapidado, sendo que alguns deles retornavam em anéis (Fotografias 11 e 12) a serem usados por pessoas de Gilbués/Monte Alegre, que os preservam ainda hoje, assim como outros objetos, para recordar o período da garimpagem de diamantes.

²⁹² PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

Fotografias 11 e 12. Anéis de Diamante de Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2019).

Tais anéis guardados, com diamantes locais, são muito mais que objetos de adornos e de valor econômico, pois representam um período histórico relevante para a região do garimpo.

3.4.1 Tipos de Garimpagens

Assim como em outras garimpagens de diamante no Brasil, em Gilbués/Monte Alegre, também, deu-se de forma artesanal/manual, sendo utilizados, em sua maioria, técnicas e instrumentos rudimentares. Os diamantes, nesta região do Piauí, eram encontrados, primeiramente, no solo, “na flor da terra” e, posteriormente, no subsolo, necessitado da abertura de cisternas.

Nas garimpagens “da flor da terra, que trabalhava mulher; menino; tudo” (Informação Verbal)²⁹³, havia o “rapa”. Com a enxada ou qualquer outro instrumento apropriado, o cascalho era juntado e, ali mesmo, começava-se a produzir o “esmeril” ou “resumo” que seria levado à “lavadeira”. Ainda são visíveis em Gilbués os montes de seixos descartados por garimpeiros nesse processo de captura do diamante. (As fotografias 13 e 14).

²⁹³MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Fotografias 13 e 14. Garimpagem de Rapa em Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2019).

Havia outras formas de garimpar semelhantes ao “rapa”, no solo, consideradas “fáceis”, ainda existentes na atualidade. Uma é “bater banguar”, praticada no período chuvoso, quando a água se acumula em alguns córregos, o garimpeiro “pega a peneira e vai pra grota e lava o cascalho, onde tem água”. Além disso, existe a “corrida”, que, segundo um garimpeiro,

É onde deu muito diamante. Tem a grota, onde corre a água, né? Aí o garimpeiro vai quebrando o cascalho e jogando pra dentro da grota. Aí ele vai fazendo amarradil. O que é amarradil? Ele é de pedra, grande, pra quando o cascalho cair aqui pra dentro da grota, o diamante segurar aqui dentro dessa barreira de pedra. O diamante é pesado. Fica no fundo. Está entendendo? Aí ele para ali. Aí quando é na seca, no verãozão, o garimpeiro vai rapar aquela grota todinha e vai lavar o cascalho (Informação Verbal)²⁹⁴.

²⁹⁴ ARAGÃO, Raimundo. Garimpeiro e filho de garimpeiro imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués, 2018. Arquivo MP4.

Fotografias 15 e 16. Gruta (Escorreadeira) em Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2019)

Essas formas de garimpagem “na flor da terra”, por serem consideradas “fáceis”, eram, em certos casos, inclusive, realizadas de forma individual, ou seja, sem a parceria do “sócio”, desde que o garimpeiro soubesse lavar o cascalho. Nestes casos, também era comum o garimpeiro ser auxiliado pela esposa e suas crianças.

De fato, crianças, além de participarem na condução de tropas para as feiras do garimpo, em alguns casos participavam do trabalho de garimpo, como ajudantes de seus pais e/ou outros adultos, e no aprendizado do ofício de faisqueiro. Um entrevistado, que na infância estudava em Corrente, retornando nas férias a Gilbués para a casa de seu pai, que era faisqueiro imigrante da Bahia, envolvia-se com o garimpo, “mesmo que a título de influência”, pois “convivia naquele meio”:

Eu conhecia o diamante, eu comprava o diamante, ajudava meu pai comprar o diamante. Mas teve um período aí que eu chegava de Corrente, de férias, aí eu sempre ia, mas a título assim de influência mesmo e pegava o diamante. Como é a coisa, né? Não era nem com o intuito de pegar o diamante. Era porque eu convivia ali naquele meio (Informação Verbal)²⁹⁵.

À medida que imigrantes “experimentados em garimpo” chegavam com sua experiência em garimpo ao subsolo, surge em Gilbués/Monte Alegre “o negócio de cisterna” (Informação Verbal)²⁹⁶, a garimpagem no subsolo, requerendo novas técnicas além da

²⁹⁵NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁹⁶SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

garimpagem de “rapa”. Ex-garimpeiros piauienses e baianos creditam a estes a técnica de garimpar em cisternas: “quando os baianos de Santo Inácio, de Gentio do Ouro chegaram lá, deram pra abrir as cisternas dessa largura (aproximadamente 1m em diâmetro) e descia”. Desta forma, o diamante, “quando não dava raso, dava fundo” (Informação Verbal)²⁹⁷.

As cisternas são túneis não lineares no subsolo, chegando a “cinquenta, sessenta, oitenta, cem e duzentos palmos de fundura pra pegar o cascalho”. Cada palmo, “dependendo do tamanho da mão, tem entre vinte e vinte e cinco centímetros. Tem mão mais de vinte e cinco” (Informação Verbal)²⁹⁸. Portanto, “palmo” é uma medida êmica ao universo da pesquisa, sendo imprecisa, girando em torno de vinte e cinco centímetros. Assim, havia cisterna em torno de cinquenta metros de profundidade (Fotografias 17 e 18), às vezes, formando um labirinto.

Fotografias 17 e 18. Cisternas de Garimpo de Diamantes Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2019).

As cisternas, por vezes, assemelhavam-se, em muitos casos, a um “salão de festas”, necessitando de colunas de sustentação. Essas colunas, formadas pelo próprio solo deixado como reserva pelos garimpeiros, eram denominadas por eles de “damas”. Quando as cisternas eram “ricas” em diamantes, até as “damas” eram garimpadas, para aproveitamento total do

²⁹⁷PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

²⁹⁸*Idem.*

cascalho, sendo elas substituídas por outras de madeira. Um garimpeiro explica como fazia esse processo:

O que é a dama? É o cascalho pra segurar o barranco. Aí quando o garimpo dá muito diamante. Aí o garimpeiro faz o quê? Esbirra. O que é esbirrar? É pegar um bocado de pau forte; abre a valeta; aí coloca um cepo com uma pedra em cima da outra até topar no barranco. Aí o barranco fica firme, né? Aí o garimpeiro vai e tira tudo quanto é dama que tem. Se o garimpo é bom, o garimpeiro tira tudo. Aí não fica nada. Se não fizer isso, o barranco desce (Informação Verbal)²⁹⁹.

Assim como na cisterna, no sistema de “catre” perfurava-se o solo, porém de forma retilínea. A “catre”, em muitos casos, era uma segunda garimpagem, ou seja, um reaproveitando das “damas” das cisternas “ricas”. Em muitas destas não se fazia a substituição total das “damas” de solo pelas de madeira. Portanto, iniciavam um novo processo, agora iniciada a partir do solo, na forma de “catre”, para a retirada destas damas, aproveitando o cascalho delas, na esperança de encontrar mais diamantes. Por não ser em sistema de túnel, como a cisterna, a “catre” surge como um tipo de garimpagem com dificuldade intermediária, levando em consideração o “rapa” e a “cisterna”.

Fotografias 19 e 20. Catre de Garimpo em Gilbués-PI.



Rogério Jr. (2019).

²⁹⁹ ARAGÃO, Raimundo. Garimpeiro e filho de garimpeiro imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués, 2018. Arquivo MP4.

Assim, a “catre” e a “cisterna” diferenciavam-se, apenas, quanto à forma de perfurar o solo. Nesse tipo de garimpagem, no subsolo, as atividades eram desenvolvidas quase sempre em parcerias, com predominância do trabalho em dupla. Essas parcerias eram menos essenciais nos “rapas”. Entre os companheiros, ou “sócios”, como os garimpeiros se denominavam nessa relação de trabalho, as atividades eram distribuídas, segundo os critérios de força física e destreza com os instrumentos de trabalho, advinda da experiência em garimpo.

3.4.2 “O perigo doido” dentro das manchas: trabalho insalubre nos garimpos

O trabalho nas “manchas” era insalubre, seja nos garimpos em solo, quando os garimpeiros eram expostos aos raios solares em alta temperatura, ou no subsolo, nas cisternas, onde, também, o calor era intenso: “a cisterna funda sem estar varada uma na outra, ei, rapaz, mais o cara sua”. Mas, se o “garimpeiro vara³⁰⁰ uma cisterna na outra, aí o oxigênio desce e você pode até dormir dentro da cisterna. Aí ventila. É igual um ventilador” (Informação Verbal)³⁰¹. Outro problema dentro da cisterna era a escuridão, inclusive durante o dia. Nas cisternas, até durante à noite, garimpeiros trabalhavam. Assim, para solucionar o problema da escuridão, recorriam, a princípio, a candeeiros produzidos, de barro, por eles mesmos e abastecidos com querosene.

Porém, na cisterna “não podia trabalhar com querosene. Intoxicava muito. Pode estar de manhã com candeeiro de querosene, quando é meio dia você pode meter o dedo aqui no nariz, que arranca é aquele tufo preto, preto” (Informação Verbal)³⁰². Por isso, com base na experiência, os próprios garimpeiros encontraram outra solução: o azeite de mamona, produzido artesanalmente.

É porque nas cisternas, no rompimento, você só pode trabalhar com azeite de mamona porque não dá fumaça. Se acender um candeeiro dentro de um rompimento [com querosene], você sai logo ou morre. Cobre de fumaça tudo, não tem quem aguanta. Aí o caquinho com azeite de mamona não dá. A fumaça é muito pouquinha. Você trabalha ainda cantando lá [Risos] (Informação Verbal)³⁰³.

Além da lavagem do cascalho ser uma atividade pesada, como narrado, o trabalho dentro das cisternas, também, era desgastante. Perguntado sobre os motivos do abandono da

³⁰⁰Varar: comunicar uma cisterna com outra, por meio de túnel lateral.

³⁰¹ARAGÃO, Raimundo. Garimpeiro e filho de garimpeiro imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués, 2018. Arquivo MP4.

³⁰²CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁰³PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

atividade de garimpagem, um entrevistado disse que não se deu “bem com o clima do trabalho” no garimpo. E destaca a dificuldade no trabalho na cisterna: “Meu amigo, não tem serviço pior do que aquele não, meu amigo! O camarada descer, como eu descia nessa cisterna mesmo, de areia corredeira lá do São Dimas, setenta palmos de fundura” (Informação Verbal)³⁰⁴. Quer dizer, mesmo para o trabalhador acostumado com diversas atividades manuais na agricultura, dependente de muito esforço físico, sentia dificuldade em se adaptar ao trabalho nas cisternas.

Garimpar em “manchas” com muita produtividade em diamantes, geralmente, tornava-se um perigo para garimpeiros, pois eles substituíam as damas de seixos pelas de madeira, sendo esse processo muito arriscado, provocando, muitas vezes, desabamento das cisternas e morte de trabalhadores. Por isso, garimpar nas cisternas, diferentemente do “rapa”, “bater banguar” e “corrida”, era uma atividade considerada “mais difícil” e “perigosa”, reservada somente aos garimpeiros “profissionais”. Dependendo da profundidade da “catre” e do solo, também, essa garimpagem apresentava risco aos garimpeiros: “pois é, morreu doze de uma vez num “catreado” que fizeram lá. Fora esses doze, ainda andou morrendo muito lá ainda” (Informação Verbal)³⁰⁵ em Monte Alegre.

Entre as pessoas entrevistadas, o trabalho de garimpo, especialmente no interior das cisternas, é representado como “arriscado” e “perigoso”, na medida em que é alta a probabilidade de acidentes e mortes de garimpeiros. Apesar de “risco” e “perigo” serem intimamente relacionados, elas não são palavras sinônimas. O risco “pressupõe” o perigo, que é “uma ameaça aos resultados desejados”, mas nem sempre os indivíduos são “conscientes do quanto estão se arriscando” e dos “perigos que correm” (GIDDENS, 1991, p.42), sendo essa a realidade de garimpeiros no sul do Piauí (Informação Verbal)³⁰⁶.

Sem uso de equipamentos adequados de proteção individual e conhecimento técnico do solo onde os diamantes se localizavam, de fato, o ambiente do garimpo trazia muitos riscos à integridade física do garimpeiro. Além do rompimento da cisterna, outras vezes a corda do saliro, usada como transporte de cascalho e do garimpeiro, do solo ao subsolo e vice-versa, rompia-se e acidentava fatalmente o trabalhador. Por isso, nem todos os nativos ou migrantes que tiverem oportunidade/necessidade financeira desenvolveram o trabalho de garimpagem

³⁰⁴ CANELA, Ananias. 103 anos; ex-garimpeiro e tropeiro. Entrevista. (24/03/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Parnaguá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁰⁵ PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁰⁶ Na perspectiva da epidemiologia, risco é a probabilidade de que pessoas expostas a determinados fatores sofram danos em sua saúde (SELIGGMAN-SILVA, 1994). Para detalhes sobre risco e perigo, ver, também, Giddens; Beck; Lash, 1997; Guivant, 2001.

nas cisternas. Um idoso entrevistado disse: “nunca trabalhei no garimpo. Nunca eu tive coragem de entrar num buraco. Só entro dentro dum buraco se eu cair dentro. Mas pra entrar, não entro não. Tenho medo. [Risos]. Não vou não” (Informação Verbal)³⁰⁷! Quer dizer, para alguns o “garimpo era bom”; para outros, avessos ao garimpo, a atividade “dava medo”.

Pesquisando sobre mineiros de carvão, no município de Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, Ciocari (2012) constatou que a mina subterrânea, para os trabalhadores e suas esposas, é representada como um “mundo à parte” ou “fim de mundo”, além de um ambiente de perigo. Ao mesmo tempo, a mina é lugar de “construção da heroicidade e da honra da profissão”. Portanto, esperava-se coragem dos trabalhadores e, por isso, nem todos a possuíam. De forma semelhante, para enfrentar o trabalho de cisternas na garimpagem de diamantes em Gilbués/Monte Alegre, também, a “coragem” é exaltada por quem a possui, reforçando o ideal de masculinidade: homem com vigor físico e destemido.

Mas são frequentes os relatos de entrevistados sobre acidentes nas cisternas, inclusive alguns deles levando garimpeiros a óbitos. “Houve morte por soterramento. Muita morte! Um conhecido nosso, que era um garimpeiro muito tradicional lá, acabou falecendo na cisterna [soterrado]” (Informação Verbal)³⁰⁸. Quer dizer, não somente o garimpeiro “curau”, como também o “tradicional” ou “profissional” poderia ser surpreendido com o abatimento da cisterna. Alguns dos garimpeiros soterrados foram retirados das cisternas, mortos; em outros casos, não era possível a retirada dos corpos, devido à profundidade da cisterna ou mesmo da qualidade do solo, onde “tinha muita areia”.

No garimpo “Reservado”, em Gilbués, onde se dizia muito arenoso o solo e de arriscada garimpagem, era comum o desabamento de cisterna, sendo assim, impossível retirar os mortos. Nesse caso, “só fazia botar a cruzinha lá, que não podia tirar” (Informação Verbal)³⁰⁹. Foram relatadas mortes, também, em outros garimpos de Monte Alegre:

Ali era perigoso. Tinha lá um lugar que dava uma tal de areia corredeira. Que essa areia corredeira foi descoberta uma mina na Serrinha, pra lá de Monte Alegre, pois ali foi a mina mais rica de Monte Alegre. Mas também morreu gente. De uma vez só morreu doze. Deles ainda acharam o cadáver, e outros ainda hoje está plantado. Mas a areia era corredeira (Informação Verbal)³¹⁰.

³⁰⁷FONSECA, Abdias Alves. Idoso residente em Monte Alegre-PI. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁰⁸ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

³⁰⁹SILVA, Fernando Alves da. 68 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/11/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

³¹⁰PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

Abaixo, as fotografias (21 e 22) de um lugar onde jaz um “garimpeiro plantado” em uma cisterna que desabou e, nem o cadáver, outros garimpeiros conseguiram retirar.

Fotografias 21 e 22. Cemitério de garimpeiro em cisterna de diamantes. Monte Alegre-PI.



Rogério Jr. (2019).

Com o passar do tempo, percebe-se a vegetação se recuperando onde foi garimpado e vestígios de velas queimadas ao lado da cruz. Mesmo transpassando cercas, familiares ainda visitam o túmulo do garimpeiro soterrado, especialmente em Dia de Finados, quando acendem as velas, mantendo conexão com os mortos. Entre entrevistados, a morte da pessoa não é representada como o fim de sua existência. Aliás, mortos e vivos continuam em conexão, pois as almas constantemente retornam ao mundo dos vivos para dar “certos avisos” ou fazer pedidos, como nos relata uma entrevistada:

um conhecido nosso, que era um garimpeiro muito tradicional lá, acabou falecendo soterrado. E uma vez ele veio em sonho pra mim que estava no escuro. Eu tinha oito ou dez anos. “Dá um recado pra minha mulher que eu estou no escuro”. Veio pedir vela. Só que a mulher dele não cria muito em religiosidade. Então, minha mãe pegou e foi pôr as velas. E aí nunca mais sonhei com ele. Ele estava no escuro (Informação Verbal)³¹¹.

Assim, por meio da religiosidade, a morte torna-se menos dolorosa, pois ainda há possibilidade de comunicação entre os mortos do garimpo e os vivos. Mesmo assim, o trabalho nas cisternas era uma atividade que punha medo e risco de vida, que, no ambiente do garimpo, era perceptível a quaisquer pessoas, sejam garimpeiras ou não. Até os tropeiros, por

³¹¹CARVALHO, Cleide Silva; 41 anos; natural de Monte Alegre. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

exemplo, que iam aos garimpos aos finais de semana, conheciam tal possibilidade. Ao entrar em uma cisterna, o maior desejo do garimpeiro era se bamburrar. Porém, outras possibilidades eram, igualmente, reais, como não encontrar nenhuma pedra de diamante ou a cisterna desabar e, ali, ele “ficar plantado”.

Para “tomar coragem” e enfrentar o perigo subterrâneo, o uso de bebidas alcoólicas era recorrente nas cisternas de diamantes. Ciocari (2012), também, constatou em sua pesquisa que trabalhadores de minas subterrâneas de carvão no Rio Grande do Sul constroem suas “próprias regras de convivência” com o perigo do trabalho insalubre, sendo uma delas as brincadeiras, como forma dos mineiros combaterem os perigos, ao tempo que não se considerava como “mineiro de verdade” quem não tivesse tal senso de humor.

O uso “da cachaça”, comum em diversos trabalhos insalubres, como no corte manual de cana-de-açúcar (ROGÉRIO JR. 2016), era usual entre garimpeiros como uma dessas formas de enfrentar o perigo das cisternas em Gilbués/Monte Alegre. Assim, aumentava, imprudentemente, ainda mais os riscos do ambiente de trabalho. Mesmo perigoso, era o trabalho de caça ao diamante nas cisternas que trazia mais prestígio ao garimpeiro “profissional”. Ao mesmo tempo, a morte de garimpeiros em cisternas ou seus resgates, também, surgem em determinado momento como ato de heroísmo nos relatos orais de ex-garimpeiros.

Após os rompimentos das cisternas, “se não podia tirar vivo, mas morto tirava tudo” (Informação Verbal)³¹². Porém, em muitos casos, na realidade, não foram resgatados os trabalhadores soterrados, como aparece referido na narrativa. Outro entrevistado relata o caso de um garimpeiro que morreu soterrado: “ele recusou o socorro dos companheiros: ‘em vez de morrer três ou quatro, eu morro só’. A cisterna estava rompendo. Ele já estava soterrado até a cintura” (Informação Verbal)³¹³. São frequentes os relatos de heroísmo na atividade garimpeira, pois não era qualquer garimpeiro que se adaptava e suportava esse tipo de trabalho de garimpo em cisternas.

Assim como em diversos garimpos, inclusive no de opala, no município de Pedro II, no Piauí (LIMA, 2008), em Gilbués/Monte Alegre as mortes e acidentes de trabalho estiveram presentes, embora não havendo, neste caso, uma estatística precisa sobre tais fatos, restando como fonte, apenas, os relatos orais dos entrevistados. Porém, todos os entrevistados tinham

³¹²CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³¹³JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

conhecimento deles e narraram, por exemplo, sobre a existência de mortes no garimpo, embora se divergindo a respeito da quantidade: uns relataram que houve “muitas mortes”: “lá morreu muita gente”; para outros, “poucas” mortes. Porém, um garimpeiro, arriscou-se a detalhar, numericamente, as mortes nas cisternas, destacando que

Teve. Mas, entre tudo, aqui, eu acho, que não morreu vinte pessoas de acidente. Que eu me lembro mesmo, morreram dois no Reservado; morreram dois no Boqueirão; morreu aqui o Joaquim que escapuliu, a corda quebrou. Aqui, de acidente, não chegou quinze pessoas (Informação Verbal)³¹⁴.

Embora muitos acidentes nas cisternas fossem fatais, em outros, os/as garimpeiros/as sobreviviam. Um deles relata que, na cisterna,

Era um perigo doido. Eu fui machucado ainda. Eu estava no fundo. Aí, quando eu estava no fundo do rompimento, abateu a boca. Aí, eu vi o ventão entrar. Eu quase não saio. Já estava faltando o ar muito. Aí foi que eu pelejei; vim arrastando, desentupindo, desentupindo até sair na boca da cisterna. Aí, sempre a gente deixava a corda pendurada pra qualquer coisa a gente sacudir a corda pro companheiro da gente ver lá. Mas eu ainda fui mais uma vez. Eu quase morro. Eu furando e a areia me fechou e me cobriu até aqui assim [cintura] (Informação Verbal)³¹⁵.

Relatos como esse são exemplares na construção do heroísmo do garimpeiro, que trabalha em ambiente de “perigo doido” dentro da cisterna, que mesmo na escuridão e “machucado”, quando “o rompimento abate a boca”, consegue, “já faltando o ar” para respirar, sair na boca da cisterna. Veio “desentupindo” o percurso, “arrastando-se”, mas sobreviveu para contar e recontar o fato heroico.

3.4.3 Para além dos rompimentos: “o perigo doido” fora das manchas.

Como dito, na sede de Gilbués, os imigrantes do garimpo alegam que “sofreram preconceito” e, por isso, deslocaram-se para a zona rural, lugar dos garimpos. Neste espaço, ao que parece, não foram hostilizados, pelo menos na mesma proporção que na sede municipal. Garimpeiros relatam que eram solidários entre si em certas ocasiões, como em acidentes nos rompimentos: “sempre, garimpeiro quando cai o barranco junta tudinho” (Informação Verbal)³¹⁶. Outro entrevistado também relata que: “nessa hora todo mundo era unido. Todo mundo corria pra cima pra salvar aquela pessoa” (Informação Verbal)³¹⁷. De fato,

³¹⁴PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³¹⁵SILVA, Fernando Alves da. 68 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/11/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

³¹⁶CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³¹⁷SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

era comum entre eles o compartilhamento de experiências, especialmente as relacionadas ao processo de garimpagem do diamante, que foram passadas às gerações seguintes. Alguns descendentes de baianos já estão na terceira geração de garimpeiros em Gilbués/Monte Alegre. O sonho do bamburro ainda persiste.

Ainda sobre essa relação entre garimpeiros imigrantes e nativos, nas “manchas”, um entrevistado destaca que “não havia reparo nenhum não” com quem imigrava. Diferentemente da sede de Gilbués, lugar “metido a cangaço”, a relação entre eles nos garimpos “era uma beleza”.

Do jeitinho que nós estamos conversando bem aqui. Aquela maior delicadeza. Não tinha reparo nenhum não. De jeito nenhum. Só foi mais assim só [na sede de] Gilbués, que era metido a cangaço. [...]. Mas o garimpo aqui, na hora que chegava, moço, o povo recebia aí. Era a maior delicadeza; tanto fazia ser pobre como rico, era tudo aí aquela maior alegria. Não tinha negócio de careta pra seu ninguém. Não. Era tudo delicado (Informação Verbal)³¹⁸.

Algumas reflexões devem ser feitas sobre essa “maior delicadeza” com os imigrantes nos garimpos. Primeiro, nos garimpos eles se tornaram maioria; segundo, garimpeiros “profissionais” eram predominantemente imigrantes. Assim, os “curaus”, a maioria piauiense, que quisessem lidar com o garimpo, especialmente o de cisterna/rompimento, deveriam se aproximar dos baianos para aprenderem as técnicas de garimpagens. Além disso, aos interessados em faiscar, a proximidade com os “profissionais” baianos era fundamental para o aprendizado da identificação e classificação dos diamantes. Um ex-fisqueiro/garimpeiro, nativo de Gilbués, afirma que

Chegou outros compradores. Aí, nós aprendemos a comprar, porque eles [os baianos] conheciam mais diamante e nós aqui aprendemos a comprar diamante com eles que vieram da Bahia. Eu vi eles comprar, aprendi a comprar também. Tomei logo conhecimento com o diamante. Comprava diamante e vendia pros exportadores que chegava (Informação Verbal)³¹⁹.

Nesse contexto, provavelmente a experiência na lida do garimpo tenha colaborado com a inserção positiva do garimpeiro imigrante, junto a seus pares. Afinal, estariam eles no ápice da estrutura do garimpo, pois eram quem “mais conheciam o minério vivo”, tanto na exploração, como garimpeiros, como na comercialização, como fisqueiros e exportadores. Esse capital social seria utilizado, por imigrantes baianos, também, na política local, na disputa por cargos eletivos, objeto de análise do próximo capítulo.

³¹⁸ *Idem.*

³¹⁹ PAIXÃO, Lucas Carvalho. 88 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (14/03/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Entretanto, para além desta convivência romantizada entre garimpeiros, percebe-se que ela nem sempre foi “uma beleza”, pois conflitos eram comuns nos “manchões” entre os próprios garimpeiros; fornecedores/faisqueiros e proprietários de terra, tornando o ambiente de exploração do diamante um “perigo doido”.

Embora sendo uma descrição exótica dos garimpos de Gilbués, é importante registrarmos as impressões do Jornal, *O Dia*, em 1953, sobre a exploração de diamantes no sul do Piauí e os “desrespeitos à sociedade”.

Gilbués é hoje uma miniatura do que era a tradicional São Francisco da Califórnia [Estados Unidos], com a invasão de terras dos pequenos agricultores, com os costumes dissolutos com a traficância dos mercados exportadores, com a jogatina desembestada, com a raparigagem desenfreada, com a valentia da cafajestagem, com os sonegadores de impostos, com os desrespeitos à sociedade.

Não sendo coordenado por algum órgão público ou privado, a garimpagem artesanal de diamantes em Gilbués/Monte Alegre era administrada pelos próprios personagens do garimpo que estabeleciam suas regras, como os próprios garimpeiros, fornecedores e, em alguns casos, os proprietários de terra. Um dos entrevistados explica como se dava a organização espacial das “cisternas ou serviços”:

Só dividia sessenta palmos de lá da boca de uma pra outra. Se o senhor chegasse lá, podia baixar uma lá, medir sessenta palmos na minha frente que era seu pra lá. Você que governava daí pra lá. Outro pegava de lá pra frente se fosse canalizado. Se fosse no gelo³²⁰ pra todo lado dava cascalho, você baixava pra aqui e pra ali, mas era tudo medido. Ninguém podia entrar sem ordem (Informação Verbal)³²¹.

Porém, era comum garimpeiro “entrar sem ordem e tomar a frente de serviço” de outro. Assim, o dono da cisterna “que valia ouro”, geralmente, passava a noite vigiando-a, para que outros garimpeiros não a invadissem. Diante disso, algumas alternativas eram buscadas por quem se sentia lesado. Uma delas era recorrer à polícia, que “ia lá e explicava pra nós: “é desse jeito. Assim e assim”. Uma operação da polícia no garimpo é detalhada por um ex-garimpeiro:

“Olha doutor, eu estou aqui e esse moço aqui está prejudicando meu serviço. Esse aí já está comendo meu serviço. “-Pois afasta, sai de dentro e vai medir”. Aí pegava uma corda, descia e media. “-Mede o outro”. Aí media. Quem tivesse [errado] pagava até o cara, pagava. Não era à toa não. Os cabras não ficavam à toa não. “Você deu prejuízo no rapaz; você vai pagar a conta” (Informação Verbal)³²².

Por vezes, a polícia não resolvia estes e outros conflitos nos povoados de garimpos “e ali morreu muito negro matado; matado (Informação Verbal)³²³. Rapaz, tiro ali era demais na

³²⁰Gelo, para os garimpeiros, era o solo com cascalho em abundância.

³²¹ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

³²²*Idem*.

³²³ Não há ou, pelo menos, não foram encontradas estatísticas de mortes nos garimpos de Gilbués/Monte Alegre.

boca da noite. Negro zangado e cheio do dinheiro. Polícia nem ia lá. Fazer o quê? Dois soldadinhos” (Informação Verbal)³²⁴. Tudo indica que o número de policiais era irrisório atuando em Gilbués nesse período de exploração do diamante.

A propósito, o IBGE, em 1940, no quesito *Defesa Nacional e Segurança Pública*, registrou em Gilbués três integrantes da polícia militar; um em Parnaguá; seis em Santa Filomena; dez em Corrente e dez em Bom Jesus, todos do sexo masculino. No Piauí, o total era de 1.129, sendo apenas quinze do sexo feminino. Já em 1950, neste mesmo quesito, o IBGE apresenta algumas alterações na distribuição dos integrantes da polícia nos municípios citados, sendo que, Gilbués, agora com quatorze membros, certamente, por causa do garimpo, comparando com seus vizinhos, torna-se o município com maior número, embora insuficientes para a manutenção da ordem pública. Parnaguá e Corrente, cada qual com um integrante; Santa Filomena e Bom Jesus, respectivamente, com três e quatro membros, todos do sexo masculino. O Piauí, em 1950, apresentava um pequeno aumento absoluto com relação a 1940, passando a 1.182 membros da *Defesa Nacional e Segurança Pública*. Porém, nos municípios de Gilbués e seus vizinhos, nesse período, houve redução do efetivo policial, passando de 30 para 23 membros. Com relação à participação feminina, houve diminuição nesse segmento, passando de 15 para 13 membros.

De fato, no período de exploração do diamante em Gilbués, o efetivo da Polícia Militar do Piauí “estava muito aquém das necessidades do estado, quanto à manutenção da ordem pública, não só na capital, como no interior” (MENSAGEM..., 1960, p.79). Em 1950, por exemplo, “o policiamento do interior foi o mais precário que se possa imaginar” (MENSAGEM, 1951, p.15). Desta forma, por ter um número insuficiente de policiais, “os municípios, em sua quase totalidade, eram policiados por destacamentos” (MENSAGEM..., 1960, p.79), sendo que, em 1950, eles “em alguns municípios, foram reduzidos e, em outros, extintos” (MENSAGEM..., 1951, p.15). Em 1960, com relação aos praças nos destacamentos, o efetivo era “inferior a seis” por municípios, sendo que nos “menores e mais novos, não iam além de três praças” (MENSAGEM..., 1960, p.79).

A precariedade da segurança pública nos garimpos não era devida somente ao número reduzido de policiais. Provavelmente as condições de trabalho insuficientes dos praças; a dificuldade de acesso por via terrestre; a grande distância da capital, etc. Tudo isso colaborava para uma assistência insuficiente aos moradores do sul do Piauí, no que diz respeito, também, à segurança. Assim, como em outros municípios, a Gilbués eram destinados os destacamentos

³²⁴ GUERRA, Antonino Alves. 55 anos e ex-garimpeiro de Monte Alegre-PI. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

ou “forças” policiais, dependendo da gravidade dos conflitos, a maioria deles envolvendo disputas político-partidárias.

Dentre os destacamentos, o que mais marcou a memória de ex-garimpeiros em Gilbués/Monte Alegre foi a “Força de Milão”. “Aí veio um sargento, o Milão, uma força, força volante com a notícia [do garimpo] de Gilbués” (Informação Verbal)³²⁵, a fim de pôr ordem na região garimpeira, “fazendo medo” a desordeiros. Por isso, o “capitão Milão veio destacado pra aqui pra amansar os elementos ruins, que aí eram bagunceiros” nos garimpos. “Era todo tipo de trem ruim” (Informação Verbal)³²⁶.

Provavelmente o motivo de este destacamento vir a Gilbués não fora somente a desordem social nos garimpos, mas atuou, ao que tudo indica, na resolução de conflitos nas “manchas”: “teve um tal de Milão aqui que bateu em gente, viu? Fazia medo. Se dava parte: “olha, fulano entrou em meu cascalho e me tomou a frente de serviço. Ele mandava buscar ele, mas já vinha debaixo de taca. Aí, tinha que prestar o depoimento” (Informação Verbal)³²⁷. Certos “valentões” comandavam e aterrorizavam os garimpos, já que o poder público possuía limitadas condições de concentrar a força física legítima, uma das características essenciais do Estado. Porém, com a “Força de Milão”, mesmo que temporariamente, a ação dos “valentões” fora limitada:

Foi o tempo que entrou uma Força e os valentes correram. Antônio Gerônimo do Pilão Arcado, que morava no Monte Alegre. Quem estava no Monte Alegre, toda coisinha era baiano pra ser protegido por Antônio Gerônimo, porque o que ele botasse a mão na cabeça, estava garantido. E no Boqueirão, era Cândido Moreira, um dos homens mais valente da região. Homem do cangaço, valente (Informação Verbal)³²⁸.

A partir das entrevistas com os idosos, não há uma data precisa da presença da “Força de Milão” na região do garimpo, mas fora nos primeiros anos de exploração do diamante. Um dos ex-garimpeiros, que chegara a Gilbués em 1951, disse que “essa força era braba. Ainda encontramos uns dois policiais que vieram nessa Força de Milão, mas a essa altura já tinham desbravado, já tinham retirado aqueles elementos ruins. E já estava manso, né, quando nós chegamos aqui” (Informação Verbal)³²⁹.

³²⁵PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³²⁶NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³²⁷PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³²⁸PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³²⁹NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Embora se relate que a “Força de Milão” tenha posto ordem ou “amansado” os garimpos, quando “os valentes correram” de Gilbués/Monte Alegre, o policiamento por destacamento era provisório e, por isso, incapaz de apaziguar por muito tempo a região do garimpo. Assim, fora dos rompimentos/cisternas, Gilbués/Monte Alegre eram um “perigo doido”, por causa do “banditismo”, segundo um ex-garimpeiro:

No Pau D Óleo [localidade de garimpo] tinha uma base de duas mil pessoas. Só tinha mais era bandido; que a região mais pobre do Brasil é garimpo. Garimpo só dá banditismo e analfabeto. A riqueza absoluta no final não é nada. Tinha lá um senhor de Doca Lira, do Goiás e tinha outros companheiros dele, com dois [revólveres de calibre] trinta e oito na cintura. Aí puxava e tá, tá, tá. Até acabar” (Informação Verbal)³³⁰.

São comuns, entre os entrevistados, relatos de pessoas portando armas “na cintura”, como revólveres, especialmente de calibre trinta e oito; pistola *parabellum*; facas, etc. Quer dizer, no garimpo era “foguetes em todo lugar, e tiro e bamburro” (Informação Verbal)³³¹. O porte de armas, mesmo que fora da legalidade, na região do garimpo, com presença limitada do Estado, era comum, não somente entre garimpeiros. Essas armas eram usadas, em certos casos, para homicídios:

Nego morria demais; nego metia bala pra cima. Moço, garimpo, principalmente de diamante, é terrível; é perigoso. Briga era demais. Disputa por cascalho. Era tiro; era cacete; era faca. Naquele tempo quem tinha um revólver, ave Maria. Mais era no cacete e na faca” (Informação Verbal)³³².

Neste ambiente de garimpo, de ameaças e crimes constantes, nem mesmo os policiais escapavam, pois na tentativa de restabelecerem a ordem pública, agrediam fisicamente, inclusive, garimpeiros: “Nego apanhava” da polícia “era no vergalho de boi e de facão”. Em algumas circunstâncias, “o sujeito não podia beber uma cachaça; não podia tropeçar; qualquer coisinha”, que “apanhava” (Informação Verbal)³³³. Às vezes, como represália de sua ação desmedida, a polícia era vítima, principalmente dos “valentões” do garimpo. Um deles, o fornecedor de garimpeiro Cândido Moreira, em 1946, “no Boqueirão deu seis tiros num sargento” (Informação Verbal)³³⁴.

³³⁰JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³³¹PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³³²SILVA, Fernando Alves da. 68 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

³³³CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³³⁴PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

Em uma dessas vinganças, um garimpeiro assassinou o policial Davi. Um entrevistado relata que “ele era soldado aqui. Morreu bem aí na Rua Baiana, em Monte Alegre. Porque ele bateu nesse que matou ele, que trabalhava no garimpo” (Informação Verbal)³³⁵. Uma sobrinha e filha adotiva, da viúva do policial, detalha a morte:

A morte foi assim. Ele prendeu um senhor chamado de Anacleto. Eu não conheci. Ele prendeu o rapaz e foi embora daqui; foi passar uma temporada em Bom Jesus, com a minha tia: a minha mãe [adotiva]. Quando ele voltou aqui, o rapaz estava no Mercado, cortando um toucinho de porco. Na hora que ele viu o soldado Davi, ele conheceu. Aí, ele [Davi] deu as costas e ele [Anacleto] faqueou e matou (Informação Verbal)³³⁶.

Um dos entrevistados traz no corpo as marcas da violência nos garimpos. Ele relata que era dono de uma cisterna, que fora invadida por três garimpeiros, dispostos a matá-lo para “tomar a mina”:

Eu disse: “-moço, não faz isso não; é covardia, três homens. Vão que eu lhe dou; o que fizerem hoje é de vocês. Que lá era de encher mão [de diamantes]”. “-Não. Agora nós vamos é lhe matar pra ficar a mina pra nós”. Eu disse: “-rapaz, não faz isso não. É covardia”. Aí cada um deles puxou a faca. E eu com a faca na cintura, esqueci. Apavorei tanto que esqueci. Mas depois eu puxei minha faca e cortei logo um. O outro entrou e eu cortei também. Aí o outro que estava cortado jogou a faca pra outro: “-eu quero que você mata ele com minha faca”. Aí ele pegou a faca e eu disse: “-rapaz, não faz isso não. O que vocês fizerem lá é de vocês”. Aí ele jogou o chapéu em minha cara e eu levei o ralo pra rebater, né? Quando eu escutei foi o estalo; ele levou a faca por baixo. Eu escutei foi o estalo. Aí logo eu desmaiei. Aí, veio um garimpeiro meu. Ele chegou, me botou nas costas e me levou pra cidade [Boqueirão]. Aí me botaram de velório lá o dia e a noite. Quando foi seis horas, no mesmo horário [do dia seguinte], eu acordei. Todo mundo já estava pronto pra ir pro cemitério; o buraco já estava aberto! (Informação Verbal)³³⁷.

A posse da terra, mesmo que temporariamente, era a condição inicial e essencial para a garimpagem de diamantes. Assim, a terra de criar bois era a mesma do diamante. Por isso, em muitos casos, era também ambiente de conflitos entre garimpeiros e proprietários de terras. A garimpagem do tipo cisterna e catre deixava a propriedade inviável para a cria de bois, caso não se tapassem os buracos. Era um perigo para animais e pessoas.

No dia que o garimpeiro entra, que abre aquilo ali tudo, vai deixando os buracos pra trás e pronto. Cisternas de vinte metros, o gado entra e morre. Morreu muito gado, ali, em Monte Alegre. Mulheres, pessoas que já morreram. Finada Baía e quem mais morreu ali? Estava voltando à noite, tinha bebido, e aí ela caiu dentro da cisterna de dez metros. Buraco cheio de água e é bem estreito. Se cair, já era! (Informação Verbal)³³⁸.

³³⁵CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³³⁶LOPES, Joaquina da Silva. 57 anos; ex-garimpeira e mulher de vida livre no garimpo de diamantes e imigrante de Bom Jesus-PI. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³³⁷SILVA, Fernando Alves da. 68 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

³³⁸ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

Nesse sentido, o jornal *O Dia*, em 22/11/1953, noticiava sobre “os garimpeiros que não pagavam impostos e sem a orientação necessária vivem estragando as terras com escavação a esmo, com prejuízo para a lavoura e a criação de gado”. Mais uma vez os proprietários de terra e criadores de gado *vacum* estão no caminho dos imigrantes em Gilbués. Se no primeiro encontro, na sede municipal, os imigrantes consideraram-se derrotados no confronto com os nativos, dessa vez, na zona rural, os garimpeiros seriam os mais fortes. Contra estes, os proprietários “não tiveram força. Porque quando estavam abrindo os buracos, quando eles quiseram empatar, mas aí os garimpeiros eram demais. Tinha muito garimpeiro” (Informação Verbal)³³⁹. Uma saída seria “vender as terras e tirar o gado. Caio Lustosa tirou o gado dele lá; os Lustosas e Corados também tiraram e venderam a fazenda pro garimpo. Os caras queriam empatar hoje. Quando pensava que não, chegavam dois ou três mil homens (Informação Verbal)³⁴⁰”. Assim, era inviável a proibição do garimpo.

Nós cansamos de invadir roça de mandioca serena. A mina entrava pra dentro e o dono: “-aqui não. Aqui não entre nenhum”. E nós entrava, os garimpeiros, quando era de manhã estava tudo esbagaçado; não tinha um pé de mandioca. A polícia chegava: “-não; não tem jeito não”. A gente pagava a porcentagem, né? Rapaz, não tem jeito pra garimpeiro. Ele invade na hora! (Informação Verbal)³⁴¹.

“Pagar a porcentagem” pelo uso da terra na garimpagem em propriedade particular, certamente foi uma forma de amenizar os conflitos em torno da posse da terra. Se “de primeiro o garimpo era liberto” e “ninguém proibia”, provavelmente a garimpagem tenha iniciado em terras públicas. Pois, segundo o *Decreto-Lei, nº466, de 4 de junho de 1933*, artigo 3º, ela “poderá ser exercida, livremente, nos rios públicos e terrenos devolutos”. Em se tratando de “terras de propriedade particular ou arrendadas, a garimpagem dependerá de autorização do proprietário ou arrendatário”, segundo o mesmo decreto. Em Gilbués/Monte Alegre, segundo um entrevistado, “depois passaram a pagar porcentagem pro dono da terra, de 1960 pra cá. O nego furava a terra aí e o dono soltava os animais; dava prejuízo na criação [caprino e ovino]; no gado; era o porco; era tudo. O garimpeiro é bicho...” (Informação Verbal)³⁴².

³³⁹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁴⁰*Idem*.

³⁴¹SILVA, Fernando Alves da. 68 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁴²CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

3.5 “A Riqueza de Gilbués”: aspectos econômicos do diamante no sul do Piauí

Além de ter “muito garimpeiro”, a atividade de exploração do diamante tornou-se relevante em Gilbués/Monte Alegre, competindo com a economia das fazendas de gado bovino. Desta forma, garimpeiros, fornecedores/fisqueiros, exportadores e outros setores dependiam da renda do diamante, como comerciantes e proprietários de terra arrendada para a garimpagem, por exemplo. Assim, embora muitos fazendeiros fossem contra essa atividade, provavelmente outros grupos se juntaram em defesa dela, já que eram beneficiados por essa economia do garimpo.

Um entrevistado relata que

a atividade daqui era o garimpo, o comércio era em função do garimpo, tudo quanto era dono de loja, de comércio, de mercearia. Então, quando surgiu essa suspensão do garimpo o prejuízo era geral porque era o que alavancava a economia do município era o garimpo. Ai houve aquela preocupação e o garimpeiro não queria suspender, a polícia ia lá todo dia pra suspender “- tem que suspender, tem que suspender. Ai houve conflito, ameaças muito sérias, até de morte (Informação Verbal)³⁴³.

Como vimos anteriormente, os municípios do sul do Piauí, na década de 1940, “eram essencialmente criadores”, sendo que, em bovinos, Gilbués liderava-os, sendo, inclusive, o município com maior rebanho bovino *per capita* no Piauí (IBGE, 1940). Porém, nestes municípios, na década de 1950, em relação ao criatório bovino, houve uma redução em termos absolutos e relativos. No caso do Piauí, houve o aumento absoluto de bovinos, mas teve uma redução na relação bovinos/pessoas. No caso de Gilbués, a relação de bovino por pessoa reduziu de 4,14, para 1,87, no período de 1940 a 1950. Veja a tabela 9, abaixo:

Tabela 9: Relação bovinos/pessoas no Piauí e em municípios do sul do estado, nos anos de 1940 a 1950.

Município	1940		Relação bovinos/pessoas	1950		Relação bovinos/pessoas
	Bovinos	População		Bovinos	População	
Bom Jesus	23.858	14.792	1,61	21.987	15.241	1,44
Corrente	19.385	8.006	2,42	17.110	9.018	1,90
Gilbués	36.404	8.798	4,14	29.141	15.553	1,87
Parnaguá	30.555	8.480	3,60	27.466	11.821	2,32
Santa Filomena	8.050	4.103	1,96	7.546	4.506	1,67
Piauí	993.987	817.601	1,22	1.018.088	1.045.696	0,97

Fonte: IBGE (1940 e 1950).

Na década de 1950, embora reduzido o rebanho bovino do sul do Piauí, como vimos, ele continuaria como a principal riqueza econômica, mas em Gilbués havia outra concorrente:

³⁴³ CANTEIRO, Marcos Nonato. Ex-garimpeiro de diamantes de Monte Alegre-PI. Entrevista. (18/09/2014). Entrevistadora: Virginia Deusdará das Neves. Monte Alegre, 2014. Arquivo MP4. In: ROGÉRIO JR. et al. Garimpagem de diamantes no Sul do Piauí. Relatório Final de PIBIC/IFPI, Campus Corrente, 2015. 13p.

o garimpo de diamantes. Talvez os rebanhos de gado bovino e outros, além das propriedades rurais, continuassem como os recursos mais valiosos economicamente em Gilbués, mesmo no auge da exploração do diamante. Porém, tais recursos estavam nas mãos de poucos agropecuaristas que exportavam, inclusive, seus produtos para outros estados. Com o garimpo, surge outra fonte de “riqueza” em Gilbués que circulava nas mãos de uma parcela maior da população do município, direta e indiretamente envolvida na atividade, dinamizando a economia local.

Daí a sensação entre os entrevistados de que tudo em Gilbués/Monte Alegre girava em torno do diamante: “a atividade daqui era o garimpo, o comércio era em função do garimpo”. Quer dizer, no cotidiano de Gilbués, a renda do diamante circulava mais, sendo, portanto, considerada mais relevante que a das fazendas de gado. “Tinha muita riqueza lá em Gilbués” (Informação Verbal)³⁴⁴, disse um entrevistado, sendo a mesma ideia transmitida pelo jornal piauiense, *O Dia*, de 22 de novembro de 1953, na reportagem intitulada *A riqueza de Gilbués*. Assim, por causa do garimpo, o município de Gilbués passou a ser símbolo de riqueza, onde “corria muito dinheiro”.

Nesse contexto, Gilbués, que antes exportava gado bovino para outros estados, por ser um município “essencialmente criador”, passou a importar alimentos, inclusive carne bovina, para pessoas que atuavam no garimpo. Um dos entrevistados na pesquisa disse que foi a Gilbués/Monte Alegre “umas poucas de vez. Andei mais de dez vezes; umas vinte vezes, talvez, ou mais. Porque eu ia com tropa. Passei muito tempo viajando com tropa pra lá. E depois fui com gado. Umas quatro vezes com lote de dez, doze, quinze bois pra vender lá para os açougueiros” (Informação Verbal)³⁴⁵. Além de gado bovino para abate, o entrevistado comercializava nos garimpos carnes/toucinhos de porcos e diversos cereais. A região do garimpo não era capaz de produzir alimento, vestuário e demais artigos de sobrevivência suficientes para sua população. Para o Jornal *O Dia*, em 1953, a “elevação do custo de vida” era “o que predomina na zona dos garimpos” de Gilbués, provavelmente por causa de oferta reduzida de mercadorias.

Apesar de o diamante ter sido em Gilbués/Monte Alegre uma atividade de destaque, especialmente na década de 1950, quando “o comércio era em função do garimpo”, o gado bovino e a propriedade de terra continuavam como símbolos de riqueza econômica e de *status* social. No dizer de uma entrevistada e proprietária, a “terra aqui não tinha valor” econômico,

³⁴⁴PARENTE, Marcos Antônio. 92 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁴⁵*Idem*.

porém era e continua sendo “tradição de família” (Informação Verbal)³⁴⁶. Assim, muitos garimpeiros, com os rendimentos oriundos do diamante, compraram terra, gado *vacum*, residência e permaneceram na “terra do diamante”, mesmo com a decadência da atividade garimpeira.

Por exemplo, um entrevistado disse: “eu arrumei o pão no garimpo, está entendendo? Eu comprava era gado. Era. Algum gadinho que tenho foi arrumado com isso. A casa e a terra também, uma propriedade de trinta e cinco hectares” (Informação Verbal)³⁴⁷. Outro ex-garimpeiro relatou, também, que seu *sócio*, com o dinheiro do diamante, “comprou gado ainda, garrote, e eu não comprei nada. Nada, nada. [Risos]” (Informação Verbal)³⁴⁸. De fato, muitos deles “fizeram tudo errado”, por “acreditarem demais” no garimpo, não terem o “dom comercial” para “gerenciar com eficiência o capital” e, assim, não fizeram investimentos em gado bovino e terra, os mais comuns entre garimpeiros, mostrando-se, em certo sentido, arrependimento, como nos relatou um deles:

Eu não consegui nada no garimpo porque o que eu consegui, eu não soube aplicar. Aí não foi culpa do garimpo, foi culpa minha, porque o que eu ganhei no garimpo, apliquei no próprio garimpo, acreditei demais, porque em sessenta e quatro eu trabalhei numa mancha, quando eu fui ver o lucro, eu quase quatrocentos mil cruzeiros. Esses quatrocentos mil, se eu fosse uma pessoa ativa, tivesse dom comercial, tivesse dom de gerenciar com eficiência o meu capital, porque na época mesmo eu fiz tudo de errado, fiz tudo de errado. Inclusive, essa família Borges me ofereceu uma área de terra no Saco Grande [localidade rural] por quarenta mil. Veja só: era dez por cento [10%] do que eu tinha na mão. Isso não me sensibilizou em investir esse dinheiro nessa terra, porque eu só acreditava no garimpo, deixei de comprar essa terra baratinha demais (Informação Verbal)³⁴⁹.

Além do gado *vacum*, diversos outros alimentos eram comercializados em Gilbués/Monte Alegre pelos tropeiros: rapadura; arroz; feijão; farinha de mandioca; milho; “requeijão, eu levava seis, sete ou oito arrobas”; tinha vez de levar vinte, vinte e duas, vinte e três arrobas de toucinho de porco” (Informação Verbal)³⁵⁰. Muitos destes produtos eram produzidos artesanalmente por camponeses locais, especialmente durante o inverno. Outros produtos, como sal, café, açúcar, “óleo de cozinha”, vinham, especialmente, da Bahia, Goiás e Maranhão.

³⁴⁶SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁴⁷ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁴⁸ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

³⁴⁹CANTEIRO, Marcos Nonato. Ex-garimpeiro de diamantes de Monte Alegre-PI. Entrevista. (18/09/2014). Entrevistadora: Virginia Deusará das Neves. Monte Alegre, 2014. Arquivo MP4. In: ROGÉRIO JR. et al. Garimpagem de diamantes no Sul do Piauí. Relatório Final de PIBIC/IFPI, Campus Corrente, 2015. 13p.

³⁵⁰MATIAS, Paulo José. 96 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (10/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

Outros produtos, de uso doméstico, eram comercializados, como vestuário, de querosene, etc. Este, também, era usado na garimpagem de cisterna, posteriormente substituído pelo “óleo de mamona”, sendo uma parte importada para atender aos garimpeiros. Parte de seus instrumentos de trabalho, igualmente, era produzida em outras regiões e transportada em “costas de jumento” para o garimpo, onde tudo se comercializava, como disse um ex-garimpeiro: “moço, olha, tudo que vinha pra aqui, vendia. Com licença da palavra, até merda, porque dinheiro tinha. Aqui correu dinheiro. Correu dinheiro!” (Informação Verbal)³⁵¹. Entretanto, muitas destas atividades e produtos, por serem “dos negociantes de feiras livres e dos ambulantes” não foram registradas no Censo do IBGE (1950).

Eram diversas as origens das mercadorias que tinham como destino os garimpos de Gilbués/Monte Alegre. “De Floriano veio muita gente pra botar loja, aqui, de tecido” (Informação Verbal)³⁵²; “o arroz vinha de Bom Jesus, Santa Filomena, da parte do Piauí, e do Maranhão, vinha de Alto Parnaíba; o pessoal de Remanso (BA), eles vinham, olha, para abastecer um mundo de gente desse. Tudo em costa de animal. Aí cada tropeiro, trazia a média de cem jumentos” (Informação Verbal)³⁵³, mas há referências a outros que traziam menos, até mesmo um jumento. Cada animal transportava cerca de sessenta quilogramas de mercadoria, variando essa quantidade, para mais ou menos, dependendo da distância entre a origem e os garimpos. De Goiás, também, “não sei quantas cargas de mercadoria que vinha do Pium pra cá; já era acostumado”; alguns garimpeiros já traziam “todo tipo de ferramenta de trabalhar” (Informação Verbal)³⁵⁴.

Um entrevistado disse que, “no início era de Santa Rita (BA), que vinham essas coisas pra aqui. E depois, de Corrente pra Gilbués, em costa de animal: jumento, burro, cavalo” (Informação Verbal)³⁵⁵. Por vezes, os tropeiros “aqui eles vendiam os jumentos também pro pessoal da região. Já traziam o jumento encangalhado. O jumento encangalhado era uma

³⁵¹ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁵² MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁵³ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁵⁴ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁵⁵ MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

mercadoria de primeira instância” (Informação Verbal)³⁵⁶. Porém, “só muito tempo depois é que começou a aparecer os primeiros caminhões, vindo aqui da direção de Remanso, da Bahia; de São Raimundo Nonato [Piauí]. O pessoal vinha vender o açúcar, o óleo de cozinha. Essas coisas, né?” (Informação Verbal)³⁵⁷. Com o passar dos anos, a circulação de veículos automotores foi aumentado no sul do Piauí, devido à construção/manutenção de estradas carroçáveis e, na década de 1970, a BR 135, com asfalto, passando em Gilbués e Monte Alegre.

Para os tropeiros entrevistados na pesquisa, Gilbués/Monte Alegre, por causa do garimpo, era um lugar representado como lugar de riqueza econômica. “Nunca voltei com nada de lá, só com o dinheiro. Nesse tempo que eu caminhei pra lá foi o tempo da sorte melhor que já tive em minha vida” (Informação Verbal)³⁵⁸. De fato, a atividade do garimpo dinamizou a economia em Gilbués/Monte Alegre e outros municípios vizinhos, do Piauí, e de outros estados. Gilbués foi um “refrigério para o povo daqui” do sul do Piauí. “A produção daqui de Curimatá, naquelas épocas, não tinha, tirante lá a dos garimpos (Informação Verbal)³⁵⁹. Quer dizer, o diamante foi importante economicamente, também, para os municípios vizinhos do garimpo.

3.6 “Não Sei Como o Lugar se Acaba Como Aqui”: a decadência do garimpo.

A data de início da garimpagem em Gilbués/Monte Alegre, 1946, como vimos, é precisa e consensual entre os entrevistados. Por outro lado, sua decadência é narrada como tendo ocorrência gradual, já que outros polos de atração dessa mão de obra foram surgindo alhures e, além disso, o diamante “foi fraqueando” nessa região do Piauí. Assim, para alguns entrevistados “o garimpo aqui foi bom até mil e novecentos e setenta” (Informação Verbal)³⁶⁰. Porém, um deles apresentou a decadência da garimpagem em Gilbués/Monte Alegre de forma processual: “o auge do garimpo foi até mil e novecentos e cinquenta e oito, mil e novecentos e cinquenta e nove. Aí foi caindo; a produção de diamante diminuiu, mas continuou ainda como

³⁵⁶PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁵⁷NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de fisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁵⁸MATIAS, Paulo José. 96 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (10/11/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁵⁹PARENTE, Marcos Antônio. 92 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁶⁰SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

uma força econômica grande na década de mil e novecentos e sessenta. Aí já na década de mil e novecentos e setenta, aí a redução já foi bem maior” (Informação Verbal)³⁶¹.

Assim, embora tendo seu auge no final da década de 1950, a garimpagem foi relevante até o final da década de 1960 e início de 1970. Porém, essa atividade de garimpo manual persistiu no sul do Piauí nas décadas seguintes, inclusive com descoberta de novas “manchas”, chegando aos dias atuais, onde são encontrados garimpeiros que “estão vivos, querendo diamantes”, embora sendo inferior o número deles, pois alguns já “viajaram e outros morreram. Ainda tem muito garimpeiro nesse Boqueirão, em São Dimas” (Informação Verbal)³⁶². Uma certeza dos garimpeiros é de que “tem muito diamante ainda” (Informação Verbal)³⁶³ em Gilbués/Monte Alegre, chegando a essa mesma conclusão a empresa mineradora, DM Mineração LTDA., que já inicia a exploração mecanizada de diamantes no sul do Piauí.

Os depósitos desse minério na “flor da terra”, antes tidos como “fáceis”, escassearam-se em Gilbués/Monte Alegre, dificultando o garimpo manual. De tal maneira, com o passar do tempo, os métodos e ferramentas rudimentares de garimpagem, muitas destas confeccionadas pelos próprios garimpeiros e/ou artesãos locais, não eram mais suficientes para garimpar nas cisternas. A necessidade de instrumentos e técnicas de trabalhos mais eficazes, também, fora causa de decadência de mineração em outros contextos no Brasil como, por exemplo, em Minas Gerais no século XVIII (PRADO JR., 1973) e, na Bahia, no século XIX (MARTINS, 2013). Com poucas exceções, no Brasil, ainda predominam os “métodos primitivos de lavra aluvionar” (CHAVES; CHAMBEL, 2003, p.100). Além destes fatores internos, outros de ordem externa contribuíram com a decadência da garimpagem de diamantes no sul do Piauí.

3.6.1 “O Garimpo de Brasília” e outros garimpos

Um dos fatores externos que contribuiu com o enfraquecimento do garimpo e emigração de garimpeiros de Gilbués/Monte Alegre foi a construção de Brasília, iniciada a partir de 1956 e inaugurada em 1960. Um ex-garimpeiro, dos que migraram e trabalharam para “tentar ganhar a vida lá” na construção de Brasília, disse que saiu

³⁶¹ ARAÚJO, Bertoldo Fonseca. 62 anos e filho de ex-garimpeiro. Entrevista. (14/03/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁶² ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

³⁶³ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

daqui de Gilbués em fevereiro de mil e novecentos e cinquenta e sete. Estive lá em Brasília até mil e novecentos e sessenta e dois. Fui pra trabalhar em construção civil. Brasília naquela época era como se fosse também um garimpo, né? Aquele mundo de movimento, de poeira, de máquina, de tanta coisa. Era uma vida, de certa forma, agitada, né? (Informação Verbal)³⁶⁴.

Esse “mundo de movimento”, “de tanta coisa”, e a “vida agitada” tornavam a construção de Brasília “como se fosse um garimpo”. Além do trabalho, podemos inferir que a aventura, a busca pela modernidade, nos termos de Berman (1987)³⁶⁵, também se constituía como um atrativo à população que migrava para os garimpos. Nestes espaços o estilo de vida era completamente distinto daquele vivido pelos trabalhadores com suas famílias antes da migração para tais garimpos. Novas aventuras/experiências eram vividas e, certamente, marcavam as pessoas envolvidas, transformando suas vidas e, em alguns casos, rompendo, inclusive, com laços matrimoniais anteriormente construídos.

Segundo um dos idosos entrevistados, “uma das músicas da época”, *No Ceará não tem disso não*³⁶⁶, de autoria de Guio de Moraes, gravada em 1950 por Luiz Gonzaga, dizia que “tudo aqui é diferente dos costumes do sertão”. Quer dizer, o garimpo é outra realidade. E “nem que eu passo aqui dez anos, eu não me acostumo não”, continua a música. De fato, muitos garimpeiros não se adaptaram aos garimpos de Gilbués/Monte Alegre e à vida em Brasília e retornaram para suas regiões de origem, seja por não se adaptarem ao trabalho ou por saudade da família.

Outra dessas “canções”, *Dez Anos*, composição de Lourival Faissal e Rafael Hernández, gravada em 1951 por Emilinha Borba, eleita a Rainha do Rádio em 1953, cantada nos garimpos e lembrada pelos entrevistados, retrata essa problemática da saudade: “se passaram dez anos sem eu ver teu rosto, sem olhar teus olhos, sem beijar teus lábios”³⁶⁷. O período de vivência no garimpo, distante da namorada/o, esposo/a e filhos/as, para alguns

³⁶⁴ MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁶⁵ “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promove aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em nosso redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 1987, p.15).

³⁶⁶ Letra da música *No Ceará Não Tem Disso Não*: “Tenho visto tanta coisa nesse mundo de meu Deus. Coisas que prum cearense não existe explicação. Qualquer pinguinho de chuva fazer uma inundação. Moça se vestir de cobra e dizer que é distração. Vocês cá da capital me adesculpe esta expressão: No Ceará não tem disso não, não tem disso não, não tem disso não. Nem que eu fique aqui dez anos eu não me acostumo não. Tudo aqui é diferente dos costumes do sertão. Num se pode comprar nada sem topar com tubarão. Vou voltar pra minha terra no primeiro caminhão”. Disponível em <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47091/>. Acesso em 09/05/2021.

³⁶⁷ Letra da música *Dez Anos*: “Assim se passaram dez anos sem eu ver teu rosto, sem olhar teus olhos, sem beijar teus lábios. Assim, foi tão grande a pena que senti a minha alma ao recordar que tu foste meu primeiro amor. Recordo junto a uma fonte, nos encontramos e alegre foi aquela tarde para nos dois. Recordo quando a noite abriu seu manto. E o canto daquela fonte nos envolveu. O sono fechou meus olhos, me adormecendo. Senti tua boca linda a murmurar. Abraça-me, por favor, minha vida e o resto desse romance”. Disponível em <https://www.letras.mus.br/emilinha-borba/1466450/>. Acesso em 09/05/2021.

personagens pode ter sido um obstáculo à permanência na garimpagem e contribuindo, assim, para o retorno de muitos deles. Apesar de não ter sido recordada pelos garimpeiros, a letra da canção *Quem Parte Leva Saudade*, composta por Francisco Scarambone e gravada também por Emilinha Borba, em 1941, traduz esse sentimento vivido por quem migrava e por quem ficava:

Quem parte leva saudades dentro de teu coração. Chorar, bem longe de quem se ama é ter uma recordação! [...] Na hora da partida eu vi você chorando com teu olhar tristonho. [...]. Quando tu podes voltar³⁶⁸.

Embora o trabalho nos garimpos para sustento da família seja um motivo da migração, como dito, o estilo de vida nos garimpos, com bebidas alcoólicas; porte de arma; festas nos cabarés e “mulheres de vida livre” eram experiências atrativas na “terra dos diamantes”. Por exemplo, um ex-garimpeiro relata que, certa vez, estava indisposto para o trabalho e, no barraco, enquanto “os meninos estavam fazendo o de comer”, ele armou “a rede lá num ponto, balancei cantando apaixonado. Naquele tempo, eu tinha deixado um bocado de confusão [mulher] lá nos outros garimpos” (Informação Verbal)³⁶⁹.

Outra “cantiga”, *Meu Primeiro Amor*, de Hermínio Gimenez e versão de José Fortuna e Pinheirinho Jr, gravada em 1952, pela dupla Cascatinha e Inhana, também cantarolada por ex-garimpeiros entrevistados, retrata o sentimento comum entre garimpeiros. Ele ficou na saudade porque “perdeu um grande amor” no garimpo, que é como uma “flor que desabrocha e logo morre”. Por isso, “chora sua dor”, “vaga triste” “na solidão” com o nome da amada “sempre entre os lábios”, porque sabe da possibilidade de que “quem tanto amou não ver jamais”, restando apenas “a dor no seu peito”³⁷⁰. Porém, nem sempre o amor de garimpo “logo acaba” e novo rearranjo familiar surge, havendo rompimento matrimonial entre quem migra e quem fica.

³⁶⁸Letra da música *Quem Parte Leva Saudade*: “Quem parte leva saudades dentro de teu coração. Chorar, bem longe de quem se ama é ter uma recordação! Quero relembrar o nosso amor que passou. E quem sabe! Quando tu podes voltar. Na hora da partida eu vi você chorando com teu olhar tristonho, enfim, me acompanhando. Dê algum jeito de esquecer do meu primeiro amor que ele jamais há de morrer”! Disponível em <https://www.letras.mus.br/emilinha-borba/1796771/>. Acesso em 09/05/2021.

³⁶⁹PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁷⁰Letra da música *Meu Primeiro Amor*. “Saudade palavra triste quando se perde um grande amor. Na estrada longa da vida eu vou chorando a minha dor. Igual a uma borboleta vagando triste por sobre a flor. Teu nome sempre em meus lábios, irei chamando por onde for. Você nem se quer se lembra de ouvir a voz deste sofredor, que implora por teus carinhos, só um pouquinho do teu amor. Meu primeiro amor, tão cedo acabou só a dor restou neste peito meu. Meu primeiro amor foi como uma flor que desabrochou e logo morreu. Nesta solidão sem ter alegria o que me alivia são meus tristes ais. São prantos de dor que dos olhos caem. É porque bem sei quem eu tanto amei não verei jamais”. Disponível em <https://www.letras.mus.br/cascatinha-e-inhana/225176/>. Acesso em 09/05/2021.

De Gilbués/Monte Alegre a Brasília, um percurso de 936 km de distância, migrou “um absurdo” de garimpeiros, “muitos deles a pé” (Informação Verbal)³⁷¹, para a construção civil. Já outra “grande parte do povo ia de avião, quem tinha uma condição financeira melhor. E aqueles que podiam menos iam nos paus-de-arara [caminhões], que tinham fazendo essa linha daqui pra lá” (Informação Verbal)³⁷². Sobre o percurso,

Indo bem, bem, bem mesmo eram seis dias, sete dias. Mas o comum era quinze. O carro quebrava. Naquele tempo caminhões tudo velho. Quebrava aqui e ia buscar peça em Santa Rita. Ou quebrava de Corrente[PI] pra Santa Rita[BA] e ia buscar em Barreiras [BA]. Em Barreiras, se não tinha, pedia outro caminhão. Era um sofrimento. Uma vez eu passei vinte dias com carro quebrado daqui pra Brasília, cheio de gente (Informação Verbal)³⁷³.

Um entrevistado enumera alguns proprietários ou locatários de paus-de-arara, principal meio de transporte para Brasília: “a gente fretava. Aqui tinha eu; tinha Chia; tinha Manoel Deusdará; tinha o Jusa PQ; tinha um cearense, o Chico Cearense. Ele trazia de Fortaleza, do Crato pra lá. Pegava gente do Ceará. A estrada era aqui” (Informação Verbal)³⁷⁴.

Nessa lista constava, também, o chefe político local, ex-vereador e prefeito de Monte Alegre, Amando Gomes, proprietário de dois caminhões, usados no transporte de passageiros entre a “terra do diamante” e Brasília.

Foi o Amando, que levou mais gente. Ele comprou um caminhão e levava gente. Conseguiu lá em Brasília com um chefe da Novacap³⁷⁵. Podia levar mil homens, eles pagavam ele, pro Amando. Pagava tanto por peão [transportado]. Aí ele ganhava o dinheiro da passagem e ganhava lá [do contratante], porque precisava de gente muita. Aí, ele conseguiu dois caminhão (Informação Verbal)³⁷⁶.

Um dos entrevistados na pesquisa, ex-garimpeiro e faisqueiro, que, também, trabalhou no transporte de trabalhadores para Brasília, disse que havia uma média de quinze caminhões em Gilbués/Monte Alegre que realizavam, por mês, esse percurso, cada um com a capacidade de transportar entre trinta e trinta e cinco passageiros. “Eles iam carregado de gente e voltava também carregado de gente, que tinha deles que já queria voltar” (Informação Verbal)³⁷⁷.

³⁷¹ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁷² MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁷³ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁷⁴ *Idem.*

³⁷⁵ Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), criada em 1956, para gerenciar e coordenar a construção da nova capital brasileira.

³⁷⁶ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁷⁷ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Assim, no dizer de um entrevistado, os paus-de-arara “levavam os incutidos e traziam os arrependidos” (Informação Verbal)³⁷⁸.

A presença de nordestinos, dentre eles piauienses, na construção da nova capital federal é constatada em diversas pesquisas acadêmicas. Por exemplo, Reis Jr. (2008), abordando sobre memórias e vivências de pessoas de diversos estados que trabalharam na construção de Brasília, retrata a trajetória de Manoel da Silva, natural de Bom Jesus, no Piauí, que, antes de migrar para a nova capital, trabalhara na garimpagem de diamantes em Gilbués.

Embora Manoel da Silva e outros tenham garimpado em Gilbués/Monte Alegre antes de migrarem para o “garimpo de Brasília”, como diz um ex-garimpeiro, muitos outros trabalhadores não passaram por essa experiência anterior no garimpo de diamantes, embora sendo originários de outros municípios do sul do Piauí e vizinhos de Gilbués, como Corrente, Parnaguá, dentre outros. Por exemplo, um entrevistado de Curimatá, então Parnaguá, disse que

Daqui foi poucos que não foram pra lá trabalhar em Brasília. Muita gente. Tudo em pau-de-arara. Tinha um Ceará, que tinha um caminhão que descia daqui de Elizeu Martins [PI]. Ele descia até Elizeu Martins buscando gente. De lá, ele enchia esse caminhão. Aí, dizia que ele levava os incutidos e trazia os arrependidos. Era até meu amigo. Esse caminhão, todo mês ele trazia cheio de gente de lá [Brasília] e voltava cheio de gente. E, aí, o povo daqui ia no começo [da construção] de Brasília. De 1958 até 1972 mais ou menos ele carregava esse povo. Era caminhando direto. Uma vez por mês, que dava pra ir e voltar. Não tinha estrada” (Informação Verbal)³⁷⁹.

Assim, a construção de Brasília atraiu um público, de homens e mulheres, do sul do Piauí composto não somente de garimpeiros de diamantes e nem somente para trabalhar na construção civil. Alguns faisqueiros, exportadores, especialmente os baianos, dentre eles os ex-prefeitos Amando Gomes e Salu Santana e muitos de seus familiares, também migraram para residir em Brasília e em outros grandes centros urbanos do Brasil após a decadência do garimpo em Gilbués/Monte Alegre. Diz um ex-garimpeiro que

Muitos pegou aquele recurso [do garimpo] e aí se estabeleceu em Brasília, São Paulo, Goiânia. Nego levou recurso daqui. Tem muita gente rica aí afora. Aí esse povo foram, de boa condição, foi pra esses lugares. E foi ficando aqui aquele povo mais fraco e foi indo, restoiando, restoiando, até que ficou só nós, que eu não saio daqui. Só saio daqui pra ali pro ponto velho [cemitério], onde está meu pai, minha mãe, minha vó (Informação Verbal)³⁸⁰.

Além da construção de Brasília, outros garimpos de diferentes minérios, especialmente em Goiás, também atraíram garimpeiros que trabalhavam na caça de diamantes em

³⁷⁸PARENTE, Marcos Antônio. 92 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁷⁹*Idem.*

³⁸⁰SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Gilbués/Monte Alegre. No dizer de um entrevistado, “aonde produz, os garimpeiros correm pra lá e abandonam aquilo dali. E sua família fica aí, porque eles não podem carregar” (Informação Verbal)³⁸¹. De fato, para Prado Jr. (1973, p.171), “a indústria mineradora no Brasil nunca foi além, na verdade, desta aventura passageira que mal tocava num ponto para abandoná-lo em seguida e passar adiante”.

No caso de Gilbués/Monte Alegre, ainda na década de 1950 diversos garimpeiros do Goiás, que antes migraram para o sul do Piauí em busca de diamantes, retornaram para os garimpos de seu estado e, juntamente com eles, outros baianos e piauienses que garimpavam em Gilbués/Monte Alegre, tendo como principais destinos os garimpos de Novo Acordo; Chiqueirão, hoje Xambioá; Tupirama e Pium. Estes municípios, que hoje pertencem ao estado do Tocantins, emanciparam-se politicamente na década de 1950, sob a influência de garimpeiros, muitos deles piauienses, que migraram em busca de diamantes, cristal de rocha e ouro.

Um entrevistado de Gilbués, ex-garimpeiro/fisqueiro, disse que, juntamente com outros companheiros, foi “comprar diamante e pegar diamante em Chiqueirão. Lá dava diamante demais. Fui lá, passei uns tempos. Mas aqui também dava muito diamante. Foi muita gente. Ainda tem muita gente pra lá e ficaram morando por lá”. Antes dele, seus pais e irmãos já tinham migrado para Chiqueirão. “O garimpo foi fraqueando e eles voltaram pra terra deles”, inclusive, o entrevistado e todos seus parentes, que “voltaram desencantados” (Informação Verbal)³⁸².

Por fim, com a escassez do diamante outros garimpeiros passaram a se dedicar à agricultura de sequeiro em Gilbués/Monte Alegre, como principal fonte de renda familiar. Somaram-se a eles, inclusive, alguns dos que retornaram “arrepentidos” dos “garimpos de Brasília” e de outros garimpos de minérios, especialmente, no estado de Goiás.

Ex-garimpeiros reconhecem a decadência da garimpagem artesanal em Gilbués/Monte Alegre e, com saudosismo, exaltam a “época de ouro” do diamante que ficara no passado, com mais pessoas e dinheiro circulando nessa região do sul do Piauí. Referindo-se a esse passado, um deles disse que

Aqui corria dinheiro. Corria dinheiro. Eu não sei como o lugar se acaba como aqui, porque a pessoa contando isso como estou contando isso pra vocês que teve essa quantia de gente, diz: “-você está é mentindo!”. Mas, olhe, de lá da entrada pra lá era rua; descia aqui; pra ali tudo pra esses morros, aí, pra cima desses morros aí era rua;

³⁸¹NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de fisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

³⁸²PAIXÃO, Lucas Carvalho. 88 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (14/03/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

pra acolá, eu tenho umas roças pra ali; tudo era rua. Olha, do campo pra cá era cheio de gente. Daqui até ali numa aguada que chama Sossego era cheio. Aqui morou muita gente; muita, muita, muita. Essa casa. Essa casa minha aqui isso foi uma casa que já correu recurso dentro dela. Aqui, já teve recurso bem aqui. Aqui teve recurso. Aqui morou pessoa rica (Informação Verbal)³⁸³.

Embora, do ponto de vista histórico, a garimpagem artesanal de diamante, com toda sua riqueza, tenha ficado no passado, ela continua presente enquanto memória e, portanto, sendo construída/reconstruída a todo instante. Assim como, por exemplo, a pecuária deixou suas marcas nos demais municípios do sul do Piauí, o diamante e os garimpeiros, também, deixaram as suas, especialmente em Gilbués/Monte Alegre, onde são representados nos Símbolos Oficiais destes municípios.

³⁸³ SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

CAPÍTULO 4 IMIGRANTES E A POLÍTICA PARTIDÁRIA NOS GARIMPOS DE GILBUÉS/MONTE ALEGRE: “baiano só votava em baiano”.

Sempre meu pai, toda vida, votava do lado de Amando [Gomes]. Sempre o baiano era besta; sempre puxava o lado dos baianos. Você sabe, o pessoal que chega numa região, se você só tiver num estado, ele sempre ele torce por aqueles do estado dele; nem que num presta (Informação Verbal)³⁸⁴.

Com a descoberta de diamantes em Gilbués, a imigração em massa de milhares de pessoas para este região provocou impactos no município, em diversas dimensões, econômicas, sociais e políticas. Neste capítulo, analiso as disputas políticas de imigrantes, de modo especial os baianos, por cargos eletivos municipais, de prefeito, vice-prefeito e vereador, contra representantes políticos locais. Com a chegada de outros sujeitos dispostos a concorrer a cargos públicos, eletivos, novos cálculos e estratégias de conquistas do voto foram inseridas no mercado eleitoral local.

A formação do povoado Monte Alegre, posteriormente emancipado município, deu-se por meio do garimpo, como vimos. Nesse ambiente, onde conviviam pessoas de diversos estados, a geografia do novo município ficou dividida em dois espaços de sociabilidades: a Rua Baiana e a Rua Piauí. Igualmente, o cemitério no qual se enterrava o defunto dependia do lugar da residência dele em vida, pois existia um em cada rua. Os laços sociais limitados e divididos, tendo como referência as duas ruas, alimentavam as disputas na arena política e, ao mesmo tempo, eram alimentados por ela. Assim, o lugar de moradia servia como um dos critérios na escolha do candidato: baiano ou piauiense.

³⁸⁴CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

4.1 Fim do Estado Novo: novas perspectivas políticas no Brasil

No final da década de 1940, quando se iniciou o processo de garimpagem de diamantes em Gilbués, ocorrendo uma forte imigração de pessoas para essa região, o Brasil passava por mudanças políticas relevantes, pois havia chegado ao fim o Estado Novo em outubro de 1945, período ditatorial de Getúlio Vargas, quando os partidos políticos de então foram extintos e fechadas todas as casas legislativas: as Câmaras de Vereadores; Assembleias Legislativas Estaduais; Câmara dos Deputados Federais e Senado. Para Delgado (2010) e Ferreira (2010), o fim da II Guerra Mundial, onde as tropas Aliadas, inclusive apoiadas, inclusive, pelo Brasil, venceram o nazifacismo europeu, contribuiu com a crítica ao Estado do Novo e com sua queda, iniciando-se uma nova fase da democracia no Brasil.

Com a deposição de Vargas, o país viveu “o tempo da experiência democrática” (DELGADO e FERREIRA, 2010), que seria interrompido em 1964, com o início da Ditadura Militar³⁸⁵. Entre 1946 a 1964 foram realizadas quatro eleições presidenciais no Brasil: 1945, 1950, 1955 e 1960. Com o fim do Estado Novo, a pluralidade partidária foi restabelecida e em 1945 diversos partidos participaram das eleições presidenciais e legislativas, inclusive o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Porém, o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), primeiro presidente deste período, decretou a ilegalidade do PCB logo após ser eleito.

Dentre os diversos partidos políticos deste período democrático, no cenário nacional, três se destacaram: o Partido Social Democrático (PSD); o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a União Democrática Nacional (UDN). É bom destacar nesse contexto a figura de Getúlio Vargas. Para Delgado (2010, p.133), havia o getulismo, “incorporado e defendido principalmente pelo PTB, mas também apoiado pelo PSD, embora com menor ênfase e com estratégia peculiar; e o antigetulismo, que fez da UDN seu principal ancoradouro e baluarte”.

Mesmo deposto, Vargas continuara forte politicamente, especialmente entre trabalhadores urbanos, obrigando os principais partidos desse período se referirem a ele, seja a favor ou contra. “Queremos Getúlio” como candidato tornou-se o “queremismo”. Para

³⁸⁵ Para se referir ao período histórico brasileiro entre as décadas de 1960 e 1980, o termo Ditadura Militar não é consensual, especialmente a partir dos anos 2000, quando se passa a circular entre determinados historiadores a categoria “Ditadura Civil-Militar”, transmitindo a ideia de que a sociedade teria colaborado com a implantação e manutenção da ditadura brasileira, retirando, em grande parte, a responsabilidade dos militares. Consciente deste debate e concordando com Melo (2012), ainda consideramos o termo Ditadura Militar mais apropriado, haja vista que não fora a sociedade brasileira que pactuou com os militares, apenas certos setores da classe empresarial dominante. Caso haja mudança de categoria para se referir a tal período, “a ditadura empresarial-militar” defendida por René Dreifuss seria mais adequada (MELO, 2012).

Ferreira (2010, p.16-17), este movimento político recebeu apoio oficial, especialmente do Ministério do Trabalho, bem como de empresários partidários de Vargas. Porém, diz este autor, o quererismo foi além desta crítica da oposição: “sem a vontade política dos trabalhadores e a presença popular nas ruas, o apoio oficial e empresarial seria inócuo e condenado ao fracasso”.

Embora sem ter sido candidato a presidente em 1945, Getúlio Vargas e o PTB apoiaram Gaspar Dutra, candidato pelo PSD, que venceu Eduardo Gomes, candidato da UDN; em 1950 Getúlio Vargas foi candidato pelo PTB, apoiado pelo PSD, vencendo novamente Eduardo Gomes, candidato da UDN; em 1955 a UDN lançou como candidato à presidência Juarez Távora, mas foi derrotado por Juscelino Kubitschek, candidato da coligação PSD/PTB. Em 1960, vence as eleições Jânio Quadros, candidato do Partido Democrata Cristão (PDC), mas apoiado pela UDN, que elege o vice-presidente João Goulart. Enfim, até 1964 esses três partidos tornaram-se como os principais na arena política nacional, tanto nas disputas pelo Executivo como pelo Legislativo.

Para Benevides (1981), as bases sociais da UDN seriam as classes médias urbanas e as oligarquias rurais, sendo, porém, difícil falar de uma UDN nacional com coesão e unidade, pois existiam várias UDNs. Essa autora afirma, por exemplo, que a então UDN do Rio de Janeiro, ligada às classes médias pouco ou nada tinha a ver com a UDN nos estados nordestinos, quando suas bases sociais se confundiam com as do PSD.

Segundo Oliveira (1981, p.109-111), muitos dos interventores no Estado Novo seriam os fundadores, em 1945, do PSD, considerado o partido “herdeiro direto desta estrutura” estado-novista, sendo esta uma das causas do PSD ter se tornado “um partido poderoso em termos eleitorais e institucionais”. Situação semelhante é constatada no estado do Piauí por Oliveira (2016), onde muitos pessedistas eram partidários do estado-novista.

Em 1964, com o início da ditadura militar, encerra-se essa experiência democrática brasileira. Ao definir esse período de 1945 a 1964, Delgado (2010, p.152) afirma que

Encerrou-se uma etapa da vida política brasileira, por muitos identificada como o melhor ensaio de democracia já vivido pelo Brasil. Se tal consideração muito significa para um país tatuado por práticas autoritárias, não corresponde à realidade daqueles anos. Entre 1945 e 1964, não se ensaiou democracia política e eleitoral no Brasil. Praticou-se.

Caso tenha sido, de fato, densa, a vida democrática brasileira nesse período de 1945 a 1965, especialmente nos grandes centros urbanos, pensamos que a democracia não obteve o mesmo sucesso em todos os estados e municípios brasileiros, especialmente onde as oligarquias rurais ainda eram fortes politicamente. Certamente, as disputas políticas estaduais

e municipais no período tinham particularidades, aproximando-se ou distanciando-se, dependendo do contexto, dessa experiência democrática brasileira, como defendida por Delgado (2010).

Neste período, no Piauí, PSD, UDN e PTB foram os partidos protagonistas nas disputas políticas estaduais (OLIVEIRA, 2016), assim como no cenário nacional. Nas eleições para governador do Estado, José da Rocha Furtado foi eleito, pela UDN, para o mandato de 1947 a 1951; Pedro Freitas, que governou o Piauí, de 1951 a 1955, e Gaioso e Almeida, de 1955 a 1959, foram eleitos pelo PSD. Nas eleições seguintes, Chagas Rodrigues foi eleito pelo PTB, governando o Piauí entre 1959 e 1962, mas seu vice-governador, Tibério Nunes, foi eleito pela UDN, e chefiaria o governo entre 1962 e 1963. Para o mandato de governador do Piauí, de 1963 a 1966, Petrônio Portela foi eleito, pela UDN.

Assim, também no Legislativo piauiense, no período democrático de 1945 a 1964, UDN, PSD e PTB configuraram-se como os partidos mais fortes. Por exemplo, em 1947, das 32 vagas que foram disputadas para o Legislativo estadual, 17 (53,12%) foram preenchidas pelo PSD; 14 (43,75%), pela UDN; e uma vaga (3,12%), pelo PTB³⁸⁶. Porém, com a eleição de Chagas Rodrigues para governador do Piauí, pelo PTB em 1958, este partido obteve, também, um bom desempenho no Legislativo estadual, ocupando 7 cadeiras das 32; UDN, 9; PSD, 13. As três vagas restantes de deputado estadual foram ocupadas por partidos menores.

4.2 Política partidária nos garimpos do sul do Piauí

No período de 1945 a 1964, no Piauí, também, as legendas do PSD, PTB e UDN disputaram as preferências dos eleitores nos municípios. Nas eleições para Presidente da República de 1945, Eurico Gaspar Dutra, candidato pela coligação PSD/PTB, obteve 51.229 votos, enquanto o candidato da UDN, Eduardo Gomes, conseguiu o apoio de 58.739 eleitores, saindo vencedor no Piauí. Já na terceira colocação ficara Yedo Fiúza, do PCB, com 548 votos. Nessas eleições de 1945 a UDN, no Piauí, ainda conseguiria eleger os dois senadores e quatro deputados federais, entre os sete possíveis, predominando totalmente sobre o PSD³⁸⁷.

Em Teresina, capital do Piauí e maior colégio eleitoral do estado, Eurico Gaspar Dutra obteve somente 3.050, enquanto Eduardo Gomes conseguiu o apoio de 9.215 eleitores, em um universo de 12.516 votos válidos. Neste período, Teresina contava com 67.641 habitantes,

³⁸⁶Dados disponíveis em <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-1945-a-1992>. Acesso em 02/07/2019.

³⁸⁷Dados disponíveis em <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-1945-a-1992>. Acesso em 02/07/2019.

segundo o IBGE (1940). A quantidade aproximada³⁸⁸ de eleitores nessa eleição, portanto, correspondeu a 18,5% dos habitantes de Teresina, pois *O Decreto-lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945*, que regulamentava, em todo país, o alistamento eleitoral e as eleições, estabelecia que pessoas analfabetas e menores de 18 anos não possuíam direito a votar e ser votado.

Nesta eleição presidencial de 1945, no sul do Piauí, especialmente no município de Gilbués e em seus vizinhos, estes mesmos partidos dividiram o eleitorado: a UDN obteve maioria em Bom Jesus e Santa Filomena; já o PSD/PTB obteve vitória em Parnaguá, Corrente e Gilbués, indo estes município em tendência contrária à do estado, onde predominava a UDN. Em Gilbués, Eurico Gaspar Dutra obteve 374 votos e Eduardo Gomes, 242. O total de eleitores que compareceram às urnas foi de aproximadamente 7% da população total de Gilbués, que era em torno de 8.798 habitantes, tendo como referência dados do IBGE, de 1940.

O Jornal *O Piauí*, em 26/11/1947, apresenta uma matéria intitulada *O Fortalecimento da UDN*, destacando o crescimento deste partido no cenário nacional, citando como exemplo o bom desempenho nas urnas em São Paulo e Pernambuco, mesmo sem coligações. “Na terra do Piratininga, o candidato da UDN a vice-governador do estado, o dr. Plínio Barreto, obteve mais de 170 mil votos, e a UDN concorreu às urnas sozinho, ao passo que os outros candidatos receberam sufrágios de outros partidos coligados”. De fato, nas eleições de janeiro de 1947 o referido partido saiu vitorioso em diversos estados³⁸⁹, inclusive no Piauí, quando elegeu para Governador, José da Rocha Furtado³⁹⁰; os dois senadores³⁹¹ e os três deputados federais³⁹².

Ainda com relação à UDN no Piauí, a mesma reportagem destacava que o partido vinha “progredindo sensivelmente e as próximas eleições municipais confirmarão nossa assertiva”. A matéria jornalística criticava a atuação do PSD na Assembleia Legislativa, a qual, segundo o jornal, estava merecendo “repúdio e condenação”, denominando os partidários pessedistas como “gente de ditadura [que] não tem vocação democrática. Com qualquer migalha, põe logo as unhas de fora...”. “Gente de ditadura” refere-se às origens do PSD relacionadas ao varguismo, sendo esse aspecto mais nítido no caso do PTB. E, de fato,

³⁸⁸Os votos nulos e brancos não estão registrados no *site* do Tribunal Regional Eleitoral do Piauí: <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>. Acesso em 02/07/2019.

³⁸⁹Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (1950), nestas eleições de 1947 a UDN elegeu, sozinha ou em coligação com outros partidos, governadores em diversos estados, por exemplo, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, etc.

³⁹⁰ O PSD apresentou como candidato a governador Jacob Manoel Gaioso e Almendra.

³⁹¹Joaquim de Lima Pires Ferreira e Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves

³⁹²Celso Eulálio, Antônio Castelo Branco Clark e Eleito Ocílio Pereira do Lago.

principalmente em Gilbués, as eleições municipais, seguintes, confirmariam o progresso da UDN frente ao PSD.

Antes das eleições municipais de 1948 em Gilbués na qual a disputa deu-se entre Joaquim Rodrigues Aguiar, da UDN, e Raimundo Corado Lustosa, do PSD – e filho de Fausto Lustosa, Antônio Alves Folha (2002) faz um relato preciso dos prefeitos de Gilbués, demonstrando certa instabilidade política local, com grande alternância no cargo, pois de 1936 a 1948, por motivos políticos locais, estaduais e nacionais, oito prefeitos administraram Gilbués: coronel Fausto Lustosa, personagem político mais influente de Gilbués nesse período, como dito anteriormente; seu genro, José Rodrigues Aguiar; o filho de Fausto Lustosa, Raimundo Corado Lustosa; interventor sargento Alcides; Areolino Mascarenhas Lustosa; José Plácido Bessa; Luiz Lustosa de Alencar; Pedro Dualibe e Salomão Fernandes Fonseca (Informação Verbal)³⁹³. (Veja o quadro abaixo).

Quadro 1: Prefeitos, Vice-Prefeitos e Vereadores de Gilbués (1945-1976)³⁹⁴.

NOME	CARGO	SITUAÇÃO	PARTIDO	VOTAÇÃO	MANDATO
José Plácido Bessa.	Prefeito	Nomeado por interventor	PSD	---	29/10/1945 a 30/04/1946.
Luiz Lustosa de Alencar.	Prefeito	Nomeado por interventor	PSD	---	30/04/1946 a 18/05/1947.
Pedro Dualibe.	Prefeito	Nomeado por interventor	UDN	---	18/05/1947 a 03/02/1948
Salomão Fernandes Fonseca.	Prefeito	Nomeado por interventor	UDN	---	03/02/48 a 21/04/1948.
Joaquim Rodrigues Aguiar ³⁹⁵	Prefeito	Eleito	UDN	SI ³⁹⁶	21/04/1948 a 27/11/1948.
Raimundo Corado Lustosa	Prefeito	Eleito	PSD	SI	27/11/1948 a 1950.
Hermínio Vieira Lima	Vice-Prefeito	Eleito	UDN	SI	1948-1950

³⁹³Entrevista concedida em maio de 2002 a Pedro Paulo Tavares de Oliveira. Para mais detalhes, ver Oliveira (2009, p.123-124).

³⁹⁴ Quadro construído com base em informações advindas das seguintes fontes pesquisadas: entrevistas com idosos de Gilbués; jornais da época e os sites: <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>; <https://www.gilbues.pi.leg.br/institucional/historico-politico-de-gilbues>. Mesmo assim, algumas informações são incompletas.

³⁹⁵Joaquim Rodrigues Aguiar fora eleito prefeito de Gilbués, derrotando Raimundo Corado Lustosa. Porém, este conseguiu anular a votação das urnas de Enseada e Meios e, por meio de decisão judicial, assumiu o cargo de prefeito do município, interrompendo o mandato de Joaquim Rodrigues Aguiar.

³⁹⁶ Sem Informação (SI).

José Frazão Parente	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Luiz Gabriel de Oliveira	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Pedro Dualibe	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Elias Borges Guimarães	Vereador	Eleito	PSD	SI	
Josias Alves Folha	Vereador	Eleito	PSD	SI	
					1951 a 1954
Deocleciano de José de Santa	Prefeito	Eleito	UDN	SI	
Caio Lustosa Filho	Prefeito	Não Eleito	PSD	SI	
Joaquim Rodrigues Aguiar	Vice-Prefeito	Eleito	UDN	SI	
Álvaro de Carvalho Melo	Vice-Prefeito	Não Eleito	PSD	SI	
Alípio Carvalho Murici	Vereador ³⁹⁷	Eleito	UDN	SI	
Belisário Ferreira Ávila	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Benicio Vilarino De Castro	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Domingos Barreira	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Elira Valdemar Palha	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Geraldino Gabriel de Oliveira	Vereador	Eleito	UDN	SI	
					1955 a 1958
Álvaro de Carvalho Melo³⁹⁸	Prefeito	Eleito	PSD	1.084	
Antônio Pereira Nunes	Prefeito	Não Eleito	UDN	938	
Antônio da Cunha Lustosa	Vice-Prefeito	Eleito	PSD	SI	
Jardino Vítório de Oliveira	Vice-Prefeito	Não Eleito	UDN	SI	
Tertuliano Mascarenhas Lustosa	Vereador	Eleito	PSD	SI	
Tertuliano Corado Lustosa	Vereador	Eleito	PSD	SI	
João Rodrigues de Carvalho	Vereador	Eleito	UDN	SI	
					1959 a 1962
Bias Barreiras de Macedo	Prefeito	Eleito	PTB	684	
José Frazão Parente	Prefeito	Não Eleito	UDN	635	
Geraldino Gabriel de Oliveira	Vice-Prefeito	Eleito	UDN	679	
Tertuliano Mascarenhas Lustosa	Vice-Prefeito	Não Eleito	PTB	613	
Antônio Tavares De Oliveira	Vereador	Eleito	PTB	118	
Cícero Lino Do Nascimento	Vereador	Eleito	PTB	201	
Domingos Barreira Lira	Vereador	Eleito	PTB	110	
Fabriciano Cunha Corado	Vereador	Eleito	UDN	151	
					1963 a 1966
Geraldino Gabriel de Oliveira	Prefeito	Eleito	SI	760	
José Plácido Bessa	Prefeito	Não Eleito	SI	726	
João Alves de Santana³⁹⁹	Vice-Prefeito	Eleito	SI	887	
Lauro Lustosa de Alencar	Vice-prefeito	Não Eleito	SI	558	
Fabriciano Da Cunha Corado	Vereador	Eleito	UDN	212	
Olberes Ribeiro Dualibe	Vereador	Eleito	UDN	103	
Olivan Barreira Lira	Vereador	Eleito	UDN	195	
Euler Barreira Lustosa	Vereador	Eleito	PTB	141	
Moises Vieira Pinhão	Vereador	Eleito	PTB	183	
					1967 a1970
Fabriciano da Cunha Corado	Prefeito	Eleito	ARENA I	SI	
Antônio Pereira Nunes	Vice-Prefeito	Eleito	ARENA I	SI	
Olberes Ribeiro Dualibe	Vereador	Eleito	ARENA I	SI	
Antônio Tavares de Oliveira	Vereador	Eleito	ARENA II	SI	

³⁹⁷ O site da Câmara Municipal de Gilbués traz a informação de que, entre os candidatos a vereador não eleitos, estão Elias Borges Guimarães (futuro prefeito de Monte Alegre), Orivaldo Lopes de Almeida (futuro candidato a prefeito de Monte Alegre) e Antônia da Cunha Lustosa. Porém, segundo um documento produzido por um familiar, “Histórico de Fausto Ferreira Lustosa”, de 1997, ela foi eleita vereadora do município.

³⁹⁸ Estas eleições tiveram um total de 2.022 votos válidos. Porém, 237 votos nulos e 176 votos brancos, em um total de 413, correspondendo a 20,42% dos votos válidos. Em termos absolutos, a quantidade de votos inválidos para vereador também foi significativa, em um total de 425, sendo votos nulos, 247, e brancos, 178.

³⁹⁹ É bom lembrar que a votação de João de Santana foi superior á do prefeito.

Augusto Martins Nunes	Vereador	Eleito	ARENA II	SI	
Cícero Rodrigues Carvalho	Vereador	Eleito	ARENA II	SI	
Edetino Osório Gama Arena	Vereador	Eleito	ARENA I	SI	
Jesus Figueredo Aguiar	Vereador	Eleito	ARENA I	SI	
Rodolfo Aguiar Lozeiro	Vereador	Eleito	ARENA I	SI	
					1971 a 1972
Augusto Martins Nunes	Prefeito	Eleito	ARENA I	730	
Antenor Ferreira Brito	Prefeito	Não Eleito	ARENA II	375	
Pedro Laurindo Filho	Vice-Prefeito	Eleito	ARENA I	SI	
Turênio Mascarenhas de Oliveira	Vice-Prefeito	Não Eleito	ARENA II	SI	
Alcides Carvalho Da Silva	Vereador	Eleito	SI	138	
Antônio Tavares de Oliveira	Vereador	Eleito	ARENA II	116	
Cícero Rodrigues Carvalho	Vereador	Eleito	ARENA II	117	
Edetino Osório Gama	Vereador	Eleito	ARENA I	122	
Jesus Figueredo Aguiar	Vereador	Eleito	ARENA I	121	
					1973-1976
João Alves de Santana	Prefeito	Eleito	ARENA II⁴⁰⁰	883	
Deusdeth Gabriel Mascarenhas	Prefeito	Não-Eleito	ARENA I	669	
Fabriciano da Cunha Corado	Vice-Prefeito	Eleito	ARENA I	SI	
Antônio Tavares de Oliveira	Vice-Prefeito	Não-Eleito	ARENA II	SI	
Antenor Ferreira de Brito	Vereador	Eleito	ARENA II	258	
Cícero de Oliveira Paiva	Vereador	Eleito	ARENA	282	
Edetino Osório Gama	Vereador	Eleito	ARENA I	162	
João Carvalho de Sousa	Vereador	Eleito	ARENA	193	
Odonel Gomes de Sousa	Vereador	Eleito	ARENA	226	

Tendo sido eleito, pela UDN, o governador Pedro Freitas (1947-1951) nomeou Pedro Dualibe para prefeito de Gilbués, de 18/05/1947 a 03/02/1948. Em três de fevereiro de 1948, “por força de dispositivos da Constituição estadual”, como referido pelo jornal *O Piauí*, o udenista Salomão Fernandes Fonseca tornou-se o prefeito de Gilbués, até 21 de abril de 1948, quando assumiu o novo prefeito municipal, como determinava a Constituição Estadual de 1947. O pleito municipal foi realizado em 29 de fevereiro de 1948, quando a UDN elegeu o candidato a prefeito, Joaquim Rodrigues Aguiar, derrotando o pessedista Raimundo Corado Lustosa, filho do coronel Fausto Lustosa, “com a maioria de uma centena de votos”, e elegeu, também, vereadores na Câmara Municipal e o vice-prefeito, Hermínio Vieira Lima. O novo prefeito tomou posse em 21 de abril de 1948.

Joaquim Rodrigues Aguiar teve um governo de curta duração, pois em 27 de novembro de 1948 seu mandato foi caçado, quando, segundo o referido jornal, Gilbués “passou a curral municipal ao candidato pessedista”, Raimundo Corado Lustosa, pois foram anuladas as urnas dos povoados Meios e Enseada, onde o candidato udenista teria logrado êxito. Foi “um lamentável engano na composição das mesas receptoras eleitorais de Enseada e Meios, não lhe tivesse arrebatado o direito de governar o povo que o sagrou numa

⁴⁰⁰As fontes não especificam nessas eleições se os candidatos são da Arena I ou Arena II. Assim, com base no histórico dos candidatos eleitos e em entrevistas de ex-garimpeiros, localizamos as legendas de alguns deles.

demonstração de puro e indubitável civismo”. Estas eleições em Gilbués foram conturbadas, pois, por determinação judicial, o PSD assume o mandato desta prefeitura. Antônio Alves Folha (2002)⁴⁰¹ descreve este fato:

Submeteu isso ao Tribunal Eleitoral do Piauí, que decidiu a favor de Joaquim Rodrigues. Joaquim Lustosa Sobrinho era deputado [pela UDN] nessa oportunidade e aí o PSD recorreu para o Rio de Janeiro. Lá, no Supremo Tribunal, o Mundico [Raimundo Corado Lustosa] ganhou as eleições. Aí o Mundico assumiu e completou o mandato.

Nesse período, no legislativo estadual, como dito, os pessedistas ocupavam 53,12% das vagas e o Executivo, com José da Rocha Furtado. Já os udenistas, 42,42%, das cadeiras e, dentre esses deputados, estava o renomado advogado Joaquim Lustosa Sobrinho, oriundo de Gilbués e defensor de Joaquim Rodrigues Aguiar. Naquela conjuntura política, os udenistas conseguiram vitória no Tribunal Regional do Piauí, em Teresina. Porém, os pessedistas recorreram da decisão no Rio de Janeiro, então capital federal, e conseguiram a vitória para o correligionário Raimundo Corado Lustosa.

Outro deputado estadual do sul piauiense, eleito pelo PSD em 1947, oriundo do município de Corrente, com relações de parentesco em Gilbués, Augusto Nogueira Paranaguá⁴⁰², atuou em prol da nulidade das urnas de Enseada e Meios, como relata o jornal *O Piauí*

O Deputado Nogueira Paranaguá, autor das manobras indecorosas, por ocasião da revogação eleitoral deste município, afirma categoricamente a amigos e adversários que o Tribunal Regional Eleitoral anulará a votação da secção de Meios, onde a UDN teve 159 votos de maioria e, quando não o faça, converterá o julgamento em diligência afim de que, dada a distância de quase duzentas léguas desta cidade à capital, fique assegurada, até o resto do mandato, a maioria do PSD na Câmara Municipal. Apesar de tão levianas declarações, esperamos que o T.R.E não cometerá a injustiça de nos tomar uma maioria eleitoral, confirmada já por duas vezes. A prefeitura de Gilbués foi arrebatada à UDN em virtude da anulação das Secções de Meios e Enseada.

As querelas políticas entre esses dois partidos ocorriam nos níveis federal, estadual e municipal, sendo os conflitos gerados pela UDN e PSD nas eleições de Gilbués no ano de 1948 apenas um exemplo deles, inclusive com repercussão na capital do Piauí, Teresina, e na capital federal, Rio de Janeiro, como narram reportagens de jornais da época e algumas pessoas entrevistadas na pesquisa de campo.

⁴⁰¹Entrevista concedida em maio de 2002 a Pedro Paulo Tavares de Oliveira. Para mais detalhes, ver Oliveira (2009, p.122-123).

⁴⁰²O referido deputado foi reeleito, pelo PSD, Deputado Federal (1955-1958). Ele era filho de Joaquim Nogueira Paranaguá (1855-1926), nascido em Corrente-PI, tendo uma atuação política no cenário nacional. Segundo Dias (2015, p.30), Joaquim Nogueira Paranaguá formou-se em Medicina; foi deputado provincial, por três legislaturas; vice-governador do Piauí; Deputado Federal Constituinte (1891); Senador da República, dentre outros cargos de abrangência nacional.

Tudo indica que essas disputas eleitorais entre PSD e UDN em Gilbués, nesse período, eram ferrenhas, pois também as eleições de 17 de janeiro de 1947, do Legislativo e Executivo estaduais, tiveram os resultados das urnas questionados e tornaram-se caso de polícia, parecendo ser tal situação algo comum no município. Então, de Teresina foi enviada para São Raimundo Nonato e, supostamente, para Gilbués uma força policial para garantir a segurança, tomando “providências para evitar que volte o regime de banditismo na zona sul do estado, sendo mandado o Capitão José Ribeiro de Araújo, com 13 soldados da Força Policial”.

A respeito disso, o jornal *O Piauí*, em Teresina, na edição do dia 11 de fevereiro, de 1947 teria “atribuído propósito político da parte do Governo, no envio de tal força, qual fosse o de influir na renovação das eleições de Gilbués, em relação às quais é admitida a possibilidade de serem anuladas e, em época que não é dado ainda prever, renovadas”. Esta força policial teria sido solicitada pelo médico e deputado udenista eleito recentemente, Paulo Salgado, de São Raimundo Nonato. Ao que parece, em São Raimundo o envio da força policial seria justificável, mas não em Gilbués.

Acreditamos que o dr. Paulo Salgado tenha pedido providências ao dr. Chefe de Polícia para o estado de anarquia em que se acha aquela zona e que a força policial se destine a estacionar em S. Raimundo Nonato, mas, se houver conveniência para o PSD, nada impede que essa força se movimente no rumo de Gilbués. Ensina a sabedoria popular que “se os companheiros não são certos, um olho fechado e outro aberto”. Se a escolha do cap. Ribeiro [José Ribeiro de Araújo], oficial habituado a empreitadas politiqueras, não foi acertada, a entrega do comando da força ao famigerado sargento Sibem, que há pouco cometeu um bárbaro assassinato em Barras, merece a classificação de erro injustificável.

Assim, a Chefia de Polícia do Piauí esclarece publicamente, por meio desta nota no jornal *O Piauí*, que “seus atos não têm caráter político partidário, interessado que está unicamente na manutenção da ordem pública e no cumprimento dos estritos deveres da Polícia” e, além disso, “que está à disposição de atender, além de outras pessoas, a todos os cidadãos que necessitem dos serviços da Polícia”. Nas décadas de 1940 e 1950 vários jornais denunciavam conflitos armados, inclusive com vítimas fatais, com motivação política, envolvendo as disputas entre UDN e PSD em diversos municípios do Piauí.

Em estudo realizado sobre política partidária no Piauí, entre os anos de 1945 a 1964, Marylu Alves de Oliveira constata estas mesmas práticas de violências na política, sendo “a forma como muitos dos políticos locais resolviam as desavenças”, especialmente entre os partidos UDN e PSD, os predominantes nesse período:

a existência de ameaças, de capangas, de revólveres e, algumas tantas vezes, de mortes, fazia parte das práticas políticas partidárias, compondo importante elemento da trama que caracterizou o contexto cultural do Piauí naquele período. Tais aspectos não poderiam desaparecer do exercício político local simplesmente porque o Estado Novo ou o interventor saíram de cena. (OLIVEIRA, 2016, p.119)

Eram corriqueiras as denúncias sobre uso da polícia por forças políticas no Piauí, sendo a lei aplicada de forma mais rigorosa a adversários. Embora distante da capital do estado e para além das notícias de jornais, ex-garimpeiros entrevistados na pesquisa demonstram que percebiam que a atuação policial em certos casos estava atrelada ao poder político em Gilbués e que se modificava, de acordo com a orientação do governo.

O Luiz [Lustosa de] Alencar era prefeito aqui [em Gilbués, 30/04/1946-18/05/1947] e a mulher dele era de Pilão Arcado [BA]. Então, quando terminou a guerra dos Nogueiras com os Alencar⁴⁰³, os Alencar correram com medo da taca⁴⁰⁴ pro Pilão Arcado. E lá foram acobertado pelo coronel Franco⁴⁰⁵, que quando descobriu o garimpo pra cá, no tempo do movimento democrático, com a democracia mudaram pra aqui. Quando eles estão aqui, veio Antônio Gerônimo, que era da turma do coronel Franco. Aí o Luiz Alencar deu toda cobertura ele aqui. Aí o Antônio Gerônimo trouxe quarenta homens da Bahia, de Pilão Arcado. Então, os garimpeiros de Antônio Gerônimo ninguém nem triscava, que ele era da elite do prefeito. Então começou a separação de garimpeiro rico e garimpeiro pobre. E aí começaram a bagunçar, né, dar tiro no meio da rua. Aí os outros que estavam debaixo da política, pediram policiamento, com medo, pra combater Antônio Gerônimo mais o prefeito, que o prefeito estava. Aí eles correram; se a polícia é de bater no chefe político, quem foi pra taca foi o garimpeiro que não tinha nada. Aí montaram. Foi o governo de Rocha Furtado, foi toco⁴⁰⁶ de taca aqui. Quando o Rocha Furtado caiu [1951], o PSD montou em riba. Aí trouxe de novo a polícia pra bater no chefe da UDN. E eles correram. Aí quem foi pra taca de novo foi o garimpeiro. Foi como o negócio de Cristo. Quem foi pra taca de novo? O garimpeiro. Rapaz, era taca aqui... (Informação Verbal)⁴⁰⁷.

Ao que parece, a polícia era um órgão de atuação a favor do governo e não do Estado. Além disso, as relações dos municípios do sul do Piauí com a Bahia, de modo especial, também, eram de alianças no banditismo (DIAS, 2015; GUERRA, 1999), indo muito além de relações comerciais destacadas anteriormente.

Em Gilbués, nas eleições de 1948, após dois anos de início da garimpagem, nas urnas já se percebia um bom desempenho da UDN se compararmos com as eleições presidenciais de 1945, quando esse partido foi derrotado em Gilbués. Nas eleições de 1948, dos cinco vereadores, a UDN elegeu três: José Frazão Parente; Pedro Dualibe e Gabriel de Oliveira; o vice-prefeito, Hermínio Vieira Lima, além do prefeito Joaquim Rodrigues Aguiar⁴⁰⁸. Já o

⁴⁰³ Conflito armado (1922-1926) no sul piauiense entre a família Lustosa Nogueira e José Honório Granja, com apoio de membros da família Alencar. Para maiores detalhes, ver Dias (2015) e Guerra (1999).

⁴⁰⁴ A expressão “taca”, no universo da pesquisa, significa agressões físicas, como socos, chicotadas, etc.

⁴⁰⁵ Franklin Lins de Albuquerque, coronel do Médio São Francisco, que residia no município de Pilão Arcado-BA (DIAS, 2015).

⁴⁰⁶ No campo da pesquisa a expressão “toco” significa muito, excesso.

⁴⁰⁷ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁰⁸ O Tribunal Superior Eleitoral (1950) registra que, em Gilbués, até dezembro de 1949, existia um total de 1.713 eleitores; Bom Jesus, 1.658; Corrente, 2.236; Parnaguá, 1.576; Santa Filomena, 709 e Uruçuí, 1908 eleitores.

PSD elegeu dois vereadores: Josias Alves Folha e Elias Borges Guimarães, que participariam de disputas políticas no futuro município de Monte Alegre. Em 1948 todos os eleitos eram predominantemente do município de Gilbués, mas os baianos já participaram como eleitores, contribuindo com a vitória udenista.

Antes de 1950, em comparação com o PSD, “a UDN era fraca aqui [em Gilbués]”: era essa a compreensão de imigrantes, especialmente os baianos. Assim conta um entrevistado:

E chegou o garimpeiro, que o garimpeiro era chegante e eles não se organizaram. Ficou só com a taca. Depois foi que, com a entrada de Diocleciano [Santana], do Rocha [Furtado]; quando o Rocha saiu, que o PSD ganhou, aí foi que eles se organizaram (Informação Verbal)⁴⁰⁹.

Como afirmam Scotson e Elias (2000), *outsiders*, geralmente, não possuem uma memória comum e, por isso, possuem mais dificuldades para se articularem socialmente no lugar de destino, sendo, também, esse obstáculo encontrado pelos garimpeiros que “eram chegantes e eles não se organizaram” a princípio. Ocorre, porém, que entre imigrantes baianos havia certa memória comum, pois muitos deles já possuíam relações familiares, de amizade e de compadrio antes mesmo de migrarem para os garimpos de Gilbués.

Se nas eleições de 1948 a UDN já se tinha fortalecido em Gilbués, sua força política seria mais intensa nas eleições municipais de 1950, sendo eleito, inclusive, um prefeito baiano, imigrante do diamante, com o apoio maciço dos garimpeiros.

Eles [imigrantes] se envolveram aqui porque na época era PSD e UDN, né? Nós já viemos de lá na UDN, já era udenista. E aqui tinha a família Lustosa, Corado; era do PSD. Aí, começou os baianos, né? Teve uma grande rivalidade entre piauienses e baianos, aquela coisa. E aí ele [Diocleciano Santana] foi. Tinha o Zeca Rodrigues [UDN], que foi muito amigo dele e era um chefe político aqui. A UDN era fraca aqui. Aí, como quem estava mandando na época era o garimpeiro, né? Que na época era a classe mais populosa era os garimpos de Monte Alegre; Boqueirão; Compra Fiado; era Avenida. Então, resolveu botar Diocleciano Santana, que era ligado aos garimpeiros. Entendeu? Então nós ganhamos as eleições contra os Lustosas, né? Caio Lustosa, que era filho daqui. Também era comprador de diamantes, mas não tinha aquele entrosamento com garimpeiro e perdeu as eleições (Informação Verbal)⁴¹⁰.

Com o apoio de outras lideranças locais da UDN, como Zeca Rodrigues, os baianos venceram a família Lustosa, que tinha uma tradição forte na política local de Gilbués. Por exemplo, um pedido de demissão, datado de 22/07/1935, dos Conselheiros Municipais de Gilbués, Joaquim José de Oliveira e Antônio Corado, feito ao interventor do Piauí, Leônidas

⁴⁰⁹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴¹⁰MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Melo⁴¹¹, destacava que as velhas oligarquias municipais são “um entrave ao bem estar da coletividade piauiense” e, sobre Gilbués, descrevia, dentre outros fatos do município, a concentração dos cargos públicos nas mãos da família Lustosa, tendo o coronel Fausto Lustosa como o chefe da oligarquia local, causa do “atraso do município, onde tudo é despotismo e treita”.

Vossa excelência diga-nos se é ou não é oligarquia a forma de governo deste município! Chefe, o velho Fausto; prefeito, um genro de Fausto; coletor, o mesmo genro; delegado, um filho do mesmo chefe; professora, a mulher do delegado; escrivão do registro de casamentos, um filho do referido chefe; carcereiro, também um filho do mesmo chefe; secretário da Prefeitura, um filho natural do mencionado chefe; escrivão da Coletoria, um sobrinho de Fausto; juiz, um sobrinho do chefe⁴¹²; fiscal, um irmão do prefeito; e o adjunto de promotor, um parente do mesmo chefe Fausto.

Entre a data desta descrição de Gilbués, 1935, até as eleições de 1950, pouco se alteraria e a família Lustosa continuaria no centro do poder local, embora o “chefe” Fausto Lustosa já houvesse falecido em 1942. Nomes de ruas, escolas e outros prédios públicos no município com sobrenomes “Lustosa”, atualmente, representam muito bem o poder dessa família em Gilbués. Naquele contexto social e político é que imigrantes do garimpo se inserem e interferem, não somente pela sua quantidade, mas pela sua participação na política como eleitores ou ocupantes de cargos eletivos.

Analisando o passado a partir do presente, o entrevistado reconhece que, com os imigrantes, especialmente os baianos, inauguram uma nova fase na política local: “Aí começou os baianos, né? Teve uma grande rivalidade entre piauienses e baianos, aquela coisa”, acirrando as disputas entre PSD e UDN, essa ficando mais fortalecida. Os chefes políticos da UDN, até então sem condições de igualdade nas disputas eleitorais com o PSD, viram os baianos udenistas como aliados: “quem estava mandando na época era o garimpeiro”, já que havia uma grande quantidade deles agora em Gilbués: “era a classe mais populosa”.

“Então nós ganhamos as eleições contra os Lustosas, né? Caio Lustosa, que era filho daqui”, era o candidato a prefeito de Gilbués em 1950. Vencer os Lustosas na política local surge na memória de entrevistados como algo relevante. Agora, os “bundas-vermelhas” e “portadores de muquirana”, com a vitória política, começariam a mostrar sua força às elites locais, às quais não aceitaram sua presença na sede municipal. E, de agora, em diante seriam

⁴¹¹Disponível no Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito, em Teresina, na caixa *Gilbués*, na pasta “Conselho Municipal”. Acesso em 01 de outubro de 2018.

⁴¹²Em 14 de maio de 1941, Fausto Lustosa Filho é efetivado no cargo de Juiz de Direito da Comarca de Gilbués. Cf. no Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito, em Teresina, na caixa *Gilbués*, na pasta *Conselho Municipal*. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

vários os embates políticos entre os baianos, udenistas, e os Lustosas e outras famílias locais, pessedistas, nas urnas. E, em muitos deles, os imigrantes saíam vencedores. A primeira vitória foi liderada por Deocleciano Santana, que venceu as eleições a prefeito de Gilbués em 1950, candidato pela UDN, embora nas eleições municipais de 1948, como dito, este partido já tivesse vencido, com apoio de imigrantes.

Deocleciano José de Santana era exportador de diamantes e veio de Gentio do Ouro, município da Bahia, assim como outros exportadores, faisqueiros/fornecedores e garimpeiros. Em sua região de origem, obtivera experiência em garimpo e em disputas políticas, como udenista na Bahia, juntamente com seus dois irmãos: João de Santana, que seria também vice-prefeito de Gilbués entre os anos de 1962 a 1966 e prefeito, de 1972 a 1976, e Salustiano Santana, o prefeito de Monte Alegre, nos anos de 1970 a 1972. Quer dizer, repetia o padrão: a política como negócio de família.

Em entrevista concedida a Oliveira (2009, p.75), Amando Gomes, imigrante do garimpo e conterrâneo da família Santana, na Bahia, afirmou: “a família Santana em Santo Inácio era destacada. Nos Poços, onde ele morava, Salu Santana era um consultador. Ele servia de padre, conselheiro, juiz, delegado de tudo”. É bom destacar, ainda, que Salustiano Santana, antes de migrar para o garimpo de diamantes no Piauí e participar da política local, já tinha sido candidato a prefeito na Bahia. E os três irmãos tornar-se-iam prefeitos na região do garimpo:

Era o Diocleciano José de Santana, que em [19]50 foi prefeito de Gilbués, que aqui pertencia a Gilbués. E João Santana, que foi prefeito em Gilbués e Salustiano Santana [prefeito em Monte Alegre, de 1960-1972]. Três irmãos. O meu pai [Salu Santana] já foi candidato a prefeito lá de Gentio do Ouro, que na época era município de Santo Inácio. E hoje Santo Inácio é município de Gentio do Ouro. E João Santana só aqui; foi prefeito aqui. E Diocleciano lá também ele tinha uma pequena pecuáriazinha. O meu tio João vivia mais como lavrador e no garimpo, né? Garimpendo e mexendo com gado (Informação Verbal)⁴¹³.

O resultado destas eleições de 1950 foi extremamente significativo para a UDN em Gilbués. Além do prefeito, Diocleciano Santana, foi eleito como vice-prefeito, Joaquim Rodrigues Aguiar, nativo de Gilbués e udenista que já fora eleito prefeito. Quer dizer, parte da elite política de Gilbués associou-se aos imigrantes do garimpo, especialmente por meio da UDN, que nestas eleições elegeu também todos os vereadores⁴¹⁴. Agora, os baianos não

⁴¹³MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴¹⁴ No *site* do Tribunal Regional Eleitoral, do Piauí, há uma relação de 11 candidatos a vereador de Gilbués, sendo seis deles da UDN. Porém, não há informação sobre quais dos candidatos foram eleitos. Cf. em <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>. Acesso em 02/07/2019. Por outro

somente eram eleitores, mas os eleitos. “Teve uma grande rivalidade entre piauienses e baianos, aquela coisa. E aí ele, [Diocleciano Santana], foi [eleito]”. (Informação Verbal)⁴¹⁵.

A influência dos baianos nas eleições a favor da UDN é um fato reconhecido pelos entrevistados, inclusive com relatos generalistas: “Os baianos só votavam na UDN” (Informação Verbal)⁴¹⁶; “Os baianos aqui foram quem mandaram, porque aqui não tinha liderança política. Meu pai foi apoiado por eles e meu pai foi vereador. Meu pai tinha voto por quatro ou cinco vereadores” (Informação Verbal)⁴¹⁷. Porém, como dito, outros baianos eram do PSD e já chegaram a Gilbués tendo esse partido político como referência e, além disso, não se pode negar a força do PSD e das lideranças locais na política, como demonstravam os resultados das eleições.

Embora seja inegável a força dos baianos nas eleições de 1950, é fundamental destacar a importância das lideranças udenistas natas de Gilbués. “Tinha o Zeca [José] Rodrigues [UDN], que foi muito amigo dele [Diocleciano Santana] e era um chefe político aqui [em Gilbués]” (Informação Verbal)⁴¹⁸, que em 1939 rompe politicamente com os Lustosas e, através de suas denúncias, Raimundo Corado Lustosa, filho do coronel Fausto Lustosa, foi afastado do cargo de prefeito do município. Além de Zeca Rodrigues, outras lideranças udenistas locais eram: o ex-prefeito Joaquim Rodrigues Aguiar, eleito em 1948; Geraldino Gabriel de Oliveira; o baiano Belisário Ferreira Ávila, dentre outros. Assim, Caio Lustosa Filho, candidato a prefeito, e Álvaro de Carvalho Mello, a vice-prefeito, ambos pelo PSD, e seus candidatos a vereador, foram todos derrotados.

Além da união das lideranças udenistas; do apoio dos garimpeiros a Diocleciano Santana, por “ser ligado a eles”, outro fato relevante naquela conjuntura política para o sucesso da UDN foi o apoio recebido do Juiz de Direito da Comarca de Gilbués: José Plácido Bessa. Este era do núcleo da família Lustosa, genro do patriarca, coronel Fausto Lustosa, e, antes da exploração do diamante, já teria “se tornado inimigo” politicamente dessa família. “O juiz era genro do coronel Fausto, mas se tornou inimigo. Ele foi candidato contra o candidato

lado, como vimos no Quadro I, um documento, no *site* da Câmara Municipal de Gilbués, lista todos os vereadores eleitos em Gilbués eram da UDN, nas eleições de 1950.

⁴¹⁵MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, fisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴¹⁶PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴¹⁷MALQUIAS, Diogo; ex-fisqueiro e ex-vereador de Gilbués. Entrevista. (19/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴¹⁸MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, fisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

do Fausto e perdeu”, antes de 1950. “Aí ficou o tempo pelejando pra se eleger. E então apoiou o Diocleciano” (Informação Verbal)⁴¹⁹.

Segundo outro entrevistado, a prática de corrupção eleitoral era comum nesse período. Juiz de direito e cabos eleitorais surgem como personagens operantes de fraudes.

Olha, eu fiz foi ver na primeira eleição aqui da UDN. Era o Bessa [o juiz], o Caio Lustosa contra Diocleciano Santana. Diocleciano Santana teve oito mil votos de maioria⁴²⁰. Era eleitor aqui, hein? Foi oito mil votos de maioria. O juiz era do lado de Diocleciano e quando foi a hora, no dia da votação, cada cabo eleitoral recebia um pacote de título em branco pra encher [Risos]. Tinha fraude ou não tinha? [Risos] (Informação Verbal)⁴²¹.

Santos (2016) argumenta que há poucos estudos brasileiros sobre a figura do cabo eleitoral, sujeito responsável pela mediação entre o político profissional e eleitores. Estudando um município, de nome fictício Arapongas, em Sergipe, no ano de 2014, durante a campanha eleitoral estadual e federal, a autora percebeu que os cabos eleitorais desenvolvem diversas atividades fundamentais na política local: “são eles os mais próximos da população, eles são os que atendem e ‘socorrem’ o povo” (SANTOS, 2016, p.56), especialmente quando esses cabos eleitorais trabalham para políticos que disputam cargos estaduais e nacionais.

Os cabos eleitorais costumam receber benefícios, em dinheiro e/ou em cargos na administração local para si e/ou parentes e correligionários, como parte do acordo político. Há dois tipos, ainda segundo Santos (2016), de cabos eleitorais, sendo um constituído de políticos profissionais, como prefeitos e vereadores. Nas eleições estaduais e federais estes se tornam cabos eleitorais e costumam, também, solicitar apoio político para suas futuras campanhas eleitorais municipais, estaduais e/ou federais. Há também os “cabos eleitorais secundários”, em grande medida, vinculados e auxiliares de políticos profissionais. No coronelismo, este papel de intermediário entre os eleitores e os políticos, no município, era atribuição desempenhada pelo coronel (QUEIROZ, 1976)⁴²².

Na região do garimpo, o cabo eleitoral era fundamental no processo eleitoral. Como dito, com frequência, ele ilegalmente votava várias vezes na mesma eleição, com títulos eleitorais de outras pessoas. Além disso, sua função compreendia, também, o treinamento “muito concorrido” de analfabetos, visto que, segundo a *Constituição Federal de 1947, art.*

⁴¹⁹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴²⁰Como já referido, o Tribunal Superior Eleitoral (1950) registra que, em Gilbués, até dezembro de 1949, existia um total de 1.713 eleitores.

⁴²¹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴²² Sobre Coronelismo, veja Queiroz (1976); Leal (1975); Carvalho (1997).

131, eles eram proibidos de votar, bem como menores de 18 anos. Além disso, a alteração da idade do eleitor, com acréscimo de anos suficientes para votar, era outra prática comum.

Um ex-fisqueiro/fornecedor, imigrante baiano, que atuou como cabo eleitoral udenista na região do garimpo, disse que analfabeto “na época não votava não. Mas aqui todo mundo ensinava a votar, a fazer, entendeu? Era muito concorrida, assim, essa questão de ensinamento, né”? A concorrência se dava, certamente, porque outros cabos eleitorais de outras siglas partidárias também atuavam com o mesmo interesse. “Os cabos eleitorais pegavam gente, assim, garotos, só pra ensinar a votar, botar o nome. Era o trabalho que se fazia aqui” (Informação Verbal)⁴²³. Quer dizer, segundo o entrevistado, aprender a “botar o nome” era o suficiente para atender aos critérios legais do eleitor, tornando-o apto a votar.

Uma imigrante da Bahia, que chegou a Gilbués/Monte Alegre ainda “menininha”, ao descrever sua experiência na região do garimpo, afirmou: “[minha] idade foi aumentada pra eu votar no partido PSD. Então, na época de Amando Gomes eu já votava no outro partido, que o partido de Amando Gomes era a UDN” (Informação Verbal)⁴²⁴. Embora imigrantes baianos, predominantemente, fossem udenistas, havia dentre essas pessoas aquelas que votavam em candidatos do PSD.

Nas disputas políticas entre esses dois partidos no município de Gilbués, no ano de 1950, o PSD local sofreu a pior derrota imposta pela UDN. Porém, nos cenários federal e estadual a UDN sofreu grandes derrotas, pois Getúlio Vargas fora eleito Presidente, pelo PTB/PSD e Pedro Freitas, eleito Governador do Piauí, pelo PSD. Assim, a força udenista em Gilbués junto aos imigrantes do garimpo não era a mesma no cenário estadual. Um dos entrevistados relatou que “os baianos só votavam na UDN. E aí o PSD se tornou pouco, mas mandando em tudo, que era com o governo, que o governo era do PSD. Aqui, o udenista não tinha muito [apoio] (Informação Verbal)⁴²⁵.

Na década de 1950, quando ainda o garimpo de diamantes em Gilbués era significativo, as famílias mais influentes politicamente eram as famílias Aguiar, Corados e os Lustosas, pelo menos as percebidas como tais por imigrantes do garimpo: “Esses Lustosas

⁴²³MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, fisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴²⁴PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴²⁵PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

com Corados tudo é uma família só. Agora, uns pra um rumo de um partido e outro, de outro” (Informação Verbal)⁴²⁶.

Sem dúvida, à medida que aumentava a quantidade de imigrantes em Gilbués, aumentava igualmente a participação da UDN no poder político local. Desta forma, tudo indica que a imigração para o garimpo ameaçava politicamente algumas famílias locais, especialmente as vinculadas ao PSD. Assim, denominar os sujeitos imigrantes do garimpo de “bundas-vermelhas” e portadores de “muquirana” provavelmente foram estratégias de minar seu poder político local. Nesse cenário, o político ser “ligado” e “entrosado” ao garimpeiro era uma estratégia que poderia trazer bons resultados nas urnas, lembrando que Diocleciano Santana, mesmo como prefeito, continuou morando em Boqueirão, povoado de garimpeiros, especialmente baianos.

Foi muito grande a disputa. Porque naquele tempo Monte Alegre era município de Gilbués; Boqueirão era município de Gilbués. O baiano, aqui, tinha uma quantidade de baiano muito grande, que era quem ganhava a eleição. Diocleciano Santana governou os quatro anos e teve um irmão dele que foi prefeito aqui também: o João Santana. Inicialmente morava em Boqueirão. Depois ele mudou. O Diocleciano continuou morando lá. Não tinha casa aqui [sede de Gilbués]. O João Santana, que era irmão do Diocleciano, que foi prefeito também, veio morar aqui na sede de Gilbués (Informação Verbal)⁴²⁷.

Além da política, Diocleciano Santana exercia outras atividades ligadas ao diamante: era comprador, fornecedor e exportador de diamantes. Essa experiência ele adquiriu na Bahia: “E esse diamante eu vendi por vinte e cinco mil a um senhor [chamado] de Diocleciano Santana” (Informação Verbal)⁴²⁸.

O diamante é que trouxe o Diocleciano da Bahia pra cá. Ele veio da minha região. A atividade daquele povo lá era [o garimpo]. Ele não veio para garimpar. Era comprador de diamante. Era pessoa que já comprava o diamante desde lá [da Bahia], assim como o Salu, que era irmão do Diocleciano, que era um exportador. E o João Santana também que era um comprador de diamante desde lá. Não era aquele que ia pra enxada pra cavar, né? Mas fornecia seis, oito, dez garimpeiros. Pra comprar os diamantes. Não só dos garimpeiros dele, mas [de outros garimpeiros] (Informação Verbal)⁴²⁹.

As eleições para Governador do Piauí, em 1954, trariam algo relevante para se pensar a política em Gilbués, no contexto de imigração baiana, quando se candidataria a Governador um membro da família Lustosa, de Gilbués, ligado a udenistas do município, inclusive,

⁴²⁶CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴²⁷MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴²⁸JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴²⁹MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

atuando na defesa política de Joaquim Rodrigues Aguiar no episódio das eleições municipais em 1948, quando foram anuladas as urnas de Enseada e Meios. Assim, Joaquim Lustosa Sobrinho⁴³⁰, nas eleições de 1954, foi candidato a governador do estado do Piauí pela UDN, contra Jacob Manoel Gaioso e Almeida, do PSD, sendo este eleito, como referido. Mesmo sendo de Gilbués, Joaquim Lustosa não recebeu o apoio local de grande parte de seus conterrâneos e parentes pessedistas, que apoiaram o candidato Gaioso e Almeida.

Nestas eleições para governador, com toda a “baianada” presente, em Gilbués, Joaquim Lustosa Sobrinho fez um comício na localidade de Boqueirão do Garimpo, juntamente com Joaquim Severiano da Costa Andrade, membro da UDN, no Piauí. Segundo um entrevistado baiano, imigrante do garimpo, que assistiu ao comício, “fazia prazer você ouvir um discurso daquele homem.” Com “uma quantidade de gente muito grande” no comício com “a baianada” toda presente. “Ele sabia que ali era só baiano, um povo que apoiava ele”. O entrevistado diz recordar “direitinho as palavras iniciais” de Severiano da Costa Andrade:

Olha, povo da Bahia, na Bahia foi onde nos formamos; na Bahia nós temos bastante amigos e tal. A terra do grande poeta Castro Alves, quando ele disse: ‘-talhado para a grandeza, para crescer, sobrevoar. Disse um dia Jeová: “-vá Colombo, abre a cortina da sua [minha] eterna oficina e tira a América de lá”⁴³¹. Mas eu não vim aqui pra fazer poesia; essa coisa. Eu vim aqui fazer campanha; eu quero voto e tal (Informação Verbal)⁴³².

Independentemente do entrevistado não se recordar se esse fato ocorrera nestas eleições de 1954 ou nas de 1947, quando Joaquim Lustosa Sobrinho fora eleito Deputado Estadual, pela fala dele pode-se conjecturar que, no período de campanha eleitoral, pela necessidade da conquista do voto da “baianada”, certamente os baianos garimpeiros eram menos estigmatizados em Gilbués, aos menos pelos políticos locais, que, certamente, arriscavam até elogios a eles e à sua terra, como no referido comício de Joaquim Lustosa Sobrinho.

Nas eleições presidenciais de 1955, os eleitores do Piauí se dividiram, também, entre os partidos políticos PSD, PTB e UDN. Segundo dados do Tribunal Regional Eleitoral do Piauí, os municípios do sul piauiense, como Corrente e Santa Filomena, deram maioria a Juscelino Kubitschek, PSD/PTB; Parnaguá, Bom Jesus e Gilbués deram maioria a Juarez Távora, da UDN. Neste município, foram 287 contra 154 votos. Em Monte Alegre, Juarez

⁴³⁰ Pela UDN, foi eleito Deputado Estadual (1947-1951), com 2.136 votos e Federal (1959-1963), com 17.205 votos, pelo estado do Piauí.

⁴³¹ Trecho do poema “O Livro e a América”, de Castro Alves.

⁴³² MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

Távora obteve 286 votos e Juscelino Kubitschek, 328. Em Teresina, Juscelino Kubitschek, 3.690 votos e Juarez Távora, 5.785, votos.

Esses dados servem como referência para pensarmos as disputas políticas no Piauí, especialmente nos municípios de Gilbués e Monte Alegre, envolvendo UDN e PSD. Vejam que a UDN ganhou em Gilbués, mas perdeu em Monte Alegre. Aqui, certamente, muitos dos eleitores tradicionalmente udenistas ficaram seduzidos com a proposta do PSD de emancipação política de Monte Alegre, o maior povoado garimpeiro de Gilbués e onde mais se concentravam os baianos. Assim, muitos deles votaram no PSD para os cargos eletivos municipais de Gilbués, em 1954, e nos candidatos do PSD para Presidente, em 1955. Quer dizer, nas eleições que ocorreram nas proximidades da emancipação política de Monte Alegre, os pessedistas cresceram nas urnas da região do garimpo.

O jornal *Estado do Piauí (Órgão Político de Orientação Trabalhista)*⁴³³, em 23 de novembro de 1957, trazia a manchete: *O PTB é Força Decisiva*, destacando a participação do trabalhismo na política nacional e estadual, como uma herança de Vargas. Outra matéria, no referido jornal, frisava a *Aliança PTB-UDN no Piauí*. O texto, assinado por Doutel de Andrade, afirma que “Foi firmado no Piauí o primeiro acordo entre o PTB e a UDN, visando ao pleito governamental em 1958 [...]. Dirão alguns que os dois partidos, assinando, um pacto eleitoral abdicaram das respectivas convicções, pois deveriam andar sempre em campos opostos”.

A oposição entre estes partidos era mais intensa quando Getúlio Vargas era vivo, assegura o texto. Porém, com sua morte, a reportagem relativiza a oposição histórica entre tais partidos, citando, como exemplo, os casos do Ceará e Rio Grande do Sul. No Ceará, nas eleições estaduais de 1954, o PSD, PTB e UDN coligaram-se para eleger o governador Paulo Sarasate⁴³⁴ e “Os pessedistas, por outro lado, que no plano federal sustentam uma luta renhida com os udenistas, são bons aliados no Rio Grande do Sul⁴³⁵”.

⁴³³ O jornal *Estado do Piauí*, fundado em 1928 pelo jornalista e político Josíprio Lustosa, era um órgão de imprensa ligado aos interesses do PTB (LIMA, 2011).

⁴³⁴ Porém, de acordo com o Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, em 1954, nas eleições para cargos estaduais, o governador Paulo Sarasate Ferreira Lopes foi eleito pela “Oposições Coligadas”: UDN, PTB e Partido Republicano (PR). Assim, o PSD não se coligou com a UDN e com nenhum outro partido nessas eleições no Ceará, como noticiou o jornal. Dados disponíveis em http://apps.tre-ce.jus.br/tre/download/Eleicoes_1954.pdf. Acesso em 23/07/2019. E, segundo informações do Tribunal Superior Eleitoral, nas eleições de 1958, para governador do Ceará, a UDN se coligou com o PSP, enquanto o PTB se coligou com o PSD. Esta coligação elegeu o governador (José Parsifal Barroso) e vice-governador (Wilson Gonçalves).

⁴³⁵ De fato, segundo o Tribunal Superior Eleitoral, nas eleições de 1958, para governador do Rio Grande do Sul, o PSD se coligou com a UDN e Partido Libertador (PL). Porém, o governador (Leonel de Moura Brizola) foi eleito pelo PTB.

O texto continua argumentando sobre a aliança estadual no Piauí entre os partidos PTB e UDN para as eleições de 1958⁴³⁶, sendo que ela se confirmou, onde Chagas Rodrigues (PTB) venceu as eleições para governador do Piauí, sendo eleito Tibério Nunes para vice-governador, pela UDN.

No Brasil, dificilmente os interesses regionais se subordinam aos nacionais e seria o cúmulo, aliás, que as paixões e os ódios que caracterizam a vida política na capital da República e em alguns estados se estendessem a todas as unidades da Federação. Teríamos o Brasil dividido, a luta de irmãos contra irmãos, o incêndio geral, enfim, que acabariam arrastando o povo e a Nação para o precipício (ANDRADE, 1957).

Sobre a eleição municipal de Gilbués, de 1958, a primeira pós-emancipação política de Monte Alegre, o Tribunal Regional Eleitoral do Piauí⁴³⁷ traz alguns dados. Dentre eles, destaca-se o crescimento do PTB localmente. A UDN elege um vereador, Fabriciano Cunha Corado e o vice-prefeito, Geraldino Gabriel de Oliveira, com 679 votos, derrotando o outro candidato a vice Tertuliano Mascarenhas Lustosa, do PTB, com 613 votos. Mas este partido elege três vereadores: (Antônio Tavares de Oliveira, Cícero Lino do Nascimento e Domingos Barreira Lira) e o prefeito, Bias Barreiras de Macedo, com 684 votos, derrotando o candidato udenista, José Frazão Parente, que obteve 635 votos. Nestas eleições, com base no TRE, nenhum dos candidatos a vereador pelo PSD foi eleito. Podemos tirar algumas inferências destes dados.

Primeiro, o eleitorado udenista diminuiu em Gilbués após a emancipação de Monte Alegre, maior reduto de baianos e udenistas, quando muitos eleitores passaram a votar no novo município. Porém, a UDN continuou representativa em Gilbués, pois ainda existiam alguns povoados de garimpos, como Boqueirão, onde esse partido possuía muitos eleitores, conseguindo eleger o vice-prefeito e um vereador. Além disso, é bom destacar ainda que o candidato a prefeito, pela UDN, obteve apenas 49 a menos que o eleito, do PTB.

Segundo, constatou-se o crescimento do PTB em Gilbués, acompanhando o ritmo estadual e nacional à época, e a redução da força do PSD neste município, quando membros deste partido migraram para o PTB, como o vereador Cícero Lino do Nascimento, eleito em 1958, pelo PTB, mas que, em 1954, fora candidato a vereador pelo PSD, bem como Tertuliano Mascarenhas Lustosa, um pessedista histórico, quando foi eleito vereador nas eleições de 1954 pelo PSD, migrando nas eleições de 1958 para o PTB. Agora, nas eleições

⁴³⁶Nas eleições estaduais de 1954 o PTB e PSD estavam coligados, mas romperam logo após as eleições. E a UDN, segundo Oliveira (2016, p.77), ficou enfraquecida nas eleições de 1954, pois muitos de seus principais membros, após as eleições de 1954, migraram para o PTB, fortalecendo este partido.

⁴³⁷Dados disponíveis em <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>. Acesso em 02/07/2019.

de 1958, a UDN encontraria antigos adversários distribuídos entre PSD e PTB, ela não consegue eleger o prefeito nestas eleições.

Terceiro, os candidatos de 1958 (vereadores, vice-prefeito e prefeito) são essencialmente nativos de Gilbués, tanto do PSD e PTB, como da UDN. Por este partido, José Frazão Parente já havia sido eleito vereador em 1948 e Geraldino Gabriel de Oliveira, candidato, também, a vereador nas eleições de 1950 e 1954. E, Fabriciano Cunha Corado, natural de Gilbués, começaria a se despontar como um grande político profissional local, dali em diante.

Quarto, além da transferência de eleitores de Gilbués para Monte Alegre, houve em 1958 a migração de políticos profissionais, acostumados a disputar/ocupar cargos eletivos em Gilbués, alguns pelo PSD e outros pela UDN, principalmente os candidatos baianos. Haja vista o fato de o TRE não registrar nas eleições de 1958 em Gilbués a candidatura de nenhum udenista baiano, algo constante nas eleições anteriores, quando ocupavam cargos de prefeito e vereador. Esta migração de políticos para Monte Alegre, também, colaborou com o enfraquecimento dos partidos tradicionais de Gilbués: UDN e PSD, sendo este o maior prejudicado, abrindo espaço para o crescimento do PTB nas eleições de 1958⁴³⁸.

Apesar das migrações udenistas para Monte Alegre, após sua emancipação política, a UDN em Gilbués, embora com menos baianos, continuou obtendo sucesso eleitoral relativo. Para melhor compreender esse jogo político na região do garimpo, entre UDN e PSD e nativos e imigrantes, é fundamental a discussão de alguns dados das eleições presidenciais de 1960. Em Gilbués, o candidato Jânio Quadros, do Partido Trabalhista Nacional (PTN) e apoiado pela UDN, obteve 283 votos, enquanto Henrique Teixeira Lott, do PSD, 272 votos. Em Monte Alegre, Jânio Quadros 231 e o candidato do PSD, Henrique Teixeira Lott, 193 votos⁴³⁹. Quer dizer, a UDN saiu vitoriosa nos dois municípios em análise. A força do PSD demonstrada nas eleições municipais de Gilbués em 1954 já não era a mesma.

Por serem municípios ligados territorialmente um ao outro, com relações políticas e parentais históricas, Gilbués e Monte Alegre sempre mantiveram diversos contatos, mesmo após a emancipação política do último. As lideranças políticas do PSD ou da UDN dos dois

⁴³⁸ Como dito anteriormente, segundo Oliveira (2016), no Piauí, entre as eleições estaduais de 1954 e 1958 há uma ascensão do PTB, com a migração de membros, dentre eles muitos udenistas, que terminaram por enfraquecer a UDN.

⁴³⁹ Com relação a outros municípios do sul piauienses, Jânio Quadros venceu, também, em Santa Filomena, mas perdeu para Henrique Teixeira Lott em Corrente, Bom Jesus e Parnaaguá. Disponível em <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>. Acesso em 02/07/2019.

municípios colaboravam umas com as outras, especialmente no período de eleições, como relata um ex-faisqueiro/fornecedor:

Ajuda era, às vezes, até financeira, né? Porque, também, tinha na época, tinha muitos garimpeiros, vamos dizer, que vinham de lá de Boqueirão [Gilbués], às vezes, trabalhavam aqui [Monte Alegre], mas votavam em Boqueirão e, assim, vice-versa. Aí a gente procurava fazer aquele serviço de sempre, entendeu? Atuava como cabo eleitoral (Informação Verbal)⁴⁴⁰.

No contexto, as relações políticas da mesma legenda partidária entre os referidos municípios, segundo o entrevistado supracitado, “eram boas. Eram boas, rapaz. As relações sempre tiveram. Cidade vizinha, então, quem era da UDN, lá, era amigo da UDN daqui; aqui procurava ajudar lá e lá, aqui. Ficou a mesma, entendeu? [Risos]. Fazia isso”. As siglas partidárias eram um canal de comunicação ativo entre Gilbués e Monte Alegre, tanto no caso da UDN, como do PSD, materializado, principalmente, com os cabos eleitorais.

Nas eleições municipais de 1962, Geraldino Gabriel de Oliveira elege-se prefeito e João Santana, imigrante do diamante, vice-prefeito de Gilbués, dois membros tradicionais da UDN, sendo que este partido ainda elegeria três vereadores, dentre eles Fabriciano da Cunha Corado, que seria eleito prefeito em 1966, enquanto o PTB elege dois vereadores nestas eleições de 1962. Nas eleições seguintes, até a década de 1970, mesmo com a emancipação política de Monte Alegre, imigrantes do garimpo ainda continuam a disputar cargos políticos em Gilbués, tendo êxito em vários casos. Provavelmente não mais com a participação forte dos garimpeiros como eleitores, pois muitos deles já tinham emigrado para outras regiões do Brasil.

Em 1970, nas eleições municipais, dois imigrantes do garimpo enfrentam-se na disputa pelo cargo de prefeito de Gilbués (1971-1972). Um candidato foi Antenor Ferreira Brito, pela Arena II; o outro foi Augusto Martins Nunes, eleito vereador em 1966 por Gilbués, agora eleito prefeito, pela Arena I. Estas eleições marcaram, também, o rompimento entre duas grandes lideranças políticas de Gilbués, que andaram juntas por muito tempo na UDN: Geraldino Gabriel de Oliveira e Fabriciano da Cunha Corado. “Um chefe era Geraldino Gabriel, mais Fabriciano. Depois, Fabriciano pulou fora de Geraldino⁴⁴¹. Aí, já foi depois que apareceu esse negócio de ARENA” (Informação Verbal).

Este mesmo entrevistado, ex-garimpeiro baiano e udenista, esclarece sobre essas eleições de 1970, inclusive sobre os referidos candidatos a prefeito:

⁴⁴⁰MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁴¹Nas eleições para o mandato de 1967 a 1970, Fabriciano da Cunha Corado foi eleito a prefeito de Gilbués com o apoio do então prefeito (1963 a 1966) Geraldino Gabriel de Oliveira. A partir desse momento, os dois tornam-se inimigos politicamente.

Era de Canto do Buriti [Piauí] Augusto Martins, que era comerciante e morava no Boqueirão e foi prefeito de Gilbués. Começou pequeno. Eu votava em Gilbués e em Geraldinho. Sempre eu votava, acompanhava o velho [seu pai], em Geraldinho e Fabriciano, num pleito [1962, pela UDN, quando Geraldino é eleito prefeito e Fabriciano, vereador]. Moço, esses cão, esses mais velhos eu sei contar a história quase tudo. Aí, teve José Frazão, perdeu [candidato a prefeito pela UDN, nas eleições de 1958]. Votei duas vezes pra aquela porqueira [eleito vereador em 1948]; votei pra Santo Gato [Antenor Brito]. Ele era garimpeiro aqui; depois enriqueceu e casou. Ele [Fabriciano] foi contra Geraldinho. Aí Geraldinho botou Santo Gato e ele [Fabriciano] botou Augusto Martins. Augusto Martins foi quem ganhou, candidato de Fabriciano (Informação Verbal)⁴⁴².

Após as eleições de 1970, outros imigrantes do garimpo ainda conseguiriam se eleger a cargos políticos em Gilbués. Vejam alguns exemplos: João Santana foi eleito prefeito em 1972, sendo o último prefeito ligado ao diamante e alguns vereadores, tais como Antenor Brito (1972-1976); Carlos Rodrigues Ferraz (1977 a 1982) e Wanderlino Guedes dos Santos (1983 a 1988). Assim, mesmo após a emancipação política de Monte Alegre, os imigrantes do garimpo ainda conseguiram certo êxito político em Gilbués. Porém, em Monte Alegre, a supremacia política dos imigrantes do garimpo, especialmente dos baianos, foi muito maior.

4.2.1 Emancipação de Monte Alegre: disputas políticas entre baianos e piauienses

De acordo com dados do IBGE, em 1940, o Piauí possuía apenas 47 municípios, chegando a 49 no final daquela década. Porém, com o fim do Estado Novo, a nova *Constituição Federal de 1946*, segundo Brandt (2010, p.60), “ampliou a autonomia financeira e política dos municípios, restaurando a eleição dos prefeitos e promovendo sua participação nos recursos tributários partilhados pela União”. Assim, institucionalmente tornou-se favorável o surgimento de novos municípios no Brasil.

No Piauí, dentro desta lógica institucional, aumentaram consideravelmente os entes municipais, com o IBGE, em 1960, registrando um total de 71 municípios, ou seja, entre 1950 e 1960 surgiram 22 novos municípios neste estado, um crescimento de 44,89%. Em estudo realizado sobre o contexto político de surgimento destes novos municípios piauienses na década de 1950, Silva Neto (2018) constatou que o ano de 1954 apresentou o maior número de emancipações, com um total de sete.

Segundo o referido autor, este número tem relação com as eleições estaduais de 1954, para o Executivo e o Legislativo, na medida em que o engajamento de alguns políticos na emancipação de certos municípios visava à vitória nas urnas, com o apoio dos novos

⁴⁴²CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

municípios. Em análise das Atas da Assembleia Legislativa do Estado do Piauí, Silva Neto (2018, p.3) afirma que

No ano de 1954 percebemos que o processo de criação municipal estava mergulhado dentro da cultura política partidária piauiense, evidenciando que a aprovação de um projeto era permeada por disputas que remetiam às formas de conduzir a política no estado, visando, especialmente, ganhar o pleito eleitoral.

Porém, embora as emancipações políticas de municípios fossem permeadas por interesses políticos-eleitorais, elas nem sempre estavam relacionadas a anos eleitorais. Além disso, se os municípios emancipados em 1954 tiveram como defensores certas lideranças políticas estaduais, como sugere Silva Neto (2018), no caso de Monte Alegre, emancipado em 1955, percebe-se como principal causa a tentativa de renascimento político do PSD na conquista de cargos locais na região do garimpo, como veremos.

No processo de municipalização, geralmente, os mesmos grupos políticos do velho município tentam se apropriar do novo, havendo uma realocação de velhas lideranças políticas. Monte Alegre, ao se emancipar juridicamente de Gilbués, permaneceu por algum tempo sob a influência das mesmas lideranças políticas do município de origem. E alguns fatos contribuíram com essa realidade. Em primeiro lugar, a sede do novo município ficou apenas oito quilômetros de distância da sede de Gilbués, facilitando a comunicação entre os dois municípios; em segundo lugar, parte da elite política de Gilbués, que era eminentemente agrária e que teve participação ativa na emancipação do novo município, na nova reconfiguração territorial, ficou pertencendo ao novo município. Assim, esse grupo permaneceria interligado a Gilbués pelas suas origens, principalmente, políticas e parentais.

A emancipação política de Monte Alegre pode estar relacionada às eleições municipais de 1950, nas quais o PSD não ocupou nenhum cargo eletivo municipal em Gilbués. Assim, este partido teria como missão encontrar novas estratégias políticas, frente à UDN, para reconquistar o poder político local nas eleições futuras. A proposta de emancipação política de Monte Alegre, o então maior povoado de Gilbués, criado a partir do garimpo, foi uma ótima saída. Neste processo, entrou em cena uma figura política fundamental, Álvaro de Carvalho Melo, que, em 1950, pelo PSD, fora candidato a vice-prefeito de Gilbués e, juntamente com Caio Lustosa Filho, candidato a prefeito, foram derrotados pela UDN. Nas eleições municipais de 1955, Álvaro Melo deu sobrevida ao PSD, na medida em que se aproximou de garimpeiros, especialmente do povoado de Monte Alegre, propondo sua emancipação política de Gilbués.

Álvaro de Carvalho Melo nasceu em 1918, na região norte do Piauí, no município de Barras. Alguns parentes dele, da família Melo, já tinham até então ocupado cargos políticos

de grande projeção no Piauí, como seu tio Leônidas de Castro Melo⁴⁴³, interventor do Piauí, de 1935 a 1945, no período varguista e posteriormente deputado federal e senador. Álvaro Melo foi fiscal de Rendas do Piauí, em Gilbués e nesse município disputou, como dito, o cargo de vice-prefeito em 1950, pelo PSD, não logrando êxito, mas sendo eleito por este partido prefeito do município para o mandato de 1955 a 1958, derrotando o candidato da UDN, Antônio Pereira Nunes.

Em 1958, já pelo PTB, Álvaro Melo “daqui, ele já saiu deputado” estadual eleito, com intenso apoio de Monte Alegre, sendo reeleito em 1962, pelo mesmo partido. O PTB teve uma crescente participação na Assembleia Legislativa do Piauí, de 1947 a 1966. Este partido elegeu um deputado (3,03%) estadual para o mandato de 1947-1950; elegeu dois deputados (6,25%), para o mandato de 1951-1954; elegeu quatro deputados (12,5%), para o mandato de 1955-1958; elegeu sete deputados (21,21%), para o mandato de 1959-1962 e elegeu onze deputados (28,94%), para o mandato de 1963-1966, a mesma quantidade, nesse último pleito, da UDN, quando o PSD ocupou apenas cinco cadeiras (13,15%)⁴⁴⁴.

Desempenho idêntico Delgado (2010) constatou, também, no legislativo Federal, quando em 1962 o PTB tornou-se o segundo partido mais expressivo na Câmara Federal, com 29,8% das vagas, ficando atrás apenas do PSD, com 30,3% e à frente da UDN, com 23,4%. Para Delgado (2010, p.141), dentre os inúmeros fatores que impulsionaram o crescimento do PTB, “destaca [-se] sua definição partidária e pragmática”.

Embora tendo perdido para a UDN nas eleições municipais em Gilbués, em 1950, o PSD no nível estadual estava mais forte, pois elegeu os governadores Pedro Freitas, para o mandato de 1951 a 1955 e Jacó Manuel Gaioso e Almendra, para governar de 1955 a 1959. Assim, as lideranças udenistas de Gilbués tinham dificuldades no atendimento às suas demandas que dependiam do governo estadual no período, muito mais que as lideranças pessedistas, mesmo sem cargos eletivos municipais. No contexto, Álvaro de Melo, por ser do

⁴⁴³Leônidas de Castro Melo nasceu em Barras (PI) no dia 15 de agosto de 1897, sendo governador/interventor do Estado do Piauí de 1935 a 1945 e fundador do PSD, neste estado, por onde foi Deputado Federal (1951-1954) e Senador (1955-1963), filiando-se posteriormente à ARENA.

⁴⁴⁴Na Assembleia Legislativa do Piauí, no período de 1947 a 1964, o PSD foi o partido melhor representado, seguido pela UDN. Este partido ficou empatado na primeira colocação com o PSD na legislatura de 1951-1954, com quatorze cadeiras cada um. Entretanto, o pior momento da UDN entre 1947 a 1964 foi a legislatura de 1955-1958, quando o PSD ocupou 16 cadeiras; a Aliança Democrática Progressista (ADP), coligação que reunia o Partido Social Progressista (PSP), o Partido Libertador (PL) e a União Democrática Nacional (UDN), ocupou oito cadeiras; UDN e PTB, quatro cadeiras cada um e a última vaga, de um total de trinta e duas, foi ocupada pelo Partido de Representação Popular (PRP). Porém, nas eleições imediatamente anteriores ao golpe militar, a UDN e PTB, cada um, ocupou onze vagas na Assembleia Legislativa do Piauí, enquanto o PSD, ocupou apenas cinco vagas, de um total de trinta e oito. Para mais detalhes, veja no *site* da Assembleia Legislativa do Piauí: http://servleg.al.pi.gov.br:9080/ALEPI/consultas/parlamentar/parlamentar_index.html. Acesso em 20/08/19.

PSD e parente de políticos importantes no cenário estadual, gozava de influências políticas na capital do estado para atender certas demandas de Gilbués.

A figura de Álvaro de Melo se destaca na memória local de Monte Alegre quando se trata da emancipação política deste município. Ele surge como o responsável direto pela criação do novo município: “Ele aqui foi quem organizou; quem criou esse município [de Monte Alegre] foi ele. Ele, um cara sabido, mais o chefe político daqui [Gilbués] eram do PSD”. Embora tenha nascido no município de Barras, Álvaro Melo com frequência, entre os entrevistados, é representado como de Teresina, provavelmente pelo fato de este político ter, na época, bom trânsito no meio político na capital, Teresina, facilitando o diálogo entre representantes políticos de Gilbués e o governo estadual: “então, tudo que eles queriam com o governo, ele [Álvaro de Melo] é quem era a porta aberta” (Informação Verbal), inclusive a emancipação política de Monte Alegre⁴⁴⁵.

Aí, a criação do município foi assim. Aqui era município de Gilbués e aqui era um perigo pra Gilbués, porque o povo era udenista, os garimpeiros. Então, Álvaro de Melo era candidato em Gilbués do PSD. E pra topar com essa barra aqui em Monte Alegre; aqui tinha nesse tempo mais de 4 mil eleitor, terreno da UDN. Aí ele chegou: “e aí Gato [Raimundo Nonato], como vai? E como vai a política?”. Eu disse: seu Álvaro, você quer ganhar a política? -“Quero”. -Pois divide Monte Alegre de Gilbués, que senão você não ganha. E ele disse: “-É. Tem rumo”. Aí, nós viajamos. Estava arrumando pra viajar pra Teresina. Viajamos tudo num avião. Quando chegou lá, ele foi me deixar lá no hotel, ele disse: “daqui a pouco eu venho conversar com você”. Aí ele foi. Quando foi de noite ele veio. Aí ele disse: “rapaz, eu peguei sua conversa. Eu vou mexer nas teclas. Tem rumo mesmo”. Aí foi e dividiu. Rapaz, quando lá [em Teresina], ele contava com a Assembleia, contava com tudo. A Câmara [dos Vereadores] aqui passou e ele dividiu. E ganhou a eleição lá [em Gilbués]. Se ele não divide, não ganha não, que aqui [em Monte Alegre] era só udenista [Risos] (Informação Verbal)⁴⁴⁶.

Assim, Álvaro de Melo cresceu politicamente em Gilbués, por ter força política estadual, em uma conjuntura na qual o PSD estava no comando, tendo, inclusive seu tio, Leônidas de Melo, como então senador e ex-deputado Federal. Porém, a influência do PSD, talvez, não fosse suficiente para tornar Álvaro Melo prefeito de Gilbués de 1955 a 1960, caso ele não apresentasse a proposta eleitoral de emancipação política de Monte Alegre. Em grande medida, foi eleito prefeito naquele momento, porque, para os eleitores do futuro município, era mais importante votar em “um cara sabido”, mesmo que do PSD, mas que conseguisse emancipar Monte Alegre.

⁴⁴⁵ Atribui-se, também, a Álvaro de Melo, juntamente com o outro deputado estadual, Alberto de Moura Monteiro, do PSD, a emancipação política de Barreiras do Piauí (1962), antes localidade rural “Meios”, pertencente a Gilbués.

⁴⁴⁶ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Percebe-se que a força política do PSD no governo estadual e a proposta de emancipação política de Monte Alegre fortaleceram o PSD nas eleições de 1955 em Gilbués, superando a UDN, a vencedora das eleições de 1950. Além do prefeito, nessas eleições o PSD elegeu o vice-prefeito, Antônio da Cunha Lustosa, e dois vereadores: Tertuliano Mascarenhas Lustosa e Tertuliano Corado Lustosa, ao tempo em que a UDN elegeu apenas um vereador: João Rodrigues de Carvalho, o João do Ouro. Saindo os pessedistas derrotados nas eleições de 1950, nas de 1955 eles retornaram com sua força política⁴⁴⁷.

O projeto político pessedista, tendo à frente Álvaro Melo, foi vitorioso nas eleições de 1955 em Gilbués. “Se ele não divide [emancipa Monte Alegre], não ganha não, que aqui era só udenista”. Este entrevistado, ex-vereador e garimpeiro, considera que esta tenha sido a principal causa da vitoriosa eleição de Álvaro Melo. Por este motivo, muitos eleitores, antes udenistas, votaram no PSD naquele ano. E Álvaro DE Melo fez o que prometeu na campanha eleitoral, como afirma outro entrevistado:

Álvaro Melo, ele garantiu, se os baianos acompanhassem ele [para elegê-lo prefeito de Gilbués]; ele estava, aí, no meio destes Lustosas, sabido, passava Monte Alegre a cidade e passou mesmo. Foi inaugurado no dia 30 de julho de 1955. Lembro como hoje. Lá na rua, na Câmara dos Vereadores, que foi lá (Informação Verbal)⁴⁴⁸.

Como consequência destas novas relações políticas, a *Lei Estadual nº 1.133, de 06 Junho de 1955*, emancipou Monte Alegre de Gilbués, fato marcante na memória local, especialmente para os baianos. Porém, se esta lei marca a independência jurídica do novo município, este continuou essencialmente ligado, em termos sociais e políticos, ao município originário, o que é perceptível, especialmente nas disputas eleitorais, como veremos em seguida.

Dentre os diversos elementos constitutivos da memória, seja individual ou coletiva, Pollak (2002, p.1), como referido, destaca alguns: os acontecimentos vividos pessoalmente pelo sujeito; os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, os “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”, bem como pessoas/personagens e lugares. Assim, o político Álvaro de Melo e a inauguração do município de Monte Alegre apesentam-se vivos na memória de sujeitos entrevistados na pesquisa (“Lembro como hoje”), mesmo que não tenham ocupado cargos políticos eletivos no passado.

No “meio destes Lustosas”, Álvaro de Melo, “sabido”, provavelmente, antes das eleições, tinha em mente que emancipando Monte Alegre, os udenistas baianos deixariam a política de Gilbués, concentrando-se no novo município. Quer dizer, novos cargos políticos

⁴⁴⁷Na lista *online* do Tribunal Regional Eleitoral do Piauí os candidatos eleitos não estão identificados. Porém, no *site* da Câmara Municipal de Gilbués encontra-se um documento com tais informações.

⁴⁴⁸ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

surgiriam, havendo uma nova realocação política e Gilbués ficaria para as velhas elites locais e Monte Alegre, para os baianos. Não percebemos, nos relatos orais e documentos, resistência alguma sobre a criação deste município, supondo que tal emancipação fora consensual. “Aqui [Monte Alegre] era município de Gilbués e aqui era um perigo pra Gilbués, porque o povo era udenista” (Informação Verbal)⁴⁴⁹.

Quer dizer, criar o novo município seria uma forma de afastar esse perigo de Gilbués, haja vista que as eleições de 1950 foram traumáticas para as elites de Gilbués, especialmente para as do PSD, pois as urnas deram uma vitória imensa para a UDN, ocupando a maioria dos cargos eletivos municipais. Porém, os líderes udenistas de Gilbués não tinham força com o executivo estadual, pois a década de 1950 foi de predomínio do PSD no cenário estadual.

Portanto, no contexto de criação do município de Monte Alegre e eleição do prefeito Álvaro de Melo, o PSD comandava o executivo estadual, bem como o legislativo, quando, na Assembleia Legislativa Estadual, no mandato de 1951-1954, o PSD ocupava 43% das vagas, a mesma quantidade da UDN. Porém, na legislatura de 1955 a 1958, o PSD aumentou sua participação para 50% na Assembleia e a UDN caiu para 12,5%⁴⁵⁰.

Neste contexto de criação do novo município, foi fundamental a importância dos baianos, que já se mostravam como uma força política considerável no município de Gilbués, principalmente nos maiores povoados de garimpo: Boqueirão e Monte Alegre, quando o baiano Deocleciano Santana foi eleito prefeito de Gilbués para o mandato de 1951 a 1954, pela UDN, principal partido político de oposição ao PSD local, até então hegemônico. A oposição entre piauienses e baianos, na política, ocorreu entre PSD e UDN e, posteriormente, dentro da ARENA.

Fortalecido nas eleições de Gilbués em 1954 e, embora sendo do PSD, Álvaro de Melo, por ser eleito com o apoio maciço dos baianos, muitos deles udenistas, indicou para ser o primeiro prefeito de Monte Alegre um baiano e udenista.

Dunda foi o primeiro prefeito. Ele também foi puxado por Álvaro Melo. O Álvaro Melo, sabido, pegou... O Dunda [baiano] era udenista, do lado de Amando [Gomes]. Mas quando passou a cidade, tinha que ter o prefeito de três meses pra presidir as eleições, né? Aí, o Álvaro indicou o Dunda, que era udenista. Aí o Dunda governou os três mês, só pra presidir as eleição (Informação Verbal)⁴⁵¹.

⁴⁴⁹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁵⁰Cf. em http://servleg.al.pi.gov.br:9080/ALEPI/consultas/parlamentar/parlamentar_index.html. Acesso em 20/08/19.

⁴⁵¹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Assim, o governador do Piauí, Jacó Gaioso e Almendra, do PSD, nomeou Herculano Andrade Negrão, o Dunda, para ser o primeiro prefeito do novo município, enquanto se preparavam as eleições. Porém, alguns conterrâneos entrevistados na pesquisa reconhecem como estranha a nomeação do Dunda, destacando o fato dele não ser do meio político.

Seu Dunda era baiano também de minha terra. Conheci. Ficou em Monte Alegre muito tempo. Morreu ali. Era uma pessoa boa. Foi comerciante. Ele participava muito pouco de política. Ele morava em Monte Alegre. Ele comprava diamante também. Pessoa simples... Até admiro que o seu Dunda não era muito ligado a política não. Era uma pessoa que se destacava, de certa forma, mas não era muito [do meio político] (Informação Verbal)⁴⁵².

Embora considerado carente de capital político, uma entrevistada destaca outras qualidades pessoais de Herculano Andrade Negrão, para além da política:

O primeiro prefeito de Monte Alegre foi esse seu Dunda. Ele não sabia de nada. Mas ele era uma pessoa muito séria, muito direita. Mas ele foi nomeado. Conheci demais. Não tinha essa cultura, mas era uma pessoa muito boa (Informação Verbal)⁴⁵³.

Esta nomeação do udenista Herculano Andrade Negrão para prefeito de Monte Alegre, por intermédio de um pessedista, certamente foi um mais retorno político aos udenistas baianos, em troca do apoio destes à candidatura a prefeito de Álvaro Melo. O seu Dunda é representado entre entrevistados como aquele que “não tinha essa cultura”, “não sabia de nada”, “pessoa simples”, “que não participava” ou “participava muito pouco de política”. (Veja o quadro abaixo).

Quadro 2: Prefeitos, Vice-Prefeitos e Vereadores de Monte Alegre (1955-1988)⁴⁵⁴.

NOME	CARGO	SITUAÇÃO	PARTIDO	VOTAÇÃO	MANDATO
Herculano Andrade Negrão	Prefeito	Nomeado	UDN		1955⁴⁵⁵
					1956-1958
Elias Borges Guimarães⁴⁵⁶	Prefeito	Eleito	PSD	SI	
Belizário de Ávila Ferreira	Vice-prefeito	Eleito	UDN	SI	
Amando Gomes da Silva	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Antônio Martins Andrade	Vereador	Eleito	PSD	SI	

⁴⁵²MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁵³SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁵⁴ Esta tabela fora construída através de informações advindas de fontes pesquisadas: entrevistas com idosos de Monte Alegre, o site: <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>; e Sobrinho (2007). Mesmo assim, algumas informações são incompletas.

⁴⁵⁵ Mandato temporário de três meses até assumir o novo prefeito municipal eleito.

⁴⁵⁶ Candidato único para prefeito e vice-prefeito.

Josias Alves Folha	Vereador	Eleito	PSD	SI	
Belizário de Ávila Ferreira ⁴⁵⁷	Vereador	Eleito	UDN	SI	
Ady Guerra Lemos	Vereador	Eleito	PSD	SI	
					1959 - 1962
Amando Gomes da Silva	Prefeito	Eleito	UDN	776	
Areovaldo Alencar Lustosa	Prefeito	Não Eleito	PSD	572	
Herculano Andrade Negrão	Vice-prefeito	Eleito	UDN	787	
Josias Alves Folha	Vice-prefeito	Não Eleito	PSD	514	
Antônio Martins Andrade	Vereador	Eleito	PSD	132	
Rosalvo Rodrigues Coelho	Vereador	Eleito	UDN	165	
José Rodrigues Filho	Vereador	Eleito	UDN	182	
Ady Guerra Lemos	Vereador	Eleito	PSD	158	
Belisário de Ávila Ferreira	Vereador	Eleito	UDN	219	
					1963 - 1966
Belisário de Ávila Ferreira	Prefeito	Eleito	UDN	607	
Joaquim Lemos de Macedo	Prefeito	Não Eleito	PSD	460	
Luis Macedo de Andrade	Vice-prefeito	Eleito	PSD	536	
Cristóvão da Fonseca e Sousa	Vice-prefeito	Não Eleito	SI	498	
Maria dos Humildes Aguiar	Vereadora	Eleito	UDN	165	
Raimundo Nonato da Costa	Vereador	Eleito	PTB	1108	
Pedro Gonçalves de Amorim	Vereadora	Eleito	SI	SI	
Luis Alves Pereira	Vereador	Eleito	SI	SI	
José Lustosa de Figueredo	Vereadora	Eleito	SI	SI	
					1967 - 1970
João Rodrigues de Carvalho	Prefeito	Eleito	ARENA I	SI	
Maria dos Humildes Aguiar	Prefeita	Não Eleita	ARENA II	SI	
Adolfo Pereira da Trindade	Vice-prefeito	Eleito	ARENA I	SI	
SI	Vice-prefeito	SI	SI	SI	
Antônio P. do Nascimento	Vereador	Eleito	ARENA I	SI	
Casemiro P. dos Santos	Vereador	Eleito	ARENA II	SI	
Dário Fidélis Bastos	Vereador	Eleito	ARENA II	SI	
José Pedro da Silva	Vereador	Eleito	ARENA I	SI	
Josias Alves Folha	Vereador	Eleito	ARENA I	SI	
Orioaldo Lopes de Almeida	Vereador	Eleito	ARENA I	SI	
Raul Ribeiro Soares	Vereador	Eleito	ARENA II	SI	
					1971 - 1972
Salustiano José de Santana ⁴⁵⁸	Prefeito	Eleito	ARENA I	648	
Odesinho Justiniano de Sousa ⁴⁵⁹	Vice-prefeito	Eleito	ARENA I	SI	
Honorato Carvalho dos Santos	Vereador	Eleito	ARENA	105	
José Vieira dos Santos	Vereador	Eleito	ARENA	121	
Manoel Deusará	Vereador	Eleito	ARENA	143	
Numeriano Lemos de Macedo	Vereador	Eleito	ARENA	216	
Orioaldo Lopes de Almeida	Vereador	Eleito	ARENA	183	
					1973 - 1976
Adolfo Pereira da Trindade ⁴⁶⁰	Prefeito	Eleito	ARENA	980	
Arioaldo Lopes de Almeida	Vice-prefeito	Eleito	ARENA	SI	
Renan Carlos dos Santos	Vereador	Eleito	ARENA	237	
Raul Ribeiro Soares	Vereador	Eleito	ARENA	294	
José Vieira dos Santos	Vereador	Eleito	ARENA	220	

⁴⁵⁷ Nas entrevistas e no livro de memórias, escrito por Sobrinho (2007), Belizário de Ávila Ferreira é citado como vice-prefeito e vereador nesta primeira legislatura de Monte Alegre.

⁴⁵⁸ Salustiano José de Santana, nestas eleições, pela Arena I e com 648, vence o outro candidato a prefeito, Adolfo Pereira da Trindade, da Arena II, que obteve 543 votos.

⁴⁵⁹ Odesinho Justiniano de Sousa, pela Arena I, é eleito vice-prefeito, derrotando o candidato Gérson Vilarindo da Silva, da Arena II.

⁴⁶⁰ Adolfo Pereira da Trindade fora candidato único, apoiado por Amando Gomes da Silva.

Erotides Caetano Neto	Vereador	Eleito	ARENA	294	
Belarmino Vieira Lira	Vereador	Eleito	ARENA	89	
					1977 - 1982
Abílio Alves Da Rocha	Prefeito	Eleito	ARENA	713	
Alcides Vieira Soares	Prefeito	Não Eleito	MDB	662	
Antônio P. do Nascimento	Vice-prefeito	Eleito	ARENA	SI	
Neuton Damaceno Nogueira	Vice-prefeito	Não Eleito	MDB	SI	
Erotides Caetano Neto	Vereador	Eleito	ARENA	129	
Odesinho Justiniano de Sousa	Vereador	Eleito	ARENA	124	
Ermício Rufo de Sousa	Vereador	Eleito	ARENA	114	
João Marques de Oliveira	Vereador	Eleito	MDB	106	
Dário Ribeiro dos Santos	Vereador	Eleito	MDB	97	
José Pereira dos Santos	Vereador	Eleito	MDB	94	
José Paz Folha	Vereador	Eleito	ARENA	63	
					1983 a 1988
Amando Gomes da Silva	Prefeito	Eleito	PDS I ⁴⁶¹	1.743	
Antônio Ferreira do Nascimento	Prefeito	Não Eleito	PDS II	1.111	
João Campos Lustosa	Prefeito	Não Eleito	PMDB	13	
Maria dos Humildes Aguiar ⁴⁶²	Vice-prefeita	Eleita	PDS I	SI	
José Ferreira dos Santos	Vereador	Eleito	PDS	307	
Amadeu Macedo de Andrade	Vereador	Eleito	PDS	279	
Martinho Borges Vieira	Vereador	Eleito	PDS	262	
Joaquim Alves da Cunha	Vereador	Eleito	PDS	258	
Vicente Ancelmo de Lima	Vereador	Eleito	PDS	253	
Manoel Deusará	Vereador	Eleito	PDS	214	
Edimerval Caetano Neto	Vereador	Eleito	PDS	213	

O mandato de Herculano Andrade Negrão durou poucos meses, até que fossem realizadas as primeiras eleições em Monte Alegre. As lideranças políticas de Gilbués do PSD, tendo à frente Álvaro de Melo, articularam para que Elias Borges Guimarães, também do PSD, fosse o candidato único a prefeito de Monte Alegre, mas dividindo outros cargos políticos com a UDN.

O Elias Guimarães foi do mesmo jeito [indicado]. [...]. O PSD, que era o Caio Lustosa, pra marchar com uma candidatura única só se ele [Elias] fosse o candidato; se saísse deles. Aí então, combinaram. Elias saiu como candidato a prefeito [PSD]; o Belizário [baiano e da UDN] como vice. A UDN ficava com três vereador e o vice; e o Elias com dois vereadores. Aí saiu como candidato único (Informação Verbal)⁴⁶³.

Desta forma, Elias Borges Guimarães exerceu a função de prefeito de Monte Alegre no período de 1955 a 1958, sendo o primeiro prefeito eleito, apresentado como candidato único. Ele era proprietário de terras que passaram de Gilbués para Monte Alegre com a emancipação. Além de ser domiciliado no novo município, foi um dos políticos que migraram

⁴⁶¹ Partido Democrático Social, fundado em 1980, após o fim do bipartidarismo no Brasil, substituindo a ARENA. O PDS foi extinto em 1993.

⁴⁶² Os candidatos a vice-prefeito derrotados foram Dilton Paz da Silva, pelo PMDB II, e José Macêdo de Andrade, do PDS II.

⁴⁶³ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

de Gilbués para Monte Alegre, trazendo consigo certa bagagem política do município anterior, pois já tinha sido vereador em Gilbués no biênio 1949-1950, pelo PSD.

Neste primeiro pleito eleitoral em Monte Alegre os pessedistas de Gilbués foram predominantes politicamente. Porém, percebe-se a existência de velhos e novos atores políticos baianos. O vice-prefeito fora Belizário de Ávila Ferreira, que já tinha sido eleito vereador em Gilbués pela UDN nas eleições de 1950. Este também é mais um caso de migrante político de Gilbués. E dentre os vereadores eleitos de Monte Alegre, nestas eleições 1955, estava um estreante: Amando Gomes da Silva, também oriundo da Bahia, vindo para o Piauí por causa do garimpo de diamantes.

Amando Gomes tornou-se a principal personalidade política deste novo município e “era um garimpeiro de garimpo”, como se diz localmente. Em Monte Alegre, à frente dos baianos, derrotaria as velhas elites políticas de Gilbués que vieram para o novo município. Já no segundo pleito eleitoral, o então vereador Amando Gomes foi eleito para o mandato de prefeito, pela UDN, de 1959 a 1962, derrotando um candidato de Gilbués, do PSD. “Quando foi na outra eleição de [19]58, ele entrou como candidato e ganhou, contra um filho de Gilbués. Aí pronto, ele tomou de conta” (Informação Verbal)⁴⁶⁴.

O candidato oriundo de Gilbués citado na entrevista era Areovaldo Alencar Lustosa, filho de Geraldino Gabriel de Oliveira, membro de uma das famílias mais influentes, social e politicamente, de Gilbués. Para se ter uma ideia, Geraldino Gabriel era proprietário de terra e fazendeiro e, na política, fora vereador, de 1951 a 1954, e prefeito de Gilbués, de 1963 a 1968, pela UDN. Nestas eleições de 1958 em Monte Alegre, a UDN, além do prefeito Amando Gomes, elegeu o vice-prefeito, Herculano Negrão, o Dunda, e mais três vereadores. Por outro lado, o PSD elegeu, apenas, dois vereadores.

Em Monte Alegre, pela via política, para usar as expressões de Elias e Scotson (2000), os *outsiders* enfrentaram os estabelecidos, sob a liderança de Amando Gomes. Sua residência na Rua Baiana junto a seus conterrâneos e sua proximidade com os garimpeiros, comprando seus diamantes e fornecendo-os víveres antecipadamente à garimpagem do diamante, por meio do *Supermercado Brasil*,⁴⁶⁵ favoreceram a Amando Gomes, por exemplo, bons resultados eleitorais junto a este público do garimpo.

Amando Gomes conseguiu aglutinar as principais lideranças políticas locais ao seu redor e, por um longo tempo, nenhum candidato a prefeito surgiu para derrotá-lo a para

⁴⁶⁴ ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

⁴⁶⁵ Estabelecimento comercial em Monte Alegre de propriedade de Amando Gomes e seu irmão Alberto Gomes (OLIVEIRA,2009, p.74).

desafiá-lo, pois quando não era o prefeito, era quem ele indicava, por ser muito influente politicamente em Monte Alegre.

Amando [Gomes] veio do Caldeirão do Ouro [Bahia] pra Monte Alegre. Ele veio desse lugar. [...] O que aconteceu? Quando Amando veio, ele se consolidou no diamante. Daí, migrou para a política. [...]. Ele deixou uma geração assim [na política]. [...]. Quando ele não governou, ele botou alguém pra dizer que não era ele. Mas, assim, quem assinava, a canetada final era dele. Assim, quem dava a ordem final para assinar era ele (Informação Verbal)⁴⁶⁶.

Com exceção de Adolfo pereira Trindade⁴⁶⁷, todos os prefeitos até então apoiados por Amando Gomes também eram baianos⁴⁶⁸. Seu discurso, politicamente, era o que Bourdieu (1981, p.01) denomina de “enunciado performativo”, na medida em que “a pré-visão política é uma ação que visa fazer advir aquilo que ela enuncia”. A palavra de apoio político de Amando Gomes, disputada entre os políticos de Monte Alegre, tinha o poder constituinte da realidade política, na medida em que seus afilhados políticos quase sempre eram eleitos, seja a prefeito, vice-prefeito ou vereador.

Em Monte Alegre, a divisão entre baianos e piauienses se expressava nas duas ruas separadas por uma grota que corta a cidade de leste a oeste: a Rua Baiana e a Rua Piauí. De um lado, o predomínio de baianos; do outro, o de piauienses, inclusive cada lado da cidade possuindo seu cemitério próprio: o cemitério dos baianos e outro dos piauienses. Se a política, na concepção de Bourdieu (2011, p. 173-174), “pode ser definida como uma luta simbólica pela conservação ou pela transformação do mundo social por meio da conservação ou da transformação da visão do mundo social e dos princípios de di-visão deste mundo”, em Monte Alegre, as distintas visões e divisões de mundo eram perceptíveis nas ruas Piauí e Baiana.

Praticamente tudo era dividido: a feira em um final de semana era de um lado da grota, na Rua Baiana, e no outro final de semana, na Rua Piauí. Escolas infantis, uma de cada lado. As relações sociais eram divididas:

Não tem aquela grota lá? Do lado de lá, a Rua Piauí; do lado de cá, a Rua Baiana. Ali era uma política aqui do cão. Era assim: até os meninos eram políticos; políticos uns com os outros. Se tinha uma festa na Rua Piauí, os da Rua Baiana não fazia parte. Aí eles chegava e começa a briga ali. Se eles vinham pra cá [Rua Baiana], era do mesmo jeito. Era uma política do cão. [...]. A feira, era uma aqui na Rua Piauí e, na outra semana, na rua Baiana. Os de lá diziam que a feira aqui não prestava. Era

⁴⁶⁶ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

⁴⁶⁷ Adolfo Pereira da Trindade era piauiense, do atual município de Morro Cabeça no Tempo, então pertencente a Parnaíba, mas com fortes ligações com a Bahia, pois seus pais eram baianos. Migrou para o garimpo em Monte Alegre e se casou com Amparo Alves Folha, irmã de José Alves Folha, possedista e adversário de Amando Gomes.

⁴⁶⁸ Amando Gomes, após ter sido prefeito de Monte Alegre, elege seus sucessores: Belizário de Ávila Ferreira (prefeito de 1963 a 1966); João Rodrigues de Carvalho, o João do Ouro (prefeito de 1967-1970), sendo que foi eleito vereador em Gilbués, pela UDN, em 1958; Salustiano José de Santana (prefeito de 1970 a 1972) e Adolfo Pereira Trindade (prefeito 1973 a 1976).

assim. [...]. Tinha um cabaré na Rua Piauí e outro aqui na Rua Baiana. Agora, quem era da Rua Piauí podia ir no cabaré da Rua Baiana. Podia. Sempre cabaré é comum. Agora festa de família era que era política. Os da Rua Baiana não faziam parte da Rua Piauí em festa de família. E nem os de lá fazia aqui [na Rua Baiana] (Informação Verbal)⁴⁶⁹.

Como visto, os conflitos se acirraram entre essas duas partes da cidade: a Rua Baiana e a Piauí, limitando relações sociais de famílias de áreas diferentes da cidade. A exceção eram os cabarés: lugar que qualquer pessoa, de qualquer uma das duas ruas poderia frequentar: “sempre cabaré é comum”, quer dizer, lugar onde os conflitos entre piauienses e baianos se amenizavam.

Se na sede de Gilbués os baianos não conseguiram se estabelecer, em Monte Alegre, eles conseguiram, inclusive, formar uma força política oposta aos piauienses. Além disso, a Rua Baiana era considerada a rua do dinheiro, pois lá morava a maior parte da elite política e do garimpo, como exportadores, faisqueiros e fornecedores: “Lá era a rua do dinheiro. Também era onde tinha o melhor cabaré [o Bate Bico]. [Risos]” (Informação Verbal)⁴⁷⁰. E, ao que tudo indica, neste novo município, os baianos eram maioria e esta quantidade era traduzida em votos nas eleições.

Rapaz, do lado dos baianos tinha mais gente. Tinha gente demais; barraca. Do lado do Piauí tinha baiano também, mas era mais pouco. Mas sempre na hora da política...[uniam-se] (Informação Verbal)⁴⁷¹.

Se geograficamente os baianos se concentravam, geralmente, na Rua Baiana, na “hora da política” até os poucos baianos da Rua Piauí se juntavam aos demais baianos. Como nos relatou Maria dos Humildes: “baiano só votava em baiano”. Nesta mesma direção, revela um ex-garimpeiro baiano que seu pai “sempre, toda vida, votava do lado de Amando. Sempre o baiano era besta; sempre puxava o lado dos baianos. Você sabe, o pessoal que chega numa região, se você só tiver dum estado, ele sempre ele torce por aqueles do estado dele; nem que num presta (Informação Verbal)⁴⁷². Assim, os baianos terminaram formando um grupo político forte na região do garimpo, talvez até como resistência aos estigmas sofridos.

Regina Weber (2018, p.13) afirma ser frequente a geração de preconceitos “quando migrantes aportam em lugares onde existem grupos sociais já instalados”. De fato, no Brasil, no que se refere a migrações internas, como de nordestinos em São Paulo, são constantes os

⁴⁶⁹CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁷⁰ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁷¹CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁷²*Idem*.

preconceitos. Duarte (2002, p.110-111), quando analisa a formação do bairro Mooca, na cidade de São Paulo, constata que nordestinos, de diversas origens e trajetórias, chegaram ao bairro em grande quantidade a partir da década de 1950 e, em uma relação estereotipada, foram tomados como homogêneos e definidos como ignorantes, rudes, atrasados e violentos por moradores antigos do bairro, especialmente de origens espanholas, portuguesas, húngaras e italianas.

Porém, nessa situação específica na região de garimpo de diamantes no sul piauiense, socialmente, o grupo de imigrantes foi numeroso e se articulou politicamente. Isso, nas eleições, fazia a diferença, quando se fortaleciam as lideranças políticas dentro do próprio grupo imigrante. Aproveitando dessa situação, as habilidades políticas de Amando Gomes e de outros foram fundamentais nesse processo de enfretamento político de baianos e piauienses. Qualquer político dever-se-ia acolher os baianos, na tentativa de angariar votos. Por isso, “sempre ele [Amando] botava as mãos nos baianos” (Informação Verbal)⁴⁷³.

Nesta relação, havia trocas de favor entre os chefes políticos baianos e seus eleitores. Por isso, “ele [Amando Gomes] contava com tudo que era de garimpeiro” (Informação Verbal)⁴⁷⁴. E, certamente, contribuía para sua aceitação política neste espaço o fato de Amando Gomes ter vínculos antigos com o garimpo através de uma memória vinculada ao grupo de garimpeiros imigrantes: “ele era garimpeiro; de garimpeiro ele passou a exportador [de diamantes]; aí passou a prefeito e ficou toda vida lá no comércio dele [supermercado] comprando [diamantes]. Comprando aqui e exportando pro Rio de Janeiro (Informação Verbal)⁴⁷⁵”.

Aa relação de Amando com os garimpeiros era boa. Boa. Nunca teve mal relacionamento com garimpeiro. Ninguém nunca foi contra garimpeiro; politicamente, não. Só que os garimpeiros, que baiano só votava em baiano (Informação Verbal)⁴⁷⁶.

“Ninguém nunca foi contra garimpeiro; politicamente, não”, disse Maria dos Humildes, que recebeu muitos votos de garimpeiros que, sem este apoio, talvez, como ela disse, não teria sido eleita aos cargos políticos que ocupou. Os demais políticos também buscavam estratégias para conseguir votos de garimpeiros em Monte Alegre. Embora sendo

⁴⁷³ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁷⁴ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex- vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁷⁵ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁷⁶ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex- vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

fundamental a origem baiana do político na conquista do voto baiano, isso nem sempre era o suficiente, pois o leitor exigia mais. Assim, o repertório de estratégias dos políticos era viável para conseguir votos entre os garimpeiros, tais como: doação de terra para garimpar; passagens para doentes se tratarem em Teresina⁴⁷⁷, capital do estado, e outras.

Em 18/12/1948, em Teresina, o jornal *O Piauí* traz uma matéria na qual elogia, “como real e proveitosa”, *A Administração Udenista em Gilbués*, no decurso de 18 de maio de 1947 a 21 de abril de 1948, destacando a atuação de prefeitos udenistas no município, citando obras realizadas por Pedro Dualibe, Salomão Fernandes Fonseca e Joaquim Rodrigues Aguiar. Entre estas obras destacam várias que beneficiam os garimpeiros e seus povoados.

Pedro Dualibe, segundo o referido jornal, realizou diversas obras em Gilbués:

Construiu um bom mercado público e um pequeno mercado no garimpo Boqueirão; remodelou o prédio da Prefeitura Municipal, readaptando-o a certas finalidades como para a Escola Reunida ‘Fausto Lustosa’, Posto de Saúde, secção de estatística e serviços exclusivamente municipais. Consertou as ladeiras de Tauá, Borá, Floresta de Santolém, além de outros serviços de utilidade coletiva.

Salomão Fernandes Fonseca, apesar de uma administração de três meses incompletos, a reportagem registra algumas obras de sua administração, “que mourejam naqueles rincões. Fez a estrada de rodagem que vai da sede do município ao garimpo de Monte Alegre bem como outros serviços. Soube, bem como seu antecessor, zelar o patrimônio e as rendas municipais”.

Já o prefeito Joaquim Rodrigues Aguiar, apesar de caçado pela nulidade das urnas de Enseada e Meios, como relatado, realizou as seguintes obras:

Um prédio, amplo e confortável para a cadeia pública da cidade, com prisões separadas para ambos os sexos, departamento para Delegacia de Polícia; outro prédio para prisões correccionais no garimpo do Boqueirão; mais outro para um Escola Estadual no mesmo lugar Boqueirão; um pequeno mercado no garimpo Taboquinha e, além de outros serviços, a limpeza de aguadas públicas. Criou as Escolas Municipais dos lugares Saquinho, Saco Fundo, Boa Esperança e Conceição dos Oliveiras, tendo funcionado as três primeiras [...]. Adquiriu o sr. Joaquim Rodrigues Aguiar para o patrimônio municipal, por doação de seu irmão José Rodrigues Aguiar, presidente da UDN local, uma gleba de 220 hec. 50 na data Santo Antônio e, por doação do juiz de direito da Comarca de Gilbués, Dr. José Plácido Bessa, outra gleba com 150 hec. 81 a 60 ca, na data Barreiros, onde fica o garimpo de Monte Alegre. Assim procedeu com o objetivo supremo de possibilitar a grandeza daquela edilidade, que não possuía até então um palmo de terra. Hoje, graças a essa orientação feliz, podemos assinalar pertencer à comuna gilbueense, o maior tesouro do Estado – as minas diamantíferas.

Nesta reportagem percebe-se que a administração udenista em Gilbués estava muito ligada ao público dos garimpos, haja vista a quantidade de obras realizadas nesses povoados pelos três gestores udenistas citados. Além de escolas e mercados nos povoados dos

⁴⁷⁷ Ainda hoje é comum políticos do sul do Piauí alugarem residências em Teresina para acolher pessoas a tratamento de doenças. A propósito, ver Rogério Jr. (2010, p.180).

garimpos, a UDN alega ter conseguido hectares de terra para garimpeiros. Essa proximidade aos garimpeiros e realização de obras públicas nos povoados de garimpos, em muitos casos, eram traduzidas em votos nas eleições. Ao que parece, o partido da UDN era o que melhor atendia aos anseios do público do garimpo, já que, de fato, os entrevistados da pesquisa relatam e confirmam essa proximidade política dos garimpeiros com esse partido, na condição de eleitor e de candidato.

Do ponto de vista do eleitor, havia uma expectativa quanto ao comportamento do político na região do garimpo, como relatou um ex-garimpeiro: “O chefe político tem que ser uma pessoa que não tem pena de nada, pra ganhar cartaz, pra ganhar cartaz político” e voto. No caso do imigrante acontecia, com frequência, que “você chegava aqui em Gilbués e não conhecia ninguém. Você aproximava de um candidato político, você era bem recebido. Por que então? Queria lhe colher pro voto”. O mesmo imigrante entrevistado revela que “a casa do João Santana, quando ele foi prefeito aqui em Gilbués, era um hospital e uma casa de morada. O pessoal doente vinha tudo pra casa dele. Ele dava cobertura todo mundo” (Informação Verbal)⁴⁷⁸.

A “casa hospital” e “casa de morada” era um ambiente de acolhimento, especialmente, para o imigrante e quem morava na zona rural de Gilbués/Monte Alegre e não possuía residência própria ou de parente na cidade disponível para fazer uma refeição ou pernoitar, quando tivesse necessidade. Mas João Santana, proprietário da “casa hospital” e “casa de morada”, era um político imigrante da Bahia e, certamente, identificava-se e acolhia melhor seus conterrâneos e demais imigrantes, para depois “colher pro voto”. E o referido entrevistado, fazendo uma comparação entre os políticos, revela que “o piauiense é muito seguro, né”? (Informação Verbal)⁴⁷⁹. Assim, quem “ganhava mais cartaz” e voto entre os imigrantes era o político baiano, especialmente na legenda partidária da UDN.

Neste ambiente político, de oposição entre baianos e piauienses, aglutinados na UDN e PSD, os políticos baianos, especialmente sua maior liderança, Amando Gomes, além de “sempre botar as mãos nos baianos”, precisava conter o avanço de outras lideranças políticas, especialmente da “Rua Piauí”, que pudessem ameaçar seu monopólio político no município de Monte Alegre. “Na Rua Piauí quase tudo era adversário de Amando Gomes” (Informação Verbal)⁴⁸⁰. A relação deles com os adversários, segundo um entrevistado, era

⁴⁷⁸JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁷⁹*Idem.*

⁴⁸⁰SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

muito boa. O Amando era um político, um político finíssimo. Não brigava com ninguém; se ele soubesse que você, o inimigo estava falando, criticando, xingando ele, quando ele encontrava, passava a mão no ombro: “Oh, meu amigo e tal”. Era assim que ele fazia na política. Conhecia todo mundo; ajudava todo mundo. Quando morria, fosse onde fosse, ele dava o boi; dava o porco; ia pra lá pra sentinela. E assim ele dominou.

Apesar de “não brigar com ninguém”, Amando Gomes constantemente cooptava lideranças que apresentassem alguma ameaça política a ele, como Maria Humildes de Aguiar e outras da localidade rural de Paus, onde Amando Gomes ou quem ele apoiava quase não recebia votos, já que ali se concentrava um grupo político muito forte do PSD, como Josias Folha; Elias Borges Guimaraes; Ady Guerra; Antônio Martins de Andrade e seu filho, Luís Macêdo de Andrade (Lulu Martins); etc. Com frequência havia investida de Amando Gomes para cooptar um deles ou seus parentes, oferecendo apoio a algum cargo eletivo pra dividir politicamente os pessedistas. Por isso, Amando Gomes “não tinha muitos adversários não”, sendo representado por entrevistados como “inteligente” e “forte” politicamente, bem como “cacique da cidade”: “Amando era o rei mesmo aqui em Monte Alegre” (Informação Verbal)⁴⁸¹.

As relações de Amando Gomes e seus correligionários, quase sempre, eram caracterizadas como de amizade, compadrio e vizinhança, moradores da “Rua Baiana”. Estes laços afetivos de amizade, compadrio e vizinhança irrigavam a política de Monte Alegre e era uma forma de Amando Gomes se manter como líder político máximo no município. Analisando a trajetória política de Tenório Cavalcanti⁴⁸², na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, nas décadas de 1930 a 1960, Grynszpan (1990, p.89), percebeu um cenário político “dividido entre amigos e inimigos. Enquanto aos primeiros, tudo é possível, aos segundos reservam-se as regras impessoais; a lei fria e implacável”.

Essa mesma divisão política entre amigos e inimigos ocorreu em Monte Alegre no período em análise, porém com outras estratégias de contenção do crescimento de adversários políticos. No caso de violência física, não foi constatada nenhum caso atribuído a Amando Gomes ou a alguém sob seu nome, como foi comum no caso de Tenório Cavalcanti na Baixada Fluminense. Porém, Amando Gomes lançava mão de outros “idiomas da patronagem”, para usar a expressão de Grynszpan (1990), como artifícios de cooptação de adversários, inclusive, da Rua Piauí, tornando-os correligionários, amigos no universo político.

⁴⁸¹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁸² Natalício Tenório Cavalcanti Albuquerque, migrante de Alagoas, foi vereador por Caxias (RJ); deputado estadual e Federal (RJ).

Tais estratégias, neste contexto, tornaram-se importantes para mantê-lo como líder político máximo em Monte Alegre, sem a necessidade de recorrer à violência física, mas certamente lançando mão do “poder simbólico”, definido por Bourdieu (2011, p.188), como “um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe”.

Este tipo de poder simbólico pode ser observado na relação de Amando Gomes com seus adversários. Para José Alves: “Quando Amando ganhava a eleição, ele costumava dar uma Secretaria para o adversário administrar”. Em vez da violência, a distribuição de cargo era usada para cooptar adversário. Além disso, “ele era do povão; ia à pé pra prefeitura”. A relação de Amando Gomes com os adversários políticos era tida como “boa. Ele amava mais o adversário do que os correligionários [Risos]” (Informação Verbal)⁴⁸³. A família Lemos de Macêdo, em Monte Alegre, era adversária de Amando Gomes, onde Joaquim Lemos de Macêdo, em 1962, foi candidato a prefeito do município e derrotado pelo candidato amandista Belisário de Ávila Ferreira.

Outro membro da família Lemos de Macêdo e ex-vereador relata a convivência na política com Amando Gomes.

O velho [Amando Gomes] era inteligente pro lado que ajudava ele. Eu fui adversário dele aí um tempo. Aí eu fui candidato a vereador; ganhei em primeiro lugar. Onde ele pensava que um dele ia eleger lá, fui eu. Eu por baixa mão vendi quatro vacas velhas e comprei todo de cortão de chita e sandália pra mulher do interior e pra os velhos botinas e calça das mais baratas. E eu comprava uma peça todinha pra tirar um vestido. Aí eu fui caladinho lá. Fiz a campanha lá; uma semana de esmola. Um velho dizia assim: “Aqui pode você dar sem medo. É dez votos tranquilo. Eu assino”. O pai da turma lá. Aí, meu amigo, eu fui receber a posse em Corrente. Aí o juiz disse: “(aqui não tinha juiz) rapaz, o senhor tem uma rezinha forte”. Por quê, doutor? “Olha, só votaram 853 eleitores em todo o município. O senhor, como vereador, consegui 216 votos. O senhor teve mais votos que o prefeito” (Informação Verbal)⁴⁸⁴.

“Aqui pode você dar sem medo. É dez votos tranquilos”. As trocas de votos por diversos favores e/ou mercadorias, onde um patriarca considera-se dono dos demais votos na unidade familiar. Estas práticas, ao que tudo indica, eram corriqueiras no ambiente em estudo. Nesta direção, afirma um dos entrevistados com relação ao voto: “Sempre eu votava, acompanhava o velho meu pai” (Informação Verbal)⁴⁸⁵.

⁴⁸³ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁸⁴ CASTRO, Onildo Francisco. 86 anos; ex-vereador e proprietário de terra em Monte Alegre. Entrevista. (19/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁸⁵ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Com relação à votação de Numeriano Lemos de Macedo, nas eleições de 1970, o TRE do Piauí registra que, de fato, ele foi o vereador eleito com a maior quantidade de votos: 216. Porém, sua votação não foi superior à do candidato amandista a prefeito, José Salustiano de Santana, que obteve 648 votos, enquanto seu opositor, Adolfo Pereira da Trindade, conseguiu 543 votos. Somam-se a estes votos, segundo o TRE-PI, 15 votos em branco e 15, nulos. Assim, naquelas eleições municipais de 1970 teriam comparecidos não 853, como disse o entrevistado, mas 1.261 eleitores em Monte Alegre. Deste total, o que surpreende é a quantidade de votos nulos para vereador, 251, superando a votação de Numeriano Lemos de Macedo, e 35 votos em branco.

Embora sendo baiano, morando na “Rua Baiana” e “botando a mão na cabeça de baiano”, como político, não seria interessante para Amando Gomes radicalizar, pelo menos publicamente, os conflitos entre baianos e piauienses em Monte Alegre, pois isto poderia impedir o crescimento de seu eleitorado na “Rua Piauí”. Na política, a divisão/rivalidade não pode ser extrema para não atrofiar o poder do partido. Segundo Bourdieu (2011, p.184), “O partido, se não quer ver-se excluído do jogo político e da ambição de participar senão do poder, pelo menos do poder de ter influência na distribuição do poder, não pode consagrar-se a virtudes tão exclusivistas”.

E, neste contexto da pesquisa, Amando Gomes é citado com frequência como o responsável pela aparente eliminação dos conflitos entre baianos e piauienses no município de Monte Alegre. É tanto que ele era admirado, inclusive, por piauienses de seu município, da Rua Piauí.

Você conheceu Amando Gomes ou ouviu falar! Foi o homem que mais mandou aqui em Monte Alegre. No dia que ele entrou na prefeitura, ele acabou [com a rivalidade entre as duas ruas]. A feira, era uma aqui na rua Piauí e na outra semana na rua baiana. Os de lá diziam que a feira aqui não prestava. Era assim (Informação Verbal)⁴⁸⁶.

O mesmo entrevistado, em seguida, relata: “aí, Amando chegou e arrancou tudinho. Botou [a feira] bem na Rua do Meio⁴⁸⁷, chamada. Aí, acabou a política. Aí, misturou”. Amando Gomes, como político, interessava a ele que os conflitos entre as ruas Baiana e Piauí fossem superados, desde que o consenso fosse em torno dele. A Rua do Meio seria este espaço neutro, pois não estaria ligada nem aos baianos e nem aos piauienses, sendo assim o lugar apropriado a um possível consenso. Mas, dependendo da conjuntura, o conflito entre as ruas poderia ser benéfico a Amando Gomes e até incentivado por ele. Porém, nos momentos

⁴⁸⁶ *Idem.*

⁴⁸⁷ Esta rua localiza-se na parte norte da cidade, lado piauiense, imediatamente após a grota que dividia as Ruas Baiana e Piauí.

de conflitos, Amando Gomes escolhia a Rua Baiana, onde ele morava com a maior parte de seus conterrâneos, ao mesmo tempo era a região mais populosa da cidade.

O Amando fazia as coisas pra não se juntar [a Rua Piauí e a Baiana]. Aí depois que ele foi embora [morar em Brasília] e meu pai passou a ser prefeito, acabou [o conflito] por um certo tempo. Quando ele retornou, ele tornou fazer intriga. Amando foi quem mandou nessa cidade desde o nascimento dela até poucos dias (Informação Verbal)⁴⁸⁸.

For fim aos conflitos entre baianos e piauienses, em Monte Alegre, parece que se tornou uma bandeira política, pelo menos no plano discursivo. Partidários de Amando Gomes consideravam-no como aquele que superou os conflitos entre as duas ruas. Por outro lado, adversários de Amando Gomes acusam-no de instigar tais desavenças, trazendo para si a conquista do consenso no município.

Como visto, ser do lado baiano ou piauiense em Monte Alegre, era fundamental para se pensar os sujeitos, inclusive politicamente. E, neste sentido, os garimpeiros piauienses, morando na Rua Piauí, também eram, de certa forma, cooptados por políticos baianos. Nas eleições, transpor essa fronteira Rua Baiana-Piauí era um desafio político, que exigia diversas estratégias. Assim, Amando Gomes, bem como Salu Santana, surgem em determinadas entrevistas como servidores inigualáveis de garimpeiro, mesmo piauienses. Eram estratégias políticas de conquista de votos destes sujeitos.

A relação de Amando com os garimpeiros era uma beleza; era uma beleza. Não tinha outro homem pra servir garimpeiro como Amando não. E os faisqueiros, Salu Santana, fornecia; se chegasse lá e vendia um diamante. “Salu, estou com precisão de fazer aqui a feira”. Ele metia a mão no bolso e dizia: “olha, vai trabalhar. Toma aqui o dinheiro, compra as coisas e vai. Traga o diamante pra me vender”. Aí quando o cabra pegava o diamante: “olha, seu Salu [Santana, ex-prefeito], eu peguei”. “Tá bom”. Naquele dia eu fiquei devendo o senhor aqui. Cobra aí. “É. Vou cobrar”. Depois ele dizia: “Não. Ali foi uma boca de saco [ajuda] que eu lhe dei”. Aí o cara ficava viciado em vender o diamante pra ele, que era amigo da gente mesmo. Eu mesmo cheguei um dia lá com precisão de um dinheiro lá: seu Salu, esse diamante não vale. Esses três diamantinhos aí é fraco. Aumenta mais um pouquinho aí pra mim. “Não. Eu não vou aumentar não, que o diamante só dá esse. Mas toma aqui mais esse”. Me deu, parece, 5 ou 10 contos naquele tempo (Informação Verbal)⁴⁸⁹.

As disputas políticas, em Monte Alegre, entre piauienses e baianos eram muito acirradas, expressando-se nas Ruas Baiana e Piauí. O candidato piauiense conseguia mais voto em sua rua e, o baiano, na outra rua. Chega-se a falar em “Burra Preta”, expressão política local para definir a urna eleitoral na qual o adversário não tinha nenhum ou

⁴⁸⁸RAMOS, Sérgio. 54 anos, filho de ex-prefeito de Monte Alegre. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre -PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁸⁹ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

pouquíssimos votos, como nos relata um dos entrevistados, filho de um ex-prefeito que residia na Rua Piauí:

Meu pai lá na Rua Baiana não tirava não. Lá não tinha voto não. Lá tinha a Burra Preta chamada, que era a urna fechada pra Amando. Era chamada Burra Preta. Quando estava pau a pau, aí “epa, quando chegar na Burra Preta, aí acabou. Ganhamos”.

Por outro lado, segundo o referido entrevistado, mesmo residindo na Rua Baiana e identificado com os contrerrâneos baianos, Amando Gomes conseguia angariar alguns votos da Rua Piauí, especialmente dos poucos garimpeiros baianos que lá fixaram moradia: “Amando sempre tirava. Tinha baiano também que morava desse lado. Agora, a urna fechada que meu pai comandava era o Regalo”⁴⁹⁰, povoado pertencente a Monte Alegre, onde residia a família Folha, adversária de Amando Gomes.

Na primeira eleição, Amando teve dois votos no Regalo, escondidos. Muito tempo vieram descobrir de quem era. Entendeu? Lá no Regalo só votava onde Josias Folha queria. Ele era cunhado de Adolfo Pereira, ex-prefeito de Monte Alegre. Candidato de Amando lá nunca ganhou. Morreu e não ganhou. Botou filho e nunca ganhou no Regalo. Sempre o pessoal não votava lá em Amando por causa de Josias. (Informação Verbal)⁴⁹¹.

“Desde meus avós era praticamente fechada a urna. Depois foi que entrou muita gente de fora, morando lá. Aí o negócio misturou (Informação Verbal)⁴⁹². Quer dizer com a imigração de outras pessoas o “negócio misturou”, trazendo mudanças para a região do garimpo, inclusive, no campo político.

4.2.2 Ditadura Militar de 1964 no Brasil: uma nova estrutura política partidária

Em 1960, Jânio Quadros vence as eleições para Presidente do Brasil, pelo Partido Democrata Cristão (PDC), mas apoiado pela UDN, que elege o vice: João Goulart. Enfim, a UDN conquistara seu objetivo principal, pelo qual lutou desde 1945 até as eleições de 1960. Neste período, segundo Benevides (1981, p.94), a UDN sempre criticava os resultados das urnas, argumentando que o “povo errou” ou que “não sabia escolher seus representantes”, sendo frequente nas derrotas a “contestação dos resultados de pleitos presidenciais, o apelo

⁴⁹⁰ O povoado Regalo, atualmente, faz parte do município de Monte Alegre, sendo anterior ao garimpo e um reduto pessadista. Assim, Amando Gomes, da UDN, era fraco politicamente neste povoado.

⁴⁹¹Entrevista de Antônio Alves Folha concedida em maio de 2002 a Pedro Paulo Tavares de Oliveira. Para mais detalhes, ver Oliveira (2009, p.127).

⁴⁹²RAMOS, Sérgio. 54 anos, filho de ex-prefeito de Monte Alegre. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre -PI, 2018. Arquivo MP4.

constante ao respaldo militar, senão ao golpe, em gritante traição aos seus apregoados princípios liberais”.

Em 31 de março de 1964 a experiência democrática brasileira iniciada em 1945 chegaria ao fim. Se a UDN contribuíra para a construção desta experiência, também foi fundamental sua participação na desconstrução. Com o início da Ditadura Militar em 1964, chega-se ao fim o pluripartidarismo, substituído pelo bipartidarismo. *O Ato Institucional 02 (AI, nº02), de 27 de outubro de 1965*, de Humberto Castello Branco, no Art. 18, estabelece que “Ficam extintos os atuais Partidos Políticos e cancelados os respectivos registros”.

Já *o Ato Complementar nº 4, de 20 de novembro de 1965*, cria as condições para formação de novos partidos. O Art. 1º diz que “Aos membros efetivos do Congresso Nacional, em número não inferior a 120 deputados e 20 senadores, caberá a iniciativa de promover a criação, dentro do prazo de 45 dias, de organizações que terão, nos termos do presente Ato, atribuições de partidos políticos enquanto estes não se constituírem”. Dadas essas condições, no máximo, poderiam ser criados dois partidos, surgindo a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), a favor dos militares, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), tido como oposição aos militares.

O Ato Institucional 03 (AI, nº03), de 05 de fevereiro de 1966, de Humberto Castello Branco, estabelece, no Art. 4º, que “Respeitados os mandatos em vigor, serão nomeados pelos Governadores de Estado, os Prefeitos dos Municípios das Capitais mediante prévio assentimento da Assembleia Legislativa ao nome proposto”. Além das capitais, *a Constituição Federal de 1967* determinou que seriam nomeados, igualmente, pelo Governador, os “Municípios considerados estâncias hidrominerais em lei estadual”.

Essa mesma *Constituição*, no artigo 16, regulamentado pela *Lei nº 5.449, de 04 Junho de 1968*, atribui ao Presidente da República o poder de nomeação de prefeitos dos municípios considerados de Segurança Nacional. Assim, em 4 de Junho de 1968 surge a lei nº 5.449, declarando quais os municípios de interesse da segurança nacional, sendo que no Piauí nenhum município foi considerado estância hidromineral, conforme esta lei.

Essas medidas cercearam, e muito, o poder da população brasileira de escolher os membros do Executivo em inúmeros municípios, que passaram a ser escolhidos pelos Governadores e Presidente da República. Lembrando que a eleição dos membros estaduais do Executivo, Governador e Vice-Governador, era realizada “pela maioria absoluta dos membros da Assembleia Legislativa, em sessão pública e votação nominal”, conforme o no *Art. 1º, do AI, nº03, 05/02/1966*. Assim, as eleições diretas, no período ditatorial, ficaram restritas ao

Executivo em certos municípios e para o Legislativo: municipal, estadual e federal, dentro da estrutura bipartidária e sob forte sistema de vigilância e controle.

Neste período em que vigorou o bipartidarismo, no Piauí todos os membros do Executivo Estadual, governadores e vice-governadores, foram eleitos indiretamente pela ARENA, já que este partido controlava a Assembleia Legislativa do Piauí. Na legislatura de 1967 a 1970, os deputados da ARENA ocupavam 77,5% das vagas; na legislatura de 1971 a 1974, a ARENA ocupava 68% das cadeiras; e de 1975 a 1978, a taxa de ocupação da ARENA na Assembleia estadual foi de 75%⁴⁹³. Assim, durante este período, O MDB sempre foi voto vencido no legislativo estadual.

De acordo com Benevides (1981, p.107), os udenistas que permaneceram vinculados à ditadura militar pós 1964, especialmente os com interesses empresariais defendiam que “a intervenção estatal é preferível à ‘subversão social’ (ampliação da cidadania, democratização da sociedade com liberdade sindical, reformulação na política de greves, etc.)”. Dentro desta nova estrutura bipartidária, os partidos políticos antes existentes, como o PSD, PTB e UDN, dividiram-se entre ARENA e MDB. A estes partidos, segundo o Ato Complementar nº 4, art. 13, parágrafo único, ficava “vedada a designação ou denominação partidária, bem como a solicitação de adeptos, com base em credos religiosos ou em sentimentos regionalistas de classe ou de raça”.

Em estudo realizado sobre as origens partidárias dos integrantes da ARENA e MDB no legislativo federal, Fleischer (1981) constatou que, em 1966, 90% dos udenistas migraram para a ARENA e 10% para o MDB; no caso do PSD, 64,5% para a ARENA e, 35,5%, para o MDB; com relação ao PTB, quase 70% migraram para o MDB, considerado partido de oposição. Assim, conclui Fleischer (1981, p.186):

Numericamente a UDN foi o maior bloco dentro da ARENA, e veio ter um papel desproporcional na política e nos governos (federal e estaduais) pós 1964, fato este que levou o então Deputado Tancredo Neves a caracterizar a Revolução como a ‘ditadura da UDN’.

Com a vigência da ditadura militar, sob forte influência dos udenistas, o Piauí foi governado por Petrônio Portela Nunes (1963-1966)⁴⁹⁴; Helvídio Nunes de Barros (1967-1970)⁴⁹⁵; Alberto Silva Tavares (1971-1975); Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978)⁴⁹⁶ e

⁴⁹³ Para mais detalhes, veja no *site* da Assembleia Legislativa do Piauí: http://servleg.al.pi.gov.br:9080/ALEPI/consultas/parlamentar/parlamentar_index.html. Acesso em 20/08/19.

⁴⁹⁴ Petrônio Portela Nunes renunciou ao governo do Estado do Piauí em agosto de 1966 para candidatar-se ao Senado, quando assumiu interinamente José Odon Maia Alencar até janeiro de 1967.

⁴⁹⁵ Helvídio Nunes de Barros, em 16 de maio de 1970 renunciou ao Governo do Estado do Piauí para se candidatar ao Senado Federal, ocupando o cargo até 15 de março de 1971, o vice-governador, João Clímaco de Almeida.

Lucídio Portela Nunes (1979-1983). Todos esses governadores eram alinhados ideologicamente ao sistema político vigente, fazendo parte da ARENA durante a ditadura militar, e, antes do bipartidarismo, eram vinculados à UDN. Assim, seguiram a mesma lógica migratória predominante no cenário nacional: UDN-ARENA, como mostra Fleischer (1981).

O MDB, no Piauí, nesse período, no que se refere ao Legislativo e Executivo municipais, possuía certa representatividade, especialmente nos municípios com maiores números de eleitor, como a capital Teresina, Floriano, Picos e Parnaíba, quando elege inúmeros vereadores e, inclusive, prefeitos. De acordo com dados do Tribunal Regional Eleitoral do Piauí, por exemplo, nas eleições municipais de 1966, o MDB elege em Picos o prefeito, o vice-prefeito e alguns vereadores; em 1970, elege o prefeito e o vice em Floriano, além de vereadores; e nas eleições de 1972 e 1976, também, o MDB elege o prefeito e o vice em Parnaíba, além de alguns vereadores. Em Teresina, por ser capital, o executivo municipal era eleito indiretamente, mas o MDB sempre elegeu diversos vereadores.

Porém, nos municípios de Gilbués e Monte Alegre, bem como em seus vizinhos Bom Jesus, Corrente, Parnaguá e Santa Filomena, a legenda do MDB, partido considerado de oposição aos militares, era pífia em termos de votação, quando não elegeu nenhum membro do executivo municipal enquanto vigorou o bipartidarismo. Em relação ao Legislativo, nestes municípios do sul piauiense, nas eleições de 1966, em Corrente, são eleitos três vereadores pelo MDB e quatro pela ARENA (um vereador pela Arena I e três, pela Arena II). E, nas eleições de 1976, em Monte Alegre, o MDB elege três vereadores e a ARENA, quatro membros do legislativo municipal.

É bom destacar que nos municípios de Bom Jesus, Gilbués, Parnaguá e Santa Filomena, enquanto existiu o bipartidarismo, o MDB não apresentou nenhum candidato, seja ao legislativo ou executivo municipal. Em Corrente o MDB apresentou candidato apenas em 1966 e somente ao legislativo, pois os candidatos ao executivo eram da ARENA. As eleições municipais de 1976 foram as que o MDB obteve maior representatividade nestes municípios do sul do Piauí, quando pela única vez, em Monte Alegre, este partido apresenta candidatos a prefeito, a vice-prefeito e a vereador, elegendo, como dito, três parlamentares.

As candidaturas do MDB em Monte Alegre, nas eleições de 1976, são um ponto fora da curva, em um ambiente completamente dominado pela ARENA. A explicação para tal fato envolve, especialmente, dois personagens políticos de Monte Alegre: Amando Gomes e Adolfo Pereira Trindade, casado com uma irmã de Josias Folha. Adolfo Trindade, nas

⁴⁹⁶No mês de agosto de 1978, Dirceu Mendes Arcoverde deixou o governo do Piauí para concorrer ao Senado Federal, quando assumiu o vice-governador, Djalma Martins Veloso, até 15 de março de 1979.

eleições de 1970, candidatou-se a prefeito de Monte Alegre, mas foi derrotado pelo candidato de Amando Gomes, como já referido. Mas nas eleições seguintes, em 1972, Amando Gomes apoia Adolfo Pereira Trindade, pela ARENA, sendo este eleito prefeito para o mandato de 1973 a 1976.

Após as eleições de 1972, Amando Gomes passa a residir em Brasília, só retornando às vésperas das eleições de 1976, quando Adolfo Pereira Trindade apoia e elege, para prefeito do município, a contragosto de Amando Gomes, o candidato Abílio Alves da Rocha, inclusive tomando posse da ARENA, tradicionalmente dominada por Amando Gomes. No dizer de um entrevistado, “Adolfo encostou em Amando pra ele ser candidato único. Aí quando ele ganhou, pulou fora de Amando. Foi (Informação Verbal)⁴⁹⁷”.

A primeira derrota política de Amando Gomes em Monte Alegre foi para Adolfo Pereira da Trindade. Este foi vice-prefeito do município no período de 1967 a 1970, quando o prefeito era João Rodrigues de Carvalho, apoiado por Amando Gomes.

Ele era o vice de João do Ouro. Só pra ver o que diabo é política. Na próxima [eleição], ele [Adolfo] pulou fora de Amando e foi ser candidato [contra Salu Santana, apoiado por Amando], que era só foi dois anos, que foi de 70 a 72, na época. Aí ele perdeu. Aí ele encostou em Amando pra ele ser candidato único. Aí quando ele ganhou, pulou fora de Amando. Foi (Informação Verbal)⁴⁹⁸.

Porém, não seria uma estratégia de Amando Gomes de cooptação de adversário? Amando Gomes correu risco nesta empreitada, pois Adolfo da Trindade não era baiano. “Ele era daqui do Morro Cabeça no Tempo⁴⁹⁹, que ele era casado com a irmã de Josias Folha⁵⁰⁰ (Informação Verbal)⁵⁰¹. Portanto, o plano de cooptação não deu certo e Amando Gomes, pela primeira vez, perde o controle político de Monte Alegre, pois ao terminar seu mandato, Adolfo da Trindade apoia Abílio Alves da Rocha, sendo eleito prefeito do município para o mandato de 1977 a 1982, derrotando Artur Vieira, candidato de Amando Gomes. Abílio Alves da Rocha, o novo prefeito, era também originário do Morro Cabeça no Tempo e morava na Rua Piauí, para onde temporariamente migrou o centro político do município, ameaçando o predomínio político dos baianos em Monte Alegre.

⁴⁹⁷ CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁴⁹⁸ *Idem.*

⁴⁹⁹ Morro Cabeça no Tempo pertencia ao município de Parnaguá, mas, em 1953, passou a fazer parte do município de Curimatá. Porém, em 1994 foi emancipado politicamente do município de Avelino Lopes e Curimatá.

⁵⁰⁰ Josias Alves Folha foi vereador de Gilbués, pelo PSD (1949-1950) e de Monte Alegre, pela Arena I, (1966 a 1970), quando o cunhado Adolfo Pereira é eleito vice-prefeito apoiado por Amando Gomes.

⁵⁰¹ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Entretanto, esta derrota do baiano Amando Gomes só foi possível, segundo alguns entrevistados, porque ele estava morando em Brasília neste período. Assim, quando foi derrotado, “Amando já morava em Brasília e só vinha aqui de tempo em tempo. Mas aí quando foi na próxima eleição, Amando ganhou. Aí também acabou. Amando veio perder a política do filho, Clésio Gomes” (Informação Verbal)⁵⁰². De fato, Amando Gomes retornou a Monte Alegre e a partir das próximas eleições municipais, retomaria o controle da política no município, novamente elegeu-se prefeito, para o mandato de 1983 a 1988, tendo como vice-prefeita, Maria dos Humildes Aguiar e Silva⁵⁰³. Assim, venceu o grupo político de piauienses, liderado por Adolfo da Trindade e Abílio da Rocha.

Nesse período, o garimpo de diamantes já não tinha tanta expressão econômica e politicamente em Gilbués e Monte Alegre, bem como a oposição entre baianos e piauienses, quando muitos de seus personagens já tinham migrado para outros garimpos e para Brasília. Assim, apesar do garimpo de diamante já decadente, a força política baiana gerada a partir dele continuou forte e liderada em Monte Alegre por Amando Gomes, um imigrante do garimpeiro.

Sobre a perda do controle da ARENA no âmbito municipal para Adolfo Pereira Trindade, nas eleições de 1976, um entrevistado, baiano e udenista, pertencente ao grupo político de Amando Gomes, descreve o motivo pelo qual os antigos udenistas apoiaram o MDB em Monte Alegre.

No pleito de 1976 não tivemos candidato pela Arena I, porque perdemos o Diretório. Então, o candidato nosso foi Alcides Vieira [Soares], que era do MDB. Foi briga entre o Adolfo, que era o prefeito de Monte Alegre e o Benjamim [Lustosa Nogueira de Araújo, então Deputado Estadual], que era da ARENA I, que não queria dar a ARENA I para o prefeito. E o prefeito, era quem estava com a máquina toda lá em cima e ficou. Então, nós apoiamos o MDB. Adolfo era quem mandava. Aí, você sabe, dependia muito, principalmente no meio nosso aqui, do garimpeiro. Então, nós perdemos as eleições (Informação Verbal)⁵⁰⁴.

Apesar de querelas entre os chefes políticos, inclusive pelo controle de legendas e sublegendas na região do garimpo, evidencia-se que a política “no nosso meio aqui dependia muito do garimpeiro”, especialmente por meio do voto, por se tratar de um grupo significativamente numeroso.

⁵⁰² CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁰³ Após seu mandato (1983-1988), Amando Gomes apoiou e elegeu, para prefeito de Monte Alegre, o baiano Nivaldo Silva e Sousa, para o mandato de 1989 a 1992. E para o de 1993 a 1996, o próprio Amando Gomes, mais uma vez, é eleito prefeito deste município.

⁵⁰⁴ MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, fisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Nessa conjuntura política de 1976 é que surgiu o MDB em Monte Alegre, apoiado por udenistas, quando Adolfo da Trindade lança como seu sucessor, Abílio Alves da Rocha, eleito prefeito do município para o mandato de 1977 a 1982, derrotando Alcides Vieira Soares, candidato de Amando Gomes e dos antigos udenistas, principalmente os baianos. O entrevistado alega, ainda, interferência da polícia da capital, Teresina, na política na região do garimpo.

Assim, considerando o MDB como partido de oposição à ditadura militar e defensor dos ideais democráticos, nestes municípios do sul piauiense, pelo menos institucionalmente, a oposição ao sistema foi insignificante, haja vista a pouca representatividade do MDB na região, em contraste com a grande força da ARENA, partido de sustentação dos militares. Tudo isso faz sentido quando Fabriciano da Cunha Corado, ex-prefeito e então vice-prefeito e presidente da Câmara Municipal de Gilbués, em 1974, refere-se ao sistema político de então, que ele “ajudou a fazer”, como a “Revolução Redentora que tirou o País do caos e do caminho da miséria, levando-o em busca do progresso e do desenvolvimento”.

Os políticos da UDN, PSD e PTB, de Gilbués e Monte Alegre, apesar de adversários, uniram-se, preferencialmente, em torno do partido de sustentação do sistema, a ARENA. Mas as disputas pelos cargos eletivos municipais continuaram dentro da própria ARENA e do MDB, pois na estrutura partidária desenhada pelos militares, cada um desses partidos possuía suas sublegendas, ou seja, poderiam concorrer ao Executivo municipal até três candidatos dentro do próprio partido, sendo eleito o mais votado. Quer dizer, dentro do mesmo partido havia a disputa eleitoral.

Por terem se formado a partir da convergência de vários partidos que existiam antes do *Ato Institucional 02 (AI, nº02)* e do *Ato Complementar nº 4*, ambos de 1965, as disputas entre os diferentes grupos no interior da ARENA e do MDB, ameaçavam sua coesão, especialmente por cargos eletivos de prefeitos e senadores, bem como a cargos dos diretórios municipais e estaduais. Assim, a instituição das sublegendas nas eleições majoritárias de prefeito e senador, permitindo até três nomes por partido em cada eleição, teria sido uma estratégia para amenizar os conflitos e manter a unidade partidária (GERARDI; MADEIRA, 2012).

Se na lógica da política nacional os políticos considerados adversários dos militares e defensores da democracia se uniram no MDB, na região do garimpo aponta-se para uma lógica ou rearranjo político diferente. Em Gilbués e Monte Alegre os antigos partidários do PSD e UDN se agregaram na ARENA, considerado o partido de sustentação da ditadura militar, quando os udenistas concentraram-se, preferencialmente na sublegenda Arena I e os pessedistas, na Arena II. Os antigos udenistas e pessedistas se uniram no partido governista,

mas na política local os conflitos continuaram, inclusive ainda envolvendo políticos baianos e piauienses na região do garimpo. No dizer de um entrevistado, “a Arena I era a UDN e Arena II, o PSD, “que fazia o papel de oposição” (Informação Verbal)⁵⁰⁵.

João Santana foi eleito prefeito de Gilbués em 1972, o último oriundo da Bahia e Fabriciano da Cunha Corado, eleito vice-prefeito, ambos pela Arena II e I, respectivamente, sendo que o último foi o presidente da Câmara dos vereadores e, nesta condição, ferrenho opositor ao prefeito. Em 25 de fevereiro de 1974, por exemplo, ele apresenta um ofício nº05/74 ao General, presidente do Serviço Nacional de Informações (S.N.I), em Brasília, sobre possíveis “desmandos praticados pelo prefeito de Gilbués, Estado do Piauí, sr. João Alves de Santana”⁵⁰⁶.

Segundo as denúncias do ofício, o prefeito João de Santana não realizou nenhuma obra nos 14 primeiros meses de gestão de Gilbués, município carente de serviços públicos; outra denúncia é sobre o comportamento patrimonialista do prefeito, que “vem usando de poderes ditatoriais, como se o município fosse propriedade sua”, não prestando contas dos recursos à Câmara Municipal, pois não respondeu a seus ofícios. É importante destacar que é feita uma denúncia sobre um prefeito supostamente ditador em Gilbués a outros ditadores militares. Ao fazer essas denúncias, certamente, como uma forma de obter êxito em sua empreitada, Fabriciano da Cunha Corado faz elogios à “Revolução Redentora”, “que ajudei a fazer” e que “tirou o País do caos e do caminho da miséria, levando-o em busca do progresso e do desenvolvimento”.

Ademais, para o denunciante, a então gestão do referido prefeito era um “desserviço ao município, ao Estado, ao País e, sobretudo, à Revolução [e] que denigria nossa causa”. Além desta, Fabriciano da Cunha Corado faria ainda outras denúncias aos órgãos competentes contra o prefeito João de Santana, como assinaturas falsas de analfabetos em recibos da prefeitura. Para investigar essas denúncias, em agosto de 1974, desloca-se de Teresina-PI para Gilbués uma equipe com a missão de “Apurar Irregularidades na Prefeitura de Gilbués/Piauí”, como consta o *Relatório nº30/74 de 21/08/1974*. Apesar de todas as denúncias, João Alves de Santana conseguiu manter-se no cargo até o final do mandato.

Após a morte do Coronel Fausto Lustosa, o gilbueense Fabriciano da Cunha Corado (1913-2010), entre a década de 1940 e 1970, período em análise nesta pesquisa,

⁵⁰⁵ *Idem.*

⁵⁰⁶ Para mais detalhes, ver CORADO, Fabriciano da Cunha. Ofício nº05/74. Câmara Municipal de Gilbués-PI. 25 de fevereiro de 1974. Disponível no Serviço Nacional de Informações (S.N.I): http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1826314&v_a_ba=1. Acesso em 20/09/2018.

provavelmente tenha sido o maior personagem político atuante no município, ora junto aos baianos, ora contra eles. Fabriciano Corado, como vimos, foi vereador por diversas vezes e prefeito de Gilbués. O poder político, em grande parte, ficaria na mesma família, pois uma irmã de Fabriciano Corado era casada com Fausto Lustosa.

Um membro da família Lustosa narrou: “Fabriciano Corado dizia pra mim o seguinte: ‘Eu mandei muito mais em Gilbués quando eu não tinha cargo eletivo. Porque quando eu tinha cargo eletivo, eu tinha que prestar conta do que eu fazia. E quando eu não tinha cargo eletivo, eu não tinha que prestar contas pra ninguém. Era comigo mesmo (risos) (Informação Verbal)’⁵⁰⁷. O mesmo entrevistado ainda afirma que Fabriciano Corado

Comandava a cidade. Ele comandava. Ele botava, ele tirava. As pessoas tinham aquele respeito, aquela admiração por ele. A pessoa é nata. A pessoa não aprende; ela pode até vim a aprender, mas quando a pessoa ela é nata, nasce com aquilo, a tendência dela é só melhorar, quando a pessoa sabe fazer a coisa. E ele era nato, era um líder nato. As pessoas gostavam de estar perto dele, as pessoas se apaixonavam por ele. Certo? Os adversários temiam e admiravam ao mesmo tempo. Entendeu? (Informação Verbal)⁵⁰⁸.

O líder nessa visão é descrito com poderes absolutos e natos. Os adversários admiravam-no ou temiam-no. A palavra, escrita ou não, tinha força: “Petrônio Portela Nunes foi Ministro de Justiça no governo Figueiredo, na época da Ditadura, e foi cotado para ser Presidente da República. Petrônio por várias vezes recebeu Fabriciano Corado por bilhetes feitos em papel de cigarro”. Porém, a fala e seu poder político, na prática em Gilbués, não foram tão absolutos o quanto parece na descrição do familiar, pois os imigrantes do garimpo, e muito, limitaram o poder político das lideranças locais de Gilbués e Monte Alegre, como vimos neste capítulo.

⁵⁰⁷ CORADO NETO, Fabriciano. 51 anos. Engenheiro Agrônomo e pesquisador de solos de Gilbués. Entrevista. (21/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁰⁸ *Idem.*

CAPÍTULO 5

MULHERES NOS GARIMPOS DE GILBUÉS E MONTE ALEGRE: de domésticas a “feras do diabo”

Tinha umas mulheres aqui que eram umas feras do diabo. Trabalhavam igual os homens. Furavam buraco aí. Entravam em cisternas. Não tinha fundura. Bem aqui na Cachoeira tinha Mariana e outra, nunca encontrou um par de garimpeiro pra furar uma cisterna primeiro que elas no barro. Ô mulheres feras pra cortar (Informação Verbal)⁵⁰⁹.

É comum a presença de mulheres em garimpos de diversos minérios no Brasil, como ouro, cristal de rocha e diamantes, sendo abordado esse tema em várias pesquisas, inclusive internacionais (CASTILHOS; LIMA; CASTRO, 2006). Por exemplo, existiam mulheres garimpeiras na exploração de diamantes em Minas Gerais e na Bahia, no período colonial e imperial, entre elas muitas escravizadas (MARTINS, 2013; CAROLA, 2002); em Roraima, na segunda metade do século XX mulheres trabalhavam na garimpagem de ouro e diamantes (SANTOS, 2013). Além do trabalho diretamente ligado à exploração de pedras preciosas, como ouro, diamante ou cristal de rocha, muitas mulheres migraram para desenvolverem outras atividades, tanto as domésticas, cuidando dos esposos garimpeiros e filhos/as, como as sexuais nos cabarés (BRASILIENSE, 1985; GONÇALVES, 1984; MOREIRA FILHO, 2012; etc.).

Entretanto, a mineração, de uma forma geral, em todas as culturas é representada como atividade masculina, por ser definida como dura, insalubre e requerendo muita força física, excluindo as mulheres desta atividade, consideradas frágeis e sensíveis a esse tipo de trabalho (CASTILHOS; LIMA; CASTRO, 2006). Assim, dentro dos padrões de sociabilidade de homens e mulheres, muitos deles convencidos a partir das diferenças biológicas do sexo, mesmo quando a mulher exerce a atividade de mineração, ela não é reconhecida como tal. Por exemplo, Carola (2002), ao investigar “as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina, de 1937 a 1964”, percebeu que, apesar do efetivo trabalho dessas mulheres nas minas, elas tornaram invisíveis socialmente, inclusive nos registros sobre os trabalhadores/as elaborados pelas empresas mineradoras. Além disso, a cidade de Criciúma faz homenagem à

⁵⁰⁹CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

mineração de carvão, através de um homem minerador, não sendo as mulheres lembradas nesse monumento. Fenômenos como esse de invisibilidade da mulher na mineração é “a primeira diferença de gênero que encontramos” nesse setor (CASTILHOS; LIMA; CASTRO, 2006, p.44).

Em Gilbués/Monte Alegre constatamos o mesmo processo de invisibilização das mulheres que trabalharam na garimpagem de diamantes. Os documentos produzidos sobre essa atividade a definem como masculina, não reconhecendo a participação e protagonismo de mulheres nos garimpos de diamante, inclusive na garimpagem de cisterna. Tal qual Criciúma no caso do carvão, o Brasão de Monte Alegre, por exemplo, destaca a imagem de um homem garimpando diamantes, como símbolo do município, olvidando, também, a participação das mulheres na garimpagem de diamante.

Figura 2: Brasão de Monte Alegre-PI



Fonte: MPI (2021).

Aliás, quando as mulheres surgem nos documentos, são associadas à “raparigagem desenfreada” dos garimpos de Gilbués/Monte Alegre, como noticiou o Jornal, *O Dia*, em 22/11/1953. Assim, neste capítulo, recorrendo a entrevistas de ex-garimpeiros/as e outros documentos, analisamos diversos papéis assumidos pelas mulheres no processo de exploração de diamantes no sul do Piauí, tais como domésticas; “mulheres de vida livre” e mulheres executando atividades, inclusive em áreas consideradas masculinas, como na garimpagem de cisternas e na política, especialmente através de traços biográficos de Maria Humildes de Aguiar, que foi eleita vereadora, vice-prefeita e candidata a prefeita de Monte Alegre.

5. 1 Mulheres Diversas nos Garimpos de Gilbués/Monte Alegre

No princípio da garimpagem nem sempre a migração para Gilbués envolvia diretamente as mulheres, pois, às vezes, somente o homem, pai/esposo/irmão se deslocava temporariamente. Após a primeira experiência no garimpo, o imigrante fazia uma análise comparativa, envolvendo aspectos sociais e econômicos, entre seu antigo lugar de origem, onde sua família ainda residia, e o lugar do garimpo. “Aí ia melhorando; arranjava dinheiro e fazia uma casinha (Informação Verbal)⁵¹⁰”. Depois disso, era comum a escolha definitiva pela “terra do diamante”, para onde, finalmente, migravam a esposa e os filhos, ou seja, toda a unidade familiar.

Em termos gerais, esse padrão de homem migrante sem companhia da família era válido para o garimpeiro, fornecedor/faisqueiro e exportador, embora com suas particularidades. Um entrevistado faz uma ressalva: “só aqueles pobrezinho mesmo que não podiam deixar a mulher; aí vinham aventurar a sorte” (Informação Verbal)⁵¹¹. Os migrantes “com condições” e “aqueles pobrezinhos” tomam decisões diferentes quanto à maneira de migrarem, sendo esse mais um aspecto das clivagens entre os personagens do garimpo. Alguns deles não possuíam uma estrutura mínima para manter sua família em seu lugar de origem enquanto se ausentavam temporariamente para o garimpo. Por isso, alguns migravam de imediato, com toda a família, para “aventurar a sorte”.

É verdade que muitos “esposos/pais” migrantes não possuíam em seu lugar de origem uma reserva econômica suficiente para manutenção de suas proles em sua ausência. Porém, a migração, de imediato ou não, de toda a unidade familiar não era determinada somente por aspectos econômicos, apesar de sua relevância no processo. Em muitos casos a rede de solidariedade, na qual os sujeitos estavam envolvidos, formada por parentes e amigos, supria as necessidades econômicas mínimas da família de maridos provedores ausentes. Porém, outros aspectos, como de segurança física, eram levados em consideração para a tomada de decisão de migrar ou não. Por vezes, esses aspectos eram determinantes sobre a não migração dos membros da família, inclusive do “marido/pai”.

De certo, a migração envolve toda a unidade familiar no processo, inclusive os que não migram (MARTINS, 2003). Após ter trabalhado nos garimpos de Gilbués/Monte Alegre,

⁵¹⁰PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵¹¹PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Cândido Carvalho Guerra (1977), ex-garimpeiro, escreveu um romance, descrevendo as angústias que envolviam muitos garimpeiros e suas famílias no momento da partida:

Assim é que Venâncio, de madrugada, arrumando o seu malotão para viajar, enquanto chorava compulsivamente sua pobre esposa, que deveria ficar só, com cinco filhos menores, quase ao desamparo, pois a deixaria sob os cuidados de um fazendeiro, o Coronel Jesuíno Andrade; mas sabia lá se o Cel. Jesuíno velaria por ela? (GUERRA, 1977, p.15).

A insegurança quanto à fidelidade do marido e permanência de laços matrimoniais, também, influenciavam na migração, seja para o retorno do migrante ou para a ida da esposa, ainda mais em um contexto carente de meios de comunicação, como os garimpos de Gilbués/Monte Alegre. De fato, enquanto alguns maridos/pais enviavam com frequência notícias e recursos do garimpo para a manutenção de sua família, em seus locais de origem, outros constituíam novas famílias na “terra do diamante” e ficavam “sem noticiar”, como narra um entrevistado sobre um garimpeiro: “Ele saiu e deixou a família aqui. Ele foi pra o garimpo de Gilbués e foi passando o tempo, passando o tempo, pensou que não, abandonou a família e aí foi morrer em Barreiras, Bahia. Lá ele deixou uma família. Deixou oito filhos ou nove, lá” (Informação Verbal)⁵¹².

Assim, além das mulheres que migraram desde a primeira vez com os maridos, outras em busca de uma assistência material mais consistente ou por medo do marido encontrar outra esposa, muitas delas tomaram a decisão de “vir à procura” do esposo no garimpo, levando consigo os filhos.

Aí pai veio como faisqueiro, comprador de diamante. Esse veio em 1946 e ficou por aqui. Aí nós achamos por bem que deveria vir à procura dele. Ele veio só e nós ficamos lá. Veio minha mãe; uma irmã de minha mãe; um moço, que casou-se com ela e os três filhos. Todos nós nascemos lá na Bahia. Aí chegamos aqui em 1951, em Boqueirão (Informação Verbal)⁵¹³.

O percurso da migração era longo, especialmente se feito a pé, como fizeram muitas mulheres baianas, deixando sinais visíveis no corpo. Uma delas relata sobre os “quinze dias de viagem” até Monte Alegre: “mamãe nos primeiros dias, mamãe inchou os pés que ficaram aqueles pilão. E eu traquinando, que menino é bicho duro. E eu nem aí” (Informação Verbal)⁵¹⁴. Durante a migração, quando “chegavam num lugar que tinha água, a gente se recuava e tomava banho, né? Os homens tomavam banho; aí as mulheres iam tomar banho também. Não tinha banheiro, a gente ficava detrás daquelas moitas e tomava banho”. Porém,

⁵¹²MATIAS, Paulo José. 96 anos e ex-tropeiro no garimpo. Entrevista. (10/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵¹³NONATO, José Armando. 78 anos e ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista. (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵¹⁴PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

homens e mulheres tomavam banhos “separados. Ali era o maior respeito do mundo” (Informação Verbal)⁵¹⁵. A vivência do percurso entre o lugar de origem e o garimpo era, em certo sentido, uma reprodução de normas sociais das pessoas envolvidas.

Quando mulheres migravam em companhia de homens, geralmente, eram elas que preparavam e distribuíaam a alimentação no percurso, pois era considerada uma atribuição feminina, ligada ao espaço doméstico, que não se alterava no trajeto do garimpo. Por isso, a mulher era a “cabeça da turma da tropa” nesse quesito, como descreve a mesma entrevistada:

Era mamãe quem cozinhava, que era a cabeça da turma da tropa. Ela arranchava e botava as trempezinhas. Mas ele, meu tio, tinha umas forquilhazinhas e tinha uma travessinha e botava uns arames pra botar as panelas, pra não... porque, às vezes, tinha lugar que não tinha pedra pra fazer trempe. Ele já tinha essa armaçãozinha (Informação Verbal)⁵¹⁶.

Assim, com base nas entrevistas realizadas na pesquisa, desde o início da exploração do diamante, mulheres migrantes estiveram presentes em Gilbués/Monte, sendo que muitas delas, inclusive as nativas, exerciam as atividades domésticas: preparando alimentação e distribuindo aos membros da família; cuidando da limpeza da residência e demais afazeres do lar. Atividades semelhantes desenvolviam mulheres no contexto da garimpagem de opala no município de Pedro II, no Piauí, como mostrou Lima (2008). Mesmo desenvolvendo tais atividades em Gilbués/Monte Alegre, elas não eram consideradas trabalho, como relata uma entrevistada: “nessa época não tinha trabalho pra mulher não, meu irmão. Tu pensavas que tinha? [Risos]. Era só homem que trabalhava. Ela era doméstica de sua casa. Não tinha empregada (Informação Verbal)⁵¹⁷!

Mesmo como domésticas, mulheres desenvolviam outras atividades para além do espaço doméstico. Por exemplo, o pedido de demissão, datado de 1935, dos Conselheiros Municipais de Gilbués, Joaquim José de Oliveira e Antônio Corado, feito ao interventor do Piauí, Leônidas Melo, descreve a distribuição dos cargos públicos em Gilbués. Prefeito; juiz; coletor; fiscal; promotor; delegado; carcereiro; escrivão, dentre outros cargos públicos do município eram distribuídos aos homens “que trabalhavam”. Porém, no referido documento, o cargo de professora era de uma mulher.

Aliás, algumas imigrantes no período de exploração de diamantes tornaram-se professoras em Monte Alegre e Gilbués, como Genoveva Freitas Lustosa, Isabel Maria de

⁵¹⁵ *Idem.*

⁵¹⁶ *Idem.*

⁵¹⁷ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Jesus dos Santos, que vieram de Floriano, e Maria dos Humildes de Aguiar, que veio de Teresina, embora sendo seus pais originários de Gilbués.

Outra idosa entrevistada recorda um repertório maior de atividades desenvolvidas por sua mãe: “ela fazia doce, biscoito. Ela era costureira. Ela tinha uma maquininha. Fazia roupa pra aqueles vizinhos ali tudo. Ganhava dinheiro. Mamãe vivia desaparecida na época. Se ela costurava pra pessoa que trabalhava de roça e tinha legume, ela costurava roupa a troco de legume. Nesse tempo ela tinha um boteco” (Informação Verbal)⁵¹⁸, lembrando que “ter boteco” não era uma das atividades consideradas de mulher.

Já outras mulheres, em Gilbués/Monte Alegre, desenvolviam outras atividades relacionadas à exploração do diamante. Nas feiras aos finais de semana, diversas barracas de propriedade feminina eram encontradas, especialmente comercializando alimentação, como uma extensão das atividades desenvolvidas no interior da residência.

Havia também mulheres tropeiras, como Iná Correia. Ela era “mulher de Manoel e fazia azeite de mamona aqui, em Curimatá, e foi vender algumas vezes lá, no garimpo, quando Manoel largou ela; assim logo que ele largou e ficou sem noticiar. Aí ela foi pra vender azeite” no garimpo” (Informação Verbal)⁵¹⁹. “Ser tropeira” não era uma atividade socialmente adequada à mulher no período e contexto do garimpo de diamantes. De modo geral, em situação de crise familiar, como o caso de Iná Correia, era que a mulher se colocava na condição de tropeira.

Outro grupo de mulheres que migraram para os cabarés dos garimpos de diamantes foram as “mulheres de vida livre”. O conceito “livre” em si, na modernidade, tem sido um valor positivo socialmente, motivo de lutas, como ser livre para escolher sua opção sexual, sua religião, expressar ou não seus pensamentos, etc. Porém, no contexto do garimpo de Gilbués/Monte Alegre, “mulher de vida livre” significava estar livre das obrigações e do *status* matrimoniais, podendo relacionar-se com uma maior diversidade de homens, inclusive casados. Muitos deles pagavam em dinheiro pelos serviços sexuais.

Assim, ter “vida livre” era algo negativo nos garimpos de Gilbués/Monte Alegre, pois não se tratava de um ideal local de *status*. Por isso, esse papel era exercido, preferencialmente, pela mulher imigrante. Segundo relatos de entrevistados/as, as “mulheres de vida livre” vieram de “de todo lugar. Do Ceará, da Bahia, do Maranhão” e de além de outros municípios

⁵¹⁸ *Idem*.

⁵¹⁹ PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

do Piauí, como Floriano (Informação Verbal)⁵²⁰ e Bom Jesus. Já em outros garimpos estas mulheres eram denominadas de “mulheres damas”, como em Pium, no Goiás (BRASILIANSE, 1985) e Lençóis, na Bahia (GONÇALVES, 1984).

Se na década de 1940 cearenses e piauienses, dentre outros, migraram para trabalhar em garimpos de cristal no Goiás (BRASILIANSE, 1985), a partir dessa mesma década, de lá, migraram, também, para os garimpos de Gilbués/Monte Alegre: “tinha muita gente do Pium; do Rio Vermelho, desses lugares aí. Veio muita gente compradores de diamantes, exportadores já habituados do Goiás; do Maranhão, muita gente” (Informação Verbal)⁵²¹. Certamente, entre eles, migraram para o sul do Piauí, também, mulheres já “habitadas” em atividades relacionadas ao garimpo, inclusive em cabarés.

Os garimpos goianos eram abastecidos por “mulheres damas” de outros municípios do Goiás e de outros estados, como mostram Moreira Filho (2012) e Brasiliense (1985, p.09-10): “... outro caminhão parado. Estava cheio de mulheres na carroceria. Lenços de cores vivas, pulseiras largas, vestidos os mais diferentes e espalhafatosos, muito riso louro, muita cantiga à toa. _Aquele caminhão tá cheio de mulher dama que vai pro garimpo! Veja só, espia”! Eram as “mulheres damas” que migravam os cabarés do garimpo.

Porém, essas “mulheres de vida livre”, em Gilbués/Monte Alegre, e “mulheres casadas ou de família” não deveriam frequentar os mesmos espaços, sendo alguns reservados ou proibidos, segundo a reputação sexual das mulheres. Um ex-garimpeiro, ao recordar do período da exploração do diamante, aponta tais lugares:

Ali, olha, não tem um bequinho bem ali? Ali era só delas. Mas as mulheres da vida só botava a cara até naquela esquina daquele beco. Respeitava! Aqui não misturava rapariga com as mulheres casadas não. Nem as mulheres casadas iam lá e nem as raparigas pisavam aqui (Informação Verbal)⁵²².

As festas, fora do espaço dos cabarés, também eram outros lugares proibidos às “mulheres de vida livre”. Caso alguma delas não obedecesse às prescrições, era reprimida verbal e/ou fisicamente, inclusive por homens, muitos deles, certamente, frequentadores dos cabarés e amantes das mesmas “mulheres da vida”. Diz um ex-garimpeiro que,

pra o senhor ter uma irmã, uma sobrinha, ter uma esposa pra ir lá pra uma festa; se uma mulher da vida, da zona, se entrasse, era puxada pela orelha. Era pela orelha: ‘Você não dança aqui não’! Se a mulher tivesse assim no pé de uma banca e saísse

⁵²⁰PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵²¹MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵²²SANTOS, João Maria. 77 anos e ex-garimpeiro. Entrevista (19/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

assim pra conversar com outra ali: ‘Você vai embora agora’. Ela ia embora. Era desse jeito (Informação Verbal)⁵²³.

Apesar das diferenças locais de *status* entre “mulheres casadas” e “mulheres de vida livre”, a estas existia a possibilidade de ascensão social. O primeiro passo seria quando uma delas se tornava amante exclusiva de um homem. Neste caso, a rigor, deveria ele ter condições financeiras para custear o estilo de vida da amante, mesmo já ele tendo outra família.

O segundo passo, e de maior ascensão, seria por meio do casamento. De fato, alguns políticos e fazendeiros, pertencentes ao grupo das “gentes grandes”, tiveram relacionamentos amorosos com “mulheres de vida livre”, inclusive alguns se casaram com elas.

A respeito de mulheres de “vida livre” que se tornaram esposas na região do garimpo, um ex-fornecedor/faisqueiro relata sobre a situação matrimonial de seu pai, exportador de diamantes e ex-prefeito de Monte Alegre.

A segunda esposa de meu pai era maranhense. Ela era mulher de vida livre. Está entendendo? E como ela tinha muitas. Ela veio pra aqui, nova. E como ela tinha muitas. Muitas delas que vieram casaram com gentes grandes. E hoje vivem ou já morreram, mas constituíram família, essas mulheres. Essa mesmo de meu pai era mulher que vivia de vida livre, mas aí começou e casaram. Ela era uns 20 anos ou 30 anos mais nova do que ele (Informação Verbal)⁵²⁴.

Se várias mulheres “de vida livre” conseguiram casamentos, inclusive com “gentes grandes” em Gilbués/Monte Alegre, não significa dizer que a redenção delas ao reino das mulheres casadas e de família fosse total, pois a maioria de seus casamentos era com homens que buscavam um segundo matrimônio e “muitos anos mais velhos” que elas. Um homem jovem e “gente grande” dificilmente se casaria pela primeira vez com uma “mulher de vida livre”. De modo igual, uma jovem de família raramente se casaria, também, pela primeira vez com um homem “muito mais velho” que ela e já casado anteriormente. Assim, tanto as “mulheres de vida livre”, quanto os homens idosos, mesmo que “gentes grandes”, possuíam as maiores limitações no mercado matrimonial.

5.1.1 Mulheres de “Vida Livre” nos Cabarés e nas “Manchas”

Os garimpos de Gilbués/Monte Alegre, além de diamantes e feiras, possuíam os cabarés: lugares de diversão, para alguns; de trabalho, para outros, sendo, também, lugares de

⁵²³ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

⁵²⁴MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

“perigo doido”. Os cabarés são comuns em outros garimpos, como mostram diversos autores (MOREIRA FILHO, 2012; BRASILIENSE, 1985; GUANAES, 2001; JESUS, 2017; SANTOS, 2013; MARTIINS, 2013, etc.). Porém, na sede do município de Gilbués, não havia cabaré, segundo os entrevistados. Um deles afirmou: “Em toda corruptela tinha cabaré. A primeira coisa que eles faziam era o cabaré. Onde tinha uma mancha, o cabaré ia. Mas em Gilbués [sede] nada de cabaré. Tinha nada lá. Só fazia lá umas festinhas dos grã-finos” (Informação Verbal)⁵²⁵.

As “mulheres de vida livre” não poderiam, na sede de Gilbués, atender a seus clientes, como garimpeiros; faisqueiros; exportadores e tropeiros, além de “grã-finos” de Gilbués, inclusive da sede municipal.

Uma peculiaridade de Gilbués: eles não aceitavam prostituição aqui. As raparigas, como se chamam aqui, não ficavam aqui. Ou em Monte Alegre ou em Boqueirão. Agora, os fazendeiros daqui iam lá pra onde estavam as raparigas, mas não deixavam se estabelecer aqui não. Nunca teve zona aqui em Gilbués [Risos] (Informação Verbal)⁵²⁶.

Assim, os cabarés somente funcionavam nos povoados de garimpo, ficando mais próximo dos clientes garimpeiros e mais distantes das famílias tradicionais da sede de Gilbués. Para os “grã-finos”, proprietários locais, também clientes dos cabarés, essa distância lhes era conveniente, para ocultar suas infidelidades matrimoniais/familiares. Desta forma, nos cabarés se reuniam homens diversos, nativos ou imigrantes, para dançarem, embriagarem-se e vivenciarem aventuras sexuais.

Diz um entrevistado que, por exemplo, nos cabarés de “Monte Alegre foi o lugar onde teve mais mulher, prostituta, rapariga, do lado da Bahia, do lado do Maranhão. Aqui era cheio de mulher, rapaz. Era dinheiro demais; corria muito dinheiro aqui⁵²⁷ (Informação Verbal)”. Sanfoneiros não faltavam: “aqui tinha demais. Tinha Jonas, tinha Mulato, tinha Acebias, um paraibano, de Campina Grande. Esse homem batia sanfona que parecia”... (Informação Verbal)⁵²⁸. Diversos outros sanfoneiros são citados. “Nego aí dançavam que... Mulher arrastava o cabelo no chão aí [Risos] (Informação Verbal)⁵²⁹. O Jornal, *O Dia*, em

⁵²⁵PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵²⁶ARAÚJO, Bertoldo Fonseca. 62 anos e filho de ex-garimpeiro. Entrevista. (14/03/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵²⁷CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵²⁸PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodóro Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵²⁹*Idem*.

22/11/1953, além de noticiar que “corria tanto dinheiro”, informava sobre a “raparigagem desenfreada” nos garimpos de Gilbués.

Os cabarés funcionavam todos os dias, mas as festas de sanfona, geralmente, só ocorriam aos fins de semana, quando o “pau quebrava”, com a chegada dos clientes vindo das “manchas” e de tropeiros, de diversos municípios do Piauí e de outros estados: “Aqui era no fim de semana. Segunda, terça, quarta e quinta o garimpeiro estava no garimpo. Sábado era feira aqui. De sexta pra sábado e de sábado pra domingo aí o pau quebrava, rodava” (Informação Verbal)⁵³⁰. O garimpeiro, “quando pega o diamante, vem a farra, a bebida, a mulher” (Informação Verbal)⁵³¹.

Além de sanfoneiros, as músicas que faziam as festas nos cabarés eram executadas com as vitrolas: “lá foi o primeiro lugar que eu fui ver vitrola. Rádio não tinha [no início da garimpagem]. Ia saber quem tinha um rádio. O toca disco era vitrola mesmo. Ah, meu amigo. Tinha muita música (Informação Verbal)⁵³²”. Os imigrantes do garimpo de outros estados, bem com comerciantes/tropeiros, além de exportadores indo e vindo, com frequência, dos grandes centros urbanos do país, onde comercializavam os diamantes, certamente eram os primeiros a entrarem em contato, na época, com essas músicas de dimensões nacionais ou inter-regionais. Certamente, eram eles que traziam esses discos para as “vitrolas de corda ou radiolas” dos cabarés de Gilbués/Monte Alegre. “Chegavam aqui através de disco. Eram os LPs [Long Play]” (Informação Verbal)⁵³³.

Diversos intérpretes musicais brasileiros foram lembrados pelos entrevistados: tinha “muita música de Luiz Gonzaga”; “Carlos Alberto, que era o Rei do Bolero”. Com o passar do tempo, “aí começou a vim, a mudar, né? Aí vinha Nelson Gonçalves, que era um cantor que todo mundo gostava. Depois aqui muita gente gostava de Waldick Soriano e assim por diante”. Na lista dos ex-garimpeiros uns estrangeiros apareceram: “praticamente a febre era o mexicano, Bienvenido Granda e o Trio Los Panchos” (Informação Verbal)⁵³⁴. Todos eles eram artistas que entre as décadas de 1940 e 1960 gozaram de grande prestígio musical no Brasil e, alguns, no exterior.

⁵³⁰MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵³¹MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵³²PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵³³MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵³⁴*Idem*.

Das músicas que animavam os cabarés muitas ainda estão presentes na memória de ex-garimpeiros, como eles mesmos relataram/cantarolaram. Aliás, “não falava em música. Era cantiga”. E as de “antigamente, você sabe. Era a valsa, era o bolero. Era o xote; tinha o forró” (Informação Verbal)⁵³⁵. Além disso, “era marcha, era samba” e valsa. De fato, no final da década de 1940 e na de 1950, coincidentemente com o auge do garimpo de diamante em Gilbués/Monte Alegre, o baião de Luiz Gonzaga ganhava as rádios do Brasil, juntamente com outros estilos musicais, tais como a música sertaneja; o bolero; o samba-canção e as marchinhas carnavalescas, veiculadas, de modo especial pela rádio, através dos programas de auditório ao vivo, onde ocorriam os concursos de Rainha e Rei do Rádio (NAPOLITANO, 2010; POLETTTO, 2006).

Além das músicas citadas anteriormente, dentre elas *No Ceará Não Tem Disso Não* (1950), *Meu Primeiro Amor* (1952); *Dez Anos* (1951), outras “cantigas” da época “rolavam” nos cabarés: “Naquele tempo, o samba rodava aí à torta e à direita. Como é aquela outra? Esqueci. Aquela da vaquinha do chocalho? Eu esqueci agora. Esqueci” (Informação Verbal)⁵³⁶! Na verdade, trata-se do baião *Último Pau de Arara* (1956), interpretado pela dupla Venâncio e Corumbá, que se tornaria um clássico da música brasileira com inúmeras regravações posteriores.

Com relação às marchinhas carnavalescas, elas, também, fizeram sucesso nos cabarés de Gilbués/Monte Alegre, segundo entrevistados: Tinha aquele samba “Ai, ai, ai. Está chegando a hora. A noite já vem chegando, aí meu bem, que eu já vou embora⁵³⁷”. Trata-se da música *Está chegando a hora*, uma versão da canção mexicana de Cielito Lindo, interpretada por Carmen Costa, no ano de 1944, que lançaria outra marcha, *Tem nêgo bebo aí*, em 1955, que se tornara inesquecível para muitos garimpeiros: “era aquela: ‘foi numa casca de banana que eu pisei, pisei, quase caí, tem nêgo bebo aí [Risos] (Informação Verbal)⁵³⁸”.

Em Monte Alegre, na Rua Baiana havia o cabaré “Bate Bico” e, na Rua Piauí, “Tinha o cabaré do Zé Magro. Tinha muito [cabaré]. Tinha do Antônio Coqueiro, que foi poucos dias; depois chegou o Zé Magro; o Zé Magro saiu e ficou o do Abdias Magro (Informação

⁵³⁵ *Idem*.

⁵³⁶ MARQUES, Venâncio Pereira. 83 anos; ex-garimpeiro; ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia. Entrevista. (04/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵³⁷ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵³⁸ MARTINS, Orlando. 81 anos; ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista. (16/10/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Verbal)⁵³⁹”, que era baiano. Nesse período, “a Laurentina era puta nova. Aí acabou os cabarés e ela ficou velha e aí ela fez [seu cabaré, quando], juntava as mulheres lá na casa. Botou um barzinho; era mais social (Informação Verbal)⁵⁴⁰”, servindo, inclusive, alimentação.

Nos cabarés havia algumas brigas “por causa de pinga”. Quer dizer, “cachaça e mulher da vida misturado pelo meio em Monte Alegre mesmo no começo foi muito perigoso” (Informação Verbal)⁵⁴¹. Certa vez, em um destes espaços, um sanfoneiro de Canto do Buriti estava “com um revólver na cintura e a polícia tomou” (Informação Verbal)⁵⁴². Além dele, outras pessoas costumavam frequentar os cabarés portando armas.

Assim, por vezes, os conflitos iniciados nos cabarés não se limitavam aos homens entre si, estendendo-se ao ambiente doméstico, com “maridos perversos” e suas esposas. Uma entrevistada diz que

Quando era de manhã, quando eles chegavam em casa, tinha deles que eram casados, brigavam com as mulheres. As mulheres vinham e brigavam com as outras nos cabarés. Era assim essa coisa. Era essa danação. E aí tinha delas casadas que iam baixar em cima, nos cabarés (Informação Verbal)⁵⁴³.

Quer dizer, mulheres entravam em conflitos com outras, principalmente as ditas “mulheres de famílias” contra as “de vida livre”, tendo os homens como causa da disputa, pois os maridos daquelas, eram os mesmos clientes das outras nos cabarés. Muitas mulheres possuíam “maridos que eram muito perversos e judiavam com as mulheres” (Informação Verbal)⁵⁴⁴. Ao que tudo indica, nesse ambiente de violência de gênero, ela era recorrente principalmente contra as mulheres que tentavam fugir aos padrões estabelecidos socialmente, centrados na figura do homem provedor, esposo/pai de família.

Neste mesmo ambiente, algumas mulheres, também, segundo um entrevistado, praticaram um assassinato, por causa de diamantes.

Duas mulheres mataram um garimpeiro bem aqui [Monte Alegre] por causa do diamante. Elas eram de Pernambuco, mas moravam aqui. O pai delas era comerciante. Elas cresceram o olho no diamante do cara e o cara nem estava com o diamante. Mataram ele; degolaram ele bem aí na Rua Baiana. Ele estava bêbedo (Informação Verbal)⁵⁴⁵.

⁵³⁹ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁴⁰ *Idem*.

⁵⁴¹ ARRAES, Francisco Costa. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo em MP4.

⁵⁴² JESUS, Adailton Martins. 92 anos; ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (21/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Gilbués-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁴³ PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁴⁴ *Idem*.

⁵⁴⁵ GUERRA, Antonino Alves. 55 anos e ex-garimpeiro de Monte Alegre-PI. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Nas entrevistas, na pesquisa de campo, surgiram novos elementos para se pensar a atuação de mulheres na exploração de diamantes em Gilbués/Monte Alegre, inclusive como protagonistas em atos violentos fisicamente. Tais atos não se relacionariam bem, na representação, com um tipo de mulher idealizada: a submissa e sensível. Se a atuação das mulheres é subvalorizada na história, inclusive nos garimpos do sul do Piauí, igualmente acontece em outros contextos sociais em relação às práticas violentas femininas, como ocorreu com mulheres alemãs “zelosas administradoras, ladras, torturadoras e assassinas” de ‘inimigos do Reich’ (LOWER, 2014, p.16 e18).

Além dos cabarés, as mulheres de “vida livre”, também, sempre marcaram presença nas “manchas” de diamantes de Gilbués/Monte Alegre. No dizer de um entrevistado,

Tinha vez que fazia cabaré no meio da mancha. Fazia aquele limpo lá e dançavam. A poeira cobria. Em toda mancha mulher vai. Mas a mulherada [de vida livre] ia era lá pro meio; era garimpeiro nu, que garimpeiro trabalha é quase nu. E elas eram lá no meio. Moço, a bicha era sem vergonha. Mas era movimentado; o garimpo é bom (Informação Verbal)⁵⁴⁶.

O garimpeiro era representado “como bicho mais imoral do mundo, moço, estando naquela fofoca ali, a malandragem é grande demais” na “mancha” (Informação Verbal)⁵⁴⁷. Este espaço possuía, portanto, uma i/moralidade própria, onde “não tinha nem parente e nem aderente”. Certa vez, como narra um ex-garimpeiro, havia uma “mulher de vida livre” cantando:

“Não, não, não. No Ceará não tem disso não; no Ceará não tem disso não”⁵⁴⁸. Aí os garimpeiros: “-Ei Maria, acaba de cantar aqui e vem cá”. E dizia pra que era. [Risos]. “-Vem cá”. Aí começava todo mundo. Mas ela era da vida livre. Ela estava lá era porque era solteira mesmo; cantando e dançando lá. E aí disseram tanta coisa imoral (Informação Verbal)⁵⁴⁹.

Quer dizer, em muitos casos, as “manchas” eram uma extensão dos cabarés, com garimpeiros, músicas e “mulheres de vida livre”.

5.1.2 Mulheres Garimpeiras: as “feras do diabo” nas cisternas de diamantes

Em Gilbués/Monte Alegre, a partir da análise das fontes desta pesquisa, constatamos que havia uma pluralidade de mulheres, assim como eram diversas suas atividades, inclusive

⁵⁴⁶SILVA, Fernando Alves da. 68 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁴⁷PAIXÃO, Manoel. 93 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (25/09/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Curimatá-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁴⁸*Idem.*

⁵⁴⁹*Idem.*

para além do espaço doméstico. Além das “mulheres de família”, casadas que desenvolviam, dentre outras, as atividades domésticas; das tropeiras e das “mulheres de vida livre”, outras mulheres disputaram espaços com os homens na garimpagem de diamantes e na concorrência de cargos políticos, como veremos adiante.

Além de Gilbués/Monte Alegre, o trabalho de mulheres é constatado em outros garimpos. Por exemplo, Fiúza et. all (2013, p.8), em estudo sobre *Família e relações de gênero* no garimpo de esmeraldas no início dos anos de 1990, no município de Nova Era, Minas Gerais, destacam que mulheres migraram para este garimpo, não somente para desempenhar papéis sexuais, mas para desenvolver outras atividades, como “sebeira⁵⁵⁰, olheira e dona de buraco [jazida]”. Porém, no imaginário social a mulher do garimpo é, geralmente, associada à prostituição, não levando em consideração a pluralidade feminina e suas atividades.

Além das “mulheres de vida livre”, as casadas, “de família”, também frequentavam os espaços das “manchas”, para oferecer outros serviços aos garimpeiros, mas ficando estas distantes do outro grupo de mulheres. Os espaços físicos eram bem delimitados entre elas:

Ia mulher casada assim: botar uma barraca longe dos garimpeiros pra botar um café; uma coisa de comida, né? Pra vender pra garimpeiro, mas pra ir lá pro meio da mancha, não. Botava o café, o leite, o bolo, a comida pra vender pra garimpeiro comer pra não vim pra cidade. Aí tudo bem (Informação Verbal)⁵⁵¹.

A participação de mulheres nas “manchas” de Gilbués/Monte Alegre foi além da oferta de serviços sexuais ou de alimentos nas barracas. Muitas mulheres garimpavam, sendo algumas delas de “vida livre”, especialmente as “mais velhas” e “feias”. Estas, nos cabarés, eram preteridas em detrimento das mulheres “mais jovens” e “bonitas” e, assim, necessitavam de outra atividade para complementar a renda, como a atividade de garimpo, especialmente nos “rapas” ou “catres”, “na flor da terra”, onde era “mais fácil” garimpar.

Portanto, elas “confiavam era no garimpo” (Informação Verbal)⁵⁵². Uma dessas “mulheres de vida livre”, entrevistada na pesquisa, disse que, quando passou a trabalhar no garimpo, “já era mulher do trampo aí; de namorar com um e com outro [Risos]. Era

⁵⁵⁰ Os “sebeiros” trabalhavam em meio aos depósitos de xisto, lavando e faiscando esse material, pela segunda vez, à procura de esmeraldas.

⁵⁵¹ SILVA, Fernando Alves da. 68 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (27/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁵² PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/fisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

trabalhando mais Laurentina e levando minha vida assim” também no garimpo (Informação Verbal)⁵⁵³.

As mulheres casadas, também, garimpavam, juntamente com seus maridos e/ou com outras mulheres. Muitas delas dependiam do auxílio de homens, maridos ou amigos, para realizar certas atividades relacionadas à garimpagem de diamantes. Mulheres garimpeiras entrevistadas lamentaram, até mais que os homens “curaus”, o peso da “lavação” do diamante: “Eu não aprendi lavar cascalho porque é um serviço de garimpo mais pesado que já achei é o cascalho. Porque eu ainda tentei. Acaba com as cadeiras. Eu não inventei não. Eu sabia que acabava com as cadeiras. O mais pesado é a lavação” (Informação Verbal)⁵⁵⁴! A lavagem do cascalho, que servia para “dizer quem era garimpeiro”, era usada para diferenciar o “profissional”, tanto dos “curaus”, como analisado anteriormente, como das mulheres. Assim, por ser considerado pesado, o garimpo, a rigor, era representado socialmente como trabalho de homem.

Para as mulheres, em muitos casos, “quem lavava era os caras lá, os garimpeiros. Nós não lavava não. Nós não sabia lavar. Era difícil demais pra gente bater um cascalho pra lavar. É muito difícil” (Informação Verbal)⁵⁵⁵. Os lavadores do cascalho eram parentes (esposo, irmão, etc.), amigos ou amantes delas, no caso de “mulher de vida livre”. Porém, em outros casos os lavadores cobravam uma porcentagem do diamante às mulheres garimpeiras ou recusavam desenvolver tal atividade de quaisquer maneiras.

Só que não era todos que queria lavar não. Também nem ia pedir eles não. Tinha as pessoas. A gente já sabia quem era aquelas pessoas que não era muito ruim. Aí a gente pedia e eles lavavam sem cobrar nada. Lá era difícil; só quem lavava cascalho lá pra mim era Raimundo [seu irmão], que era lavador. Eu trabalhei desde pequena (Informação Verbal)⁵⁵⁶.

No povoado São Dimas, em Monte Alegre, perguntado a uma entrevistada que trabalhou “desde pequena” no garimpo, sobre a participação de mulheres nesta atividade, ela disse que “tinha muita mulher aí que trabalhava no garimpo” (Informação Verbal)⁵⁵⁷, inclusive várias delas já faleceram. Muitas vezes, como dito, a mulher auxiliava o marido ou um parente, como pai ou irmão, sendo dependente deles na lavagem. “Às vezes o marido

⁵⁵³ LOPES, Joaquina da Silva. 57 anos; ex-garimpeira e mulher de vida livre no garimpo de diamantes e imigrante de Bom Jesus-PI. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁵⁴ SANTANA, Domingas de Souza; 81 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁵⁵ COSTA, Rosário. 59 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁵⁶ FERNANDES, Marta de Souza. 59 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁵⁷ *Idem.*

estava trabalhando mais outra pessoa. E a mulher pedia mais era a faisqueira” (Informação Verbal)⁵⁵⁸, ou seja, o cascalho que já havia sido explorado. Nestes casos, em nova garimpagem, mulheres, com frequência, encontravam ainda diamantes, pagavam uma porcentagem aos garimpeiros proprietários da cisterna, caso eles não fossem um familiar/esposo/amante. Inclusive, nesses casos, era comum o homem comercializar o diamante encontrado pela esposa, evidenciando, mais uma vez, a dominação de gênero, pelo viés da proteção patriarcal.

Minha esposa trabalhou no garimpo. Ela trabalhou pouco porque eu não quis que ela trabalhasse. Achou pouco diamante, [mas] quem vendeu o diamante foi eu. Aí eu dei o dinheiro pra ela. Eu não queria que ela trabalhasse lá não. O sol era quente. Aí ela veio embora. Eu disse: deixa eu mesmo. Ela só passou uma semana e eu mandei vim embora (Informação Verbal)⁵⁵⁹.

Assim, a lavagem de diamantes e sua comercialização, em Gilbués/Monte Alegre, eram atividades reservadas aos homens, considerados mais hábeis que as mulheres. Além disso, no caso em questão, o marido “não quis” mais que a mulher trabalhasse no garimpo e a “mandou vim embora” para casa, o lugar das mulheres preferido pelos homens. “O sol era quente” e, por isso, o garimpo era inapropriado para mulher, considerada frágil: “deixa eu mesmo” que sou homem.

Embora elas desenvolvendo a atividade de garimpo, para além do lar, o deslocamento do lugar social ocupado por mulheres garimpeiras é limitado na estrutura familiar, onde, geralmente, o homem/marido/pai é o chefe máximo. Jesus (2017, p.15), em *Análise do trabalho feminino nos garimpos de Chique-Chique de Igutu/Andaraí-BA, nas décadas de 1930 a 1970*, constatou, também, que “mulheres mesmo trabalhando por conta própria não possuíam autonomia para vender as pedras que por ventura pegassem”.

Pelo fato da garimpagem de diamantes em Gilbués/Monte Alegre e em outros garimpos (LIMA, 2008; CASTILHOS; LIMA; CASTRO, 2006) ser representada, essencialmente, como trabalho masculino, por ser considerado pesado, a participação da mulher nessa atividade é desqualificada. De modo geral, quando a mulher garimpa, sua participação é definida como “ajuda” ao homem, ou seja, auxiliar ao provedor. Diversas pesquisas, no âmbito da sociologia rural, ao abordarem o trabalho na roça/roçado, igualmente representado como masculino, a participação das mulheres, também, é definida como “ajuda”, mesmo que ela, por quaisquer motivos, desenvolva sozinha todas as etapas da atividade agrícola (HEREDIA, 1979; MORAES, 2003; ROGÉRIO JR., 2016).

⁵⁵⁸ *Idem.*

⁵⁵⁹ CARVALHO, Elizeu Silva de Carvalho. 71 anos e ex-garimpeiro. Entrevista. (14/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Por isso, a relação de “meia-praça”, de fornecimento às mulheres garimpeiras, era mais rara em Gilbués/Monte Alegre, pois a maioria delas, por serem casadas ou mesmo “de vida livre” com filhos, acumulavam as atividades domésticas com a garimpagem de diamantes. Uma das entrevistadas disse que, no garimpo, “a mulher só trabalhava o dia que podia. Tinha de fazer as coisas de casa” (Informação Verbal)⁵⁶⁰. De modo geral, não podendo se dedicar exclusivamente ao garimpo e nem realizar todas as etapas, como a lavagem de diamantes, não era atrativo aos fornecedores o sistema de “meia-praça” com mulheres. Desta forma, essa relação, com fornecimento do “saco”, era predominantemente masculina.

Diferentemente das atividades domésticas, no universo desta pesquisa, até as próprias mulheres diferenciavam a garimpagem, considerando-a como “trabalho”. No processo de socialização patriarcal pelo qual passaram, eles interiorizaram essa representação dividida, com base no gênero, do que é trabalho e do que não é trabalho. Quer dizer, se geralmente “quem trabalhava era homem” e a atividade de garimpo era “trabalho”, mulher “profissional” no garimpo seria uma transgressão social. Entretanto, muitas delas fugiram dos padrões, e trabalharam, inclusive, nas cisternas.

Mulheres costumam intensificar o trabalho em atividades representadas socialmente como masculinas, como garimpo/minas e trabalho em roça (JESUS, 2017; CAROLA, 2002; ROGÉRIO JR, 2016), especialmente em situação de crise financeira para manter suas famílias em casos de separação; ausência, morte ou desemprego/subemprego do marido. Assim, através das entrevistas com mulheres do garimpo em Gilbués/Monte Alegre, percebemos que as mais dedicadas ao garimpo eram as que não possuíam um provedor familiar masculino. Nessas circunstâncias, como observou Jesus (2017) em garimpos da Bahia, algumas mulheres garimpeiras eram fornecidas e em outros, elas tornaram-se fornecedoras provisórias de seus maridos, quando eles não encontravam outros fornecedores ou outros meios para fazerem o “saco semanal”.

Entretanto, nos garimpos de Gilbués/Monte Alegre, algumas das mulheres garimpeiras “pegavam diamante e viviam por conta”, inclusive comercializando seus diamantes e trabalhando em cisternas, mesmo que, em alguns casos, ainda dependentes dos homens para lavar o cascalho. Nos garimpos de São Dimas, uma ex-garimpeira afirmou que “mulher mesmo pra baixar cisterna aqui era só eu mais dona Nenê” (Informação Verbal)⁵⁶¹. Quer dizer, não era qualquer mulher que fazia tal trabalho e nem qualquer homem. Se entre os

⁵⁶⁰FERNANDES, Marta de Souza. 59 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁶¹*Idem.*

garimpeiros havia a distinção entre “profissionais” e “curaus”, entre as mulheres a diferenciação era entre quem “baixava ou não baixava” cisterna.

Do mesmo modo, ao analisar *As condições de vida e trabalho dos trabalhadores nos garimpos de Roraima nos de 1975 a 1991*, Santos (2013) constatou que entre os garimpeiros havia o discurso de exaltação da coragem para os que desenvolviam esse tipo de atividade, sendo que, no caso das mulheres garimpeiras, somente as corajosas eram capazes de garimpar ouro ou diamantes. Uma delas disse que “não é toda mulher que tem coragem de enfrentar uma vida dessas porque garimpo é garimpo. Garimpo foi feito pra homens e pra mulher de coragem e a maioria não tem, não tem essa coragem” (SANTOS, p.70). Através do trabalho muitas dessas mulheres buscam, por meio da competição, reconhecimento e notoriedade. Neste caso, a mulher definida como doméstica, não é considerada adequada para a atividade de garimpo e, por isso, quanto ela participa dessa atividade é considerada distinta.

Embora o número de mulheres que “baixavam cisternas” fosse maior que “eu mais dona Nenê”, tanto nos garimpos de Monte Alegre, como em outras “manchas” de Gilbués, certas mulheres garimpeiras eram conhecidas e afamadas nestes espaços, inclusive por ex-garimpeiros “profissionais”. Um deles disse que

Tinha umas mulheres aqui que eram umas feras do diabo. Trabalhavam igual os homens. Furavam buraco aí. Entravam em cisternas. Não tinha fundura. Bem aqui na Cachoeira tinha Mariana e outra, nunca encontrou um par de garimpeiro pra furar uma cisterna primeiro que elas, [quando as cisternas eram] no barro. Ô mulheres feras pra cortar (Informação Verbal)⁵⁶².

Além de lavar cascalho, baixar cisternas era outra atividade reservada aos homens, na divisão social do trabalho no mundo do garimpo. Porém, existiam mulheres “feras do diabo”, assim definidas por garimpeiros, que “entravam em cisternas” e “trabalhavam igual aos homens”, que eram a referência no garimpo. As “feras”, por serem vistas como mais independentes na atividade garimpeira, diferenciavam-se, inclusive, das mulheres que garimpavam nas “catas” ou em faisqueiras, na companhia de um homem qualquer. Estas mulheres eram consideradas fora do padrão de feminidade, de “mulher normal”, que cuidava da casa, dos filhos e do marido, sendo essas “mulheres feras” muito semelhantes às “bruxas”, por serem consideradas anormais.

Para Federici (2019), as “bruxas” do século XVII, na Europa, eram mulheres que resistiam ao desenvolvimento das relações capitalistas, “à pauperização e exclusão social” e ao poder patriarcal. Por isso, eram acusadas como tendo pacto com o diabo e comportamentos

⁵⁶²CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

libidinosos, contradizendo o então “modelo de feminilidade”. Sendo assim, a caça às bruxas era uma forma de conter a independência de determinadas mulheres consideradas transgressoras. Como as bruxas, a mulher das cisternas era uma “fera do diabo” e, no caso da garimpeira Marião, “ninguém batia boca com ela não, porque ela batia até em homem. E era casada, mas o marido morria com medo dela” (Informação Verbal)⁵⁶³. Essas mulheres das cisternas, também, eram subversivas ao poder patriarcal e ao modelo de feminilidade impostos a elas em Gilbués/Monte Alegre, transgredindo alguns papéis de gêneros configurados socialmente, com base em diferenças biológicas.

Por isso, como “mulher fera”, a ela era negada a feminilidade, a humanidade e o mundo sagrado. Afinal, era “fera do diabo”. Assim, dentro da humanidade, da sacralidade e, especialmente da feminilidade, a mulher era impossível, na representação social do garimpo, de trabalhar “igual aos homens” nas cisternas; ser uma garimpeira “profissional”; “bater em homens” e ser “respeitada” por eles. Somente sendo uma “fera” profana, a mulher garimpeira alcançaria essa condição de competir com os homens e “ser respeitada”, conseguindo, inclusive, um contrato de “meia-praça”, conforme nos relatou uma ex-garimpeira de cisterna: “já fui fornecida. Minhas coisas pra meus filhos estavam acabando e eu disse: pra passar fome só se não tiver outro jeito; mas se tiver, não passa não” (Informação Verbal)⁵⁶⁴. Se “as bruxas eram mulheres que resistiam à pauperização e exclusão social” (FEDERICI, 2019, p.52), assim muitas garimpeiras “feras”, também, fizeram nos garimpos.

Mais uma vez, assim como as “bruxas”, outra representação negativa da mulher “fera do diabo” girava-se em torno da sexualidade, ou seja, trabalhar nas cisternas, sendo mulher, dever-se-ia abdicar, também, de sua heterossexualidade, o padrão de vivência da sexualidade. A “mulher fera”, de nome Maria, em Monte Alegre, foi lembrada por uma entrevistada.

Lá tinha um casal de mulher, que o povo até falava que elas duas era amigada, junta uma com a outra. E era mesmo. Essas mulheres baixavam cisterna que você ficava era besta, que nem todo homem [fazia]. E pegava diamante. Uma chamava até Maria e a outra, Joana. Era duas negonas. Elas abriam, enfrentavam todo serviço de manchão lá. Falavam que elas era namorada uma da outra. E uma dessas mulheres, a Maria, chamavam Marião (Informação Verbal)⁵⁶⁵.

Como trabalhava no garimpo, Maria passou a ser denominada de “Marião e amigada, junta com a outra” “sócia” do garimpo, recebendo, desta forma, um julgamento e condenação

⁵⁶³PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁶⁴SANTANA, Domingas de Souza; 81 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁶⁵PEREIRA, Josefina Alves. 81 anos; irmã de garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (15/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

social. De forma pedagógica, mostrando-se às demais mulheres que trabalho de garimpo era para os homens, especialmente a garimpagem de cisterna.

Ao trabalharem nas cisternas, as mulheres estariam sujeitas às desqualificações sociais, pois a “mulher fera” Maria, tornou-se “Marião”, embora sendo “casada com um homem, que morria com medo dela”, segundo a entrevistada. Assim, “a mulher fera” assumindo papéis que, na divisão social do trabalho nos garimpos, eram reservados aos homens-provedores, assemelhava a eles não somente no trabalho, mas no estilo virulento de viver, inclusive “amigando com mulher” e pondo “medo em seu marido e em outros homens”.

Por ser casada, Maria deveria usufruir o prestígio das demais “mulheres de família”. Porém, ao invadir o espaço essencialmente dos homens nas “manchas”, o trabalho de cisterna a masculinizava e a maculava, pois mesmo tendo seu marido, tinha uma amante. Casos como esses eram muito frequentes e normalizados entre os homens, que além da esposa possuíam suas “mulheres de vida livre” nos cabarés ou fora deles.

Dentro das cisternas, a mulher “fera” também trabalhava em situação insalubre, correndo perigo de vida, assim como os homens garimpeiros. Uma entrevistada narrou sua experiência, quando um rompimento desabou no instante em que ela garimpava:

Eu estava puxando o cascalho pra boca da cisterna e ela [a cisterna] abateu a boca. Aí tinha um rompimento e eu entrei e fui sair como daqui naqueles paus acolá [mais de 50 metros] nas outras cisternas. A areia não me pegou, porque eu estava dentro do rompimento. Aí eu saí correndo por outra cisterna lá na frente. Aí quando eu saí, já vinha um povo todo correndo: “a mulher está aí dentro”. Eu disse: tô é raio. Mas rapaz, eu vou morrer dentro de barranco? Tu é besta? A vela apagou por causa do assopro; tomou a alavanca da minha mão (Informação Verbal)⁵⁶⁶.

A mulher “fera”, fugindo dos padrões sociais, narra sua façanha na cisterna aproximando-se de uma heroína, onde nem o “barranco” consegue dominá-la. Ela não “morre dentro de buraco”, pois é capaz de resolver os problemas de forma independente, inclusive dentro de cisterna abatida. Se outras mulheres e homens percebem as mulheres das cisternas como diferentes, elas assim percebem a si mesmas, pois, como a entrevistada, de forma heroica, sobreviveu ao “perigo doido” da cisterna.

Além disso, a mulher “fera do diabo” exigia respeito dos homens, mesmo sendo “mulher de vida livre”. Segundo uma delas, os homens “respeitavam nós. Rum, vem um filho da puta; se a mulher trabalha com responsabilidade, com respeito, o homem tem por obrigação respeitar. Porque, se adiantar, vai pro cacete, vai pra cadeia, vai pro que precisar.

⁵⁶⁶SANTANA, Domingas de Souza; 81 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Eu mesmo meto o cacete se precisar” (Informação Verbal)⁵⁶⁷. Perguntada se muitos garimpeiros se referiam às mulheres no garimpo de forma deselegante, outra mulher “fera” relatou que a ela os homens “não diziam nada não. Eu mesma meti o cacete num cabra que me agarrou. Eu ia meter era a faca nele. Porque, graças a Deus, eu tenho cinquenta e oito anos de separada e ninguém nunca me viu andar com cachorragem” (Informação Verbal)⁵⁶⁸.

Mulheres que trabalhavam em cisternas eram percebidas e se percebiam como diferentes dos padrões estabelecidos socialmente para as mulheres, por exercerem papéis sociais tidos como masculinos. Sendo assim, é importante ressaltar que a memória é um meio de se alinhar trajetórias de indivíduos, inclusive, daqueles que foram oprimidos no passado e, por meio da narrativa, produz-se no presente um discurso transformando certos aspectos do passado. Nesse contexto, a resistência da mulher entrevistada, via memória, parece mais efetiva do que fora na realidade das cisternas de diamante, pois ao mesmo tempo em que os homens “não diziam nada” a ela, “um cabra a agarrou”.

5.1.3 Mulher e Política no Garimpo: uma face de Maria dos Humildes Aguiar e Silva

Enquanto umas mulheres nos garimpos de diamantes em Gilbués/Monte Alegre transgrediam socialmente seus papéis sendo tropeiras, “mulheres-feras” nas cisternas ou de “vida livre”, a professora Maria dos Humildes se envolvia na política, diferenciando-se da trajetória de muitas mulheres de seu tempo. Nesse sentido, ela também é transgressora social, na medida em que participa de um ambiente predominantemente masculino, como a política. Neste período onde “só homem trabalhava” e participava da política, Maria dos Humildes Aguiar foi vereadora; candidata a prefeita, em oposição a João do Ouro, candidato apoiado por Amando Gomes, a maior liderança política de Monte Alegre e, posteriormente, eleita vice-prefeita, apoiada por Amando Gomes, para o mandato de 1983 a 1988.

Maria dos Humildes Aguiar diz-se que era amiga, vizinha e comadre de Amando Gomes e, politicamente, quase sempre correligionária. Para ela, “Amando, no período que ele foi candidato, não tinha muito adversário não. Ele me disse que a pior que já teve fui eu. Ele me disse que eu fui a única que perseguiu ele e botou cabresto nele”(Informação Verbal)⁵⁶⁹.

⁵⁶⁷FERNANDES, Marta de Souza. 59 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁶⁸SANTANA, Domingas de Souza; 81 anos; ex-garimpeira. Entrevista. (06/11/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁶⁹CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

De fato, por menos de 40 votos ela fora derrotada pelo candidato de Amando Gomes, quando ela se candidatou a prefeita de Monte Alegre.

Embora tenha nascida em Teresina, em 1937, Maria dos Humildes Aguiar é descendente da família “Aguiar” de Gilbués. Filha de Constantino Louzeiro de Aguiar: “meu pai era muito inteligente. Foi um homem que não teve ginásio”, mas foi delegado em Gilbués. “Minha mãe era Maria Barros de Aguiar; parente de Jesualdo Cavalcanti Barros ⁵⁷⁰, desse povo aí”. E “meu avô, Germano Barros, era coronel aí” (Informação Verbal). É bom lembrar, ainda, que, dentre os parentes de Maria dos Humildes Aguiar, estão Joaquim Rodrigues Aguiar, ex-prefeito e vice-prefeito de Gilbués e José Rodrigues Aguiar, ex-presidente da UDN local. Assim, percebe-se que Maria dos Humildes Aguiar era membro de uma família tradicional e envolvida na política partidária de Gilbués.

Ela disse que veio de Teresina para exercer a docência em Monte Alegre, a convite de Amando Gomes, na sua primeira gestão de prefeito (1958-1962). Em Monte Alegre, residiu na Rua Baiana e seu “marido mesmo era baiano. Eu me casei com baiano. Ele saía duas vezes por mês pra vender diamante no Rio, em São Paulo”. Assim, Maria do Humildes passou a se definir como baiana, mesmo após a morte do marido: “Eu fiquei como baiana”, “eu sou baiana”. Segundo a entrevistada, quando morrer, deseja ser sepultada no cemitério dos baianos em Monte Alegre, como o último e definitivo gesto de expressão baiana no município:

Aqui na Rua Baiana é um cemitério e ali na Piauí é outro. Nós nunca unimos. Quem morre do lado de cá, fica pra cá. Quem morre do lado de lá, fica pra lá. Porque os defuntos de lá não queriam vir pra aqui e não podia vir, porque não tinha ponte, não tinha nada. Descer esse buracão [uma grota no passado, hoje ponte], pra subir outro buraco acolá. Eu, quando morrer, quero ser enterrada é aqui do lado baiano, rapaz, baiano. Eu fiquei como baiana [viúva de baiano]. Eu sou baiana (Informação Verbal)⁵⁷¹.

Por ser descendente de família tradicional de Gilbués, onde os imigrantes do garimpo não teriam sido acolhidos, Maria dos Humildes justifica a escolha de Olito Rodrigues da Silva, como marido, que veio da Bahia. Ele lidava com diamante, mas “nunca foi garimpeiro de campo” e, além disso, “meu marido era baiano e não veio tocando jumento não, porque era de um pessoal mais ou menos que tinha lá. Ele chegou aqui a cavalo”. Vir a cavalo; não ser

⁵⁷⁰ Jesualdo Cavalcanti Barros nasceu em Corrente-PI, em 18 de fevereiro de 1940. Ele foi eleito vereador de Teresina para o mandato de 1963-1967, pelo PTB, sendo cassado pelo Regime Militar de 1964; foi eleito deputado Estadual em novembro de 1978 até 1973; e 1991-1994; deputado Federal Constitucional 1987-1991; prefeito do município de Corrente (2013-2016). Faleceu em Teresina 22/02/2019. Cf. <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/jesualdo-cavalcanti-barros>. Acesso em 23/07/2019.

⁵⁷¹SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

garimpeiro de campo, pois era fornecedor e exportador de diamantes, e ser de “família muito importante” seriam credenciais mínimas para o casamento com Maria dos Humildes Aguiar.

Depois que nós casamos eu fui lá na Bahia. A família dele era muito importante. Importante assim: não eram ricos, mas tinha posição social, tinha tudo. A descendência assim. Ele era muito fino. Muito fino pra garimpo. Eu achava... Ele era uma pessoa assim muito respeitada. Nem sei como diabo casou comigo, porque eu era séria em outra parte, mas nessa parte bem aí de política eu me dava com todo mundo (Informação Verbal)⁵⁷².

Participar de política não era socialmente adequado para mulheres na região do garimpo, inclusive Maria dos Humilhes reconhece que ela não seria ideal para casamento porque se envolvia com política, ainda mais com um pretendente “muito fino”, “homem sério” e de “posição social”: “nem sei como diabo casou comigo”. A mulher, ao participar da política, “uma parte” deixa de ser séria, porque foge dos padrões sociais ao exercer um papel considerado masculino e, portanto, inadequado a ela. Aliás, não somente no sul do Piauí, a participação feminina era algo raro em todo o estado. Por exemplo, na política estadual somente em fevereiro de 1971, a primeira mulher, Josefina Ferreira Costa, assume uma cadeira na Assembleia Legislativa do Piauí (SANTOS, 2018).

Lolatto e Lisboa (2017), ao pesquisarem seis mulheres que foram eleitas vereadoras titulares em Florianópolis, até 2016, constataram que ao se tornarem candidatas à disputa eleitoral, elas enfrentaram diversos desafios, especialmente derivados “de uma cultura machista secular”. E mesmo após as mulheres serem eleitas, os mesmos desafios não cessaram. No mesmo sentido, Salomão (2009), ao investigar sobre participação de mulheres no governo local, de Belém, capital do Pará, entrevistando, inclusive, gestores municipais, concluiu que em Belém a presença da mulher ainda não é legitimada nos diversos espaços do poder municipal. Um de seus entrevistados afirmou, inclusive, que “o homem tem capacidade de se adaptar à política com muito mais facilidade do que a mulher” (SALOMÃO, 2009, p.2).

Neste sentido, a mulher que participa da política, indo além das atividades domésticas, torna-se transgressora socialmente, pois está em um espaço que seria de exclusividade masculina. Se em capitais como Belém e Florianópolis, já no século XXI, as mulheres ainda obtêm diversas dificuldades em exercer atividades políticas, certamente, em Monte Alegre, interior do estado do Piauí, ainda na década de 1960, Maria dos Humildes teria encontrado obstáculos ainda maiores ao participar da política partidária local.

Assim, sendo participante da política, Maria dos Humildes não se considerava “séria”, ao passo que seu marido era “sério e não gostava de política”, embora ele participando dos bastidores de “forma sigilosa”, junto a seus garimpeiros, na condição de fornecedor e, mesmo

⁵⁷² *Idem.*

assim, não deixava de ser “homem sério”. Assim, evidencia-se que a política só maculava as mulheres que participavam dela, pois era considerada uma atividade apropriada aos homens.

Meu esposo era um homem sério, não gostava de política. Ele votava e tudo. Ele era de ajudar, mas ele não era político. Ajudava. Era da mesma ala. Ele não podia ficar contra. Ele era doido, ele me aguentava? [Risos]. Ele ajeitava os eleitores. Esses garimpeiros dele tudo votavam, mas era uma coisa assim sigilosa (Informação Verbal)⁵⁷³.

Ter boas relações com garimpeiros, inclusive “coisa assim sigilosa”, rendia votos nas eleições, dá a ideia de que nos pleitos havia um jogo fora das normas eleitorais. Para ela ser eleita vereadora, o marido “soltou dinheiro” na campanha, diz ela. Quer dizer, embora os laços construídos com os garimpeiros na caça aos diamantes e no fornecimento do saco semanal, outros meios, inclusive financeiros, eram utilizados nas campanhas eleitorais para angariar votos.

Maria do Humildes reconhece os principais fatores de sua eleição aos cargos eletivos de Monte Alegre, de vereadora e vice-prefeita. Diz ela: “Acho que eu fui mais eleita porque eu morava aqui na Rua Baiana; meu marido era baiano”. Além disso, tinha excelente “relação com garimpeiros” e sempre “do lado de Amando” nas vezes que foi eleita. Embora Maria dos Humildes não aponte outros fatores, o exercício da docência em Monte Alegre e o sobrenome Aguiar, de família tradicional de Gilbués, certamente, tenham colaborado com sua suas eleições.

Neste processo de conquista de voto de garimpeiro, o faisqueiro, fornecedor⁵⁷⁴ e exportador de diamantes eram importantes. Estes sujeitos gozavam de prestígio junto aos garimpeiros, pois muitos destes se sentiam devedores de favores e pagavam com o voto. “O importante de garimpeiro é que ele obedecia faisqueiro. A melhor autoridade que tinha, aqui, para garimpeiro ruim era faisqueiro e exportador” (Informação Verbal)⁵⁷⁵. De fato, como vimos anteriormente, muitos vereadores e prefeitos eleitos tinham fortes relações com os garimpeiros.

Maria dos Humildes Aguiar, na busca de votos na campanha eleitoral, frequentava os cabarés Bate Bico, na Rua Baiana, e o de Zé Magro e posteriormente o de Laurentina Benvindo, na Rua Piauí, espaços considerados inadequados socialmente para as mulheres de família: “não sei quantas vezes eu fui lá no cabaré de Laurentina”. Entretanto, ela se justifica

⁵⁷³ *Idem.*

⁵⁷⁴ Sujeito que abastecia os garimpeiros de alimentação e ferramentas para o trabalho no garimpo. Assim, o fornecedor tinha direito a 50% dos diamantes de seus garimpeiros. Por vezes, o fornecedor também era faisqueiro.

⁵⁷⁵ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

ao pesquisador e, certamente, fez o mesmo por diversas vezes na campanha eleitoral: “mas não era pra dançar no cabaré não. Porque quando era época de política eu ia lá pedir: ei, com licença, pare, que eu vim pedir voto” [Risos] (Informação Verbal)⁵⁷⁶.

Laurentina Benvindo, além de organizar desfiles de blocos de carnaval em Monte Alegre, ela “era a chefona do cabaré. Aí, quando era tempo de política, ela dominava lá” e, certamente, “as mulheres de vida livre”, em grande medida, eram influenciadas pela “chefona”. Entretanto, a candidata fazia certas ofertas direcionadas especialmente a este público: “O que eu prometia, eu dava. Dava roupa pra carnaval. Tudo que eu queria esse Amando fazia. Esses médicos, ninguém ia lá não. Eu que aplicava medicamento nelas. Não morreu ninguém à míngua. Tu pensas que saía dinheiro de meu bolso? Era da prefeitura mesmo (Informação Verbal)⁵⁷⁷.

Ter boas relações com a chefona Laurentina Benvindo era um bom investimento no mercado eleitoral. Além disso, dever-se-ia adquirir alguns benefícios, junto a Amando Gomes ou à prefeitura, para os cabarés. Valia a pena frequentar esses espaços, inclusive “comer da comida de Laurentina”, numa relação política em um espaço evitado comumente pelas “mulheres de família”: “a gente tinha aquele receio, aquela coisa de passar em frente ao cabaré” (Informação Verbal)⁵⁷⁸. Entretanto, onde as mulheres de família evitavam transitar em frente, Maria dos Humildes frequentava-os, para pedir votos e “comer da comida” de cabaré.

Assim, com a colaboração do esposo e de garimpeiros, Maria dos Humildes se envolveu na política, juntamente com Amando Gomes. Este, como dito, era udenista, bem como vários membros da família Aguiar, inclusive Maria dos Humildes. Certamente, as relações políticas entre membros udenistas de Gilbués e Monte Alegre favoreceram a vinda dessa professora para o garimpo.

Maria dos Humildes, apesar de ter sido vereadora em Monte Alegre e vice-prefeita “sempre” ao lado de Amando Gomes, nas eleições municipais de 1966, ela teria recebido dele o convite para ser a candidata única a prefeita do município, mas terminou não aceitando as condições impostas por Amando Gomes. Neste contexto, foi que, segundo ela, aceitara ser candidata contra João do Ouro, apoiado por Amando Gomes.

Fui candidata a vereadora na gestão dele [Amando Gomes]. Quando foi pra me candidatar a prefeita, eu não quis. Eu não estava adotando as coisas dele. E me

⁵⁷⁶ *Idem.*

⁵⁷⁷ *Idem.*

⁵⁷⁸ CARVALHO, Cleide Silva; 41 anos; natural de Monte Alegre. Entrevista. (27/02/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Corrente-PI, 2018. Arquivo MP4.

candidataram. Quando eu cheguei de Teresina [de férias], um horror de gente lá [no aeroporto de Gilbués] dizendo que eu era candidata. “Minha gente, eu sou candidata pra onde?” Eu não queria, mas eu não fui contra a vontade do povo, né? [...]. Eu nunca fui candidata espontânea. Eu nunca pedi candidatura. Eu não fui política não (Informação Verbal)⁵⁷⁹.

A fala de Maria dos Humildes sobre suas candidaturas é comum no universo político, onde dificilmente o candidato se diz atender à sua vontade. Quase sempre se diz atender a um chamado do povo, em certos casos até a um chamado divino. Embora ocupando cargos eletivos, ela diz que “Eu nunca fui candidata espontânea. Eu nunca pedi candidatura. Eu não fui política não”. Na entrevista, ela deu ênfase à docência. “Eu fui foi professora” (Informação Verbal)⁵⁸⁰.

Ser professora; ser esposa de baiano, exportador de diamantes e fornecedor de garimpeiro; morar na Rua Baiana; ter parentes em Monte Alegre e Gilbués e ser indicada por Amando Gomes seriam excelentes atributos para ser eleita aos cargos de vereadora e vice-prefeita. Como Maria dos Humildes se considerava “baiana” e ter “ficado como baiana”, ela era uma liderança política importante, desejada pelosessedistas piauienses e udenistas baianos, pois “quem tinha uma história no sul do Piauí era eu só mesma. E me lançaram candidata” (Informação Verbal)⁵⁸¹.

Porém, nem todos os baianos nativos consideravam-na como baiana, apesar dela se sentir e ter ficado viúva como baiana. Segundo um ex-garimpeiro, baiano de origem,

Maria dos Humildes, ela mora bem aí, professora velha aposentada, filha do sargento Constantino. Ela veio, o pai trabalhava aqui, o pai era sargento. Não era baiana. Ela não! O pai dela trabalhava aqui, era da polícia, sargento (Informação Verbal)⁵⁸².

Como dito, Maria dos Humildes era da família Aguiar, de Gilbués. E seu passado, ligado a Gilbués, em determinados momentos era lembrado, inclusive por ela, que, socialmente, era assim reconhecida, pois se não fosse originária da terra do diamante, teria sofrido muito mais por “ser professora de garimpo”, segundo ela: “Eu era aceita bem em Gilbués porque eu era da família Aguiar; Louzeiro Aguiar era de Gilbués minha família” (Informação Verbal)⁵⁸³.

⁵⁷⁹SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁸⁰*Idem.*

⁵⁸¹*Idem.*

⁵⁸²CHAGAS, Antônio Dias das. 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista. (13/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁸³SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex-vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

Maria dos Humildes Aguiar, ao que tudo indica, no período do garimpo, era uma figura que participava de dois mundos, tendo duas faces: era baiana por aliança, mas piauiense por consanguinidade. Dependendo do contexto, ela poderia usar uma das duas para seus objetivos: ora se diz “baiana”, ora se diz da “família Aguiar, de Gilbués”. Amando Gomes, certamente, percebera nela uma potencialidade em angariar votos. Assim, ela era útil, politicamente, aos udenistas e aos pessedistas de Gilbués, muitos deles seus parentes, quando ela se distancia de Amando Gomes, candidatando-se contra o afilhado político dele, nas eleições municipais de 1966.

É relevante o protagonismo de Maria dos Humildes na política partidária de Monte Alegre, quando muitas mulheres, suas contemporâneas, eram confinadas no espaço doméstico, cuidando de filhos/as e marido. Entretanto, não se pode negar, também, a influência e interesses políticos de certas pessoas ou grupos locais em sua candidatura, pois seus atributos eram interessantes politicamente tanto aos baianos, quanto aos piauienses, pois ela era piauiense por filiação e baiana por aliança.

Neste caso, sendo candidata por qualquer um dos grupos, piauiense ou baiano, ela poderia conseguir uma expressiva votação no outro grupo adversário, fato relevante no mercado eleitoral. Com relação aos interesses alheios em sua candidatura, ela relata: “eu nunca fui candidata espontânea. Eu não fiz campanha não, a primeira vez que eu fui vereadora, [entre 1963 a 1966]. Eu nunca pedi candidatura. Eu não fui política não” (Informação Verbal)⁵⁸⁴.

Certamente, os pessedistas de outrora e algumas famílias de Gilbués viram em Maria dos Humildes a possibilidade de vencer os baianos em Monte Alegre e, assim, lançaram sua candidatura a prefeita, contra o candidato de Amando Gomes. “Quando eu cheguei de Teresina [de férias], um horror de gente lá [no aeroporto de Gilbués] dizendo que eu era candidata: minha gente, eu sou candidata pra onde?”. E ela afirma ainda que “não foi contra a vontade do povo” e aceitou ser candidata (Informação Verbal)⁵⁸⁵.

E dentre esse “povo” estava parte de seus parentes Lustosas/Aguiar de Gilbués e outros adversários dos baianos em Monte Alegre. Mesmo após a emancipação política, Monte Alegre e Gilbués continuaram com seus vínculos sociais e políticos. Muitos dos moradores de Monte Alegre possuíam parentes em Gilbués e, como vimos anteriormente, muitos políticos migraram de Gilbués para Monte Alegre. Ainda mais, os udenistas dos dois municípios eram

⁵⁸⁴ *Idem.*

⁵⁸⁵ *Idem.*

aliados, bem como os pessedistas. Isso ficava evidente no período das eleições, inclusive no caso de Maria dos Humildes.

De modo especial, nas eleições municipais de 1966, provavelmente ela fora vista como útil politicamente aos pessedistas e seus parentes, adversários dos baianos, liderados por Amando Gomes, pelo menos é essa a impressão que nos deixa um entrevistado, ex-garimpeiro, ao recordar a disputa eleitoral entre Maria dos Humildes e João do Ouro.

Ela encostou em Amando e foi vereadora. E quando foi na eleição, aí João do Ouro era pra ser candidato único; assunta o que diabo é a política. O padre Getúlio, que é filho de Luiz Lustosa Alencar, morava em Gilbués, que era até escrivão. Ele [João do Ouro] era pra ser candidato único; na hora de lançar a candidatura, o padre Getúlio perguntou: “João, qual é a primeira coisa, projeto seu, quando você; que era pra ser candidato único. Ele disse: “Olha, padre. Uma coisa que eu vou trazer pra Monte Alegre: fazer uma prefeitura, que não tem; é um posto de a saúde que não tem e um ginásio”. Ah, quando falou no ginásio, o padre Getúlio pulou fora. Aí ele chamou Maria dos Humildes, que era do lado de Amando. Aí ela pulou fora. Aí pulou pro lado do padre e ajudou aí. Quase tomou. Foi trinta e três votos de maioria (Informação Verbal)⁵⁸⁶.

Além desta possível participação do padre Getúlio Alencar no rompimento político de Maria dos Humildes e Amando Gomes, um adversário deste e vereador de Monte Alegre, na época, disse ter colaborado, também, desta trama e da campanha dela a prefeita: “nós fizemos ela romper com Amando Gomes. Se ela fosse contra Amando, nós apoiava ela. Quase ganha; se Amando não chega com dinheiro...” (Informação Verbal)⁵⁸⁷. Maria dos Humildes seria vista como a pessoa ideal para vencer João do Ouro. Pela maioria conquistada pelo candidato de Amando Gomes, percebe-se o quanto ela era forte politicamente, pois estava inserida nos dois grupos: baiano e piauiense. Essa estratégia de unir os adversários de Amando Gomes, em Monte Alegre, em entorno de Maria dos Humildes para vencê-lo, por pouco não obteve o resultado esperado.

Perguntado a um ex-garimpeiro baiano sobre a participação de parentes e políticos de Gilbués na candidatura de Maria dos Humildes em Monte Alegre, ele disse que “Monte Alegre já era emancipado. Mas torciam por ela, que ela era de lá de Gilbués, da família de lá dos Aguiar” (Informação Verbal)⁵⁸⁸. O “torcer por ela” significava participação na campanha, pedindo voto e, provavelmente, “ajudas” financeiras, inclusive, comuns entre os correligionários dos partidos políticos nos dois municípios.

Mesmo assim, Amando Gomes venceria mais uma vez, elegendo “o prefeito João do Ouro, que era bem pobrezinho, morava na ponta da rua e veio morar na casa de Amando, na

⁵⁸⁶ *Idem.*

⁵⁸⁷ PEREIRA, Joaquim Alves. 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista. (11/07/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁸⁸ *Idem.*

Rua Baiana (Informação Verbal)⁵⁸⁹”. Porém, Maria dos Humildes mostrou-se uma grande concorrente ao cargo de prefeita e, ao final da campanha, ficou mais fortalecida como liderança política em Monte Alegre. “Perdi por 33 votos” de diferença, lembra a candidata. “E não fui em lugar nenhum, que eu não tinha mais condição. Acredita?” (Informação Verbal)⁵⁹⁰. Reconhecendo seu potencial de ameaça ao seu domínio político local, Amando Gomes, a partir de então, traz novamente Maria dos Humildes para seu grupo político, sendo, como dito, eleita vice-prefeita posteriormente em sua chapa (1983-1988).

Maria dos Humildes, pela política, tornou-se uma transgressora socialmente, por participar de uma dimensão da vida em sociedade, na época, reservada quase que, exclusivamente, aos homens. Desta forma, ela se juntou a tantas outras mulheres, do período do garimpo do diamante, que não se encaixavam na perspectiva de “mulheres de família”, como as “de vida livre”; as garimpeiras “feras do diabo” e as tropeiras. Mesmo que nas representações sociais e documentação escrita sobre o garimpo de Gilbués/Monte Alegre a participação das mulheres seja negligenciada, na prática, elas foram personagens relevantes na exploração de diamantes e, em certas situações, subversivas ao domínio patriarcal.

⁵⁸⁹ SILVA, Maria dos Humildes Aguiar e. 81 anos; ex-vereadora e ex- vice-prefeita de Monte Alegre. Entrevista (05/06/2018). Entrevistador: Teodório Rogério Júnior. Monte Alegre-PI, 2018. Arquivo MP4.

⁵⁹⁰ O Tribunal Regional Eleitoral do Piauí não informa o quantitativo de votos dos candidatos de Monte Alegre nas eleições de 1966.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desertificação em alguns municípios do sul do Piauí tem avançado nos últimos anos, especialmente em Gilbués, que se tornou conhecido nacional e internacionalmente, através de diversos meios de comunicação e estudos ambientais, pondo a garimpagem artesanal de diamantes como a/ou entre as principais causas de desertificação do município. Embora os estudos científicos reconheçam a garimpagem como um fator de degradação ambiental e pesquisas mais recentes não a responsabilizam pela desertificação ou relativizam sua participação no processo, essas discussões ambientais “ressuscitaram” o garimpo nos meios de comunicação e na literatura ambiental, apesar de que não se dedicaram à compreensão do processo de garimpagem e nem dos principais sujeitos envolvidos nesse processo, como tentamos fazer neste estudo.

A imigração de pessoas para os garimpos de Gilbués/Monte Alegre envolveu diversos municípios do Piauí e de outros estados, como Goiás, Maranhão, Ceará, Pernambuco e, principalmente, Bahia. Utilizando suas próprias pernas, animais ou aviões um público diverso, a partir de 1946, começou a chegar à “terra do diamante”, para explorar esse minério, que fora comercializado nos grandes centros urbanos do Brasil, muitas vezes contrabandeado. O principal destino do minério era o Rio de Janeiro, onde era lapidado ou exportado para outros países. Certamente, pela quantidade de personagens imigrantes, como garimpeiros, fornecedores/fisqueiros, exportadores, comerciantes e tropeiros, trata-se do maior movimento imigratório do Piauí, tema até então ausente nas pesquisas acadêmicas.

As condições de trabalho, na exploração dos diamantes, eram precárias, sendo usados no processo de garimpagem instrumentos produzidos artesanalmente pelos próprios garimpeiros ou adaptados de outras atividades, como a agricultura de sequeiro. Se no início da exploração, o diamante era considerado “fácil” de encontrar na “flor da terra”, posteriormente começou-se a garimpar nas cisternas, tipo de garimpagem desenvolvida por garimpeiros experientes e imigrantes, geralmente da Bahia, que ensinaram o ofício a muitos “curaus”. De maneira geral, a garimpagem se dava em dupla de garimpeiros, os “sócios”, que tinham os “sacos” fornecidos pelos “fornecedores”, tipo de investidores no garimpo. Garimpando o diamante e retirando o “décimo” dos proprietários da terra, quando estes cobravam, o restante da produção era dividido entre a dupla de “sócios” e o “fornecedor”.

Trabalhando em condições insalubres, o garimpo de cisterna era considerado perigoso, pelos próprios garimpeiros. Lesões corporais e mortes surgem com frequência nas narrativas dos idosos entrevistados, inferindo-se disso que tais fatos eram comuns no cotidiano dos

garimpos. Por isso, a coragem era fundamental no processo de garimpagem, além do conhecimento de suas etapas e das interpretações dos sonhos, indicando bons ou maus presságios, que sempre antecedem a captura do diamante, o “minério vivo”, que é “igualzinho à gente”, “cheio de pantaforma”. Somente um garimpeiro dito “profissional” para atender a esses requisitos. Ao tempo que se considerava como um herói, ele se diferenciava dos garimpeiros inexperientes, os “curaus”, e de mulheres que se aventuravam nos garimpos, estabelecendo uma hierarquia.

A relação de “meia-praça”, entre garimpeiros e fornecedores, era predominante nos garimpos de Gilbués/Monte Alegre, porque ela proporcionava as condições mínimas de exploração do diamante naquele contexto social. Para o garimpeiro imigrante, de modo especial, “ter um patrão” era essencial, pois significava, além de segurança alimentar, moradia, condições mínimas de trabalho, incluindo, às vezes, até o “serviço”, e a segurança física fora das “manchas”. Ao mesmo tempo, além dos garimpeiros retribuírem com metade da produção ao fornecedor, este, em certos casos, era, também, protegido por “seus garimpeiros”, em um ambiente de pouca observância às leis positivas do Estado, como o garimpo de Gilbués/Monte Alegre.

Embora sendo importante para os “sócios” e o “patrão”, não significava ausência de conflitos entre os envolvidos na relação de “meia-praça”. Às querelas pela posse da terra de garimpagem com os proprietários, acrescentavam os desentendimentos entre os próprios “sócios” e entre estes e seus fornecedores, os “patrões”. Por vezes, as acusações ou o próprio roubo de diamantes era o motivo de tais desavenças, pondo fim à relação dos “sócios” entre si ou entre eles e o “patrão”. Ao mesmo tempo, o roubo era uma forma velada de resistir ou de se vingar do outro, o “sócio” ou “patrão”. Em Gilbués/Monte Alegre era comum circular diamante roubado, sendo vendido a faisqueiros por um valor menor de mercado.

A garimpagem de diamante em Gilbués/Monte Alegre deixou suas marcas, como as registradas nos Símbolos Oficiais destes municípios, como Bandeiras e Brasões. Mesmo sendo uma região na qual a primeira grande atividade econômica fora a pecuária, o diamante, especialmente no auge de sua exploração, provavelmente tenha tomado seu posto, sendo essa a percepção de quem viveu o “tempo do garimpo” no sul do Piauí, pois “todo o comércio era em função do diamante”. Essa certeza do ex-garimpeiro provém, quiçá, da maior circulação monetária advinda do diamante entre todos os segmentos populacionais, sendo menos concentrada que a atividade pecuarista. Além disso, a “terra do diamante” e “a riqueza de Gilbués” eram expressões corriqueiras em reportagens jornalísticas que se referiam ao município de Gilbués, no início da garimpagem. Em todo caso, por não termos encontrado

registros contábeis dessa atividade, até porque não era objetivo dessa pesquisa, não podemos afirmar que, de fato, em valores absolutos, a riqueza produzida pelo diamante superou a da pecuária. Certamente, outras pesquisas poderão esclarecer melhor essa questão.

Os imigrantes do garimpo, especialmente os baianos, influenciaram decisivamente os rumos da política nos municípios de Gilbués e Monte, sul do Piauí. Com a inserção destes novos sujeitos na arena política, com novos eleitores e candidatos, outras perspectivas se abriram no mercado eleitoral. Assim, os imigrantes do garimpo não passavam despercebidos nas eleições, pois eram fortes, politicamente, tanto que “ninguém nunca foi contra garimpeiro; politicamente, não”, como dissera Maria dos Humildes Aguiar. Nesta luta política entre estabelecidos e *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000), estes tiveram grandes líderes, como os três irmãos da família Santana que foram prefeitos em Gilbués e Monte Alegre (Deocleciano Santana; João Santana e Salustiano Santana), bem como Amando Gomes, eleito por vários mandatos em Monte Alegre.

Neste cenário político, outra personagem fundamental é Maria dos Humildes Aguiar. Ora, pertencia a Gilbués; ora, à Bahia. Dependendo do contexto, qualquer uma dessas referências poderia ser usada por ela, especialmente no meio político, onde frequentava, diferenciando-se de outras mulheres e assumindo um papel social predominantemente masculino. Indo além do espaço doméstico, ocupando cargos de vereadora e vice-prefeita e candidatando a prefeita contra um candidato de Amando Gomes, desafiando o maior líder político do município. Se ele é considerado, localmente, como o “rei” de Monte Alegre, o que “mais mandou” no município, Maria dos Humildes Aguiar deveria ter, igualmente, sua importância reconhecida politicamente e, talvez, ocuparia o posto de “rainha” de Monte Alegre. Por ainda não ocupar seu devido lugar na memória local, o silêncio sobre a participação de Maria dos Humildes na política é um exemplo de que, na memória local, ainda essa atividade é destinada aos homens.

Ao mesmo tempo, as pesquisas ambientais e os meios de comunicação, de modo especial, desde a década de 1940, ao se referirem à garimpagem de diamantes em Gilbués/Monte Alegre, também se olvidaram da participação das mulheres nessa atividade. Não somente através das diversas atividades domésticas, dando suporte à família, muitas mulheres tornaram-se garimpeiras, auxiliando seus maridos, pais e irmãos. Porém, outras mulheres, as “mulheres feras do diabo”, fugindo aos padrões de gênero da época, trabalharam nas cisternas, lugar considerado como dos homens garimpeiros. Algumas delas, inclusive, conseguiam garimpar no sistema de meia-praça, sendo financiada com o “saco semanal”, por fornecedores, assim como estes faziam com os homens garimpeiros. Trazer à luz a

participação dessas mulheres foi um dos objetivos desta pesquisa, embora se reconheça que é preciso avançar ainda mais nessa problemática.

Aliás, as discussões dos papéis da mulher no ambiente dos garimpos, inclusive na garimpagem de diamantes nas cisternas, bem como o debate sobre a participação dos imigrantes nas disputas políticas em Gilbués e Monte Alegre, de modo especial a inserção de Maria dos Humildes Aguiar, somente foram incluídos nesta pesquisa após as primeiras entrevistas serem realizadas com ex-garimpeiros/as. Quer dizer, foram problemáticas que “nasceram” da pesquisa de campo, já que tais temas foram e são invisibilizados pelos documentos escritos, inclusive pesquisas científicas, e imagéticos, produzidos, especialmente, pelos meios de comunicação. De repente, outros temas no sul do Piauí, como o objeto deste estudo, estejam aguardando por outros/as pesquisadores/as.

Mesmo que esta pesquisa tenha dado alguma contribuição à historiografia brasileira, de modo especial à piauiense, outros aspectos do sul do Piauí, inclusive dos garimpos de diamantes, precisam ser investigados com mais rigor. Por exemplo, a contribuição econômica do diamante ao sul do Piauí; a relevância histórica e biográfica de Amando Gomes da Silva e Maria dos Humildes Aguiar; os diferentes papéis sociais das diferentes mulheres de Gilbués e Monte Alegre no “tempo do garimpo”; os impactos socioeconômicos da exploração mecanizada de diamantes que se inicia nessa região, etc. Temáticas como estas e outras merecem um aprofundamento maior, para que se produza um conhecimento historiográfico mais profundo e sistêmico sobre o sul do Piauí. Certamente, outras pesquisas serão feitas e as limitações desta ficarão mais evidentes, sendo este processo normal e benéfico na comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. C. O sertão. In: Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil. Brasília: UNB, 1982. Pp. 113-145.
- ABREU, S. Fróes. A Riqueza Mineral do Brasil. Companhia Editora Nacional. Rio de Janeiro-São Paulo-Recife, 1937.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Invenção do Nordeste e Outras Artes. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, Vicente Eudes Lemos. As Bases históricas da formação territorial piauiense. In: Geosul, v.18, nº36, Florianópolis, 2003. Pp.55-76
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. Planejamento de pesquisas qualitativas. In: _____. O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson, Learning, 2004. Pp. 147-178.
- ANDRADE, M. C. de. Lutas camponesas no Nordeste. São Paulo: Ática, 1986.
- ARAÚJO, Jane Azevedo de; SOUZA, Raquel Franco de. Abordagens sobre o Processo de Desertificação: uma revisão das evidências no Rio Grande do Norte. In: Geosul, Florianópolis, V. 32, nº 65, p. 122-143, Set./Dez. 2017.
- ARAÚJO, José Luis Lopes. O Rastro da Carnaúba no Piauí. In: Revista Mosaico, v.1, n.2, p.198-205, jul./dez., 2008.
- ARAUJO, Márcia Regina Soares de; ARAUJO, José Luís Lopes de. A instituição dos Cerrados Piauienses como fronteira agrícola: o estado e os capitais privados reorganizando espaços. In: LOPES, Wilza Gomes Reis (Org.). Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar. Teresina, EDUFPI, 2007. Pp.31-52
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de Doutorado (Ciências Sociais), UNICAMP-SP, 2004.
- BARBOSA, Gersa. Gilbués ganha primeiro núcleo de pesquisa de combate à desertificação do País. In: Ministério do Meio Ambiente (Brasil), 2006. Disponível em <http://www.mma.gov.br/informma/item/3697-gilbues-ganha-primeiro-nucleo-de-pesquisa-de-combate-a-desertificacao-do-pais>. Aceso em 13/01/2019.
- BARROS, Jesualdo Cavalcanti. Memórias dos Confins: a saga de vaqueiros, heróis e jagunços nos ermos sertões onde começou o Piauí. 2ª ed. Gráfica do Povo: Teresina, 2007.
- BARROS, Jesualdo Cavalcanti. Memórias dos Confins: a saga de vaqueiros, heróis e jagunços nos ermos sertões onde começou o Piauí. 2ª ed. Gráfica do Povo: Teresina, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. São Paulo: Nova Fronteira, 2018.
- BENEVIDES, Maria Victoria. A União Democrática Nacional. In: FLEISCHER, David Verge (Org.). Os Partidos Políticos no Brasil. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981. P.90-108.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito da História. In: ____Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª ed. revista. São Paul: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v.01). p.241-252.
- BERMAN, Marshal. Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade. São Paulo. Companhia de Letras, 1986.
- BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. Território Eclesiástico: formação de fronteiras e urbanização da capitania de Goiás. In: Urbanização em Goiás no Século XVIII. Tese em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo. USP: São Paulo, 133-134.

- BOSI, E. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. Compreender. _____. (Coord.). A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1998. Pp. 693-732.
- BOURDIEU, Pierre. A "Juventude" é apenas uma palavra: entrevista com Pierre Bourdieu. IN___. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 112-121. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, FFG, 2001, pp.183-191.
- BOURDIEU, Pierre. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/DIFEL, 2011, 15ª ed. pp. 163-207.
- BOURDIEU, Pierre. Descrever e prescrever: nota sobre as condições de possibilidade e os limites da eficácia política. Tradução para fins didáticos de Drécrire et prescrire: note sur les conditions de possibilité et les limites de l'efficacité politique. Actes de la recherche en sciences sociales, p. 69-73, maio, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. Pensar a política. Tradução para fins didáticos de Penser la politique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, p. 2-3, junho, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- BRANDÃO, C. R. Diário de Campo: a antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRANDT, Cristina Thedim. A criação de municípios após a Constituição de 1988: O impacto sobre a repartição do FPM e a Emenda Constitucional nº 15, de 1996. IN: Brasília ano 47, nº. 187 jul./set. 2010. Pp.59-75.
- BRASIAL. Câmara dos Deputados: Lei nº 5.449, de 4 de junho de 1968. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5449-4-junho-1968-359221-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em 20/09/2019.
- BRASIL. Presidência da República: Ato Complementar nº 4, de 20 de novembro de 1965. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ACP/acp-004-65.htm. Acesso em 20/09/2019.
- BRASIL. Presidência da República: Ato Institucional nº 02, de 27 de outubro de 1965. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-02-65.htm. Acesso em 20/09/2019.
- BRASIL. Presidência da República: Ato Institucional nº03, de 05 de fevereiro de 1966. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-03-66.htm. Acesso em 20/09/2019.
- BRASIL. Presidência da República: Constituição da República Federativa do Brasil de 1967. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao67.htm. Acesso em 20/09/2019.
- BRASIL. Presidência da República: Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8212cons.htm. Acesso em 18/09/2019.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Dados estatísticos: eleições federal, estadual e municipal, realizadas no Brasil a partir de 1945. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 1950.
- BRASILIENSE, Ely. Pium: nos garimpos de Goiás. Goiânia. 4ª ed. Livraria e Editora Cultura Goiana. 1985.

- CIOCCARI, Marta. 'Sob um cotidiano de riscos: Narrativas sobre o medo e o perigo numa comunidade de mineiros de carvão'. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, 11 (31): 89-124, Abril de 2012. ISSN 1676-8965.
- CARADEC, Vincent. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: GOLDEMBERG, Miriam. (Org.). Velho é Lindo. São Paulo: Civilização Brasileira, 2016. P.11-38.
- CARNEIRO, M.; SOUSA, A.; MARINHO, K. Migração, estrutura agrária e redes sociais. Uma análise do deslocamento de trabalhadores maranhenses rumo à lavoura de cana em São Paulo. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (orgs.). Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EDUFSCar, 2007. Pp. 215-232.
- CAROLA, Carlos Renato. Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937 a 1964). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- CASTILHOS, Zuleica C.; LIMA, Maria Helena R.; CASTRO, Nuria F. Mulheres na mineração: Restitutio quae sera tamen. In: __ (Org.). - Gênero e trabalho infantil na pequena mineração: Brasil, Peru, Argentina, Bolívia. Rio de Janeiro: CETEM/CNPQ, 2006.
- CEGATI, Evandro Gabriel. Proibição e Extração de diamantes na Capitania de Mato Grosso. Dissertação de Mestrado. Dourados-MS, 2017. Disponível em <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2019/03/Proibi%C3%A7%C3%A3o-e-Extra%C3%A7%C3%A3o-de-diamantes-na-Capitania-de-Mato-Grosso-Final.pdf>. Acesso em 20/09/2020.
- CHAMPAGNE, Patrick. Formar a opinião: o novo jogo político. Petrópolis, Vozes, 1998.
- CHAVES, Mário Luiz; CHAMBEL, Luís. Diamante: a pedra, a gema, a lenda. São Paulo: Oficina de Textos, 2003.
- CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- COOK, S. Implicações éticas. In: SELTTIZ, C.; WRIGHTSMAN, I. S.; COOK, S. W. Métodos de pesquisa nas relações sociais. Análise dos resultados. São Paulo E.P.U., 1987. P.p 35-54.
- CORREIA, Eugénio Afonso. Diamantes e Kimberlitos do Sul e Leste da Bacia do Parnaíba (Brasil). Tese de Doutorado. Porto-Portugal, 1990.
- CRUZ, Maria Angélica Piauilino da. As representações sociais partilhadas por professores acerca da interação entre alunos migrantes e nativos do Colégio Agrícola de Bom Jesus (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Piauí, 2013.
- D'ALMEIDA, O. G. O Povoamento do Piauí pelos criadores de gado: Domingos Afonso Sertão. In: Boletim Geográfico, v.20, nº169. 1962, pp.409-414.
- DAMATTA, Roberto. Digressão: A Fábulas das Três Raças ou o Problema do Racismo à Brasileira. In: Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1987. P. 58-85.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (ORGs). O Brasil Republicano (V.3). O tempo da experiência democrática: da redemocratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. P.127-154.
- DIAS, Laécio Barros. O Sertão Piauiense em Pé de Guerra: o conflito armado entre José Honório Granja e a família Lustosa Nogueira (1922-1926). Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Imagens, apesar de tudo. Trad. Vanessa Brito; João Pedro Cachopo. Lisboa: Imago, 2012, p. 155-190.

- DUARTE, Adriano Luiz. Os sentidos da comunidade: notas para um estudos sobre bairros operários e identidade cultural. *TRAJETOS*, v. 1, n.2, 2002, p. 103-114.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. 2 vol. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ESTADO DO PIAUÍ. Diário Oficial. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/6229361/pg-47-diario-oficial-do-estado-do-piaui-doepi-de-22-04-2008>. 22 de abril de 2008, p.47. Acesso em 18/02/2019. ESTADO DO PIAUÍ. Diário Oficial. 31 de agosto de 2018, p.22. Disponível em <http://www.diariooficial.pi.gov.br/diario.php?dia=20180831>. Acesso em 20/02/2019.
- FARIAS, Sara Oliveira. Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina. Recife: Editora Universitária, 2008.
- FEDERICI, Sílvia. Mulheres e a caça às bruxas. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (ORGs). O Brasil Republicano (V.3). O tempo da experiência democrática: da redemocratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. P.13-46.
- FERREIRA, M.M.; AMADO, J. Apresentação. In: ____ (Orgs.). Usos e abusos da História Oral. 8ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. Pp. VII-XXV.
- FIÚZA, Ana Louise Carvalho; COELHO, Yolanda Carla Lima; PINTO, Neide Maria de Almeida. Família e Relações de Gênero no Garimpo: um estudo de caso em Capoeirana, Nova Era, MG. 10 p. 2013. Disponível em http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/public/t_17.pdf. Acesso em 20/02/2020.
- FLEISCHER, David Verge. O Bipartidarismo (1966-1979). In: ____ (Org.). Os Partidos Políticos no Brasil. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981. P.183-202.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z (Org.): Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, pp. 77-86.
- FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ (CEPRO). Conjuntura Econômica e Social. Boletim Analítico Anual de 2018. Teresina, 2019. Disponível em http://www.cepro.pi.gov.br/download/201905/CEPRO07_79db258a75.pdf. Acesso em 05/01/2021.
- FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ (CEPRO). Conjuntura Econômica e Social. Boletim Analítico Anual de 2019. Teresina, 2020. Disponível em http://www.cepro.pi.gov.br/download/202008/CEPRO06_33a908f9bb.pdf. Acesso em 05/01/2021.
- FURTADO, CELSO. Formação Econômica do Brasil. 23º ed. São Paulo: Nacional, 1989.
- GANDARA, Gercinair Silvério, Rio Parnaíba... Cidades-Beira. (1850-1950) Teresina: EDUFPI, 2010
- GASKELL, G. entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 64-89.
- GEERTZ, Clifford. Uma Descrição: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989, p. 12-41.
- GERARDI, Dirceu; MADEIRA, Rafael M. Sublegenda, Rivalidade e Cooperação: um estudo sobre as rivalidades partidárias no interior da ARENA gaúcha nas eleições riograndenses - (1968/1976). In: Sexto Congresso Latinoamericano de Ciência Política - ALACIP, 2012, Quito. CD - Congresso Latinoamericano de Ciência Política, 2012.
- GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- GODOI, Emília Pietrafesa de. O Trabalho da Memória: um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí. Campinas: UNICAMP, 1999.
- GOFFMAN, Erving. Estigma - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, 2004. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>. Acesso em 01/02/2018.
- GOLDEMBERG, M. A arte de Pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GOLDEMBERG, Miriam. Velho é Lindo. São Paulo: Civilização Brasileira, 2016.
- GONÇALVES, Maria Salette Petroni de Castro. Garimpo, devoção e festa em Lençóis-BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984.
- GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz (org.). Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008, pp. 85-102.
- GRYNSZPAN, Mário. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. Revista brasileira de ciências sociais, n. 14, p. 73-90, out., 1990.
- GUANAES, Senilde Alcântara. NAS TRILHAS DOS GARIMPEIROS DE SERRA: Garimpo e Turismo em Áreas Naturais na Chapada Diamantina-BA. Dissertação de Mestrado (Antropologia) Campinas-SP: 2001.
- GUERRA, Cândido Carvalho. O Terremoto que Abalou o Sul do Piauí. Corrente-PI: Ed. e Gráfica Ribeiro, 1999.
- GIDDENS, A. Risco, confiança, reflexividade. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo; EdUnESP, 1997. Pp. 219- 234.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HECH, Rita Maria; LANGDON, Ester Jean Matteson. Envelhecimento, Relações de Gênero e o Papel das Mulheres na Organização da Vida em uma Comunidade Rural. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. COIMBRA JR., Carlos E. A. (Orgs.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. P.129-152.
- HEREDIA, B. M. A. de. A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEMAS E METAIS PRECIOSOS (IBGM). Políticas e Ações para a cadeia produtiva de gemas e jóias. Hécliton Santini Henriques e Marcelo Monteiro Soares (Coords.), Brasília: Brisa, 2005.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. In: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=220660&idtema=130>. Acesso em 10/12/2017.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). Cidades@. In: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=220440>. Acesso em 10/12/2017.
- JESUS, Daniella Silva dos Santos de. “MINAS JÁ NÃO HÁ. E AGORA JOSÉ?”: Uma análise do trabalho feminino nos garimpos de Chique-Chique de Igatu/Andaraí-Ba, nas décadas de 1930 a 1970. In: XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os preconceitos: história e democracia. Brasília, 24 a 28 de julho, de 2017. 17 p. Disponível em https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548953102_87632f7b14c36d8c1ec2965f9a6e6e46.pdf. Acesso em 20/10/2020.
- KOIFMAN, Fábio. O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados história e construção de memória. IN: Acervo, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 71-88, jul./dez. 2017.
- LAVARDA, Marcus Túlio Borowiski. O “formigueiro humano”: o garimpo de Serra Pelada pelas fotografias de Sebastião Salgado. In: 11º Encontro Nacional de História da Mídia,

- Trabalho GT História da Mídia Visual. 8-10 de junho, de 2017, Universidade Presbiteriana Mackenzie-São Paulo.
- LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: ___ História e Memória. UNICAM: São Paulo, 2013. 7ª ed. P.485-499
- LEFF, Enrique. Prólogo. In: ___ (Coord.) A Complexidade Ambiental. Tradução: Eliete Wolff; 2º ed. São Paulo: Cortez, 2010. P.7-13.
- LIMA, Flávia de Sousa. Imprensa e Discurso Político: as disputas pelo poder no Governo de Chagas Rodrigues (Piauí, 1959-1962). Dissertação de Mestrado (História). Universidade Federal do Pernambuco. Recife (PE), 2011.
- LIMA, Ernâni Getirana de. Bamburristas da Terra do Opala: identidade sociocultural e os desafios frente a políticas de inserção produtiva em Pedro II, Piauí. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Piauí, 2008.
- LIMA, Nilsângela Cardoso. Relações de poder e práticas jornalísticas em O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951 a 1954). Tese de Doutorado (Ciências da Comunicação). Universidade do Rio dos Sinos: São Leopoldo (RS), 2014.
- LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. O envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. In: GOLDEMBERG, Miriam (Org.) Velho é Lindo. São Paulo: Civilização Brasileira, 2016. P.107-132.
- LOLATTO, Simone; LISBOA, Teresa Kleba. Mulheres nos Espaços de Poder – desconstruindo a esfera pública como território masculino. In: 13º Congresso Mundos de Mulheres (MM) e Fazendo Gênero 11: "Transformações, Conexões, Deslocamentos", Florianópolis-Brasil, de 30 de julho e 4 de agosto de 2017. 13 p. Disponível em http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1526555762_ARQUIVO_ST142-mulheresnosespacosdepoder-SimoneLolattoeTeresaKleba.pdf. Acesso em 20/06/2021.
- LOPES, Laryssa; Sheydder de Oliveira; SANTOS, Raimundo Wilson Pereira dos; MIGUEL FILHO, Munir Abib. Núcleo de Desertificação de Gilbués (PI): Causas e Intervenções. In: Revista Geografia: Londrina – PR.V. 20, n° 02; p.53-66; maio/agosto. 2011. Disponível em https://www.academia.edu/10879424/Núcleo_de_Desertificação_de_Gilbués_PI-causas_e_intervenções. Acesso em 20/01/2019.
- LUSTOSA SOBRINHO, Joaquim. Histórico de Fausto Ferreira Lustosa. Gilbués-PI, 1998. Disponível na Câmara Municipal de Vereadores de Gilbués. Acesso em 05/12/ 2018. 3.p.
- LUSTOSA, Fausto Ferreira. Relatório do Município de Santo Antônio de Gilbués dos Quadriênios de 1921 a 1928. Gilbués, 22 de Fevereiro de 1929. 6p. Disponível no Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito, em Teresina, na caixa “Gilbués”, na pasta “Prefeitura Municipal”. Acesso em 2 de outubro de 2018.
- MACHADO, P. As trilhas da morte: extermínio e espoliação das nações indígenas na região da bacia hidrográfica paraibana piauiense. Teresina: Corisco, 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: ___ Argonautas do pacífico: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. p.21-38.
- MARTINS, J. S. Os Camponeses e a Política no Brasil. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARTINS, Romulo de Oliveira. “Vinha na fé de trabalhar em diamantes.” Escravos e libertos em Lençóis, Chapada Diamantina-BA. (1840 – 1888). Dissertação de Mestrado. Salvador-BA, 2013. Disponível em <https://docplayer.com.br/10056320-Vinha-na-fe-de-trabalhar-em-diamantes-escravos-e-libertos-em-lencois-chapada-diamantina-ba-1840-1888.html>. Acesso em 20/09/2020.
- MATOS, Júlia Silveira e SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral Como Fonte: problemas e métodos. In: História, Rio Grande, 2, 2011. Pp. 95-108.
- MARTINS, J. S. A vida entre parênteses. Migrações internas no mundo contemporâneo. In: A

- Sociedade Vista do Abismo. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. São Paulo: Vozes, 2003. Pp. 119-137. Pp.: 139-150.
- MAY, T. Pesquisa documental: escavações e evidências. In: ____ Pesquisa Social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004. Pp. 205-230.
- MEIHY, José Carlos. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. In: ALBERTI, V., FERNANDES, T. M., e FERREIRA, M. M. (Orgs). História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Pp.85-98.
- MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. História Oral: como fazer, como pensar. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MELO, Demian Bezerra de. Ditadura “Civil-Militar”?: Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. In: Espaço Plural, ano XIII, n° 27, 2º Semestre de 2012, p. 39-53.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual: Balanço histórico, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- MENEZES, M. A. Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes. Um estudo de famílias de camponeses migrantes. Ed. Universitária. UFPB, 2002.
- MERCEDES, M. Gilbués: uma cidade condenada a desaparecer. 11/07/2007. Disponível em <https://desenvolvimentonordestino.wordpress.com/2007/07/11/gilbues-uma-cidade-condenada-a-desaparecer/>. Acesso 15/10/2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. COIMBRA JR., Carlos E. A. Introdução. In: ____ (Orgs.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. P.11-24.
- MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA. GARIMPOS DE GILBUÉS/PI e SANTA TEREZINHA/GO. IN: ____ Divisão de Segurança e Informações. Informação N°9 31/053/82-DSI/MME. Data: 13/05/1982. Disponível em http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1848172&v_aba=1 Acesso em 18/02/2019.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (BRASIL). Conferência das Partes. Disponível em <http://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/conferencia-das-partes.html>. Acesso em 18/02/2019.
- MORAES, D. C. Falas da Experiência Feminina: memória, narrativa e trajetória de mulheres camponesas nos cerrados piauienses. In: Raízes: Revista de ciências sociais e econômicas. Vol.22, nº1. Janeiro a junho de 2003. Pp.30-45.
- MORAES, M. D. C. Ao sul da memória: falas da experiência e da prática reconstituindo processos e trajetórias sociais nos cerrados piauienses In: ____ Memórias de um sertão desencantado: modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos Cerrados do sudoeste piauiense. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 2000. Pp.235-314.
- MORAES, M. D. C.; FRAZÃO FILHO, F. A.; ROGÉRIO JR, T. Andando Pelo Mundo: significados da migração temporária do Piauí para a agroindústria canavieira paulista. In: NOVAES, J. R. P.; ALVES, F. (Orgs.). Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos-SP: EDUFScar, 2007. Pp. 257-296.
- MOREIRA FILHO, Juarez. Rancho Alegre. 3ª ed. Palmas: Bandeirante, 2012.
- MOSER, Lilian Maria; ERNESTO, Eduardo Servo. A migração para Rondônia (Brasil) pós década de setenta: um olhar a partir dos estudos culturais. In: Rev. Hist. UEG - Anápolis, v.5, n.1, p. 74-102, jan./jul. 2016.

- MOTTER, Ana Elisete; ARAGÃO, Bianca de Oliveira. Pium: garimpos e garimpeiros de cristal de rocha do antigo norte de Goiás (1940-1950). In: Rev. Hist. UEG - Anápolis, v.4, n.2, p. 160-170, ago./dez. 2015.
- NAPOLITANO, Marcos. A música brasileira na década de 1950. In: REVISTA USP, São Paulo, n.87, p. 56-73, setembro/novembro 2010.
- NEIVA, Artur; PENNA, Belisário. Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte ao Sul de Goiás. 2012. Disponível em [https://www.scielo.br/pdf/mioc/v8n3/tomo08\(f3\)_74-224.pdf](https://www.scielo.br/pdf/mioc/v8n3/tomo08(f3)_74-224.pdf). Acesso em 20/02/2020.
- NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. In: PUC-SP. Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em 20/05/2018.
- NOVAES, J. R.; ALVES, F. J. da C. (Org.). Migrantes. São Carlos: EDUFSCar, 2007.
- NUNES, O. Período Tribal. In: ____ . Súmula de História do Piauí. 2ª ed. Academia Piauiense de Letras – Convênio com o Banco do Nordeste: Teresina, 2001. Pp. 28-41
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. Catingueiros da Borracha: Vida de maníobreiro no sudeste do Piauí 1900-1960. São Raimundo Nonato-PI: FUMDHAM, 2014.
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros; ASSIS, Nívia Paula Dias de. Padres e Fazendeiros no Piauí Colonial – Século XVIII. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. 10 p. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.1030.pdf>. Acesso em 10/03/2020.
- OLIVEIRA, Maria Lippi. O Partido Social Democrático. In: FLEISCHER, David Verge (Org.). Os Partidos Políticos no Brasil. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981. P.108-114.
- OLIVEIRA, Marylu Alves de. Da terra ao céu: Culturas políticas e disputas entre o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964). Tese (Doutorado), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2016.
- OLIVEIRA, P.P.T de; Cavouqueiro. Edição do autor, Brasília -2009.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Convención de las Naciones Unidas de lucha contra la desertificación en los países afectados por sequía grave o desertificación, en particular en África. Asamblea General. 1994. Disponível em: https://www.unccd.int/sites/default/files/relevant-links/2017-08/UNCCD_Convention_text_SPA.pdf. Acesso em 16 de fevereiro de 2019.
- PARANAGUÁ, Joaquim Nogueira. Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo Interior do País. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.
- POLETO, Fábio Guilherme. VÁRIAS FACES DO MODERNO: a historiografia da música popular brasileira nos anos 50. In: anais IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2006. P.152-162. Disponível em http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais4/fabio_poletto.pdf. Acesso em 27/10/2020.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PORTAL O DIA. Jornal Nacional mostra o drama da desertificação em Gilbués, sul do Piauí.16/12/2008. <https://www.portalodia.com/noticias/geral/jornal-nacional-mostra-o-drama-da-desertificacao-em-gilbues-sul-do-piaui-video-5329.html>. Acesso em 10/12/2018.
- PRADO JÚNIOR, C. A pecuária e o processo do povoamento no Nordeste. In: ____ . História Econômica do Brasil. São Paulo, Brasil: Brasiliense, 1[[[1987.pp. 66-68.

- PRADO JÚNIOR, C. Mineração. In: ____ . Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo, Brasil: Brasiliense, 1973. pp. 169-185.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976.
- QUEIROZ, Teresinha. A Importância da Borracha de Maniçoba na Economia do Piauí: 1900 – 1920. 2ª ed. Teresina: FUNDAPI, 2006.
- REIS JÚNIOR, Reinaldo de Lima. Cidade, Trabalho e Memória: os trabalhadores da construção de Brasília (1956-1960). Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.
- RIBEIRO, D. Assimilação ou Segregação. In: O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: CIA das Letras, 2006, pp. 209-223.
- RIBEIRO, D. Brasil Sertanejo. In: O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: CIA das Letras, 2006, pp. 306-328.
- ROGÉRIO JR. et al. Garimpagem de diamantes no Sul do Piauí. Relatório Final de PIBIC/IFPI, Campus Corrente, 2015. 13 p.
- ROGÉRIO JR., Teodório. A Gente Leva o Dinheiro, mas Fica o Couro. A vida e a lida de camponeses piauienses após o trabalho no corte de cana em agroindústrias brasileiras. Jundiá-SP: Paco Editorial, 2016.
- ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.
- SAINT-HILAIRE, Augusto de. Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1941.
- SALES, Herberto. Garimpos da Bahia. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1955.
- SALES, Marta Celina Linhares. Degradação Ambiental em Gilbués - PI. IN: MERCATOR: Revista de Geografia da UFC, ano 02, número 04, 2003.
- SALOMÃO, Mirian da Silva. A Presença das Mulheres nos Espaços de Poder: a interiorização do poder patriarcal. In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís- Maranhão, de 25 a 28 de agosto de 2009. 08 p. Disponível em http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/4_questao-de-genero/a-presenca-das-mulheres-nos-espacos-de-poder-a-interiorizacao-do-poder-patriarcal.pdf. Acesso em 20/06/2021.
- SALVIANO, Adeodato Ari Cavalcante. Desertificação: Pesquisas no Piauí já apontam resultados. IN: SAPIÊNCIA. INFORMATIVO CIENTÍFICO DA FAPEPI. Maio de 2006. Ano III, Número 07. Disponível em <http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia7/pesquisa1.php>. Acesso em 10/09/2013.
- SANTOS, Adriana Gomes. GARIMPEIROS. QUANDO A “COBRA TÁ FUMANDO”: condições de vida e de trabalho nos garimpos em Roraima (1975-1991). Dissertação de Mestrado (História). Uberlândia-MG, 2013.
- SANTOS, Lourival de Carvalho. Cronologia Histórica da Assembleia Legislativa do Piauí. Teresina-PI: Assembleia Legislativa do Piauí, Escola do Legislativo Prof. Wilson Brandão, 2018.
- SANTOS, Maria do Socorro Barbosa Almeida dos. Agricultura familiar e produção de vassouras da palha de carnaúba na perspectiva do desenvolvimento local em Coivaras-Piauí. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), UFPI, 2010. 105f.
- SANTOS, Pâmella Synthia Santana. O Ofício de Cabo Eleitoral: entre campanhas, comícios e o dia a dia da política. Dissertação de Mestrado, UFSE, 2016.
- SCOTT, James C. Exploração normal, resistência normal. In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 217-243.

- SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DO PIAUÍ (SEMAR). Panorama da Desertificação no Estado do Piauí (Relatório de Consultoria). Teresina-PI, novembro de 2005.
- SECRETO, M. V. Soldados da Borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.
- SHANIN, T. A Definição de Camponês: Conceituações e Desconceituações. O velho e o novo em uma discussão marxista. In: Estudos Cebrap, nº 26, São Paulo, 1980. Pp. 41-80.
- SILVA NETO, Ábdon Eres da. O município e o processo eleitoral de 1954 no Piauí. In: Aedos, Porto Alegre, v. 10, n. 23, p. 132-151, Dez. 2018.
- SILVA, Idelma Santiago da. Fronteira Cultural: A alteridade maranhense no sudeste do Pará (1970-2008). Tese de Doutorado. PPG em História. Universidade Federal de Goiás, 2010.
- SILVA, Jênerson Gonçalves da. Conhecimentos Locais – Gilbués – PI. Gilbués: Edição do Autor, 2010.
- SILVA, M. A. M. Errantes do Fim do Século. Araraquara: UNESP, 1999.
- SOBRINHO, João Pereira. Monte Alegre do Piauí: minha terra querida. Monte Alegre: PI: Edição do Autor, 2007.
- SPINK, M. J. P., LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano. São Paulo: Cortez, 2000. Pp. 93-122.
- SUERTEGARAY, Maria Antunes. Entrevista à TV Cidade Verde. Teresina-PI, 02/03/2018. Disponível em <https://cidadeverde.com/noticias/267087/pesquisadora-contesta-desertificacao-na-regiao-sul-do-piaui>. Acesso em 18/02/2019.
- SUERTEGARAY, Maria Antunes. Entrevista à TV Cidade Verde. Teresina-PI, 02/03/2018. Pesquisadora contesta desertificação na região Sul do Piauí. Disponível em <https://cidadeverde.com/noticias/267087/pesquisadora-contesta-desertificacao-na-regiao-sul-do-piaui>. Acesso em 18/02/2019.
- TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos e abusos da história oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: FFG, 2006. P.233-345.
- VINCENT, J. A sociedade agrária como fluxo: processos de desenvolvimento passados e presentes. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). A Antropologia das Sociedades Contemporâneas. São Paulo: Global, 1987. Pp. 375-402.
- WEBER, M. Ciência e Política: duas vocações. São Paulo, Martim Claret: 2015.
- WEBER, R. Relato de quem colhe relatos: pesquisa em história oral e ciências sociais. In: DADOS: Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol.39, nº1, 1996. Pp. 163-183.
- WEBER, Regina. “Pesquisas sobre migrações e etnicidade: conhecimento sobre identidades coletivas”. Revista História (São Paulo); v. 37; p. 01-19, 2018.
- WHITAKER, D. et al. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? In: WHITAKER, D. Sociologia rural: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2002. Pp. 115-120.
- WOORTMANN, K. Com parente não se Neguecia: o campesinato como ordem moral. In: Anuário Antropológico 87, Brasília: UNB, 1990. Pp. 11-73.

ENTREVISTAS REALIZADAS

Abdenor Pereira Jacobina, 92 anos. Ex-tropeiro no garimpo. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Curimatá-PI, em 25/09/918.

Antônia Pereira Galvão, 81 anos, irmã de garimpeiro. Imigrante da Bahia e irmã de garimpeiro. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Corrente-PI, em 15/11/18.

Carlos Rodrigues Ferraz, 78 anos, ex-vereador de Gilbués. Filho de faisqueiro/fornecedor e imigrante da Bahia. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Gilbués-PI, em 19/02/18.

Fabriciano Corado Neto, 51 anos. Secretário Municipal de Agricultura. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Gilbués-PI, em 21/02/18.

Francisco Rodrigues Cândido, 96 anos. Ex-tropeiro no garimpo. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior, na localidade rural Matos, município de Curimatá-PI, em 10/11/2018.

Hermes de Santana, 81 anos. Ex-fornecedor de garimpeiro, faisqueiro e imigrante baiano. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Monte Alegre-PI, em 16/10/2018.

Jessé Correia, 93 anos. Ex-garimpeiro. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Curimatá-PI, em 25/09/2018.

João Henrique da Silva, 103 anos. Ex-garimpeiro e tropeiro. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior na zona rural Vereda do Pequi, em Parnaguá-PI, em 24/03/18.

João Januário das Neves, 83 anos, ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Monte Alegre-PI, em 13/06/18.

José Rodrigues da Silva, 77 anos, e ex-garimpeiro. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior na localidade rural Boqueirão do Garimpo, em Gilbués-PI, em 19/02/18.

Luiz Nogueira Sousa, 71 anos, e ex-garimpeiro. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Corrente-PI, em 27/02/18.

Maria das Virgens Lemos da Silva, 59 anos. Ex-garimpeira. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior, na localidade rural São Dimas em Monte Alegre-PI, em 06/11/18.

Maria dos Humildes de Aguiar e Silva, 81 anos, ex-vereadora e ex-prefeita de Monte Alegre. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Monte Alegre-PI, em 05/06/18.

Maria Eni Fonseca da Costa, 57 anos. Ex-garimpeira e mulher de vida livre no garimpo de diamantes e imigrante de Bom Jesus-PI. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Monte Alegre-PI, em 14/11/18.

Numeriano Lemos de Macedo, 86 anos. Ex-vereador e proprietário de terra em Monte Alegre. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Monte Alegre-PI, em 19/06/18.

Raimundo Nonato da Costa, 86 anos, ex-garimpeiro/fornecedor/faisqueiro e ex-vereador de Monte Alegre. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Monte Alegre-PI, em 11/07/18.

Ribamar Tavares de Oliveira. Ex-faisqueiro e ex-vereador de Gilbués. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Gilbués-PI, em 19/06/18.

Rodoplinio Folha da Trindade, 54 anos, filho de ex-prefeito de Monte Alegre. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Monte Alegre-PI, em 14/11/18.

Suelen Nogueira de Sousa Ribeiro, 41 anos, natural de Monte Alegre. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Corrente-PI, em 27/02/18.

Teófilo Barbosa de Oliveira, 88 anos. Ex-tropeiro do garimpo. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior na localidade rural Rodeador, em Júlio Borges-PI, em 18/12/1930.

Wanderlino Guedes dos Santos (Wandu), 83 anos. Ex-garimpeiro e ex-vereador de Gilbués. Imigrante da Bahia. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Gilbués-PI, em 04/07/18.

Wanderlino Mendes Paiva, 92 anos. Ex-garimpeiro e imigrante da Bahia. Entrevista concedida a Teodório Rogério Júnior em Gilbués-PI, em 21/11/18.

SITES PESQUISADOS

- http://apps.tre-ce.jus.br/tre/download/Eleicoes_1954.pdf. Acesso em 23/07/2019.
- <http://www.diariooficial.pi.gov.br/diario.php?dia=20180831>. Acesso em 20/02/2019.
- http://servleg.al.pi.gov.br:9080/ALEPI/consultas/parlamentar/parlamentar_index.html. Acesso em 20/08/19.
- http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1848172&v_aba=1 Acesso em 18/02/2019.
- http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1826314&v_aba=1. Acesso em 20/09/2018.
- <http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia7/pesquisa1.php>. Acesso em 10/09/2013.
- <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/jesualdo-cavalcanti-barros>. Acesso em 23/07/2019.
- <http://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/conferencia-das-partes.html>. Acesso em 18/02/2019.
- <http://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/conferencia-das-partes.html>. Acesso em 18/02/2019.
- <http://www.mma.gov.br/informma/item/3697-gilbues-ganha-primeiro-nucleo-de-pesquisa-de-combate-a-desertificacao-do-pais>. Aceso em 13/01/2019.
- <http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>. Acesso em 02/07/2019.
- <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=220660&idtema=130>. Acesso em 10/12/2017.
- <https://cidadeverde.com/noticias/267087/pesquisadora-contesta-desertificacao-na-regiao-sul-do-piaui>. Acesso em 18/02/2019.
- <https://cidadeverde.com/noticias/267087/pesquisadora-contesta-desertificacao-na-regiao-sul-do-piaui>. Acesso em 18/02/2019.
- <https://desenvolvimentonordestino.wordpress.com/2007/07/11/gilbues-uma-cidade-condenada-a-desaparecer/>. Acesso 15/10/2018.
- <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em 20/05/2018.

[https://www.academia.edu/10879424/Núcleo de Desertificação causas e intervenções](https://www.academia.edu/10879424/Núcleo_de_Desertificação_causas_e_intervenções). Acesso em 20/01/2019. de Gilbués PI

<https://www.portalodia.com/noticias/geral/jornal-nacional-mostra-o-drama-da-desertificacao-em-gilbues-sul-do-piaui-video-5329.html>. Acesso em 10/12/2018.

https://www.unccd.int/sites/default/files/relevant-links/2017-08/UNCCD_Convention_text_SPA.pdf. Acesso em 16 de fevereiro de 2019.

JORNAIS ACESSADOS

Jornal *Folha de São Paulo*, 12/12/2004. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1212200414.htm>. Acesso em 20/02/2017.

Jornal *Desenvolvimento Nordeste*, 11/07/2007. Disponível em <https://desenvolvimentonordestino.wordpress.com/2007/07/11/gilbues-uma-cidade-condenada-a-desaparecer/>. Acesso em 20/05/2017.

Jornal *Meio Norte*. Domingo, 11/03/1998. Teresina-PI. Disponível na Casa da Cultura “Anísio Brito”. Acesso em 01 de outubro de 2018.

Jornal Nacional, 15 de dezembro de 2008. Disponível em <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL923956-10406,00-INPE+PESQUISA+EROSAO+COMUM+NO+PIAUI.html>. Acesso em 21/05/2017.

Portal *O Dia*. 16/12/2008. Disponível em <https://www.portalodia.com/noticias/geral/jornal-nacional-mostra-o-drama-da-desertificacao-em-gilbues-sul-do-piaui-video-5329.html>. Acesso em 21/05/2017.

OUTROS DOCUMENTOS

CORADO, Fabriciano da Cunha. Ofício nº05/74. Câmara Municipal de Gilbués-PI. 25 de fevereiro de 1974. Disponível no Serviço Nacional de Informações (S.N.I):

http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1826314&v_aba=1. Acesso em 20/09/2018.

LUSTOSA SOBRINHO, Joaquim. Histórico de Fausto Ferreira Lustosa. Gilbués-PI, 1997. Disponível na Câmara Municipal de Vereadores de Gilbués. Acesso em 05/12/ 2018. 3.p.

OLIVEIRA, Joaquim José de; CORADO, Antônio. Pedido de demissão dos Conselheiros Municipais de Gilbués ao interventor do Piauí, Leônidas Melo. Gilbués, Piauí. 22 de Julho de 1935. Disponível no Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito, em Teresina, na caixa “Gilbués”, na pasta “Conselho Municipal”. Acesso em 2 de outubro de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo **“O COTIDIANO DO GARIMPO DE DIAMANTES NO SUL DO PIAUÍ – BRASIL (1940-1970):** migração, relações sociais de produção, política e gênero nos municípios de Gilbués e Monte Alegre. Fui suficientemente informado sobre o presente estudo, tendo como pesquisador responsável Teodorio Rogerio Júnior, casado, brasileiro, portador do RG 2153103/SSP – PI, CPF 665.876.383-68, residente no Residencial Ademar Diógenes II, Rua 03, Casa 07, Alto Alegre, Bom Jesus-PI, sob a orientação da Profa. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues. Eu discuti com o pesquisador sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os objetivos do estudo, os procedimentos a serem realizados com as informações e/ou fotografias fornecidas, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes através de contato direto ou pelos telefones: (089) 99913-7447. Ficou claro, também, que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo de qualquer natureza.

.....
 Local e data.

.....
 Assinatura do entrevista

.....
 Ou responsável

.....
 Pesquisador responsável pela pesquisa

APÊNDICE B: Tópicos-guia da Entrevista Semi-Estruturada⁵⁹¹.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TÓPICOS-GUIA DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. APRESENTAÇÃO DOS OBJETIVOS DA PESQUISA (EM LINGUAGEM ADEQUADA AO UNIVERSO LINGUÍSTICO DOS/AS ENTREVISTADO/AS)

2-ESCLARECIMENTO SOBRE FORMA DE PARTICIPAÇÃO E VERIFICAÇÃO DE INTERESSE E DISPONIBILIDADE DA PESSOA EM PARTICIPAR.

3- IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADOR E ENTREVISTADO/A.

- Nome do entrevistador.....
- Nome do/a entrevistado/a.....
- Local da entrevista.....
- Hora, dia, mês, ano
- Outras pessoas presentes (nome, relação com o/a entrevistado, tipo de participação) -----

MIGRAÇÃO, GARIMPAGEM DE DIAMANTES, CONFLITOS, PARTICIPAÇÃO FEMININA E VIDA FORA DAS MANCHAS.

1. Origem;
2. Veio com quem? O transporte e o Ano?

⁵⁹¹ O roteiro de entrevista era adaptado, de acordo com o entrevistado. Neste caso, tratava-se de um ex-garimpeiro e ex-vereador de Gilbués e imigrante da Bahia, que trabalhou diversos anos na garimpagem de diamantes.

3. Em sua terra, trabalhava em quê?
4. Já tinha experiência em garimpo?
5. Aprendeu como, com quem?
6. Vinha gente de onde pra os garimpos?
7. Vinham as famílias ou só homens?
8. Os diamantes iam pra onde?
9. Garimpeiros não foram aceitos em Gilbués?
10. Os proprietários de terra e os garimpeiros
11. Compra de terra pra garimpeiros
12. Além do garimpo, os garimpeiros trabalhavam em quê?
13. Maiores povoados de garimpos?
14. Quantidade de pessoas em monte alegre no tempo do garimpo
15. As casas dos garimpeiros?
16. E os fornecedores?
17. Quando o garimpo ficou fraco?
18. Construção de Brasília: ia gente daqui? Como?
19. E outros garimpos: destinos dos garimpeiros? Chiqueirão?
20. Estradas: o percurso a monte alegre
21. Aeroporto em Gilbués: quando foi feito, por quem?
22. Os cabarés:e as músicas? Dançavam nos cabarés?
23. Tinha festa os cabarés?
24. E as músicas eram pelo rádio?
25. Radiolas/vitrolas nos cabarés?

26. Em são Dimas tinha? E mais onde?
27. Gilbués tinha cabaré no período do garimpo?
28. Policiamento nos garimpos?
29. Mercadorias: alimentação, roupa.....de onde vinham?
30. As feiras.....vinha gente de onde?o que vendiam?
31. Mulheres garimpavam?
32. Participavam da feira?
33. Mortes nos garimpos?
34. Cemitérios separados: por quê?
35. Os proprietários de terra garimpavam?
36. Casamentos de garimpeiros baianos e os piauienses/ Gilbués?
Corados/Lustosas/Aguiar
37. Monte alegre já tinha morador antes do garimpo?
38. Lapidação de diamante: onde era?
39. Por que escolheu morar aqui na rua piauí e não na rua baiana?
40. Como era a relação entre as duas ruas quando o senhor chegou aqui?

RELAÇÕES POLÍTICAS E EXPLORAÇÃO DE DIAMANTE EM GILBUÉS E MONTE ALEGRE, INCLUINDO A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA DISPUTA POR CARGO ELETIVO.

1. O senhor foi vereador (**partido?**): era do lado de Amando Gomes?
2. Relação com amando
3. Adversários de amando: quem foram os maiores?
4. Como eram amando com os adversários?
5. O caso de Maria dos Humildes
6. Como era a política entre baianos e piauienses aqui em monte alegre?

7. E os irmãos de Salu Santana: Diocleciano e João Santana prefeitos em Gilbués
8. E na hora da votação: como fazia pra ganhar os votos dos garimpeiros?
9. E a política em Gilbués: baianos e piauienses?
10. Depois que monte alegre passou a ser cidade, alguns baianos mudaram do município de Gilbués para monte alegre? Quem?
11. Amando tinha amigos políticos em Gilbués? Quem?
12. Amando saiu de monte alegre quando e por quê?
13. Seus votos pra vereador, eram mais de baianos ou de piauienses?
14. Os baianos votavam em piauienses?
15. E os piauienses votavam em baianos?